

Diário Secreto

Eu, tu e eles...



Emily Morgan
Autora de Reencontro Ardente



diário

Secreto

DIÁRIO SECRETO Copyright@ 2022 Emily Morgan

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Todos os direitos reservados e protegidos. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Proibida a reprodução ou distribuição sem autorização prévia do autor.

Revisão: Lidianne Mastello

Diagramação: Lara Design Editorial

Capa: Amanda Godoy - Grimório Design

Texto revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (2009).

Diário Secreto / Emily Morgan – 1ª Ed. – Belém-Pará: Publicação independente.

1. Literatura Brasileira. 2. Ficção. 3. Romance. 4. Erótico.

Instagram: @Emilymorganescritora

Nota da autora

Olá!

Bem-vindo a mais uma aventura. Antes de começar este livro, há algumas coisas que você precisa ter em mente. Começamos com o fato dele conter três períodos de tempo diferentes, 2022 como poderão ver, onde a personagem fará suas observações, comentários e claro, acompanharemos sua vida atualmente. 1980, ano em que a personagem começou a escrever o diário, e 1977 (seguindo por 78, 79...) ano em que os fatos que ela escreve/narra aconteceram de fato.

O motivo para tal esclarecimento se deve ao fato de que, muito possivelmente, alguns fatos poderão chocar ou parecer estranhos, talvez até confundidos com desleixo da minha parte. Então, precisamos ter em mente que eram os anos 70, os famosos anos 70, onde muitas coisas estavam acontecendo (eu foquei em partes, os acontecimentos que interessavam para essa história. Em outro livro, independente, vou abordar outros fatos, uma parte mais obscura e menos festiva da década), movimentos estavam emergindo e certas preocupações (como algumas ISTs) não passavam nem perto do imaginário das pessoas.

Gostaria de ressaltar que os conceitos de todas as práticas e ideologias tratados aqui levam em consideração os pensamentos da época.

Boa leitura,

Emy Morgan.

“Um brinde àqueles que estão aqui hoje e um brinde àqueles que perdemos pelo caminho. Porque as bebidas trazem de volta todas as lembranças e as lembranças me trazem você...”

— Memories – Maroon 5

Sumário

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e sete](#)

[Vinte e oito](#)

[Vinte e nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e um](#)

[Trinta e dois](#)

Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete
Trinta e oito
Trinta e nove
Quarenta
Quarenta e um
Quarenta e dois
Quarenta e três
Quarenta e quatro
Quarenta e cinco
Quarenta e seis
Quarenta e sete
Quarenta e oito
Quarenta e nove
Cinquenta
Cinquenta e um
Cinquenta e dois
Cinquenta e três
Cinquenta e quatro
Cinquenta e cinco
Cinquenta e seis
Cinquenta e sete
Cinquenta e oito
Cinquenta e nove
Sessenta
Sessenta e um
Sessenta e dois
Sessenta e três
Sessenta e quatro
Sessenta e cinco

Prólogo

Rio de Janeiro, dezembro de 2022

Era uma manhã quente de verão, o sol nos castigava sem piedade. Julian corria pelo quintal. Nem adianta chamar, ele não entraria. Agora que ele já tinha idade para brincar com o Algodão, não quer outra vida. Esse menino e esse cão não se largam. Logo Luíza chegará para levá-lo. Sinto falta de quando ela tinha essa idade. Nunca foi uma menina muito comportada, corria e caía o tempo todo, sempre me dando dor de cabeça e me deixando de cabelos brancos precocemente. O oposto de Gael que, embora tivesse seus momentos, sempre foi um doce de menino. Ainda tinha Christian, que foi um pouco dos dois, me deixava louca, mas sabia obedecer.

— Vovó, acho que a mamãe chegou! — Julian correu pela casa com Algodão quando a campainha tocou.

— Pequeno, não corra! — gritei em vão, ele não para, mas me diverte. Abri a porta, e minha menina entrou. O filho logo se lançou sobre ela e eu sabia que não desgrudaria mais. Ela sorriu e caminhou em minha direção.

— Oi, mãe! — Um beijo no rosto me fez sorrir.

— Oi, meu amor... Como você está? — perguntei, levando-a para a sala.

— Bem, já estava com saudades desse magrelo. A casa fica muito silenciosa sem ele. — Ela sorriu, fazendo cócegas na barriga do pequeno.

— Eu sei, acredite! — Tentei trazê-lo para mim, mas nem adiantou. Quando a mãe estava perto ele nem me notava.

— Mãe, tem certeza de que é bom a senhora ficar aqui sozinha? Essa casa é tão grande. — Sempre a mesma conversa. Sei bem onde isso nos

levará, mais um convite para ir morar com ela e o marido em São Paulo.

— Eu gosto daqui. Acredite ou não, não me sinto solitária. — Dei meu melhor sorriso. De fato, não me sentia solitária.

Tinha uma casa cercada de lembranças e elas me perseguiam, me animavam e me entristeciam. Lembravam-me de tempos que não voltariam e lembravam-me do amor que me consumiu por completo, que fez com que eu me sentisse completa.

— Além do mais, seus irmãos, suas tias e seus primos devem chegar logo para o Natal. A casa vai estar cheia.

— A senhora quem sabe. — Ela se levantou e caminhou em direção à saída com Julian no colo e Algodão aos seus pés.

— Vai com cuidado, meu amor! — disse antes dela sair.

— Eu te amo, mãe! — ela gritou já do carro.

— Também te amo, princesa! — Dei um último aceno e entrei.

Caminhei em direção ao meu quarto, hora de voltar à minha rotina. Voltar a minha deliciosa tortura, ao momento que me sentia mais viva, voltar ao passado.

Em cima da cama estava ele... Capa meio avermelhada e bastante gasta. Páginas amassadas de tanto ser folheado. Já não tinha mais aquele cheiro de livro novo, mas eu lia como se desconhecesse o conteúdo. Já o li mil vezes e em todas as mil vezes era como se fosse a primeira vez... Como se eu nunca o tivesse lido, como se não fosse eu quem o escrevera, como se não fosse a minha vida ali. Era sempre uma descoberta. Uma sensação ou outra que voltava. Uma lembrança ou outra que se reavivava. Um cheiro ou outro que aparecia. Uma voz ou outra que ecoava. Um amor ou outro que me tocava...

Abracei-o e senti o cheiro de novo. Claro que esse cheiro não existia, mas como eu disse: um cheiro ou outro que aparecia.

Conhecia cada página, cada frase, cada palavra, cada letra. Foi tudo tão novo, tão de repente, tão diferente... Foi o tipo de amor que você jura não existir. Nós nos amamos de forma intensa, quase violenta.

Encarei o pequeno caderno em minhas mãos.

Um diário secreto.

A primeira anotação data 23 de março de 1980... Foi um ano de surpresas, mudanças e amor.

Um

23 de março de 1980

Querido diário,

Não posso deixar de rir ao escrever isso. Acho que estou meio velha para esse tipo de coisa, mas eu precisava compartilhar os últimos dois anos da minha vida. Foram incríveis, só para adiantar.

Não sei exatamente o que vou escrever, mas um dia, talvez, eu precise de um lembrete de que foi tudo real, que ELE foi real.

Talvez, aquela que eu era antes volte e as palavras aqui ajudem a trazer a que me tornei depois dele de volta. Eu gosto mais dela. Acho que sempre fui ela.

Além de manter as lembranças intactas, eu preciso fazer um balanço de como as coisas estão hoje. Ao meu lado o motivo de você existir dorme tranquilo, os cabelos compridos estão bagunçados. Acabamos de transar e uau... Minhas pernas ainda tremem...

Fechei os olhos, pausando a minha leitura, e podendo sentir as mesmas sensações daquele dia. Olhei para o lado dele da cama e, com clareza, mentalmente reproduzi aquela cena. Ele deitado ao meu lado, o lençol cobrindo apenas o meio de suas pernas, os braços cobrindo o rosto, a pele ainda com resquícios de suor e as marcas das minhas unhas.

Inspirei e expirei fundo, voltando a leitura.

Ainda lembro o dia que o conheci, eu tinha vinte e quatro anos e o sol estava terrivelmente quente...

Rio de Janeiro, outubro de 1977

Ainda não acredito que a Tainara me convenceu mesmo a vir à praia. O sol estava me matando e tinha areia em todo canto do meu corpo.

— Vem, Pah! — ela gritou, e caminhei quase me arrastando.

— Já vou! — devolvi impaciente — A gente não podia ter ido ao cinema? — comentei, e ela revirou os olhos.

Hoje era o nosso dia de folga, algo raro, e como sempre eu pretendia ficar em casa com as pernas para cima, comendo pipoca e vendo algo na televisão, mas não, Tai queria praia. Mande-i-a olhar pela janela, claro que não seria suficiente e ela insistiu em me arrastar para a praia. Descemos Ipanema em direção ao Arpoador.

— Você vai gostar... Nunca duvide de mim, dona Patrícia! — Ela caminhou de costas, apontando um dedo desafiador para mim. Comecei a rir, Tai era completamente maluca. Morávamos no mesmo prédio. Na verdade, no mesmo andar, mais especificamente uma de frente para outra.

— Tudo bem, mas é bom você ter razão ou arrasto essa sua cara bronzeada por toda praia — ameacei. Ela me mostrou o dedo do meio e parou colocando a bolsa no chão já estendendo a canga para se sentar.

Parei ao lado dela, olhei em volta e não vi nada que justificasse termos andado tanto para estacionar aqui. A praia do Arpoador ainda era mais na frente.

— Está de gozação, certo? — Olhei para ela indignada e de braços cruzados.

— Senta, resmungona. Aguarde mais alguns minutos e você verá — ela disse confiante, então fiz o que ela mandou.

A parte da praia em que estávamos ficava em frente a um bar chamado Miragem, muito apropriado já que aparentemente estávamos no meio do deserto.

— Por que tão quente? — reclamei, e ela sorriu.

— Oh, maluca, é praia e Rio Janeiro, senta e cala a boca. — Pensei em responder, mas isso só iria me fazer sentir mais calor.

Um dos funcionários do bar se aproximou e ofereceu um guarda-sol com a condição que consumíssemos algo. Na hora aceitei e pedi um guaraná caçula. Tai resolveu me acompanhar e pediu o mesmo.

— Então, vossa excelência pode me dizer o que estamos fazendo aqui no meio do nada? — Tirei minha bata e fiquei só de biquíni, um lindo e praticamente novo biquíni vermelho sangue.

— Você vai descobrir... — ela disse ainda confiante e pegou o refrigerante que o atendente trouxe.

Resolvi imitá-la e quase tive um orgasmo com a bebida gelada descendo em minha garganta.

— Bem na hora! — Tai comentou e apontou com o queixo para a minha direita. Olhei para onde ela apontava e pressionei com força minha garrafinha. Acho que estou alucinando. Deve ser o calor.

Caminhando em nossa direção, quase em câmera lenta, alguns homens se aproximavam... Contei sete ao todo. Meus olhos saltaram na hora. Não eram simplesmente sete homens, eram sete deuses do Olimpo, sete réplicas de Apolo e usando sungas apertadas.

— Que isso! Que saúde! — comentei com a boca aberta e olhando os sete belos homens que passavam à nossa frente.

Tai fez a melhor pose de sereia que conseguiu, deixando os cabelos loiros dançarem ao vento, enquanto eu estava com cara de bocó. Eles nos olharam e sorriram. Tai quase deu pulinhos de felicidade.

— Tai, o que foi aquilo? — Senti-me baratinada.

— Aquilo, meu amor, é a equipe de vôlei de praia do Posto nove. Eles são famosos, não só pela beleza, mas pelo talento. Jogam aqui toda sexta e sábado no fim da tarde.

— Como você os descobriu? — perguntei ainda sem entender.

— Informação é poder! — Ela sorriu e tomou um gole do refrigerante.

Eles se dividiram, quatro para um lado e três para outro. Percebi que ao nosso redor as pessoas começaram a aparecer, na verdade, mulheres começaram a aparecer.

— Eles são oito... Ainda não sei do outro, mas sei que ele vai chegar. Eles nunca faltam — ela sussurrou.

Ficamos uns cinco minutos esperando o tal oitavo jogador e ele nem deu sinal, mas não estava fazendo falta. Eu tinha sete homens maravilhosos com sungas apertadas exibindo seus corpos e fazendo sons rudes que faziam meu coração disparar a todo instante.

Depois de vinte minutos eu me senti cansada da cena, tinha homens lindos e tudo mais, porém a realidade que estava na praia me bateu.

Odeio praia.

Odeio areia.

Odeio sol.

— Eu vou caminhar tudo bem? — disse, levantando-me.

— Como você quiser, mas vai perder a segunda fase do jogo. — Ela pediu alguns petiscos para garçom do bar e continuou vidrada nos gostosos de sunga.

— Deixe comida pra mim, eu já volto!

Andei pela beira da praia molhando os pés na água, deve ajudar com o calor. Confesso que isso era muito bom, embora eu preferisse ficar no meu apartamento com o ar-condicionado no máximo.

Olhei no horizonte e vi que o sol estava diminuindo a intensidade e ganhando um tom de laranja com amarelo fascinante. Isso era bom.

Decidi voltar e comer alguma coisa, se é que aquela *javali* deixou algum petisco para mim.

Continuei beirando a água e molhando os pés. Quando cheguei na direção do bar em que estávamos decidi dar um mergulho, já que estava aqui, por que não me molhar?

Olhei nossos belos rapazes que ainda continuavam a jogar, pelo que vi agora eram oito. Parece que o senhor atrasado finalmente chegou.

Fiquei de frente para o mar admirando as ondas que vinham de forma violenta e quebravam no meio do caminho, fazendo aquele delicioso barulho de mar... Não sabia se isso era um barulho, mas esse som da água contra a água era maravilhoso.

As ondas quebraram e se formaram outra vez... Entrei um pouco, até cobrir meus pés. Ainda continuava encarando o mar, parada, tentando manter meus cabelos no lugar, mas o vento não deixava, eu devia ter colocado uma faixa.

— É minha! É minha! — Ouvi gritos perto de mim e quando estava quase me virando vi um rinoceronte vindo em minha direção e ainda por cima de costas.

Meu Deus, vai ser colisão.

Coloquei os braços na frente do corpo, tentando conter essa avalanche de homem, mas ele tinha o triplo do meu tamanho e me acertou em cheio, fazendo com que eu caísse na água, porém ainda estava no raso, então bati com a bunda na areia.

O troglodita rapidamente se deu conta da burrada que fez e tentou me ajudar... Mãos fortes seguraram meus braços e me levantaram tão depressa que quase deixei o chão.

— Desculpe, você se machucou? — Ele tinha uma voz firme que parecia verdadeiramente preocupada.

— Me solta! — gritei. — Você não tem olhos?

— Você se machucou? — ele tornou a perguntar, enquanto eu tirava meus cabelos molhados da frente do rosto.

— Tira a mão daí! — Bati na mão dele quando ele tentou me ajudar com o cabelo. Ouvi uma risada que fez meu coração palpitar.

Finalmente me recompus, ou quase, para poder olhar o meu quase assassino. Para minha surpresa era o assassino mais lindo que eu já tinha visto. Cabelos ondulados e rebeldes, passando um pouco dos ombros, barba cheia, bem alto, ombros largos, um corpo largo e uma sunga branca... recheada.

Oh céus!

Olhei para o lado sem jeito e completamente perturbada por esse homem.

— Eu sou Noah! — ele se apresentou com um sorriso lindo, parecia um panda.

— Obrigada por quase me matar — disse saindo de perto dele e indo em direção à minha amiga.

— Ei, você não vai me dizer o seu nome? — Ele me puxou pelo braço e senti algo estranho me percorrer o corpo todo.

Raiva.

— Não! Quer soltar o meu braço? — inquiri de nariz em pé.

— Desculpa, só fiquei aqui pensando se o seu nome era tão bonito quanto você. — Comecei a rir, cuspiendo deboche.

— Cantada ruim, barata e cafona. — Virei-me indo em direção à Tai que me olhava de boca aberta, apreciando a cena toda.

Para minha surpresa ele continuava ali.

— Vai ficar me seguindo?

— Eu só quero saber o seu nome. — Ele mais uma vez sorriu. Eu mereço, revirei os olhos.

— É Patrícia! — Tai praticamente gritou, e eu a fuzilei com o olhar.

— Patrícia — ele repetiu meu nome quase sussurrando e senti meu coração palpitar mais uma vez. — A gente se vê de novo? — perguntou sorridente, esse cara não ia desistir?

— Não conte com isso. — Cruzei os braços e ergui uma sobrancelha irritada. Os olhos dele varreram o meu corpo e só então me dei conta que estava praticamente nua na frente desse louco. Abaixei-me e peguei a toalha que estava estirada no chão e me enrolei nela sentindo a areia escorrer pelo meu corpo.

Merda!

— A gente se vê de novo! — Dessa vez não foi uma pergunta, ele afirmou, convencido. Sorrindo, ele voltou aos amigos jogadores de vôlei.

Revirei os olhos, balançando a cabeça negativamente e torcendo o nariz como se ele cheirasse mal. Nunca mais queria encontrar com esse troglodita outra vez. Nunca!

Claro que nos encontramos outra vez... Seu rosto ficou marcado na minha memória. Aquele sorriso, aquele corpo, a maneira como ele disse o meu nome. Acho que nunca cheguei a contar a ele como me senti naquele dia. Não o amei de imediato, óbvio. Todavia, alguma coisa aconteceu ali.

Sabemos que nosso coração bate porque isso nos mantém vivos. Mas senti-lo pulsar com tanta intensidade, poder contar as batidas, poder até mesmo nomear os movimentos, sístole e diástole, em uma sintonia estranha, foi a primeira vez.

Se eu fechar os meus olhos posso ser levada àquela praia, sentir o calor insuportável daquele sol na minha pele. Sentir o cheiro do mar, ouvir o barulho das ondas e ouvir seus gritos enquanto se aproximava de mim como um caminhão desgovernado.

Fui atropelada pelo homem da minha vida...

Dois

24 de março de 1980...

Querido diário,

Ainda me lembro do dia seguinte em que conheci Noah. Era uma manhã quente de outubro, lembro do calor porque deveria ser primavera e o sol deveria ser agradável, mas tudo depois daquele dia parecia não estar dentro dos padrões. Era sábado, Tainara e eu tínhamos que ir trabalhar. Éramos enfermeiras no Pronto Socorro do Celso Leão e para enfermeiras não há tempo ruim, fins de semana ou feriados, todo dia é dia de trabalhar...

Rio de Janeiro, outubro de 1977

— Acorda, Pah! — Ouvi os gritos da Tai de longe. — Acorda!

— Acordei! — respondi, também aos berros.

Meus olhos pesavam. Não sabia exatamente o motivo, mas tinha um sorriso no rosto. Acho que sonhei com o rinoceronte que me atropelou ontem.

— Bom dia, dona Patrícia! — Tai comentou com musicalidade na voz.

— Como você entrou? — Esfreguei os olhos e ela me encarou sorrindo.

— Eu tenho a cópia da chave, você esqueceu? — Com a maior naturalidade do mundo ela balançou seu chaveiro na minha frente.

— Que eu dei para uma emergência, não pra você me acordar as... — olhei meu relógio de cabeceira — seis horas da manhã? — resmunguei e me joguei na cama.

— É uma emergência. Eu chamei e você não respondeu, quase derrubei a porta. Achei que estava morta.

— Queria estar... — reclamei, virando-me de bruços e ela sorriu.

— Princesa de Ipanema, você esqueceu que hoje somos você, Kelly e eu no *PS*? Noite das Panteras... Ou melhor, dia.

— Droga! — Levantei-me correndo e jogando lençol para todo lado.

Tai começou a rir, enquanto eu entrava no banheiro praticamente correndo, mas voltei quando lembrei de algo importante.

— Falando nas *Panteras*, quarta tem episódio novo.

— Anotado! — Ela se jogou na cama animada. Não perdíamos um episódio, a série era viciante.



Tentei me afastar dos gritos, mas Kelly não desistiu e me seguiu.

— Eu não acredito que um deles veio falar com você, e você ignorou — ela comentou incrédula, fazendo-nos rir.

Os homens maravilhosos do vôlei viraram pauta da nossa conversa.

— Eu tive que dizer o nome dela, caso contrário, ela não ia dizer nada. — Tentei ignorá-las enquanto mandava o próximo paciente entrar.

— Qual deles foi? — Kelly se colocou ao meu lado parecendo curiosa.

— Não lembro, Novais eu acho... — menti, e ela me olhou feio.

— Noah? — corrigiu cautelosamente.

— Pode ser... — Dei de ombros e foquei minha atenção no paciente.

Notei que ele tinha um corte no braço e pelo jeito levaria pontos... Pedi a Tai que preparasse anestesia, e o paciente me olhou de cenho franzido.

— Algo errado? — perguntei, mesmo já sabendo do que se tratava.

— Isso não deveria ser feito por um médico? — ele questionou, e respirei fundo.

— Claro, mas só temos um médico de plantão e ele está preso na UTI, sou eu ou seu braço vai continuar sangrando. — Tentei não ser rude, e ele assentiu.

Hoje meu dia era na sala de curativos, e a sutura não fazia parte das minhas funções, pelo menos na teoria, mas a realidade era bem diferente. O *PS* sempre estava lotado e raramente tínhamos mais de um médico dando plantão nesse setor e quando tínhamos ainda precisávamos torcer para que ele estivesse de bom humor ou casos como esse, dois pontos em um corte no braço — que não eram necessariamente uma urgência —, eram ignorados e o paciente era mandado para casa com um curativo provisório e uma receita de anti-inflamatórios.

— Obrigado — o paciente agradeceu enquanto tirava minhas luvas, e Tai descartava os materiais.

— Não acredito que o Noah veio falar com você. — Kelly suspirou — É o cabeludo com jeitão de hippie, certo?

— Esse mesmo! — Tai respondeu por mim, e as duas suspiraram juntas me fazendo rir.

— Você conhece o nome de todos? — perguntei curiosa, chamando o próximo paciente.

— Não é de hoje que eu os observo. — Ela se apoiou na parede e pareceu longe. — Já ouvi alguns nomes serem ditos de forma selvagem, quase rugidos durante o jogo... Noah, Renato... — Ela pareceu gemer ao pronunciar os nomes e tive que me segurar para não rir. — Rafael, Antônio...

Vi que a paciente ficou visivelmente desconfortável com os delírios de Kelly e me desculpei, pedindo a ela que tomasse seu lugar na maca para que eu pudesse avaliar o ferimento.

— Aqueles homens são maravilhosos, deuses de corpos perfeitos — Kelly continua delirando, enquanto me ajudava com os utensílios para um desbridamento na perna da paciente.

Consegui trinta minutos de silêncio para realizar o procedimento. Assim que a paciente saiu, olhei no corredor e, por ora, não havia mais ninguém...

— Acho que você devia voltar àquela praia e procurar o Noah — Tai comentou, fazendo-me rir às gargalhadas.

— Nem pensar... — respondi segura, e as duas me olharam sem entender. — Ele parece ser um desses ratos de praia que usa calção e chinelo o dia todo. Se bobear também é surfista. Fora o jeito de hippie. Não tem combinação pior.

— Às vezes eu esqueço que você é uma boneca de Ipanema — Kelly provocou e revirei os olhos.

— Eu tenho um tipo — me defendi. — Gosto de homens que usam terno, gravata e que comam de boca fechada. Resumindo, homens sofisticados, coisa que aquele hippie não é.

As duas cruzaram os braços me olhando feio.

— Toda mulher tem um tipo. Isso é crime?

— Amiga, meu tipo é homem, quanto mais melhor — Kelly avisou, e Tai concordou. — Além do mais, olha, sente esse nome: Noah, ele soa

delicioso na boca. Nossa! Dizer o nome desse homem na cama deve ser uma delícia.

— Você falava a mesma coisa do Carlos, e não é nada delícia... —
Lembrei-me do meu namorado quase noivo sem muita animação.

— Quem diria que um homem daqueles é inútil na cama.

— Também não é assim... — rebati o comentário de Kelly e as duas me olharam com julgamento.

— Quantos orgasmos você já teve?

— Muitos! — menti com a maior segurança que consegui à pergunta de Tai.

— Com o Carlos... — ela acrescentou, e parei para pensar sem conseguir dar a resposta.

— Tudo bem, ele não é nenhum grande fenômeno na cama, mas sexo não é tudo na vida de um casal. Aliás, acho que o sexo é superestimado, não é grande coisa...

— Não é grande coisa? — Kelly me cortou quase aos gritos. — Eu não acred... Eu... Não consigo nem falar.

— Uma relação não pode ser só baseada em sexo — defendi meu ponto de vista. — Existe companheirismo, as coisas em comum, as conversas interessantes, o carinho e...

— E unindo tudo isso tem o sexo! — Kelly outra vez me interrompeu e dessa vez pareceu horrorizada.

— Eu sei! — gritei exasperada. — Eu sei a importância do sexo em uma relação, só não acho grande coisa.

— Tai me ajuda aqui, senão eu vou dar na Patrícia...

— Pah...

— Como assim não é grande coisa? — Kelly interrompeu Tai em choque, fazendo-me rir. — O seu namorado faz não ser grande coisa.

— Também não é assim!

— Pah, lembra o caso da camisola? — Franzl o rosto ao lembrar o episódio.

Mês passado as meninas estavam me contando mais uma das suas aventuras. Confesso que fiquei cheia de ideias, mas com Carlos sempre foi um sexo meio morno, ou tradicional, não sei como nomear, não tenho parâmetros, mas nada excepcional. Então, tentando causar um clima, comprei uma camisola linda na cor pêssego e, como sempre, quando cheguei à cama ele estava lendo uns processos e usando pijamas. Foi a primeira vez que achei aquilo ridículo, mas tentando manter o clima deixei passar e insisti. Subi na cama, fui engatinhando na direção dele, fiquei cheia de insinuações e tentei me livrar ao menos da camisa, com mangas e com todos os botões fechados, que ele usava. Dei alguns beijinhos no pescoço dele e ele sem nem me olhar me mandou dormir... Sentei nos calcanhares e fiquei encarando-o com cara de boba. Acho que ele percebeu e finalmente me deu atenção, não a que eu queria, ele me colocou para dormir e ainda me cobriu. Só faltou o beijinho na testa.

— Aquilo foi um caso isolado — tentei me defender, e as duas me olharam acusadoras.

— Patrícia, foi a história mais triste que eu já ouvi na minha vida e olha que trabalhamos em um hospital. — Consegui rir com o comentário de Kelly.

— Pah, o que você faz com um cara desses? — Tai me questionou, e pensando bem nem eu mesma sei.

— Eu gosto dele e, às vezes, eu até penso em terminar, mas aí ele aparece lindo e bem alinhado em um terno, alto, até que é forte e ele gosta de mim, quer um futuro comigo, vai me dar estabilidade, é um cara sério...

— Um cara chato, você quer dizer — Tai me cortou e não pude discordar.

— Eu preciso de um psicólogo — soltei cansada.

— Faz tempo! — Tai zombou, fazendo-me rir.

— Amiga você precisa conhecer um homem de verdade isso sim, e claro, ser apresentada ao sexo. — Concordei rindo do comentário de Kelly.

— Eu posso ter me enganado com o Carlos, mas temos o Noah e...

— E já disse que não, ele... ele não! — Torci o nariz, e Tai me olhou feio.

— Amiga não é para casar, estamos falando de sexo... — Kelly começou, deixando-me atenta. — Uma última loucura antes de casar, *se* você casar. Volta naquela praia como que não quer nada, joga charme e faz o cara.

— Não sei, isso é muito...

— Excitante? — Tai me cortou sorrindo.

— Cafajeste... — acrescentei e as duas sorriram — e excitante — admiti no fim.

— Vai, Pah, eu sei que tem uma fera escondida aí dentro, deixe-a sair... — Tai incentivou, e me senti tentada.

— Sabe o que isso me lembra? — Kelly nos questionou sorrindo, e negamos. — *Eu sou uma fera de pele macia, cuidado garoto, eu sou perigosa...*

Não controlamos o riso quando ela começou a cantar *Perigosa das Frenéticas*, adorávamos essa música e claro acompanhamos Kelly com nossa performance particular...

Eu tenho um veneno no doce da boca. Eu tenho demônio guardado no peito... Eu tenho uma faca no brilho dos olhos, eu tenho uma louca dentro de mim...

Ouvimos batidas à porta e rapidamente tratamos de nos silenciar e tentar voltar ao modo profissional, e segurando o riso fui receber o que devia ser um paciente.

— O que vocês vão fazer hoje à noite? — Kelly me olhou animada.

— Dormir? — informei, indicando ao paciente a maca.

— Planejar como a Pah vai pegar o tipão da praia? — Repreendi Tai com os olhos, o paciente limpou a garganta.

Decidi ignorar as duas e dar atenção ao meu próximo curativo. Tai me ajudou com a gaze e o tempo todo me olhava sugestiva, sabia que ela já devia ter algo em mente, mas ignorei.

— Podíamos ir ao Leblon, soube que vai inaugurar uma nova disco com direito a show das *Frenéticas*. — Kelly se aproximou enquanto finalizávamos o curativo.

Olhei para a minha amiga sem acreditar. As *Frenéticas* em uma danceteria no Leblon? Parecia algo impossível, e grandioso. Embora a região não tivesse a melhor das famas...

— Vamos, Pah? — Tai implorou, ela sabia que adorava as *Frenéticas*. Mês passado fomos duas vezes ao *Rival*^[1] assisti-las.

— Assim você pratica um pouco a paquera, se o último cara que você paquerou foi o Carlos você deve estar enferrujada.

Não iria adiantar ignorar as duas, elas não me deixariam em paz até eu aceitar.

— Tudo bem, nós vamos...

Três

25 de março de 1980

Querido diário,

Ainda consigo lembrar dos gritos que as duas deram naquele dia, elas saltaram feito crianças ganhando doces. Eu tinha um plano em mente. Iríamos sair, dançar, talvez paquerar um pouco se isso fizesse as duas saírem do meu pé. E, claro, tentar tirar o rinoceronte da praia dos meus pensamentos. Noah representava tudo que eu sempre detestei em um homem, no entanto, eu não podia negar que fiquei mexida.

Minhas amigas tinham razão quando diziam que eu precisava ser apresentada ao sexo. Estávamos em um período confuso, por vezes complicado. De um lado uma ditadura de nos reprimia em todos os sentidos e de outro uma liberdade clandestina, presente nos lugares mais inusitados. Sexo era como um cardápio de restaurante, você tinha infinitas opções e combinações, e claro que, antes de dizer que não gostava de algo, você deveria experimentar, sem julgamentos, sem medos.

Antes do Noah eu nunca tinha experimentado nada de inusitado. Minha noção de sexo era resumida ao que eu tinha com Carlos e as histórias que as meninas me contavam, e por ser — nas palavras delas — uma careta eu sempre torcia o nariz para todas elas, embora sentisse algo dentro de mim gritar, mas eu não ouvia. Elas tinham razão em me chamar de boneca de Ipanema. Eu vivia em uma bolha isolada, um mundo chato que me cegava e me trazia falsa sensação de segurança e felicidade... Mas as coisas mudaram e mudaram naquele mesmo dia...

Rio de Janeiro, outubro de 1977

Olhei-me no espelho dando uma última conferida no meu figurino. Como hoje era dia de disco desenterrei uma das minhas calças de noite preferidas. Ela ia até o alto da cintura, era de um tecido brilhante e bem

chamativo, dessa vez escolhi uma em verde escuro, combinei com uma bota preta de salto grosso e uma blusa também preta bem curta, mas com mangas compridas e caída nos ombros.

— *Uau*, dona Patrícia! — Tai entrou batendo palmas no quarto.

— Como estou? — Soltei os cabelos que estavam presos, arrumei minha franjinha e dei uma voltinha.

Tai se aproximou e mergulhou os dedos em meus cabelos dando mais volume, eles estavam alguns dedos abaixo dos ombros formando ondas bagunçadas.

— Agora está perfeita! — Ela se afastou e me analisou dos pés à cabeça.

Elogiei a roupa que Tai escolheu, um vestidinho colorido com uma faixa na cintura, mangas soltas e botas cano alto. Bati palmas quando ela começou a fazer várias poses.

— Vamos, a Kelly já chegou!

Não demoramos até encontrar a tal disco, só se falava disso pelas ruas do Leblon. Um casarão de uns dois ou três andares, cuja entrada era uma porta grande e escura de madeira com o nome *Royal Palace* em uma placa luminosa mais acima seria o local da nossa diversão, não parecia animador. Não havia fila, o que achei estranho por se tratar de uma inauguração.

— Não parece grande coisa — comentei quando paramos na entrada.

— A gente ainda nem entrou, Pah! — Tai me repreendeu e dei de ombros.

Meu comentário foi esquecido assim que entramos.

— Ai meu Deus! — Congelei abobalhada.

Não era à toa que não havia fila, acho que todos estavam ali dentro, acho que todo o Rio de Janeiro estava ali dentro. O lugar era enorme e fervia com uma multidão de pessoas dançando por todos os lados.

Senti alguém me puxando pelas mãos e vi que era Tai, ela me levou discoteca adentro. Fomos esbarrando em algumas pessoas no caminho. Tudo era muito vivo e colorido, como se o lugar inteiro fosse uma pista de dança, o piso embaixo de nós ia mudando de cor conforme andávamos e eu não conseguia parar de rir, realmente era um lugar impressionante.

— Venham! — Kelly nos arrastou para a pista de dança quando começou *That's the way I like it* da *KC and the Sunshine band*.

Fechamos os olhos e deixamos nos levar...

*When you give me all your love and do it
Babe, the very best you can
Oh, that's the way I like it...*

Continuamos dançando mais algumas músicas, até nos arriscamos nas coreografias em grupo, mas cansamos e resolvemos ir ao bar buscar algo para beber.

— Já viram como esse lugar está cheio de homens lindos? — Kelly observou, enquanto tentava chamar atenção de um dos garçons.

— Eu tenho que ficar nua para conseguir uma bebida? — reclamei, e as duas sorriram.

— Deixa eu tentar... — Tai se debruçou sobre o balcão e puxou um dos garçons pela gravata. — Oi! Minhas amigas e eu adorávamos beber. — Ele olhou assustado em nossa direção, Kelly e eu acenamos.

Apoiei-me no balcão, e comemoramos quando finalmente conseguimos nossas bebidas.

— Um brinde! — Tai ergueu sua batida de frutas com álcool.

— Aos homens maravilhosos que existem no mundo, ao sexo, a pílula anticoncepcional...

— A amizade — cortei Kelly, e ela sorriu.

— Claro, a amizade, porque eu não seria nada sem vocês... — Kelly completou, enquanto Tai e eu concordávamos.

— A nós... — Tai continuou e juntas erguemos nossas bebidas e brindamos.

— Só pode ser brincadeira! — gritei irritada.

Quando fui beber algum idiota esbarrou nas minhas costas, fazendo-me derramar boa parte da bebida na minha blusa.

— Me desculpe, eu...

— Ah não! — Revirei os olhos ao ver que o idiota que esbarrou em mim era o rinoceronte da praia.

— Patrícia? — Vi a surpresa nos olhos dele e rapidamente um sorriso ocupou seus lábios.

— Você me seguiu? — questionei, deixando o que sobrou da minha bebida no balcão e tentando me limpar, eu estava cheirando a álcool.

— Segui você? — ele rebateu incrédulo. — Está mais para você me seguindo. — Ele se escorou no balcão convencido, fazendo-me rir.

— Você realmente não tem olhos ou senso de espaço, me deixou toda molhada, pela segunda vez.

— Eu costumo causar esse efeito nas mulheres. — Cruzei os braços diante do trocadilho e ouvi risos atrás de mim.

— Eu quero ir embora! — reclamei, virando-me para as duas que, ao invés de me ajudar, estavam rindo e olhando aquele rinoceronte com cara de bobas.

— Nem pensar... — Kelly se manifestou e Tai assentiu. — Oi, eu sou a Kelly, amiga da Patrícia. — Ela praticamente me empurrou para se apresentar ao rinoceronte.

— Sou Noah! — Ele segurou a mão dela e a beijou.

Quase um cavalheiro — zombei mentalmente.

— Sou Tai, e também sou amiga da Pah, nos vimos na praia... — Assim como Kelly, Tai ficou toda derretida enquanto continuei de braços cruzados sem acreditar.

— Eu não acredito que vocês vão me trocar por esse... esse troglodita. Acabamos de brindar à amizade.

— Troglodita? Agora fiquei ofendido. — Vi que ele debochava e pediu algo para beber.

— Cala a boca, Patrícia, se ele está aqui os outros gostosões também estão — Kelly sussurrou entre dentes e segurando um sorriso nos lábios.

— Então, bom proveito, porque eu vou dar no pé — avisei e as duas pareceram nem ter dado bola.

Virei-me irritada e caminhei em direção à saída. Acho que eu deveria ir ao banheiro primeiro e tentar tirar esse cheiro forte de álcool, estava ficando enjoada... Meus pensamentos foram interrompidos quando mãos me seguraram pela cintura e me puxaram de repente.

— Me solta! — reclamei quando um sujeito qualquer me colocou entre os braços.

— Sabia que você é a coisa mais linda que eu já vi na vida? — O cheiro forte de álcool me atingiu, e não sabia mais se era eu ou ele.

— Sorte a sua, agora me solta! — Empurrei-o, e de tão bêbado ele cambaleou e esbarrou em uma parede.

— Volta aqui, boneca, ainda não terminamos...

O sujeito tornou a me puxar, agora pelos braços e tentou me beijar. Virei o rosto e o empurrei, dessa vez ele foi longe, mas não pelo meu empurrão e sim porque o rinoceronte da praia surgiu, o puxou com força pela camisa e acertou um soco nele. Foi o bastante para uma confusão se formar ao nosso redor.

— Para com isso, ficou louco? — Segurei aquele homem com o triplo do meu tamanho pelo braço quando ele ameaçou dar outro soco no sujeitinho. Seus olhos acertaram os meus, ele estava uma fera. Na mesma hora o soltei e recuei sentindo medo.

— Desculpa! — ele pediu, parecendo mais calmo. Seus olhos instantaneamente mudaram de raivosos para ternos, como os de um filhotinho.

Ainda assim, mantive uma distância segura até os seguranças se aproximarem, bem como Tai e Kelly querendo saber se eu estava bem, apenas assenti sem tirar os olhos da fera diante de mim.

— Tirem-no daqui! — Suas ordens foram claras aos seguranças.

— Sim, chefe! — A resposta deles me deixou zozza.

— Chefe? — questionei, e ele sorriu, aproximando-se de mim.

Eu o olhei dos pés à cabeça, ele não parecia ser chefe de nada. A não ser que fosse da segurança, o que explicaria como ele dominou o outro sujeito tão rápido, sem contar o porte físico que ele tinha, pois tirando isso ele parecia um... hippie. Cabelão solto caindo nos ombros, calça jeans claro surrada, camiseta branca, um colete marrom horroroso com tiras e chinelos, uma combinação péssima, mas que nele não ficava nada mal, até atraente eu diria.

— Você está bem? — ele perguntou, tocando em meu rosto e colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Obrigada. — respondi confusa e me afastei dele novamente.

— Espera! — Ele me segurou pelas mãos. — Não vai, a noite só começou.

— Eu estou cheirando a álcool.

— Eu te empresto a camisa — disse, fazendo-me rir incrédula.

— Essa que você está vestindo? — rebati, e ele gargalhou, deixando-me meio boba. Acho que entendi o que as meninas viram nele. Se ignorar a falta de estilo, ele até era um tipo bastante... sedutor.

— Tá limpinha! — Vi a tranquilidade em seu olhar. — Você nem precisa devolver, só fica, a noite vai ser boa.

— E você vai ficar nu? — Acho que nessa parte do plano ele não pensou.

— Não vai ser ruim, Patrícia, aceita logo e deixa ele ficar sem camisa por aqui... — novamente Kelly sussurrou, mas dessa vez acho que ele ouviu já que riu e piscou para ela.

— Pah, as *Frenéticas* ainda nem chegaram... Aceita essa camisa, vai! — Tai implorou quase chorando, e torci o nariz.

— Aceita, Pah — notei o divertimento dele ao me chamar assim —, como a sua amiga observou, as *Frenéticas* ainda nem chegaram e elas são o ponto forte da noite, mas até lá prometo a vocês muita diversão e, para compensar ter estragado a sua blusa, as bebidas vão ser por minha conta. Podem escolher um dos camarotes, fiquem à vontade.

— E você pode garantir isso tudo por que mesmo? — questionei desconfiada, e vi os olhares mortais de Tai e Kelly na minha direção.

— Tenho amigos aqui na *Royal* e posso garantir a vocês, de fato, um tratamento real... E, se te deixar mais segura, eu prometo não chegar perto de você, assim não tem risco de você terminar a noite... molhada. — Ele sorriu de canto, cafajeste, dessa vez não resisti e sorri junto.

Vi que não tinha outra saída, se eu dissesse que não Tai e Kelly iriam mesmo me fuzilar.

— Tudo bem, acho que sou voto vencido... — me rendi, e ele sorriu.

— Vem comigo! — Nem bem fechei a boca, e ele saiu me puxando pela disco, mas parei no meio do caminho.

— Pra onde? — Puxei meu braço de volta.

— Ao banheiro, ou você quer trocar de roupa aqui na frente de todo mundo, eu não me importo. — Ele parece estar se divertindo com a situação toda e revirando os olhos decidi acompanhá-lo.

Ainda não acredito que concordei com isso. Como um neandertal, Noah não me esperou acompanhá-lo, ele simplesmente saiu me arrastando pela mão até o banheiro feminino.

— Não deixe ninguém entrar, certo? — disse ele a um segurança que assentiu.

Entramos, havia algumas mulheres no banheiro que, claro, ficaram de olhos saltados na direção do rinoceronte. Elas o mediram da cabeça aos pés, estavam prontas para devorá-lo.

— Perderam alguma coisa aqui? — perguntei, soltando minha mão da dele. — Querem que eu embrulhe ou vão comer agora? Deem no pé! — Apontei a saída. As quatro se entreolharam desconfiadas, mas não rebateram e saíram em silêncio.

Pelo espelho vi o rinoceronte rindo em minha direção.

— O que foi? — questioneei, cruzando os braços.

— Ciúme, Pah? — Meu nome estalou na boca dele, fazendo-me negar incrédula.

— Me passa a camisa! — pedi já sem paciência.

Ele tirou o colete horroroso e deixou em cima da pia.

— Você devia queimar esse colete, seria um bem a toda sociedade carioca — provoquei e ele não pareceu ligar.

Parei de falar e perdi a respiração quando ele começou a tirar a camisa... Já o tinha visto sem camisa na praia, mas estava tão irritada que não tinha reparado com detalhes no corpo dele.

Meu queixo deve ter ido ao chão. Cerrei os olhos para ter certeza do que que se encontrava diante de mim. Sabia que o Rio de Janeiro era a cidade maravilhosa, mas quem disse isso não conhecia o peito desse homem. Isso que é maravilha, meu Deus!

Eu realmente tinha todo direito de chamá-lo de rinoceronte, esse homem era enorme, tinha uns braços que deviam ser do tamanho das minhas coxas, completamente definido, em forma, vários pelos pelo corpo. Nunca fui de achar isso atraente, mas precisei me conter para não deixar minhas mãos mergulharem ali, na deliciosa e tentadora trilha de pelos que dominava o peito dele. Esse homem sem camisa, com essa barba cheia e desenhada, cabeludo, de calça jeans surrada e chinelos acabou de ser a nova definição de paraíso.

— Patrícia? — ele chamou e não consegui piscar.

— O que é?

— A camisa...

— *Hãh*? — Vi os músculos do abdome dele se contraírem, isso não era possível.

— A camisa... — ele insistiu mais alto e sacudi a cabeça.

— Claro, a camisa... — Peguei e tentei não olhar mais para o corpo dele. — Quer se virar, eu preciso me trocar.

Ele pegou o colete horroroso ficando de costas para mim e que costas, senti minha boca salivar e minha respiração ficar pesada.

Sacudi a cabeça quando senti meu corpo querendo ir em direção ao rinoceronte...

Respira Patrícia! — me aconselhei enquanto tirava a minha blusa e tentava não deixar que o tecido encostasse em meu rosto ou iria ter mesmo que ir para casa.

Consegui com maestria me livrar da blusa, o que deixou meu cabelo completamente bagunçado.

Peguei a camiseta do rinoceronte e senti o cheiro forte do perfume dele. Contive-me para não levar o tecido ao nariz. De repente, nossos olhos se encontraram no espelho e vi que ele estava o tempo todo me olhando, isso não me surpreendeu ou me incomodou, apenas continuei me vestindo. Claro que a camisa dele ficou enorme em mim, então dei um nó na barra deixando-a mais justa e até que não ficou ruim, deixou meu sutiã aparecendo nos lados e um pouco na frente, algo diferente... Gostei.

— Ficou linda! — ele comentou, aproximando-se e se colocando atrás de mim, enquanto me observava no espelho.

— Já de você não se pode dizer o mesmo — provoquei quando nossos olhos se encontraram no espelho outra vez. Ele vestiu o colete sem a camiseta e ficou... ótimo. Nunca pensei que diria isso.

Coloquei meus cabelos para o lado tentando arrumá-los, deixando o lado esquerdo do meu pescoço livre e exposto.

— Patrícia... — Estremeci quando uma das mãos do rinoceronte se espalmou em minha barriga, puxando-me para junto do seu corpo, enquanto a outra subiu pelo meu braço e chegou ao meu pescoço.

Mordi meu lábio inferior prendendo a respiração ao sentir seus lábios tocando a pele do meu ombro, subindo por meu pescoço e parando atrás da minha orelha... Sufoquei um gemido no fundo da garganta quando seus dentes morderam o lóbulo da minha orelha. Eu me inquietei em seus braços e os pelos do peito dele roçaram em alguns pontos do meu corpo causando um incômodo... não, não era um incômodo era... eletricidade.

— Eu... — Tentei recuperar meu juízo, mas meu corpo em chamas estava dificultando as coisas.

— Acho que não vou poder cumprir a promessa que te fiz há pouco — ele sussurrou enquanto mordida meu ombro.

— O quê? — questionei sem entender e sinceramente acho que nada que ele dissesse agora seria processado pelo meu cérebro.

— Prometi ficar longe... — Suas mãos grandes agarraram minha cintura e invadiram minha blusa. Como garras, seus dedos cravaram em minha carne — e não te deixar molhada.

Senti seu sorriso contra o meu pescoço. Cafajeste... Abri os olhos incrédula. Como pude me deixar envolver assim por alguém como ele? Sei bem o que fazer...

Com muita habilidade, girei para fora dos braços dele, fazendo-o me olhar com cara de bobo.

— Aonde você vai? — O rinoceronte tinha frustração nos olhos, e sorri dando de ombros. — Você não pode me deixar assim Pah... — ele reclamou de braços abertos, respirando com dificuldades e com um volume perceptível nas calças.

Eu fiz isso? — comemorei internamente, sem acreditar.

— Obrigada pela camisa... — Não controlei, já estava basicamente na porta.

— Fique com ela, afinal, ficou bem melhor em você do que em mim — rebateu, apoiando-se na pia.

— E sério, se livra desse colete, é horroroso — disse antes de sair, e ele me lançou um sorriso, um lindo sorriso.

De fato, fiquei com aquela camisa e, claro, ele nunca se livrou daquele colete...

Quatro

Fechei meu diário e levantei da cama indo em direção ao guarda-roupa. Olhei em meio a algumas lembranças e achei uma em especial, um cabide no canto...

Peguei o cabide e nele estavam as duas peças que mais tinha ciúme. Aquela camiseta branca e o colete horroroso. Meus olhos se encheram de lágrimas e não impedi que elas viessem, eram elas que tornavam tudo real, eram elas que reforçavam meu amor por ele.

Levei as peças ao nariz. Sabia que já haviam sido usadas várias e várias vezes, sabia também que já haviam sido lavadas várias e várias vezes, mas juro que nesse momento posso sentir o cheiro do álcool com frutas, e o cheiro forte de homem do perfume dele.

Trouxe as peças comigo até a cama e as coloquei ao meu lado. Elas, e as palavras nesse diário, minhas memórias, nossas lembranças, todas juntas o trazem de volta.

— Meu rinoceronte...

Suspirei e voltei ao meu diário...

Cinco

26 de março de 1980...

Querido diário,

Claro que os acontecimentos daquela festa viraram pauta de todas as nossas conversas durante a semana. Fomos, de fato, tratadas como rainhas, garçons sempre indo e vindo com bebidas, o disc-jóquei atendendo aos pedidos especiais de Kelly e, claro, o show das Frenéticas que nos fez dançar até o dia praticamente nascer. Das duas coisas que Noah me prometeu aquela noite uma só ele cumpriu, realmente não chegou perto de mim outra vez, mas me observava e vez ou outra nossos olhares se encontravam em meio às luzes, então, quanto a não me deixar molhada, usando o seu trocadilho, a partir daquele dia, foi impossível...

Rio de Janeiro, outubro de 1977

Procurei meus óculos escuros, a última peça que faltava no meu bem elaborado figurino de praia.

— Quem diria que um dia eu estaria me arrumando, de bom grado, para ir à praia.

Olhei-me no espelho mais uma vez antes de sair e arrumei a faixa que coloquei no cabelo, era branca e contrastava perfeitamente com meus fios castanhos escuros, segundo aquela senhora no salão, embora eu visse preto. Puxei a parte de cima do biquíni, não tinha alças, mas havia um lacinho branco e um decote interessante. Dessa vez o biquíni era realmente novo, comprei ontem, em um tom escuro de azul e com a parte de baixo indo até o meio da cintura.

Finalizo vestindo uma bata branca quase transparente que a Tai me emprestou. Acho que estou pronta.

— Anda, Pah, nunca vi ninguém se arrumar tanto pra ir à praia — ela gritou da sala, e chequei novamente meu figurino. Não esqueci nada.

— Tô pronta, calma!

— *Putz grila!* É praia ou é disco? — Tai zombou, e tentei não dar ouvidos.

Passei a semana pensando no rinoceronte e no nosso momento no banheiro. Tudo bem que ele não era meu estilo ideal de homem, cafona demais, mas que era uma tentação isso ele era. Então, cansei de lutar contra o meu desejo e decidi seguir o conselho das meninas. Iria me divertir com ele, a famosa última loucura antes de casar. Essa semana Carlos já deixou subentendido que pretende pedir logo a minha mão, ou seja, será agora ou nunca.

— Kelly já deve estar lá embaixo, vamos descer...

Em uma rara sexta-feira conseguimos folga no mesmo dia. Na verdade, eu não estava de folga, mas troquei com outra enfermeira para poder ir com as duas à praia e tentar encontrar a equipe de vôlei, mais especificamente certo rinoceronte que tinha como prazer pessoal me deixar molhada.

Dessa vez manteríamos certa distância, nada muito significativo, mas o bastante para ele não achar que eu o estava perseguindo, tinha que parecer um encontro casual.

Kelly e Tai já estavam jogadas na areia aproveitando o sol e a vista dos nossos belos rapazes, mas só um deles me interessava e para o meu azar ele parecia novamente atrasado.

— E se ele não vier? — Tai questionou, enquanto me sentei em uma esteira de praia embaixo do guarda-sol, estava tentando não ter muito contato com a areia ou com o sol.

— Se ele não vier, tem mais sete ali para ela escolher, ou melhor, seis. Aquele moreno de sunga verde não tira os olhos daqui e já estou ficando com dores no rosto de tanto sorrir — Kelly avisou, fazendo-nos rir.

— Então para... — aconselhei tranquila e tentando não me incomodar com o calor.

— Tá maluca? Além do cabelo ruivo e dos meus lindos e abençoados seios, meu sorriso é meu charme, então estou mostrando tudo, cabelos, peitos e charme, artilharia pesada.

Tai e eu nos entreolhamos sem acreditar, Kelly era única, e impossível não rir quando ela estava por perto.

— Olha quem vem chegando... — Tai comentou, apontando discretamente com o queixo. Agradei aos óculos escuros, podia fingir que não o estava vendo, quando na verdade acompanhava o rinoceronte sem perder um passo sequer.

Sunga escura, os cabelos presos em um rabo de cavalo e uma camiseta branca nos ombros.

— *Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça...* — Tai cantou, acenando quando ele passou e me segurei para não rir.

— *Moço do corpo dourado do sol de Ipanema... é a coisa mais linda que eu já vi passar...* — Kelly entrou na brincadeira e dessa vez não consegui evitar o riso.

Continuamos ali acompanhando o jogo por mais alguns minutos e quando o time fez uma pausa, vi o rinoceronte se afastar com outro jogador. Eu os perdi de vista quando subiram no calçadão.

— Vou comprar uma água de coco — avisei às duas que me olharam sorrindo.

— Bom coco! — Kelly brincou e nem respondi.

Subi em direção ao calçadão e não vi meu rinoceronte, tão pouco o amigo. O sol começou a esquentar e resolvi mesmo comprar uma bebida.

Aproximei-me da barraca, mas desisti do coco e pedi um guaraná caçula bem gelado.

— Pah! — Saltei assustada e cusbindo boa parte do meu refrigerante. Por sorte só sujei as mãos. Reconheci a voz do rinoceronte atrás de mim e me virei sacudindo as mãos, tentando me livrar dos resquícios do refrigerante.

— Qual o seu problema? — questionei irritada.

— Parece que não consigo evitar te deixar molhada, não é mesmo?

— Eu nem vou rebater isso. — Peguei alguns lenços na barraca e limpei as mãos.

— Tava me procurando? — Sorri irônica e neguei desviando meu olhar do dele. — Tava me procurando... — ele afirmou, fazendo-me olhá-lo. Senti-me sendo desarmada com o sorriso que ele me lançou.

— Você é muito convencido, sabia? Eu não estava te procurando, eu subi para comprar uma bebida — avisei, já lhe dando as costas, colocando mais guaraná em meu copo.

— E você ter vindo à praia hoje, nessa praia, foi o quê? Coincidência? — ele sussurrou em meu ouvido com o corpo junto ao meu.

— Eu moro aqui... — tentei responder com firmeza, no entanto, senti meu corpo derreter com essa proximidade. — O intruso é você.

— Eu moro aqui... — ele disse confiante e na mesma hora me virei, e notei o quão próximos estávamos, milímetros nos separavam.

— Um hippie em Ipanema? — debochei sorrindo. — Impossível.

— Por que você acha que eu sou hippie? — Ele cruzou os braços e seus músculos se contraíram, fazendo-me engolir em seco, desviei meu olhar do seu peito e foquei em seus olhos.

— Cabelão, a falta de roupas... — Sem que eu controlasse meus olhos varreram o peito dele outra vez. — O jeito como estava vestido na boate, com aquele colete horroroso, praticamente gritando: *peace and love*. — zombei, e ele sorriu.

— Culpado! — ele soltou como uma confissão. — Gosto do cabelão, me traz certo charme, você não acha?

Nessa hora ele soltou os cabelos que caíram rebeldes em seu rosto e rapidamente ele os jogou para trás, um pecado.

— Quanto a pouca roupa, acho que morar em uma cidade como o Rio de Janeiro explica. Não se pode usar terno com um sol desses e ninguém nunca reclamou.

— Imagino! — Tentei parecer indiferente.

— Quanto ao colete...

— Esse era horroroso — o cortei e peguei o que sobrou do meu refrigerante tomando um longo gole para tentar acalmar esse calor que me queimava por dentro.

— Quanta sede! — Vi que os olhos dele estavam presos em meus lábios.

— Calor! — esclareci, passando a língua nos lábios e tentando voltar às minhas amigas.

— Quer sair comigo? — Congelei no lugar.

— Como? — Me fiz de desentendida, mas comemorei por dentro, fiquei feliz de não ter sido eu a dar o primeiro passo. Acho que não conseguiria.

— Deixa eu te mostrar que não sou um hippie — ergui uma sobrancelha, questionando-o no mesmo instante e ele sorriu. Um maldito lindo sorriso —, quer dizer, que não sou um hippie comum.

— Escuta...

— Hoje à noite, eu te pego em casa. — Ele sorriu de canto, fazendo-me imitá-lo enquanto absorvia o trocadilho em suas palavras.

— Tudo bem! — aceitei com um tom de desafio. — Edifício Coroa Azul, me espere na portaria pontualmente às sete.

— Entendido, Pah. — Vejo que ele se diverte toda vez que me chama assim.

— Me surpreenda! — voltei a desafiar, e ele assentiu de braços cruzados.

— Agora vai ver o jogo, prometo ganhar pra você — ele soou confiante, e sorri incrédula vendo-o descer a areia correndo em direção ao local do jogo.

Me senti uma boba naquela tarde.

Como sempre, muitas mulheres estavam ao redor assistindo e torcendo por eles. Algumas até gritaram o nome dele, o que me incomodou mais do que eu gostaria de admitir. No fim, o time em que ele estava realmente ganhou, e assim que marcou o último ponto me olhou. Eu estava em pé, estávamos nos preparando para voltar para casa, tirei os óculos e quando nossos olhares se encontraram agradei com um sorriso e um sutil aceno de cabeça.

Lembro de chegar em casa sorrindo e de não entender o porquê...

Seis

27 de março de 1980

Querido diário,

Eu estava decidida a não contar às meninas sobre o nosso encontro. Eu não tinha grandes expectativas sobre onde iríamos, estava mais preocupada com o que viria depois. Só então, quando tudo acontecesse, elas saberiam, e Noah seria um assunto encerrado, minha diversão, minha despedida de solteira.

Como eu não vi que ele nunca foi uma diversão?

Noah foi o primeiro homem que me fez desejar o sexo, o primeiro que eu quis para o sexo. Antes dele eu sempre via o ato como uma obrigação no relacionamento, a parte menos prazerosa e mais desgastante. Tinham dias que eu até queria, não dependia de mim, o lado humano falava mais alto, mas sabendo que seria com Carlos, e como seria, minha vontade passava, e quando ele queria ou era por obrigação ou eu inventava uma desculpa, geralmente dor de cabeça, e ficava feliz por ele não insistir. Ainda não acredito que era com ele que eu planejava me casar.

Mas quem diria que uma boneca de Ipanema seria conquistada por um hippie?

Rio de Janeiro, outubro de 1977

Olhei no relógio, faltavam vinte minutos para as sete e já tirei todas as minhas roupas do guarda-roupa. Ainda não consegui me decidir por nenhuma. Em um ato de desespero chamei a Tai e disse que não tinha roupas para sair com o rinoceronte. Ela passou vários minutos gritando antes de conseguir focar no meu problema... Também tiramos as roupas dela do guarda-roupas e nada parecia servir, como último recurso ligamos para

Kelly, que também passou vários minutos gritando e trouxe todas as roupas que encontrou, porém, as roupas dela não faziam o meu estilo.

— Sem querer ofender, mas não vou me vestir como uma prostituta.
— Foi a minha resposta a um vestido vermelho com decote até o umbigo.

— Quem perde é você, esse decote facilita o acesso.

Até tentei sorrir da brincadeira dela, mas estava nervosa demais com os minutos passando e a única coisa que eu tinha conseguido definir era minha calcinha e sutiã.

— Pah, o cara é todo bicho-grilo, se você for enrolada em papel higiênico ele vai achar lindo. — Tai soltou, jogada em cima da minha cama enquanto continuava testando combinações.

— Vamos até a praia e a gente arranca umas folhas das palmeiras, faz uma saia, um top e vai ficar perfeito — Kelly brincou, e as duas riram em cima da minha cama.

— Querem parar?! — as repreendi preocupada. — Isso é sério, só tenho essa noite, então tenho que estar com uma roupa que diga que eu quero sexo, porém que não estou facilitando.

— Mas você está facilitando...

— Eu sei, vocês sabem, mas ele não precisa saber.

— Quer o vestido decotado? — Kelly ergueu novamente o vestido vermelho.

— Não! Esse aí diz: vamos pular o jantar e ir direto para sobremesa — comentei, visualizando a roupa perfeita. — Achei!

— Aleluia! — as duas saltaram juntas.

Para fazer surpresa às duas, peguei uma pequena pilha de roupas onde minha escolha se camuflava e fui ao banheiro.

Contorci-me, prendi a respiração e consegui subir o vestido. Fazia anos que eu não o usava, ele era bem justo e ficava uns dois dedos abaixo do meio das coxas. Ajustei as alças grossas que passavam por trás do pescoço deixando um maravilhoso decote em triângulo que nesse momento fez meus seios saltarem.

— O que acham? — perguntei, voltando ao quarto.

— Adorei! — Kelly comentou empolgada e levantou da cama para me ajudar com o zíper.

— Branco, Pah? — Tai me olhou sem muita animação.

— Qual o problema? O vestido é sexy, mas a cor vai me deixar com um ar angelical — defendi minha escolha e ela pareceu entender.

— Só não respira muito fundo senão você arrebenta o zíper. — Assenti nervosa diante do aviso da Kelly.

Escolhi saltos grossos e conferi se meu delineador ainda estava no lugar.

— Pah, tá ótimo, vai logo, ele já deve estar lá embaixo... — Peguei minha bolsinha em cima da cama e sorri para as duas que ficaram de arrumar o apartamento para o caso de o rinoceronte ter mentido sobre morar em Ipanema e tentar me levar para um muquifo em qualquer canto da cidade.

Durante o caminho até a portaria fui mentalizando meu plano: sair com ele, jogar charme e ter uma noite tórrida de amor, como sugeriu Kelly.

Não vi ninguém na portaria, então decidi sair do prédio e meus olhos não acreditaram no que estavam vendo. O rinoceronte estava de conversa e cheio de sorrisos com uma loira, que por coincidência, ou praga da Kelly, usava um vestido vermelho com decote até o umbigo.

Parei atrás dele de braços cruzados e limpei a garganta. Ele se virou ainda sorrindo. Meu olhar para a loira não podia ser mais exterminador.

— Demorei? — perguntei, tentando ignorar a presença da loira que jogou a ele mais um sorriso antes de sair.

— Claro que não. — Ele sorriu despreocupado e só então reparei em como ele estava vestido.

— Me diz que ainda vamos passar na sua casa e você vai trocar de roupa? — Franzi o rosto, vendo que ele usava chinelos, bermuda, uma camiseta branca e aquele colete horroroso.

— O colete, né? Sei que você detestou, mas achei que seria uma bela homenagem. — Acabei sorrindo diante da animação dele e certa ingenuidade por achar que só o colete me incomodou.

Respirei fundo e decidi ignorar aquilo e focar nele.

— Então, aonde vamos jantar? — perguntei animada, e ele sorriu me oferecendo o braço.

Estranhei o fato de seguirmos andando, mas não disse nada, apenas entrelacei nossos braços e o segui. A noite estava bonita e fria, então atravessamos para caminhar pelo calçadão.

Por onde passávamos chamávamos a atenção das pessoas. De início achei que era devido à estranha combinação. Uma dondoca, como diriam as meninas, de vestido de grife e saltos ao lado de um hippie de cabelão, bermuda e chinelos, porque era isso que eu via. Não dissemos nada durante o trajeto, mas vez ou outra eu acabava erguendo a cabeça e nossos olhos se encontravam. Ele sempre estava me olhando e sorrindo feito um bobo, o que acabava me deixando boba também.

Depois de certo tempo percebi que os olhares eram na verdade para ele, e em sua grande maioria vindo de mulheres. Passei a me incomodar e encarar a todas que o olhavam. Será que não viam que ele estava acompanhado?

— Quero te levar para conhecer o bar de um amigo meu... — Essa frase desviou minha atenção de uma loira de sainya apertada que estava babando enquanto encarava o rinoceronte.

— O quê? — Parei no meio do calçadão sem acreditar. — Um bar?

— É, e você vai gostar, fica mais ali na frente... — Ele apontou animado e me puxou pela cintura.

Achei que era algum tipo de brincadeira e caminhei completamente estarrecida, mas não era brincadeira, realmente chegamos a um bar.

— Alfredo! — ele gritou ainda da rua e foi entrando praticamente me deixando sozinha na calçada.

Pensei em ir embora na hora, mas se eu fizesse isso as duas iriam, com certeza, me matar. Então, respirei fundo e entrei naquele lugar indo em direção ao rinoceronte que estava recostado no balcão muito à vontade.

— Alfredo, essa é a Pah... — ele me apresentou a quem parecia ser o dono do estabelecimento.

— Oh! Mas o que temos aqui? Encantado, dona Pah. — O senhor me estendeu a mão e retribuí o cumprimento.

— Patrícia! — acrescentei, e ele sorriu em minha direção.

— Alfredo, mas fique à vontade para me chamar de Fred... — Assenti quando ele nos deixou para atender um cliente.

— Então, cerveja e bolinho de bacalhau, ou você prefere queijo? — Meu queijo deve ter ido ao chão. Forcei um sorriso e optei pelo bolinho.

Esse definitivamente era o pior encontro da minha vida, acho que não só da minha, mas creio que na história do mundo não existiria pior primeiro encontro que esse.

As cervejas chegaram e por sorte estavam geladas, eu não era fã de cerveja, mas se queria resistir até o fim disso era melhor que eu bebesse, bebesse muito.

Os minutos pareciam se arrastar naquele lugar, que por sinal estava cheio, e nós estávamos em pé naquele balcão. Meus pés começaram a doer, mas mantive a pose e um sorriso no rosto.

Noah parecia ser bem famoso naquele lugar, entre aquelas pessoas. Todo mundo que se aproximava parecia conhecê-lo. Todos lhe cumprimentaram, principalmente as mulheres. Ele estava à vontade, se sentindo em casa, enquanto eu claramente era àquela peça do quebra-cabeça que não se encaixava, completamente deslocada e sem graça. Tenho certeza de que ele percebeu isso no instante que mencionou que iríamos a um bar.

Não posso dizer que não fui surpreendida naquela noite, além do ambiente inusitado, a todos que se aproximaram eu fui apresentada. Noah não se afastou de mim para nada. Uma de suas mãos estava na base da minha coluna, deixando claro que estávamos juntos ali. Detestei o lugar, mas apreciei aquele gesto.

É claro que antes da nossa noite acabar eu tinha que ser surpreendida outra vez...

Voltamos caminhando pela praia, nunca fiquei tão grata por isso, pude tirar os saltos que estavam me matando.

Paramos na frente do meu prédio e nos encaramos por alguns segundos. Até que não tinha sido tão ruim e agora seria a parte pela qual esperei e suportei essa noite.

— Boa noite. — Suas palavras e um beijinho rápido no rosto foram como um balde de água fria.

— O quê? — Fiquei encarando-o sem entender o que estava acontecendo.

Era isso? Depois de todo aquele flerte, de toda aquela provocação no banheiro da disco, na praia, ter me convidado para sair, eu ganhei um *boa noite* e um beijinho no rosto?

Meu Deus, ele era um Carlos na versão hippie... Qual o meu problema? — me questionei, sentindo lágrimas de frustração nos olhos.

— O que você vai fazer amanhã? — A pergunta dele me surpreendeu e depois de hoje, com esse final patético, acho que dispensaria qualquer convite.

— Por quê? — Tentei esconder minha decepção.

— Ia te convidar para jantar.

Fiquei tentada a dizer que não, ou dizer que iria trabalhar, mas depois de tudo e, principalmente, de ter suportado essa noite em um bar de esquina, eu me recusava a desistir agora.

— Eu só aceito com uma condição — disse firme, e ele me olhou intrigado.

— Qual?

— Dessa vez vamos a um lugar onde se coma sentado, com talher, garçons e de preferência na nossa própria mesa.

— Tudo bem — ele concordou com um sorriso lindo no rosto.

— E sem esse colete horroroso — acrescentei, e ele sorriu mais ainda em concordância.

— Você manda, Pah. — Dei um sorriso de lado antes de entrar no meu prédio.

Parei na portaria me sentindo tentada a olhar para trás. Quando fiz isso vi que ele continuava na calçada me olhando e sorrindo como um bobo. Correspondi com um sorriso e um aceno antes de me virar e seguir para o meu andar.

Sete

29 de março de 1980

Querido diário,

Depois daquele primeiro encontro horroroso eu não sabia o que pensar sobre ele. Eu não o entendia e me sentia confusa. Cogitei ser algum tipo de teste ou uma brincadeira, pensei até em não ir, mas me incentivei a tentar novamente e dessa vez fazer as coisas terminarem como eu queria...

Rio de Janeiro, outubro de 1977

Na noite seguinte o desespero por uma roupa continuava o mesmo, revirei todo meu guarda-roupa e nenhuma combinação parecia boa o bastante.

— Já disse que se você for enrolada em papel higiênico ele vai achar um barato — Tai insistiu, e joguei no rosto dela uma blusa. — Calmaaa!

— Depois do fiasco de ontem eu preciso de uma roupa que diga: vem quente que eu estou fervendo.

— Você sabe que pode usar a boca pra essa função, não sabe? — ela provocou, e dei de ombros.

— Cadê a Kelly? — perguntei nervosa.

— Deve estar chegando, ela disse que tinha uma surpresa — comentou, revirando alguns vestidos.

— Acho que vou aceitar aquele vestido vermelho com o decote — disse diante do espelho com um vestido azul em frente ao corpo. — E se ele não estiver interessado? — questionei preocupada e Tai me ignorou.

— Chegueeeeeei! — Kelly entrou aos gritos no quarto e com uma enorme sacola nas mãos.

— Como você entrou? — perguntei sem entender.

— Você me deu uma cópia da chave — respondeu tranquila e se jogou em cima da cama.

— Vocês sabem o que significa emergência? — reclamei e as duas se entreolharam e deram de ombros.

— Se você continuar reclamando não te dou isso. — Ela balançou a sacola na minha frente.

— O que é? — Olhei curiosa.

— Abre! — Kelly incentivou e mesmo sem muita certeza puxei o lacinho da sacola e retirei o que tinha dentro.

— É lindo! — soltei encantada com o vestido vermelho.

Corri para frente do espelho e coloquei o vestido na frente do corpo, era perfeito. Um vestidinho todo rodado, com decote em *V* e alças fofas como se fossem duas abas... Esse é *O* vestido.

Não perdi tempo e fui logo colocando o vestindo, Kelly me ajudou com o zíper. Ficou ótimo, apertando nos lugares certos, com um ótimo comprimento e dessa vez iria com saltos finos.

— Não exagerei? — questionei às duas.

— Se ele for te levar novamente em um boteco, com certeza.

— Eu exigi cadeira e mesa dessa vez — lembrei, enquanto passava delineador.

— Boteco também tem cadeira e mesa — Tai brincou, e tentei não rir para não borrar o traço.

Olhos feitos...

— Acabei! — As duas me analisaram da cabeça aos pés e fizeram sinal de positivo.

Mantendo a velha chama da esperança pedi que elas arrumassem o quarto, porque hoje iríamos subir, nem que eu tivesse que bancar a neandertal e arrastá-lo pelos cabelos.

Dessa vez quando cheguei à portaria ele estava me esperando, e já fiz cara feia.

— Você pode ao menos fechar a camisa? — pedi sem ânimo.

Ele não estava muito diferente da noite anterior, bermuda, chinelos, cabelão solto e agora uma camisa de botões, porém toda aberta deixando a maravilha de peito que ele tinha completamente exposto.

— Tá calor, Pah, você não tá sentindo? — Neguei sem muita animação a questão dele. Pelo visto Tai tinha razão, iríamos a outro boteco.

— Lembre-se do que me prometeu: cadeiras e talheres — avisei e ele sorriu.

— Eu não prometi, você exigiu — ele soltou divertido, e dei de ombros.

Como ontem ele me ofereceu o braço e já me via com dor nos pés no fim da noite, mas dessa vez valeria a pena ou não me chamava Patrícia Queiroz de Albuquerque.

A cena de ontem se repetiu como um déjà-vu, andamos lado a lado pelo calçadão atraindo olhares, ele atraindo olhares. A noite estava linda e as ruas estavam movimentadas.

— Por aqui... — Ele me puxou pelas mãos e atravessamos a rua.

Entramos em uma rua que conhecia bem e sabia aonde levava, mas ele não me levaria lá ou levaria?

— Chegamos! — ele anunciou e meu queixo foi ao chão, não acredito. Ele devia estar louco.

— Que brincadeira é essa? — perguntei perdida, e ele me olhou sem entender.

— Você disse que queria mesas, cadeiras e comer com talheres... Não gostou?

Olhei a entrada do restaurante encantada, estávamos na frente do Antoine, o melhor e mais exclusivo restaurante francês do Rio, as reservas eram de meses.

— Como conseguiu uma reserva? — indaguei animada quando entramos.

— Tenho amigos aqui... — ele respondeu fazendo pouco caso, e olhei tudo maravilhada.

O lugar realmente merecia todos os elogios que recebia. Um espaço amplo, bem iluminado, com lustres enormes espalhados por vários pontos. Tudo muito luxuoso e requintado, eu me senti em casa.

Uma morena nos recepcionou, e, claro, conhecia o rinoceronte. Revirei os olhos com os sorrisos que os dois trocaram. Limpei a garganta para lembrar aos pombinhos a minha existência, ele me apresentou à morena e finalmente fomos levados aos nossos assentos. Uma ótima mesa por sinal, próxima à janela e praticamente em frente à orquestra que parecia alheia à presença de todo mundo e tocava em seu mundo particular.

— Gostou? — ele sussurrou em meu ouvido enquanto puxava a cadeira para que eu sentasse.

— Perfeito! — respondi com um sorriso enorme e ele logo se sentou à minha frente.

Sem poder me conter, olhei ao redor e reparei nos olhares em nossa direção. Dessa vez não eram mulheres com admiração, eram olhares de

reprovação na direção do rinoceronte, já que todos estavam perfeitamente alinhados em suas roupas caras e ele bem à vontade com a camisa aberta, bermuda e chinelos.

— Tem certeza de que quer ficar aqui? — cochichei, debruçando-me sobre a mesa.

— Claro, você não? — Ele se debruçou também e tocou minhas mãos.

— Não precisamos ficar aqui se você não quiser. — Senti-me tão encantada com o lugar que só agora me dei conta que ele provavelmente não teria como pagar nosso jantar sem ficar no vermelho, não queria isso.

— Não é o meu lugar favorito na cidade, mas, cadeiras, talheres e mesa...

— Noah, eu não acho cer...

— Fala de novo? — ele me cortou.

— O quê? — Pisquei confusa.

— O meu nome, é a primeira vez que você diz em voz alta. — Sorri sem graça. No mesmo instante me afastei e me encolhi na cadeira, nem percebi o que havia dito. — Você ficou vermelha? — ele provocou rindo.

— Para! — o repreendi constrangida, e ele gargalhou, recostando-se na cadeira.

O garçom apareceu e notei a confusão em seus olhos. Segurei o riso enquanto ele olhava de mim para Noah perdido, como se ele estivesse fazendo uma conta complicada na cabeça. Sabia bem como ele se sentia, olhando Noah e eu, a conta parecia não bater, mas, de repente, senti que éramos uma soma perfeita, dois números ímpares que originavam um número par.

Minha atenção foi atraída pelos burburinhos da mesa ao nosso lado, onde três mulheres, por volta dos cinquenta eu diria, talvez menos, com ar de

dondocas, estavam com os olhos vidrados em Noah, mas especificamente em seu peito, ele estava recostado na cadeira, bem à vontade, como se estivesse no sofá de sua casa, alheio a tudo, enquanto conversava com o garçom sobre vinhos.

Assim que o garçom anotou nossos pedidos e se foi, foquei minha atenção em Noah que continuava à vontade, mostrando do Leme ao Pontal com essa blusa aberta.

— Fecha essa camisa — tentei não deixar soar como ordem —, está atraindo visibilidade. — Indiquei as três mulheres na mesa ao lado e ele ainda as cumprimentou com um sorriso sedutor.

— Nem tinha notado.

— Seu Noah? — um garçom baixinho o chamou, e pelo sorriso já vi que se conheciam.

A formalidade com que o garçom o tratou me deixou intrigada, cruzei os braços em cima da mesa e observei a cena.

— Alguns clientes estão incomodados com a sua camisa aberta. — Notei que o garçom pareceu sem jeito e Noah me olhou, apenas me recostei na cadeira com meu olhar de: eu avisei.

— Desculpa, eu realmente não percebi que estava aberta, que cabeça a minha. — Vi a ironia em suas palavras.

— Ahhhh! — Um coro lamentou ao nosso lado quando ele fechou o botão do meio.

— Ahhh o que, minha senhora? — questionei, olhando as três dondocas. — Confessa que você gosta de chamar atenção?

— Incomoda?

— Quem é você? — perguntei curiosa, e ele me olhou sem entender.

— Como quem sou eu? — Nosso vinho chegou primeiro, e Noah dispensou o garçom e com muita habilidade serviu a minha taça e a dele.

— Em um dia você me leva a um boteco de esquina para tomar cerveja com bolinhos, no outro estamos em um restaurante cinco estrelas, onde claramente você conhece todo mundo e entende tudo sobre vinhos. Sem contar o incidente na boate e os seguranças chamando você de Chefe... Quem é você?

— Quem você acha que eu sou? — Ele se debruçou sobre a mesa, bebendo um pouco do vinho.

— Alguém que confunde a minha cabeça — confessei também debruçada e com o rosto próximo ao dele, desafiando-o e tentando entendê-lo.

— Eu confundo você? — Noah pareceu surpreso e assenti sorrindo.

— Muito... — Estávamos a centímetros um do outro. — Desde que nos conhecemos você me provoca. Faz trocadilhos, me agarrou em um banheiro — sorrimos quando digo isso —, me convenceu a sair com você e quando tem uma chance, me dá um beijinho no rosto e diz boa noite? O que você quer?

— Eu quero tudo, Pah, menos confundir a sua cabeça. — Nossos narizes se tocaram e ele resvalou seu rosto no meu. Fechei os olhos sorrindo ao sentir uma de suas mãos deslizar por meu rosto em direção à minha nuca...

— Alguém ajuda! Socorro! — Um grito nos despertou e me afastei dele rapidamente.

Olhei em volta e as três senhoras da mesa ao lado agora estavam em pé.

— Tem algum médico aqui? — Noah e eu levantamos juntos. — Ela engasgou.

Antes que eu me aproximasse, Noah se posicionou atrás da mulher e vi que ele se preparou para realizar a manobra de *Heimlich*^[2].

— Você precisa pressionar o diafragma como se estivesse cavando alguma coisa — disse apressada, e ele assentiu. — Outra vez...

Ele fez três compressões e nada, vi a mulher ficando vermelha. Eu o incitei a fazer outra e outra.

— Mais forte! — Nem bem terminei a frase, a mulher cuspiu, em cima da mesa, o que pareciam ser peças de uma dentadura.

Coloquei a mão na boca e tentei não rir. Noah perguntou se ela estava bem e quando ele me olhou percebeu que estava com lágrimas nos olhos e respirando fundo.

— Vamos embora! — ordenei, já pegando a minha bolsa.

— O quê? Mas e o jantar?

— Eu não... — Tentei me controlar, mas o riso começou a escapar quando tornei a olhar na mesa e vi as peças ali. — Te espero lá fora.

Saí quase correndo daquele lugar e assim que cheguei à calçada comecei a rir. Sei que eu não deveria estar rindo, aquela mulher poderia ter morrido, mas não conseguia me conter. Não sabia se estava rindo por ter achado engraçado ou rindo do meu azar.

— É inacreditável, Patrícia — debochei de mim mesma.

Quando Noah finalmente apareceu, me encontrou recostada na parede do restaurante ainda rindo sem controle. Ele se aproximou sem dizer nada, apenas me observou enquanto tentava recuperar o fôlego e parar de rir.

— Como ela ficou? — perguntei, respirando fundo e deixando as últimas risadas saírem.

— Vai viver — respondeu, encurralando-me na parede. Minhas risadas sumiram no mesmo instante. — Acho que deixamos um assunto pela

metade.

Os olhos dele deixaram os meus e se focaram em meus lábios. Mordi meu lábio inferior ao ser prensada na parede com o peso daquele corpo robusto, eu praticamente sumi ali. Seus lábios roçaram nos meus fazendo-me desejá-los. Em um gesto automático e desesperado meus braços envolveram sua cintura e finalmente sua boca tomou a minha. Quis gritar, mas meus suspiros estavam sendo roubados por ele naquele momento. Ele parecia querer me devorar e eu quis ser devorada, ali mesmo, na frente daquele restaurante.

— Noah... — consegui dizer quando seus lábios desceram pelo meu pescoço buscando meu ombro. — Noah, o restaurante, as pessoas — soltei apressada e quase gemendo. Se ele continuasse com a boca na minha orelha desse jeito, não sei quanto tempo mais resistiria antes de tirar a roupa dele.

Sem dizer nada, Noah me arrastou para a rua ao lado do restaurante. Rua era até um elogio, na verdade, era uma viela mal iluminada.

Meu corpo bateu contra a parede fria e em seguida seu corpo voltou a me comprimir, dessa vez me deixei levar. Larguei minha bolsa que caiu em um canto qualquer. Procurei aquele único botão que ele fechou para abrir, e com as mãos espalmadas em seu peito me liberei daquela camisa.

Parecíamos dois animais selvagens... Não me reconhecia, neste momento fui tomada por um desejo que eu não podia controlar e acreditava que o mesmo acontecia com ele. Suas mãos subiram impacientes por minhas pernas, levantando meu vestido, me tocando, me apertando, meu corpo incendiou... Cravei as unhas em seus ombros e arfei sofrida contra os seus lábios quando uma de suas mãos deslizou para o meio das minhas pernas, invadindo minha calcinha e me tocando ali.

Foi uma sensação nova. Eu nunca havia sido tocada desta maneira e precisei gritar quando um de seus dedos resolveu se dedicar a um ponto em especial...

— Isso... — arfei, sentindo meu corpo tremer.

Aqueles círculos lentos estavam me deixando fora de órbita e me fazendo desejar mais.

Mais rápido...

Mais forte...

Mais...

— Vão nos ouvir! — ele rosnou contra o meu ouvido e não me importei.

— Mais... — pedi sem ar e tentando não gritar.

Noah me olhou e sorriu com desejo... Minhas mãos mergulharam em seus cabelos e o trouxeram para mim. Dessa vez eu conduzi o beijo, eu o devorei, explorei sua boca e a fiz minha. Puxei seus cabelos com força quando ele intensificou seus movimentos entre minhas pernas e, de repente, eu não estava mais pensando. Meu corpo queimou e se contraiu. Um ardor começou a se formar entre minhas pernas e se espalhar por todo meu corpo... Mordi seu lábio inferior quando o ardor aumentou, tornando-se algo essencial, eu queria e precisava disso. Contorci-me em suas mãos e, para não gritar, mordi seu ombro sentindo uma explosão deliciosa entre minhas pernas que me fez tremer e quase desmaiar.

Apoiei-me na parede de olhos fechados. O som da minha risada contida ecoou, como um sussurro, naquela viela. Isso foi muito mais do que já consegui sozinha, acabei de ter um verdadeiro, e grandioso, orgasmo.

Abro os olhos quando sinto as mãos de Noah descendo por minhas pernas, ele estava retirando a minha calcinha. Saí dela e sorri quando ele a pegou, dobrou e colocou em cima da minha bolsa.

Com os olhos fixos nos meus, ele me envolveu em seus braços outra vez. Impressionante como sumia entre eles... Vi em seus olhos algo absolutamente novo para mim, desejo, o mesmo que eu continuava sentindo. Não era uma obrigação, eu ainda o queria, mesmo depois de um orgasmo eu ainda o queria. Sentia fome dele e neste momento eu o desejava como nunca desejei nada na vida.

Sem perder tempo, minhas mãos desceram até aquela bermuda e xinguei quando um dos botões pareceu não querer abrir. Noah riu contra o meu pescoço, essa parecia ser uma área que ele adorou. Sorri com lascívia ao notar que ele não estava de cueca, estava começando a gostar desse fácil acesso... A visão era impressionante, como tudo nele. Era bonito, grande, grosso, realmente esse homem merecia o título de maravilha.

Novamente suas mãos levantaram o meu vestido. Sem o menor pudor, saltei nele, passando as pernas em sua cintura e batendo contra a parede quando ele me penetrou. Dessa vez foi ele quem gemeu, um ruído rouco, quase um rugido, que estremeceu naquela viela.

— Vão nos ouvir... — repeti ofegante a frase dele de há pouco enquanto me perdia em seu pescoço, em seu corpo, sentindo seu cheiro, lambendo e mordendo sua pele, tentando matar a minha fome.

A cada nova estocada sentia meu corpo bater levemente contra a parede e não me importava. Eu estava sendo apresentada a novas sensações, eu estava sendo apresentada ao meu próprio corpo. Partes que eu desconhecia se contraíram, queimaram e vibraram de uma maneira tão poderosa que o único modo de expressar o que sentia eram com gemidos. Um grandioso show de sons desconexos e involuntários que escapavam a cada segundo.

Os lábios dele pareciam estar em todos os lugares, meu pescoço, meu ombro, seguindo em direção aos meus seios... Queria que ele os tomasse, mas também sabia que tínhamos limitações e mesmo que seu toque fosse sobre o vestido eu me sentia arder.

Algo maravilhoso era senti-lo dentro de mim, me abrindo, sendo envolvido e recebido com carinho e desejo por minha carne. Minha cabeça pendia para trás, para os lados, meu corpo parecia mole. Eu estava em um mundo de prazer particular. Totalmente em êxtase.

Sorri de forma audível quando aquele ardor delicioso voltou a se formar entre minhas pernas, meu corpo se contraindo, dessa vez com mais força... Sob o meu toque os músculos dele também se contraíram e exigi

mais. Mais rápido, mais forte, mais fundo, mais selvagem... Eu não mandava nas minhas palavras, elas apenas saíam. Não era nada sujo, eram comandos que eu nunca havia dito e nem sabia que teria coragem de dizer.

Eu sentia que ele estava tão próximo quanto eu, então roubei seus lábios, queria roubar seus suspiros, eu queria tudo dele. Noah me colocou no chão, sabia o que ele pretendia fazer, não queria que parasse, não agora. Eu o tranquilizei informando que tomava pílula. Então, sorrindo, ele intensificou suas investidas, levando nós dois, praticamente juntos, ao ponto máximo de prazer.

Senti meu corpo estremecer e quase caí, mas fui amparada por Noah que sorriu em minha direção... Ouvimos algumas vozes e ele se comprimiu contra mim tentando manter nós dois o mais escondidos possível naquele lugar, se fôssemos pegos era cadeia na hora.

Tive que cobrir a boca com as mãos, porque de algum modo essa possibilidade me pareceu engraçada, eu, Patrícia Queiroz de Albuquerque, presa por atentado violento ao pudor.

Enquanto Noah olhava para a saída da viela, tentando ter a certeza de que era seguro nos mexermos, meus olhos se fixaram nele, sentia-me completamente fascinada. Seus cabelos estavam bagunçados de um jeito encantador e sem poder resistir, passei as mãos tentando arrumar, o que fez com que ele imediatamente me olhasse... Toquei seu rosto com carinho, sentindo os contornos e vendo-o se desmanchar ali, com seu rosto entre minhas mãos. Sem pensar muito, eu o trouxe para mim e nos beijamos, dessa vez sem o desespero de antes, era calmo, lento, um beijo aproveitado, demorado e que me tirou do chão.

Cada detalhe daquela noite continua vivo em minha memória. Cada sensação, cada toque, tudo foi único... Dizer que foi bom não faria jus ao que fizemos. Eu não fui simplesmente apresentada ao sexo, fui apresentada a mim mesma. Fui apresentada a sentimentos que eu não sabia que poderia sentir, e eu senti medo, na verdade, eu fiquei apavorada...

Oito

Fechei meu diário sorrindo triste...

Como somos bobos diante do amor. Muitas vezes fugimos dele por medo de sofrer, de nos magoar. Esquecemos que amor também é felicidade. Uma felicidade que anda lado a lado com a dor, de mãos dadas mais precisamente, como irmãos. Isso nos assusta e nos fascina.

Uns querem o amor, querem os riscos, querem sentir a dor, querem a felicidade, a tristeza, as brigas, querem a fossa, querem sentir que estão vivos, que possuem um coração... Outros preferem evitar os riscos e se auto proteger. Dizer que sozinhos nos bastamos é mais fácil do que admitir que estamos com medo. E o que é o medo se não a manifestação das nossas incertezas, das nossas inseguranças... Aquela voz no fundo da cabeça que diz que não vai dar certo e que vamos nos magoar.

Segundo a psicologia, quando estamos com medo nosso corpo e mente entram em alerta, surgem duas opções instantâneas e involuntárias: lutar ou fugir, o corpo se prepara para as duas opções e eu tinha as duas bem claras na minha mente... Eu não entendia o que estava sentindo, então escolhi a saída que para mim era a mais fácil e menos dolorosa, eu fugi...

30 de março de 1980

Querido diário,

Essa é uma das anotações mais embaraçosas. Como uma adolescente, passei a evitar Noah, na verdade, eu não sabia como lidar com as coisas que estava sentindo e querendo.

Lembro bem da minha ingenuidade por achar que podia sumir da vida dele. Mais do que nunca, passei a evitar a praia. Se ele aparecia em meu prédio recebia sempre o mesmo recado: “ela está trabalhando”. Com cinco dias ele desistiu, bom, achei que ele tinha desistido. Em minha mente assustada eu acreditava que ele tinha percebido que havia sido apenas algo

de uma noite, que o que eu queria dele era sexo e que assim que obtive ele deixou de importar. Era com esse discurso que eu tentava me convencer de que não estava fazendo a maior burrada da minha vida.

Mal sabia eu que eu não estava simplesmente evitando o cara com quem tive o melhor sexo da minha vida. Não era um carinha sem importância que eu conheci na praia. Era o homem da minha vida e eu estava mesmo disposta a deixá-lo escapar...

Rio de Janeiro, outubro de 1977

Depois daquele dia eu passei a fugir de Noah, cogitei até voltar a morar com a minha mãe em São Paulo, mas já imaginei as discussões que viriam, e, com certeza, ela tentaria, de novo, me casar com o primeiro velho milionário que aparecesse. Então, como uma adolescente de quinze anos, eu passei a me esconder. Eu estava a ponto de mandar Luís, meu porteiro, dizer que eu havia me mudado, mas hoje quando acordei não havia recado dele, considerei uma vitória. Seria uma boa sexta-feira, então coloquei meu uniforme e saí para o PS, hoje trabalharia de manhã e iria cobrir uma amiga à tarde.

A manhã passou voando. Deixei a sala dos curativos e fui para a triagem dos pacientes, área de grande movimento, felizmente, as meninas estavam comigo agora pela tarde, mas o lado ruim era que não estavam falando comigo, estavam com raiva por eu estar ignorando o rinoceronte.

— Vocês não vão mais falar comigo? — questionei às duas que estavam na sala de curativos, eu não tinha muito tempo.

— Vai continuar ignorando aquela delícia de homem? — Kelly perguntou, e revirei os olhos.

— E vale ressaltar o homem com quem você teve o melhor sexo da sua vida... — Tai completou, e cruzei os braços.

— Primeiro, Elvis, meu amor supremo, morre, depois você dispensa aquele deus grego... O que mais falta acontecer? — Kelly continuou a

reclamar e não as entendia.

— Qual o problema de vocês? — perguntei irritada, e elas me olharam confusas. — Vocês disseram para eu me divertir, aproveitar, fazer minha última loucura antes de casar e *blá, blá, blá...*

— Exatamente, se divertir, não dar uma rapidinha e se esconder como se estivesse devendo grana ao cara. — Sorri incrédula das acusações de Kelly.

— Na boa, Pah, a gente queria que você se divertisse, conhecesse alguém legal e percebesse que você merece mais do que o Carlos.

— Isso! Poxa, Patrícia, você é linda, divertida, inteligente... Tudo bem que às vezes é dondoca demais, e eu fico querendo te estrangular, mas você merece alguém melhor do que aquele alface. A gente só queria que você percebesse que tem um leque de opções para você escolher antes de se amarrar para sempre. Nós não queremos que você seja infeliz.

— Nós só queremos a sua felicidade, Pah, aproveita mais um pouco antes que seja tarde e...

Desviei meu olhar quando Tai mencionou isso. Como elas não estavam falando comigo, tinha algo que elas não sabiam.

— Já é tarde, não é? — Assenti ao questionamento secreto dela. Tai me conhecia melhor do que ninguém.

— Tarde pra quê? — Kelly olhou nós duas sem entender.

— Carlos a pediu em casamento — Tai anunciou e não ousei desmentir.

— Por favor, em nome do meu santo Elvis, me diz que você não aceitou? — Olhei as duas sem jeito.

— Quando? — Tai perguntou, respirando fundo.

— Ontem à noite... — sussurrei e as duas assentiram. — E como já imaginam, eu aceitei.

— Patrícia, eu quero estrangular você! — Kelly praticamente gritou, assustando-me. — Como você aceita se casar com aquela planta em forma de homem depois do que aconteceu com o Noah?

— Foi a minha despedida — me defendi, e as duas reviraram os olhos.

— Despedida da vida, Pah, eu não acredito! — Tai também gritou.

Tentei argumentar com as duas e dizer que o estrago já estava feito. O que eu podia fazer? Carlos chegou ontem de surpresa, cozinhamos, ouvimos algumas músicas e no meio do jantar veio o pedido, eu não tive como dizer não.

— Olha como você fala, Pah, estrago? Você não teve como dizer não? Realmente vai ser a união mais feliz da história.

— Patrícia depois de tudo que aconteceu... — Kelly me interrompeu quando ameacei rebater. — Esquece o sexo, falo dos sentimentos, das coisas que você disse que sentiu...

— Todas ligadas ao sexo — cortei a minha amiga, e ela sorriu com ironia.

— Cai na real, Patrícia, você está interessada no Noah — ela soltou tranquila.

— Eu? Apaixonada por aquele hippie? — Sorri em deboche.

— Eu não disse apaixonada. — Revirei os olhos para a provocação dela. Minhas melhores amigas cruzaram os braços e me olharam com acusação.

— Querem saber? Eu vou trabalhar... A entrada da emergência está lotada, fim de tarde, vocês sabem como é. — Virei-me para sair e as duas sorriram atrás de mim.

— Negue o quanto quiser, Patrícia, mas você vai ver que eu tenho razão. Você gamou no cara. — Neguei diante da provocação de Kelly e fui em direção ao setor de triagem do *PS*.

Reparei em uma pequena confusão armada, algumas enfermeiras alvoroçadas na recepção.

— O que houve? — perguntei enquanto procurava uma prancheta para anotar os dados dos pacientes.

— Tem três homens lindos na triagem, um deles torceu o pé e os outros dois vieram trazer para atendimento.

— E eles estão apenas de sunga, visão do paraíso, Patrícia.

— E por que não tem ninguém atendendo o tal paraíso? — Olhei as três mulheres diante de mim sem entender e elas sorriram.

— Estamos tentando tirar na sorte para saber quem vai... — Sorri da explicação delas e deixei as três nessa discussão indo atender outros pacientes.

Entrei na sala de triagem e vi que estava lotada, olhei no relógio e faltavam vinte minutos para o meu turno acabar, azar de quem viesse à noite. A sala de triagem era onde recebíamos os pacientes, prestávamos os primeiros atendimentos e avaliávamos os casos antes de chamar um médico. A sala era grande com várias macas e cortinas que as isolavam como boxes caso fosse necessário um atendimento mais invasivo.

Atravessei o salão e fui em direção a um rapaz em torno dos trinta e que não parava de chamar uma enfermeira.

— Finalmente uma de vocês apareceu — ele soltou rude quando me aproximei.

— Como o senhor pôde observar, estamos lotados. — Tentei não ser grosseira e mantive um sorriso no rosto, embora a vontade de acertar minha prancheta na cabeça dele fosse grande.

— Mas eu estou ferido gravemente... — Ele mostrou um pequeno corte nas costas, ergui a sobrancelha e tentei não rir, nem sequer estava sangrando.

— Nome do paciente?

— Pah?

Congelei no lugar e apertei minha prancheta reconhecendo a voz atrás de mim.

— Noah? — Minha voz saiu trêmula e engoli em seco.

— Você é enfermeira? — Ele se colocou diante de mim, medindo-me dos pés à cabeça incrédulo.

— É o que diz no meu crachá — rebati, puxando o ar com força.

— Oh, enfermeira, você vai me atender ou não vai? — o paciente do corte me chamou.

— Noah, está doendo, cara! — Vi um homem que parecia ser amigo dele reclamando atrás de mim.

— Você poderia... — Ele apontou o amigo, e assenti.

— Ei, você ia me atender e...

— Corte de canivete, você vai tomar uma antitetânica e vai fazer curativo — avisei rápido, entregando a ele uma guia de atendimento.

— Uau! — Noah pareceu surpreso, e segurei um sorriso.

— Veste a camisa ou vão te colocar para fora... — disse a ele já que eles pareciam ter vindo do jogo de vôlei, estavam de sunga e descalços.

Olhei o amigo dele que me contou que pisou de mau jeito ao saltar para fazer um saque. O tornozelo não parecia quebrado, nem sequer estava

inchado.

— Aparentemente foi uma torção, se tivesse quebrado a dor seria maior e já estaria inchado, mas você vai tirar uma chapa e o médico vai avaliar melhor o seu tornozelo — tranquilizei-o, e ele sorriu em minha direção.

Deixei -os e fui em busca de outro paciente, mas no meio do caminho fui puxada pelo braço por Noah em direção à maca onde o paciente do corte estava, ele deve ter ido para o curativo.

— Você ficou louco? Aqui é meu local de trabalho... — reclamei em um sussurro, vendo-o fechar as cortinas ao redor da maca nos isolando naquele pequeno espaço.

— Por que você está fugindo de mim? — vociferou também sussurrando.

— Eu não estou fugindo, estou trabalhando — respondi e tentei sair, mas ele me impediu quando tentei passar por ele. Uma das mãos dele se espalmou na minha barriga e me puxou para junto do seu corpo, bati com as costas contra o peito dele e fechei os olhos sentindo minha respiração falhar.

— Noah... — soltei ofegante, quase gemendo, já que ele resolveu percorrer meu pescoço de forma preguiçosa com a barba.

Mordi meu lábio inferior com força para não gritar quando ele mordeu a minha orelha.

— Pah, eu não consigo parar de pensar em você e agora com esse uniforme... — ele rosnou em meu ouvido, e senti o meio das minhas pernas se contraindo, fazendo-me sorrir. — Essa saia, essa blusa com esses botões meio abertos, esse decote. — Senti arrepios e deixei a prancheta cair quando sua mão livre percorreu o vão entre os meus seios bem devagar. — O chapeuzinho... É a realização de uma fantasia.

Noah me virou de maneira abrupta, fazendo com que eu me assustasse, puxando ar. Minhas mãos espalmaram em seu peito, seu rosto

roçando no meu... Contive um gemido na garganta quando seus lábios percorreram meu queixo e fui ganhando leves mordidas.

— Diz que você não me esqueceu, diz? — Cravei as unhas em seus ombros quando suas mãos envolveram minha bunda com firmeza, levando-me para mais junto dele.

Desisti de lutar contra o meu corpo e deixei minhas mãos livres para mergulharem em seus cabelos.

Nossos lábios se encostaram e mordi a boca dele, com desejo, com fome, querendo provocar... Até que sem poder me conter eu o beijei, ele, claro, retribuiu e começamos um duelo com nossas línguas por espaço, ambos querendo estar no comando.

Interrompi nosso beijo quando ele tentou me deitar na maca vazia.

— Aqui não, eu posso ser demitida — alertei ofegante e sem poder resistir dei outro beijo nele.

Noah tinha uma boca tentadora e convidativa que me deixava nas nuvens, me roubava o ar... Nós nos afastamos ainda ofegantes e tentei me recuperar.

— Você é rápido! — soltei com espanto, vendo que dois botões da minha blusa foram abertos sem que eu percebesse.

— E você, hein ... Enfermeira? — Ele me olhou com espanto, e abri as cortinas que ele fechou antes que alguém suspeitasse. Para todos os efeitos eu estava atendendo um paciente. — Eu devia ter desconfiado no restaurante quando aquela mulher engasgou, que você trabalhava em um hospital, mas quem diria que uma...

— Uma? — o cortei e provoquei, sabia bem o final dessa frase.

— Uma... Uma mulher assim...

— Uma patricinha? Uma boneca de Ipanema? Uma menina mimada? Melhor, uma dondoca... Quem diria que uma dondoca se preocupasse com

os outros, não é isso que você ia dizer? — Observei, indo em direção a outro paciente, e ele me seguiu.

— Não com essas palavras... — Ele sorriu e não consegui me conter.
— Mas que é estranho, isso é.

— Pois saiba que eu amo o que eu faço, trabalho por amor e não porque preciso.

— Ah, não? — Ele cruzou os braços, curioso.

Preenchi a ficha do paciente sob o olhar atento de Noah, e por alguns segundos esqueci que ele estava ao meu lado e foquei em meu paciente que machucou o nariz.

— Então, você não precisa trabalhar? — ele voltou ao assunto quando mudei de paciente.

— Acha mesmo que com um salário de enfermeira eu conseguiria bancar um apartamento em Ipanema? — questionei, erguendo uma sobrancelha, e ele me olhou pensativo.

— Quem é você, Patrícia? — Vi divertimento em sua pergunta.

— Quem é você, Noah? — rebati e ficamos nos encarando no meio da sala de triagem

— Ahh, eu sabia, quando falaram que tinham três deuses aqui na emergência, só podiam ser os deuses do vôlei. — Kelly surgiu animada e nos fez rir.

— Kelly! — Ele a cumprimentou com um aceno de cabeça.

— E a Tai? — perguntei curiosa, já que elas estavam juntas no curativo.

— Foi bater o ponto, o turno acabou. — Assenti, lembrando-me desse detalhe. — E você, hein, dona Patrícia, nem para avisar que essa emergência estava florida.

— Queria que eu avisasse como? Sinal de fumaça? Um grito no corredor? — brinquei e já me encaminhei em direção à saída da sala, Noah nos seguia e paramos em frente à maca onde o amigo dele estava há pouco. — Seu amigo deve ter ido bater a chapa, é bom ficar em cima do médico ou vocês não saem daqui hoje.

— Nos vemos? — Ele me segurou pelo braço e quis dizer que não, mas eu o queria, nem que fosse uma última vez, só mais uma.

— Você sabe onde eu moro — provoquei, e ele sorriu, mas não me soltou.

— Não vai trabalhar dessa vez? — Senti sua preocupação, e me aproximei dele devagar.

— Amanhã é meu dia de folga, mas prometo usar o uniforme... — sussurrei em seu ouvido e me afastei piscando um olho.

Sorri vendo que ele ameaçou avançar na minha direção, mas o fiz recuar e o lembrei onde estávamos. Sem conseguir tirar um sorriso bobo do rosto fui com Kelly em direção à sala das enfermeiras para bater meu ponto.

— Agora sim, dona Patrícia, a senhora ganhou muitos pontos comigo — Kelly brincou, e não consegui dizer nada, apenas fiquei sorrindo incrédula com o que fiz.

Nove

30 de março de 1980

Querido diário,

Eu me considerava uma mulher controlada, não vivia as loucuras que me cercavam. Quando nós íamos à disco, eu era a única que ficava apenas na bebida, tudo bem que às vezes eu exagerava, mas dançar era o meu grande barato. Eu ignorava o entorno, as drogas e o sexo fácil. Chegava a abominar certos comportamentos comuns da época. As meninas brincavam dizendo que a minha mente era dos anos 50, que eu precisava trazê-la para os anos 70, eu achava impossível, mas Noah me fazia esquecer certos pudores, como me permitir um simples flerte.

Ter ido à praia atrás dele, ter aceitado sair para jantar, sexo em uma viela, as coisas que eu disse e que eu desejei, eu ter prometido usar meu uniforme caso ele aparecesse no meu apartamento não era eu, não a eu de sempre, a que eu estava acostumada a ser, ou fingia ser, a versão aprisionada pelo medo, a que jamais colocaria um par chifres no namorado. Confesso que eu estava gostando dessa nova versão...

Rio de Janeiro, outubro de 1977

Com uma habilidade que eu desconhecia consegui subir, sem rasgar, a meia calça arrastão branca que comprei ontem mesmo quando saí do PS...

— Eu estou morrendo, enfermeira! — Não segurei o riso com o grito de Noah, devia ser a décima vez que ele me chamava.

Mesmo ansiosa não achei que ele viesse ou talvez uma parte bem idiota minha torcesse para que ele não viesse. Eu ainda estava dormindo quando a campainha tocou. Levantei-me quase me arrastando e xingando quem quer que fosse por me acordar de madrugada, achei que era Tai querendo algo e quase caí dura quando vi Noah na minha porta com o maior

sorriso do mundo. Como um furacão, ele entrou já me agarrando e dizendo que estava com saudades. Eu estava em choque e congelei enquanto ele estava a todo vapor e cobria meu corpo de beijos.

Depois do choque inicial me dei conta de que eu deveria estar horrível e tentei sair dos braços dele e me esconder em qualquer lugar.

— Você devia ter avisado que vinha, eu ainda estava dormindo, olha o meu estado! — reclamei e saí correndo para me trancar no quarto.

— Duvido que você consiga ficar ainda mais linda...

Deixei um sorriso escapar e aproveitei para correr ao banheiro e escovar os dentes. Ele continuava insistindo na porta e antes que ele a derrubasse, abri e fui recebida por ele sorrindo feito um bobo apoiado no batente. Fiquei ali parada sem acreditar no que estava acontecendo.

— Eu disse que você estava linda.

— Você é louco! — comentei e me aproximei dele devagar, envolvendo seu pescoço com meus braços e ficando na ponta dos pés para poder beijá-lo.

E de repente eu me sentia tranquila e relaxada, não me importei de estar descabelada, de usar um shortinho simples e camiseta para dormir, e provavelmente com os olhos borrados pela maquiagem. Normalmente eu estaria incomodada com tudo isso, mas essas coisas pareceram insignificantes, e eu só queria, muito, beijá-lo.

— Eu não me sinto bem... — ele disse interrompendo nosso beijo, e o olhei preocupada.

— O que você tem? — Afastei-me e o examinei dos pés à cabeça atenta.

— Meu corpo sente falta do seu... — Fechei os olhos e sorri sem acreditar. — Isso dói, eu não consigo dormir e sinto umas coisas estranhas pelo meu corpo.

— Que tipo de coisas? — Entrei na brincadeira e, sorrindo como um devasso, ele avançou pelo meu quarto até sermos parados pela minha cama.

Tentei fazer a expressão de uma enfermeira preocupada com seu paciente e não de uma mulher cheia de tesão.

— Um calor aqui no peito... — Mordi meu lábio inferior e respirei fundo quando ele pegou minha mão e me fez tocar em seu peito.

Como de hábito ele estava com uma camisa de botões, porém aberta, uma bermuda e, claro, chinelos.

— Você consegue sentir?

— Consigo! — respondi ofegante e engolindo em seco. — Deve ser febre.

— O calor se espalha e vai descendo... — Ele escorregou minha mão por seu peito, passando por seu abdome, arfei com seus pelos deslizando entre meus dedos, e finalmente chegando a um ponto que me fez fechar os olhos por uns instantes e sorrir sem ar. — Aqui está o grande problema...

Ele me olhava sério, mas com lascívia, desejo e luxúria. Outra vez engoli em seco, sentindo seu membro rijo sob o tecido da bermuda. Minha respiração estava irregular e eu me sentia dividida entre o pânico que aquela situação estava me causando e a excitação que tomava conta do meu corpo, fazendo com que eu me sentisse poderosa por tê-lo deixado nesse estado.

Reprimi um gemido quando ele pressionou o quadril com mais força em minha mão, fazendo-me senti-lo ainda mais firme. Automaticamente minha mão fechou ao redor dele e o acariciei em cima da bermuda, aposto que ele não devia estar de cueca.

— Tem alguma enfermeira que possa me ajudar? — ele soltou quase rosnando com o rosto próximo ao meu, deixando-me louca com esse joguinho.

— Para a sua sorte temos uma de plantão e ela vai adorar cuidar de você... Acredite! — Eu estava derretida e sem fazer muita força pressionei

mais Noah em minha mão e sorri quando ele estremeceu e rosnou para que eu continuasse.

Seguindo nosso joguinho, eu o mandei deitar na cama como se ela fosse a maca enquanto eu ia chamar a enfermeira. Trouxe meu uniforme para o banheiro e agora finalmente acho que terminei de me arrumar e não esqueci nada.

Meu uniforme não tinha nada de tão obsceno, saia branca na altura dos joelhos, blusa com botões e um chapeuzinho que sempre achei ridículo, mas tinha que usar, então para incrementar decidi colocar saltos e finalizar com a meia arrastão ao invés da que uso normalmente. Prendi o cabelo com um rabo de cavalo, abusei do meu delineador e do batom vermelho.

— Então, você é o meu paciente? — perguntei com um tom sensual assim que saí do banheiro e me coloquei em frente à cama.

Noah já estava mais do que à vontade nela. Ele estava sentado bem no meio com o lençol cobrindo sua cintura, com certeza, já devia estar nu, algo que não pensei em reclamar.

— Patrícia... — Os olhos dele varreram meu corpo e pude ver a baba escorrendo em seus lábios, isso me deixou animada.

Montei na cama e fui engatinhando até ele.

— Me disseram que eu tinha que resolver um probleminha...

— Alto lá! Problemão, enfermeira, e acaba de ficar maior... — Ele tirou o lençol que cobria sua cintura e, de fato, ele estava nu, sorri mordendo meu lábio inferior e ele ficou inquieto.

— Realmente um problemão... — soltei sem ar. — Eu só não sei se sou a mais indicada para cuidar desse tipo de situação — brinquei e ameacei me afastar, mas ele me puxou pelos braços, fazendo-me cair em cima dele.

— Tá bom, Patrícia, eu não aguento mais, a brincadeira acabou... — disse apressado e giramos na cama, com ele ficando sobre mim.

— Tão rápido? — Fiz beicinho e ele sorriu com o rosto próximo ao meu.

— Quatro dias, Patrícia, você me deixou esperando quatro dias... — Sorri com seu desespero enquanto ele ficava me encarando sem dizer nada. — Queria me torturar?

— Você desistiu rápido demais — respondi e os olhos dele saltaram.

— Era um teste?

— Se fosse você teria reprovado... — Coloquei algumas mechas do cabelo dele atrás da orelha enquanto ele sorriu.

— Reprovado pelo quê? Por ter pagado o seu porteiro para descobrir onde você trabalha? Por ter convencido meu amigo a fingir um machucado? Ou por ter subornado as suas amigas para me dizerem o seu horário no *PS*?

— Então era fingimento? — Ele assentiu tranquilo, fazendo-me rir. — Eu devia ter desconfiado, o tornozelo do seu amigo nem estava inchado.

— Mas confesso que ainda foi uma surpresa encontrar você... Tão séria e sexy nesse uniforme. — Ele pressionou seu quadril contra o meu, fazendo-me fechar os olhos e inspirar fundo.

— Ainda subornou as minhas amigas? — Fiz carinho em suas costas, deslizando por ela só com a ponta dos dedos e dessa vez foi ele quem fechou os olhos e respirou fundo.

— Essa parte foi a mais fácil, só tive que apresentar alguns amigos... Achou mesmo que eu ia desistir, Pah?

— Por que eu? — questionei e ele pareceu confuso.

— Você faz muitas perguntas... — reclamou mordendo a minha orelha e descendo por meu pescoço.

— Sério — chamei a atenção dele na cama e nos erguemos, ele sentando em seus tornozelos e eu o encarando confusa. — Eu vi a

quantidade de mulheres naquela praia. Você poderia facilmente ter encontrado alguém mais... mais fácil e até mais bonita do que eu. Por que eu? — Ele sorriu e se inclinou para beijar meus lábios.

— Por que não você? — Neguei seu questionamento e ele me olhou como se a resposta fosse óbvia. — Não duvido que encontrasse alguém mais... acessível, agora mais bonita? Nunca.

Sorri sem jeito ao mesmo tempo que ele mergulhou seu rosto em meu pescoço e começou a desabotoar minha blusa.

— Nenhuma tem esses olhos, essa boca, esses peitos, esse cheiro, essa pele...

— Então foi o meu corpo? — sussurrei ofegante enquanto me livrava da blusa, exibindo meu sutiã preto de renda e o vi engolir em seco.

— Foi você toda, Patrícia. — Joguei a cabeça para trás quando ele começou a morder meu queixo. — Eu quis você no instante que a gente se esbarrou naquela praia. Eu quero você, Pah, só você. — Sorri feito uma boba diante da certeza de suas palavras e quando ele ameaçou dizer mais alguma coisa, coloquei meu dedo indicador em seus lábios.

— Chega de falar — ordenei sussurrando e praticamente pulei em cima de Noah ficando montada nele.

Roubei seus lábios e deixei meus dedos se perderem em seus cabelos. Estávamos ofegantes e famintos. Eu tinha pressa em tê-lo, então enquanto ele lutava com o feixe do meu sutiã, eu abri o zíper da minha saia. Afastei-me um pouco dele, tirei os saltos e fiquei em pé na cama me livrando do sutiã, da saia, da meia e da calcinha, tudo sob o olhar atento de Noah que não perdeu um movimento meu e me ajudou com alegria a me livrar das peças que naquele momento eram inúteis.

Eu estava nua diante dele. Fechei os olhos e gemi com desejo quando seus lábios subiram por minhas pernas, beijando minhas coxas de um lado e do outro. Voltei a olhá-lo e ele sorriu com lascívia e algo mais brilhando em seus olhos. Minha pele queimava com seu toque e para um homem que eu chamava de rinoceronte ele tinha um toque suave, era como veludo em

minha pele. No entanto, rapidamente senti sua possessividade quando suas mãos envolveram meu traseiro, puxando-me para junto dele, sua boca faminta se acomodou com perfeição entre minhas pernas.

— Noah! — Minha voz saiu com dificuldade.

Minhas mãos agarraram seus cabelos, eu estava me apoiando nele para não cair. O que ele fazia ali era delicioso, uma das sensações mais prazerosas que eu já havia sentido. Sua língua me percorria com calma, me penetrava e me enlouquecia, me fazia querer gritar... Era como se ele estivesse me beijando ali, com doçura e suavidade, mas também com posse e urgência.

Meu corpo começou a tremer e dessa vez não pude mais ficar em pé, não tinha forças. Minhas pernas perderam a firmeza quando o orgasmo veio. Desabei de joelhos diante dele com um sorriso incrédulo estampando meu rosto.

O sorriso se apagou, mordi meu lábio inferior olhando para Noah como uma fera faminta olha para sua presa, então, sem aviso, o puxei fazendo com que ele caísse sobre mim na cama. Seus braços deram a volta ao meu redor, mantendo-me escondida e protegida. Nossos corpos se encaixaram perfeitamente, cada curva minha se moldava as dele, éramos um quebra-cabeça de peças com encaixe perfeito... Outro encaixe perfeito era ele dentro de mim. Sorri de prazer e o mordi, arranhei, aproveitei o espaço amplo de suas costas para expressar todo o prazer que sentia pulsar em minhas veias pela maneira selvagem como ele me possuía.

Há pouco ele tratava meu corpo com cuidado e adoração, agora parecia ter urgência, como se os minutos estivessem contados e a qualquer momento eu pudesse desaparecer. Meu corpo se contorcia nos braços do Noah, suas investidas eram deliciosas, maravilhosas e me levavam ao céu.

Quero mais.

Então, reunindo forças, nos fiz rolar na cama e fiquei por cima, montada nele. Joguei meus cabelos para trás e vi a surpresa em seus olhos. Ele tentou protestar, mas coloquei meu indicador em seus lábios, sinalizando

que ele não devia dizer nada, que ele não podia fazer nada a não ser ficar à mercê dos meus desejos e desfrutar do que estávamos fazendo.

Intensifiquei meus movimentos, e arrepios maravilhosos percorreram meu corpo todo. Ele agarrou minha cintura e com força se empurrou mais fundo, fazendo-me quase perder os sentidos. Noah rugiu algumas palavras desconexas e entre elas o que podia ser o meu nome, isso me estimulou... Ele continuou a arremeter fundo e gritei, extravasando um prazer que nunca senti igual.

— Noaaaah! — Minha voz saiu fina e sofrida quando outro orgasmo me atingiu. Sentia-me extasiada.

Meu corpo desfaleceu aos poucos. Gastando meus últimos suspiros, subi e desci toda a extensão de seu membro com ímpeto e ele fechou os olhos se contorcendo e tremendo embaixo de mim. Um último rugido ecoou no quarto quando ele gozou, fazendo-me desabar exaurida sobre ele, mas desejando fazer tudo outra vez.

— Você vai... me matar... Patrícia... — ele protestou ofegante, com uma voz quase sofrida, fazendo-me sorrir contra o seu peito.

— Você está cansado?

— Você não? — Noah me questionou em choque e neguei, mas somente para provocá-lo, pois eu mal consigo me mexer. — Cinco minutos, Patrícia, me dá cinco minutos.

Comecei a gargalhar e ele passou os braços ao meu redor me comprimindo de forma deliciosa contra seu corpo. Olhei para o rosto dele e vi que ele parecia tranquilo. Seus olhos estavam fechados, como se dormisse ou tentasse, e isso me trouxe uma sensação que não reconheci. Algo que nunca senti e nem sequer conseguia descrever, só podia suspirar. Eu me acomodei em seus braços e já me sentindo pronta para outra, ou outras... Beije seu peito e brinquei com os pelos do seu abdome.

Senti um movimento entre minhas pernas e vi que Noah continuava de olhos fechados, deslizei minha mão uns centímetros mais abaixo e constatei que assim como eu ele estava gloriosamente pronto. Ele

estremeceu me fazendo olhá-lo e fui surpreendida por seus olhos despertos e cheios de malícia.

— Acho que não precisaremos esperar cinco minutos... — ele disse rápido e rolou na cama ficando por cima, fazendo-me gargalhar com a surpresa.

— O que foi? — perguntei preocupada, vendo que ele me olhava de um jeito estranho. Estava sério, como se algo terrível tivesse acontecido.

— Você é linda — ele soltou com tanta convicção que me deixou sem graça.

Desviei meu olhar, mas seus dedos tocaram meu queixo e me fizeram encará-lo outra vez. Noah sorriu, aproximou sua boca da minha com ternura e me devorou. Fechei os olhos e me deixei levar pelas coisas que esse homem me causava. Não conseguia resistir, meu corpo apenas se entregava. Enrosquei meus dedos em seus cabelos, demonstrando que o desejo era mútuo.

Noah e eu nos amamos uma, duas, três vezes antes de ficarmos esgotados e nenhum dos dois conseguir se mexer na cama.



Acordei com o barulho de panelas caindo e sem nenhum decoro segui nua em direção à cozinha. Para minha felicidade, eu não era a única que havia abdicado das roupas, Noah estava nu e arrumando a mesa, ele havia feito o almoço e o cheiro estava maravilhoso. A visão foi paradisíaca e me deu água na boca. Eu o puxei para um beijo antes de ir investigar o que havia nas panelas, macarrão a carbonara.

Parecia impossível me desgrudar dele, comemos e lavamos a louça juntos. Enquanto ele as secava eu decidi tomar um banho, mas logo Noah

me seguiu e o que deveria ser apenas um banho se tornou minha primeira vez de sexo quente embaixo do chuveiro.

Eu estava feliz como nunca antes. De fato, esquecemos nossas roupas e passamos a andar nus pelo apartamento, não havia receio da minha parte, eu me sentia bem e segura. Noah eu nem preciso dizer, se sentia em casa. Houve um momento que, enquanto eu tentava ler, ele resolveu fazer abdominais no meio da sala. Vê-lo suando e se exercitando do jeito como veio ao mundo me deixou em brasa, avancei em cima dele e acabamos transando no chão da sala, o mesmo se repetiu quando tentamos ver televisão e na mesa da cozinha durante o preparo do jantar.

Aquilo estava sendo maravilhoso, eram toques, beijos e carícias a todo o momento. Eu ia acabar mal-acostumada, ou talvez já estivesse. Um dia com ele foi o bastante para me viciar, meu corpo parecia querer o dele, o tempo todo, e era recíproco, nos atraíamos como ímãs. Sempre que eu o queria, sem pudor algum, tomava a iniciativa, algo que também era novo para mim, e ele parecia adorar, dizia que eu ia matá-lo, mas sempre estava pronto.

Noah era como um doce, o mais delicioso e mais tentador de todos. Aquele com muito chocolate e que nos deixa com água na boca... Ele deveria ser a minha recompensa pelos anos de dieta, era só para provar, mas sabemos como funcionam as dietas, no momento em que você sai da linha, por menor que seja o deslize, é muito difícil voltar, e quando se sai da linha com um homem como Noah, bom, voltar não é uma opção...

Dez

Recostei-me na cama e me permiti voltar anos no tempo.

Deixei-me vagar até aquele dia em particular. Eu estava começando a me sentir diferente e não só em relação a Noah, tudo em mim estava se transformando. Eu podia sentir, só não entendia. Aos poucos as correias que me prendiam iam sendo afrouxadas, era um gesto, uma palavra, e todo o excesso de pudor da minha versão antes do Noah ia sendo esquecido.

Noah me deu asas, mas eu era como um pássaro aprendendo a voar: tímido e sem a certeza do que estava fazendo.

02 de abril de 1980

Querido diário,

No curto espaço de tempo em que nos conhecíamos Noah havia ganhado o meu corpo, isso eu sabia, o que eu desconhecia era o fato de ter ganhado o seu coração.

Naquele fim de semana tudo seguia perfeito com Noah, mas tão perfeito que ele me fez esquecer que eu tinha uma vida fora daquele apartamento...

Rio de Janeiro, outubro de 1977

Acordei sentindo mãos deslizarem pelas minhas costas e irem até a minha bunda. Gemi e me empinei em direção àquele toque. Ouvi risos e ganhei um beijo nas costas. Meu corpo inteiro se arrepiou, os pelos de Noah causaram uma deliciosa descarga elétrica.

— Bom dia, Pah... — ele sussurrou em meu ouvido.

Preguiçosa, e me sentindo ainda esgotada, abri os olhos e fui recebida pelo lindo sorriso de Noah, ele estava sentado ao meu lado e para minha infelicidade usando a bermuda.

— Por que você se vestiu? — perguntei, sentando-me na cama e deixando o lençol deslizar por meu corpo nu, os olhos de Noah foram atraídos até os meus seios e querendo provocá-lo me espreguicei toda.

— Você é uma visão linda de manhã, Pah... — Inspirei boba e sorri para ele que me olhou travesso. — Tenho uma surpresa.

Fiquei sem entender quando ele se curvou para apanhar algo do chão e me deixando boquiaberta com o que colocara diante de mim.

— O que é isso?

— Café na cama — Noah respondeu animado.

Olhei a bandeja fascinada. Tinha *croissant*, suco, café, frutas, torradas e geleia de morango.

— Obrigada! — agradei e tentei abraçá-lo, mas ele se afastou, deixando-me sem entender.

— Você precisa comer... Nós precisamos comer. Eu tô morto, Pah — ele reclamou, e dei de ombros.

— Você fez isso? — perguntei, e ele assentiu pegando uma torrada com geleia e levando à boca.

A cena conseguia ser perturbadora, como ele conseguia me deixar assim só por estar comendo? Ele me ofereceu um pedaço e aceitei na mesma hora. Não sabia se sentia mais fome de comida ou dele, minha barriga roncou esclarecendo minha dúvida: preciso de comida.

Adorava doces, então fui direto ao pote de geleia e usando meu dedo indicador provei essa delícia de morango diante do olhar atento de Noah.

— Isso parece bom. — Ele observou e vi que respirava com dificuldades.

— Quer provar? — ofereci travessa, e ele assentiu com malícia.

Novamente mergulhei meu indicador na geleia e levei em direção à boca de Noah que envolveu meu dedo com a língua e o chupou, puxei o ar com força e reprimi um gemido na garganta.

— Mais? — perguntei com um fio de voz, e ele assentiu.

Dessa vez um pensamento divertido rondou minha mente. Repeti o movimento, mas ao invés de oferecer a ele deslizei meu dedo por seu queixo e pescoço. Ele rapidamente entendeu minhas intenções devassas quando, de joelhos na cama, me aproximei dele. Noah fez a barba, o cheiro delicioso da loção que ele usava me invadiu e tanto o cavanhaque quanto as costeletas estavam bem aparados, sua barba feita desse modo arranhava a minha pele de um jeito delicioso.

— Adoro seu cheiro — sussurrei contra a sua pele e deixei minha língua deslizar sobre ela, seguindo a linha da geleia em seu pescoço e subindo em direção à sua boca. As mãos de Noah invadiram meus cabelos me mantendo presa a ele enquanto devorava meus lábios com um beijo tão intenso que me tirou o ar.

Abri os olhos atordoada e achando que ouvi a campainha. Os lábios de Noah desceram pelo meu pescoço em direção aos meus seios e o barulho irritante se repetiu.

— Isso foi a campainha? — questionei, gemendo contra o pescoço dele.

— Não! — ele soltou ofegante. — Foram os sinos do paraíso.

Sua língua tocou meus seios, meus mamilos se arrepiaram e uma dor prazerosa me invadiu quando ele mordeu um, seguindo para outro e repetindo a mesma tortura.

Rosnei irritada quando o barulho continuou e de forma bem insistente.

— Noah, a campainha... — Tentei afastá-lo, mas ele se recusava a me soltar.

— Patrícia, você não ouse sair daqui — ele protestou irritado, mas não havia jeito.

— Deve ser a Tai e ela tem as chaves, se eu não for abrir ela vai entrar... — insisti, empurrando-o. Noah se afastou contrariado, fazendo-me rir da cara de cachorro abandonado que está fazendo.

Sem poder resistir àquele drama silencioso o puxei para um beijo, e ele voltou a sorrir.

— Muito melhor — brinquei e procurei um robe para me cobrir.

Saí do quarto sendo seguida por Noah. Ele trouxe a bandeja e levou para a cozinha, pelo visto nossa diversão com geleia acabou.

— O que acha de sair para jantar hoje? — ele propôs da cozinha.

— Desde que tenha cadeiras e talheres eu vou onde você quiser... — respondi quase cantando de felicidade, mas quando abri a porta meus olhos saltaram e senti o ar faltar.

CARLOS! — gritei em minha mente e bati a porta sem dizer nada.

— Quem era? — Noah perguntou, aproximando-se com um *croissant* nas mãos.

— Ninguém! — respondi desesperada enquanto ele me abraçava por trás.

— Sobre o jantar...

A campainha tocou outra vez e o interrompeu, fazendo-me saltar nervosa em seus braços.

— Meu amor, o que está acontecendo? — A voz de Carlos atravessou a porta e invadiu o apartamento.

— Quem é? — Noah se colocou ao meu lado de braços cruzados, seu olhar na minha direção era pura desconfiança.

— Um amigo... — respondi rápido.

— Que te chama de amor? — ele questionou e achei que ia desmaiar.

— Patrícia quer abrir a porta, eu estou cansado — Carlos insistiu, e não sabia o que fazer.

— Com licença! — Noah pediu e me afastei, ele mesmo abriu a porta e vi os olhos de Carlos saltarem.

— O que está acontecendo aqui? — Meu noivo olhou de mim para Noah, eu não sabia o que dizer.

— Eu sou Noah, amigo da Pah — Noah falou sorrindo, mas senti a amargura em sua voz e isso me desolou.

— Sou Carlos, *noivo* da Pah. — Carlos entrou e vi que a informação pegou Noah de surpresa, seus olhos me acertaram e não consegui encará-lo, sentia-me horrível.

— Nesse caso acho que vocês dois têm muito o que conversar... — Sem dizer mais nada ele saiu do apartamento, esbarrando em Carlos e em mim.

— Noah? — chamei com desespero, seguindo-o pelo corredor. — Noah, espera! — gritei e ele parou, mas não me olhou. — Não vai embora, por favor, não é o que parece...

— E o que parece, Patrícia? — Seus olhos finalmente acertaram os meus e estavam cheios de decepção.

Não respirei.

— Que eu... Que eu... Não vai embora. — Não consegui dizer outra coisa, esse parecia ser o meu único pensamento agora: que ele não me deixe.

— O que eu fui para você? Uma aventura? Uma despedida antes de casar?

Desviei meu olhar, envergonhada, não conseguia olhá-lo.

— Eu fui a sua despedida, claro! — ele vociferou e acertou uma parede, fazendo o corredor inteiro vibrar.

— Eu posso explicar... — disse sentindo as lágrimas em meus olhos. — Só não vai embora, não assim.

— Explicar o quê, Patrícia? — A voz dele era dura e não sabia o que dizer. — Que aquele cara não é o seu noivo? Que você não estava me usando? Por isso você estava fugindo, não era charme...

— Eu não achei que...

— Que eu ia descobrir? — ele me interrompeu furioso e dei a ele razão, se eu estava me odiando imagine ele. — Quando você ia me contar? — Ameacei dizer algo, mas me calei, eu também não sabia como responder isso. — Você ao menos pretendia me contar?

Neguei e limpei as lágrimas que molhavam meu rosto.

— Não era pra ter sido assim...

— Por quê? Por quanto tempo mais você ia me fazer de idiota?

— Eu nunca tive essa intenção, eu juro! — confessei, e ele se aproximou de mim irritado.

— E qual era a sua intenção? — ele rosnou contra o meu rosto e me encolhi assustada, considerando-me a pior pessoa do mundo.

Sentindo uma dor no peito que nunca senti antes me calei. Eu não tinha o que dizer, não sabia o que responder, tudo ia se resumir ao fato de eu ter sim usado Noah e isso era o que mais me doía no momento.

— De todas as coisas que eu esperava de você, Patrícia, falta de caráter não era uma delas.

Não conseguia respirar, não conseguia. Era como se uma mão comprimisse meu peito.

— Espero que tenha sido divertido...

— Noah? — chamei quando ele se virou para ir.

— Agora não, Pah, tá doendo... — Ele me deu as costas e sumiu em direção as escadas.

Recostei-me na parede, deixando meu corpo deslizar até o chão. Olhei para as escadas como se a qualquer momento Noah fosse voltar. Ouvi passos, mas não era Noah e sim Carlos. Ele me ofereceu ajuda para levantar, e aceitei. Em silêncio caminhamos de volta ao meu apartamento... Ainda sem dizer nada me joguei no sofá sem ter certeza do que estava sentindo, ou qual seria meu próximo passo. A voz de Carlos quebrou o silêncio com um anúncio:

— Eu perdoo você, Patrícia.

Eu o olhei sem acreditar. Tudo que fiz foi rir, na verdade, comecei a gargalhar. Carlos me olhou sem entender e eu não conseguia me controlar. Um misto de nervoso, raiva e pânico me sufocaram e eu só conseguia rir.

— Você me perdoa? — questionei, achando que só podia ter escutado mal.

— Sim, foi uma aventura antes de casar. Toda mulher tem uma. — Meu riso sumiu. — Acho que algo dentro de vocês dispara, como se necessitassem de uma dose de adrenalina com um qualquer antes de se amarrarem de vez ao cara certo. Foi uma aventura, amor. Só isso.

Aquela maldita palavra: aventura. Foi como levar um tapa, só consegui me sentir pior e foi como se, pela primeira vez, eu visse Carlos. Por trás da roupa elegante, ele não passava de um rato, nojento. Olhei para ele querendo vomitar ao ouvir como o cérebro feminino era programado para fazer estupidezes, por isso as mulheres se casavam, para ter quem pensasse por elas...

O que eu ia fazer?

Interrompi aquele discurso, acabei com aquele estúpido noivado e o mandei embora... Foi simples e sem grande comoção, apenas acabou.

Quando Carlos saiu, eu me vi diante daquele apartamento vazio e me senti sufocar. A cada canto que eu olhava tinha uma lembrança de Noah. Na cozinha, a bandeja com o café da manhã que mal tocamos, em meu quarto os lençóis revirados e a camisa dele em cima da minha penteadeira, até mesmo o meu banheiro me fazia mal.

Tomei um banho rápido, coloquei qualquer roupa e bati no apartamento da Tai, mas ela não estava. Em meu apartamento eu não conseguiria ficar, então fiz uma pequena mala e fui em busca de Kelly.

Aquele dia eu me senti horrível comigo mesma. Eu tinha uma confusão de sentimentos no peito e não conseguia organizá-los.

Eu sempre tive um plano de vida em mente e, de repente, eu não tinha nada...

Onze

03 de abril de 1980

Querido diário,

Até aquele momento eu não tinha experiência com término. Carlos foi meu primeiro namorado, o primeiro homem da minha vida e quase fiz dele o único. Sinceramente, até hoje nem sei bem o porquê, acho que o fato dele ser tudo que minha mãe sempre desejou para mim foi a minha grande motivação. Eu me casaria com o homem dos sonhos dela e assim ela me deixaria em paz.

Eu acompanhei vários rompimentos das meninas, principalmente os de Kelly, e ficava sem entender a cara de velório, o sofrimento, os inúmeros potes de sorvetes e discos chorosos que elas me faziam ouvir. O que Carlos e eu tínhamos era tão enfadonho, tão insípido, que a ideia de terminar com ele era mais reconfortante do que esmagadora.

Então quando tudo finalmente acabou foi isso que eu senti, alívio, mas eu não podia respirar, porque se de um lado eu sentia o deleite por não ter mais que lidar com Carlos, de outro o que eu sentia por Noah me consumia de forma voraz, e eu desejei o sorvete, as músicas tristes, qualquer coisa que preenchesse ou aliviasse o vazio que eu estava sentindo.

Rio de Janeiro, novembro de 1977

Meus olhos pesaram e meu corpo implorava para que eu dormisse, mas me recusava. Minhas noites vinham sendo inquietas e vinha tendo pesadelos. Sonhava com aquele corredor, com as palavras duras de Noah, seus olhos ora irritados, ora decepcionados, e eu acordava sentindo a culpa me sufocar.

— Não acredito que vocês me convenceram a isso... — resmunguei sem muita animação diante do espelho.

— Você precisava, chega de ficar enfurnada naquele *PS*. — Tai tentou me animar enquanto eu calçava meus sapatos.

Nas duas últimas semanas praticamente me mudei para o *PS* e vinha trabalhando vários turnos.

— Eu só tiraria um pouco desse pano todo, mas contanto que você vá eu fico feliz — Kelly reclamou pela milionésima vez do vestido que escolhi.

— Eu não estou indo impressionar ninguém, só vou sair porque não aguento mais vocês duas no meu ouvido. — Tentei acertar meu delineador e acho que consegui.

Ontem Kelly encontrou alguns panfletos anunciando uma festa em homenagem ao Elvis. Claro que me recusei a ir, primeiro, porque com toda confusão de sentimentos que sentia no peito não me parecia muito inteligente ouvir o senhor Presley. Segundo, a festa seria na boate dos amigos do Noah, onde suspeitávamos que ele também trabalhava, então tudo indicava que sair era uma péssima ideia.

— Maaas se o Noah trabalhar mesmo lá é um ótimo motivo para você ir com uma daquelas roupas que dizem que você quer sexo.

— Na verdade, esse é o motivo pelo qual eu não quero ir.

— Já chega, Patrícia, ou você vai atrás do cara e pede desculpas ou supera, porque sinceramente esse papel de mocinha sofredora não combina com você.

Na mesma hora me virei para Kelly de boca aberta e rindo do absurdo que ela acabara de dizer.

— Eu, sofrendo? — Neguei enquanto as duas assentiam. — Ele me chamou de mau-caráter — disse, tentando parecer mais ofendida do que triste.

— E você chorou — Tai lembrou —, por dias. Foi a primeira vez que eu te vi chorar. Não se engane.

Senti meus olhos lacrimejarem, mas respirei fundo e espantei as lágrimas. Prometi que não ia mais chorar por causa disso.

— Melhor eu não ir, minha fossa vai estragar a noite de vocês — avisei, sentando-me na cama para tirar os sapatos.

— Nem pense nisso! — As duas gritaram juntas.

— Patrícia, sério, chega! — Kelly me levantou e pegou minha bolsa. — Nós vamos sair, vamos beber, dançar, nos divertir e se tiver que chorar que seja pelo falecimento do meu amado Elvis. Entenderam? — Tai e eu assentimos e quase consegui rir, ia ser o primeiro desde aquele corredor.

Olhei-me no espelho nervosa, não queria mesmo sair de casa, principalmente, se fosse para correr o risco de encontrar com Noah. Ele não queria me ver e eu sabia disso. Tem algo que não contei a elas. Na semana da nossa briga eu o procurei na praia, nos dias que ele costumava jogar, e ele não apareceu. Reconheci um dos amigos dele, Antônio, o que fingiu a fratura e foi parar no *PS*. Trocamos olhares, mas eu não disse nada, ele sabia o que eu buscava, ou melhor, quem eu buscava. Na semana seguinte eu fui outra vez e ninguém apareceu, ninguém mesmo. Guardei aquilo como um recado silencioso dele. Fui para casa e me permiti chorar pela culpa uma última vez antes de voltar ao trabalho.



Quanto mais nos aproximávamos da boate, mais eu sentia que ia enfartar. Respirei fundo várias e várias vezes, mas ainda sentia que ia morrer.

Congelei na entrada sentindo meu coração saltar no peito, algo me dizia que eu não deveria estar ali.

— Eu vou embora... — Virei-me, mas Tai me puxou.

— Calma, Pah, vai ver você está surtando à toa e ele nem deve estar aí — ela tentou me acalmar, e assenti antes de ser arrastada para dentro.

O lugar parecia ainda mais impressionante do que eu me lembrava. Como da outra vez estava lotado. No entanto, hoje há várias pessoas vestidas como o Rei. Era como estar diante de dúzias de Elvis, parecia mórbido e incrível.

As meninas me arrastaram para a pista de dança, até me arrisquei em algumas coreografias. Foi fácil esquecer com a música dançante, as pessoas e os risos. Eu não contei os minutos, mas foram incríveis, não havia dor ou culpa, apenas as luzes e a música. Kelly me ofereceu um comprimido de algo que nem quis saber o que era, mas que em poucos segundos me fez olhar para o teto e as luzes, uau, eu nunca havia visto luzes tão brilhantes.

Quando eu estava começando a flutuar, a música animada foi interrompida. Quis gritar, mas a minha voz não saía, eu ainda me sentia leve. Então comecei a rir, Elvis Presley estava no palco. Seja o que fosse que tinha no comprimido, era bom.

O senhor Elvis começou a cantar *Always on my mind*, tudo voltou. Talvez o comprimido não fosse tão bom assim. Me senti pesada, triste e cheia de culpa outra vez.

— Hora de começar a beber — Kelly observou, apenas concordei.

Dessa vez não precisamos ameaçar ficar nuas, o bar estava praticamente vazio. Todas as pessoas pareciam estar mais interessadas em dançar do que em beber. Hoje parecia ser a noite dos casais, o lugar estava cheio deles, as únicas pessoas no bar éramos nós e alguns jovens solitários. Definitivamente, era uma péssima noite para ter saído de casa.

Pedi ao barman um reforço de vodca no meu coquetel.

— A minha música! — Kelly soltou aos gritos para um brinde, que não aconteceu. Os acordes de *I can't help falling in Love with you* começaram e elas simplesmente nos deixou e voltou para a pista.

Apontei meu copo para o barman indicando que precisava de mais vodca, ele pareceu estranhar, mas me serviu. O que considerei um erro no instante que senti minha língua queimar pelo excesso de álcool.

Tay e eu estávamos observando Kelly cantar e dançar como se esse fosse seu último dia na terra, os braços abertos sem se importar com quem estivesse ao redor, a bebida esbarrando nas pessoas e caindo, enquanto os seus cabelos dançavam conforme o ritmo lento da música.

Kelly parecia feliz, verdadeiramente feliz e... livre. Ela parecia um pássaro prestes a voar, a roupa dela indicava isso. Por cima da blusa fina com a cara do Elvis, Kelly usava uma espécie de poncho colorido e longo, pareciam duas asas abertas. Linda...

— Nada de choro... — Tai me sacudi de repente, em reflexo toquei meu rosto, estava molhado, nem notei que estava chorando. — Vem!

Com o braço entrelaçado ao meu, minha melhor amiga me arrastou para a pista. Ela começou a cantar, eu apenas a acompanhei.

*Take my hand, take my all life too
'Cause I cant help falling in Love with you...* [\[3\]](#)

Paramos ao lado de Kelly, agora ela estava agarrada ao copo de bebida pela metade, totalmente imersa na música. Todos ao redor estavam assim, menos eu... Parei um dos garçons que ia passando e peguei um copo do eu achei ser água, mas era vodca com limão dentro. Dessa vez não ardeu tanto.

O Elvis do palco interrompeu a música ganhando a atenção de todos, inclusive a minha. Ele estava falando algo que não consegui entender, pois minha atenção havia sido roubada por uma figura familiar atrás dele no palco.

Acho que bebi demais, ou talvez ainda seja o comprimido. Cerrei os olhos tentando dar forma ao tipo na penumbra.

Pisquei várias vezes, eu devia estar muito alta para estar alucinando dessa forma. Ignorei as reclamações e xingamentos ao meu redor, e

continuei mergulhando entre o mar de pessoas para me aproximar do palco.

— Claro, essa noite não seria possível sem os senhores John Assunção e...

— Noah? — questionei perdida.

— Noah Ávila, os donos da Royal...

Acho que estou louca. Ali no palco, a poucos metros de mim, estava Noah. Não um Noah qualquer. Era um Noah de cabelos presos, sorriso cativante e muito bem alinhado em um terno escuro.

UM TERNO?

— Patrícia, aquele é o...

— Noah? — questionei outra vez, meu queixo foi ao chão e fiquei sem acreditar no que estava vendo.

— Putz! — Kelly gritou ao meu lado.

A luz diminuiu para projetar algo na parede, mas não dei atenção, nesse momento meu foco era Noah. Noah de terno... Noah de terno em cima do palco... Noah de terno em cima do palco e agora com uma morena de pernas compridas cochichando algo em seu ouvido.

Cerrei os punhos e senti meu sangue ferver. Sua expressão mudou e logo seus olhos varreram a pista de dança parando quando encontraram os meus. Ele pareceu surpreso, porém não mais que eu. Virei-me, desejando esquecer a cena do palco, então praticamente corri em direção ao bar.

— Pah, espera! — ouvi Tai me chamar, mas não parei, senti uma raiva descomunal tomando conta de mim.

Cachorro!

Safado!

Cretino!

Pedi ao garçom outro coquetel, mas dessa vez exigi que ele deixasse a garrafa de vodca e a virei sem medidas dentro do meu copo.

— Eu sou uma idiota... — reclamei.

— Patrícia, para — Kelly me repreendeu e afastou a garrafa de vodca de mim.

— Você viu, ele lá se esfregando naquela peituda de pernas compridas?

— Todo mundo viu, Pah. — Fiz cara de choro quando ela disse isso, mas ao invés de chorar bebi mais do meu coquetel de vodca.

— Meninas, eu entendi bem, Noah é o dono da boate? — Tai observou e a cena daquela peituda pregada nele invadiu minha mente.

— Ele é um cachorro, um safado... — fiz uma pausa para controlar um soluço inoportuno — ... que mentiu para mim. Quem era aquela peituda?

— Foi só isso que você observou? — Kelly questionou. — Patrícia, ele é dono da boate inteira.

— Eu sou uma idiota... Ele me disse que era pobre, me deu lição de moral por causa do Carlos, me chamou de mau-caráter e mentia na minha... — dessa vez não controlei o soluço — cara.

— Pah, chega, vamos embora? — Ela tentou tirar o copo da minha mão e neguei dando alguns, desajeitados, passos para trás.

Álcool e salto fino definitivamente eram uma péssima combinação.

— Pah, você está bêbada — ela resmungou, e neguei sorrindo.

— Eu não estou bêbada, Patrícia Queiroz de... — droga de soluço — Albuquerque não fica bêbada. Eu estou chateada, porque aquele cretino... — Meus passos desajeitados foram parados quando esbarrei em alguém.

Virei-me para tentar pedir desculpas e quase vomitei, literalmente. Primeiro pelo álcool se recusando a ficar em meu estômago, segundo pela visão que tive.

— Cuidado, garota, você não tem olhos? — Era ela, a peituda de pernas compridas.

— Quem você pensa que é para gritar comigo? — Tentei usar meu tom mais ameaçador, e ela sorriu.

— Eu não vou discutir com uma bêbada...

— Bêbada? — gritei, deixando meu copo abruptamente em cima do balcão. — Escuta aqui sua...

— Pah, vamos embora! — Tai me puxou, mas na pressa agarrei no braço da vagabunda e a levei comigo.

— Me solta, sua maluca! — ela gritou e eu queria muito bater nela.

— O que está acontecendo aqui? — Uma voz irritada ecoou ao meu lado e sabia bem quem era.

— Essa maluca está me machucando. — A peituda se fez de vítima e rosnei na direção dela. — O que é isso? Ela vai me morder agora?

Tentei avançar quando ela se agarrou em Noah, mas as meninas me seguraram e um Noah de terno, e simplesmente perfeito, mais que perfeito, se colocou à minha frente.

— Patrícia!

— Eu não... — interrompi Noah para me defender, mas algo não estava certo comigo. — Eu não... Eu não me sinto bem.

— Pah, vamos embora... — Tai tentou outra vez me levar embora, mas não senti meu corpo. O salão estava girando, fazendo um show de luzes se embaralhar diante de mim.

— Eu...

Doze

05 de abril de 1980

Querido diário,

Outra anotação embaraçosa. Não sei se foi o cansaço acumulado daquelas semanas, ou o álcool basicamente puro que tomei, talvez uma junção demoníaca dos dois. Eu apostaria na última alternativa. Só sei que aquela noite desmaiei e quando acordei estava na cama do Noah...

Rio de Janeiro, novembro de 1977

Senti um incômodo no estômago, uma verdadeira revolta, e rolei na cama. Acho que vou vomitar, ou morrer.

— Ai! — reclamei ao cair no chão.

— Patrícia? — alguém gritou ao longe. Olhei em volta perdida.

— Onde eu tô? — Não reconhecia o lugar. Meu estômago tornou a reclamar, acho que estou morrendo. Engatinhei no chão em busca do banheiro, mas tudo que encontro foi uma parede. — Cadê o banheiro?

Senti mãos agarrando minha cintura e levantando-me.

— Calma, eu estou aqui.

— Noah? — Olhei confusa para a imagem meio embaçada ao meu lado. Meu estômago queimou... Definitivamente, eu estou morrendo. — Eu vou vomitar! — gritei, jogando-me em direção à privada.

— Eu ajudo.

— Não, fica longe! — resmunguei de joelhos.

Que deprimente.

— Calma! — Senti as mãos dele deslizando nas minhas costas.

— Acho que eu vou morrer... — reclamei, sentando-me no chão do banheiro. A privada estava girando, bem como os meus pensamentos. — Onde você compra vodca? No Paraguai?

Em desespero voltei a ficar de joelhos e com a cara enterrada na privada.

— Afinal, o que foi que você bebeu? — Olhei irritada por cima dos ombros. O sorriso sátiro em seus lábios me fez querer arrancar os olhos dele.

— A sua vodca Paraguaia! — rosnei antes de virar meu rosto em direção à privada.

Continuei ali por mais alguns minutos, tudo ainda girava.

— Ai que vergonha! — choraminguei, enquanto fechava a tampa do vaso. Apoiei minha cabeça nela uns instantes, esperando morrer, todavia, isso não aconteceu. Então tentei me levantar, mas cambaleei um pouco e imediatamente Noah me ofereceu apoio.

— Calma, eu ajudo. — Uma das mãos dele envolveu a minha cintura enquanto a outra passou meu braço por cima do seu ombro.

— Não precisa — avisei com a voz ainda arrastada e me apoiando na pia, mas as mãos dele não deixaram a minha cintura e acho que era isso que me mantinha em pé.

Precisava escovar os dentes, sentia um gosto horrível na boca. Tudo que Noah fez foi rir, o que me deixou irritada e ainda mais envergonhada.

— Você não tem uma escova de dentes extra? — perguntei, e ele me olhou de cenho franzido, deixando-me sem entender. — O que foi?

— Acho que depois de tudo que fizemos com as nossas bocas, compartilhar uma escova de dentes não é nada, Pah... — Notei o divertimento em sua voz e consegui esboçar um sorriso. — Você riu? — ele perguntou surpreso.

— Não! — respondi direto, fechando a cara. Como ele continuou rindo, empurrei-o para fora do banheiro, precisava tentar me recompor sozinha.

Minha cabeça pesava, doía, meu corpo todo doía e se eu fechava os olhos a velocidade em que o mundo girava aumentava e tudo só piorava.

Por um milagre consegui escovar os dentes sem cair. Quando fechei o armário do banheiro vi que meu reflexo era o pior possível. Piorando tudo, além do meu estado deplorável, surgiu um fato novo que me fez ter a certeza de que minha dignidade foi pela descarga junto com o conteúdo do meu estômago. Estava usando apenas calcinha e sutiã.

— Cadê a minha roupa? — indaguei cautelosa, apoiando-me no batente da porta. Noah correu em minha direção.

— Você vomitou no seu vestido e...

— Vomitei? — Noah assentiu, e fechei os olhos desejando não ter nascido.

— Aqui! — Ele me ofereceu apoio e me levou para a cama novamente.

Não acredito que isso esteja acontecendo.

— Onde estamos? — perguntei olhando em volta.

— No meu quarto — respondeu tranquilo. Noah estava parado diante de mim apenas me olhando. Ele não usava camisa, apenas a calça do terno e continuava com os cabelos presos.

Meus olhos se fixaram na calça cujo tecido parecia ser o melhor dos melhores. As mentiras dele caíram sobre mim como uma tempestade e

comecei a rir me sentindo, além de irritada, uma idiota.

— O seu matadouro você quis dizer, não é? — provoqueei e me arrastei na cama procurando o recosto para me apoiar. — Então é para cá que você traz mulheres como aquela peituda de pernas compridas?

— Pah...

— É aqui que você as possui? — o interrompi e me deitei na cama sem tirar meus olhos dele. — Foi para isso que me trouxe aqui? Para eu ser mais uma dessas vagabundas com quem você rola nessa cama. Sem roupas. Suado...

Esfreguei meu peito sentindo falta de ar e a boca ficar seca.

— Acha que eu sou uma dessas que você faz o que tem vontade? Que puxa os cabelos, fala coisas indecentes no ouvido... — Voltei a sentar na cama e dessa vez chutei os lençóis.

Meu corpo queimava com o olhar que Noah direcionava a ele. Subindo por minhas pernas inquietas na cama. Encarando meus seios comprimidos pelo sutiã. Percebendo minha boca seca desejando a dele, e encontrando meus olhos que me traíam e entregavam a excitação que sentia por tê-lo assim tão perto outra vez.

— Isso foi uma acusação? Porque soou como uma fantasia...

— Você mentiu para mim — acusei de repente, e os olhos dele saltaram.

— Eu menti?

— Me disse que era pobre.

— Eu nunca disse que era pobre. Você me viu de bermuda, chinelo e pelo jeito de hippie deduziu que eu era pobre. — Apenas assenti e me deitei na cama sentindo que o mundo parecia, enfim, ter parado de girar. — Você mentiu, me escondeu um noivo.

— Ex-noivo... — cortei a acusação dele e vi seus olhos darem um leve salto, embora seu rosto permanecesse inalterado.

Sem dizer nada ele caminhou para uma poltrona mais à frente. Seu semblante era o de alguém que estava esgotado, e pelo tamanho dele a poltrona parecia mais um banquinho de boteco.

— Vai dormir aí? — perguntei e ele assentiu ainda em silêncio. — Pode dormir ao meu lado se quiser, eu não mordo. — Vi um sorriso cínico em seu rosto.

Arrastei meu corpo na cama, indo para o lado direito, até que eu sentisse a parede em minhas costas. O lado esquerdo era todo dele se ele quisesse.

— Se fizer você se sentir seguro eu passo um muro de travesseiros. — Rimos juntos com a minha sugestão. Ele pareceu ter se dado por vencido e veio para a cama, que parecia maior até ele deitar.

Noah encarou o teto, enquanto meus olhos estavam fixos em seu rosto. Meus olhos pesaram e eu desejava muito dormir, mas não queria perder esse momento, talvez fosse a última vez que iríamos estar assim e não queria desperdiçar dormindo, queria gravar todos os detalhes desse homem.

— Você devia ter me contado do seu noivo — ele finalmente disse alguma coisa, mas não me olhou, continuava olhando para cima.

— Eu odiava o sexo... — soltei de repente e na mesma hora Noah me olhou. Acho que ganhei sua atenção, enfim. — Não falo do sexo com meu ex-noivo, que também não era grande coisa, na verdade, era muito ruim.

Deixei um sorrisinho escapar, mas sem felicidade ou gozação, apenas uma constatação da vida patética que eu tinha. Noah se virou na cama ficando de frente para mim.

— Eu odiava o ato em si... Sempre achei que o sexo era superestimado. Eu o via como uma obrigação, e odiava muito ter que fazer.

— O quê? — Ele me olhou confuso.

— Aí eu te conheci... — Arrisquei-me em um movimento. Minha mão direita seguiu em direção ao rosto de Noah e o acariciou. Ele fechou os olhos com meu toque e inspirou pesadamente. — Eu desejei você, desejei o sexo, na verdade, eu descobri o que era o sexo... E foi tudo tão bom que eu esqueci do Carlos e de todo o resto. Eu só via você, eu só tinha você, eu só queria *você*. Eu quero *você*, Noah...

Noah sorriu e, de repente, avançou na minha direção me beijando com fúria, desespero e saudade. Não fiquei indiferente, eu queria mais, queria ir além, mas eu ainda sentia os efeitos do álcool em mim. Acho que ele deve ter pensando o mesmo que eu, pois se afastou, com calma e esforço. Seus olhos estavam cheios de promessas. Eu apenas sorri assentindo.

— Durma — sussurrou contra os meus lábios e concordei com seu pedido. Fechei os olhos e com meu corpo procurei o dele para me aninhar.

Beijei seu peito e me deixei levar pelo sono.



Resmunguei rolando na cama. Sentia-me incapaz de abrir os olhos. Minha cabeça estava martelando como as batidas de uma disco, batidas rápidas e que não me causavam vontade de dançar.

— Bom dia, Pah. — A voz musical de Noah me fez abrir os olhos no susto, péssima ideia por sinal. Sentei-me na cama desesperada e olhando em volta.

— O que você fez comigo? — acusei e na mesma hora senti as marteladas aumentando.

— Não fiz nada que você não quisesse... — soltou irônico enquanto se apoiava no recosto da cama.

O lençol deslizou, deixando seu peito à mostra e um pouco mais abaixo também, ele parecia estar sem cueca e com sua costumeira animação matinal.

— Aliás, sendo um cavalheiro, até evitei coisas que *você* queria fazer.

Fingi rir do comentário dele, não estava exatamente de bom humor. Meu rosto se contraiu com a dor de cabeça.

— Ressaca?

— Bêbados têm ressaca, eu... — parei de falar e respirei fundo com a pontada que senti — eu estou indisposta.

— Essa indisposição se chama ressaca, e pelo jeito como você estava ontem acho que vou precisar renovar meu estoque de vodca.

— Eu não vou ficar aqui sendo insultada por você.

Reclamando, levantei-me daquela cama sob o olhar atento dele. Olhei em volta buscando meu vestido e não o encontrei.

Claro, eu...

— Você vomitou nele — ele respondeu irônico como se lesse meus pensamentos.

Fechei os olhos sentindo alguns flashes me acertarem, entre eles as imagens dele com a peituda com pernas de aranha no palco.

— Eu vou embora.

— E você vai sair assim? Vai ser presa por atentado violento ao pudor, tá cheio de milico aí fora. — Noah cruzou os braços como o dono da razão.

— Eu prefiro correr esse risco a ficar aqui vendo essa sua cara irônica e sendo alvo do seu deboche. Além do mais, não estamos em Ipanema? Eu vou andando pela praia, vão achar que é biquíni.

— Com renda? — questionou sorrindo e sentando-se na cama, definitivamente ele estava como veio ao mundo. Tentei não suspirar em voz alta. — E quem disse que estamos em Ipanema?

— Você não disse que estamos no seu quarto? Você disse que morava em Ipanema, ou era outra mentira sua?

Seu rosto se contraiu, ele se levantou irritado, vindo em minha direção como um caminhão desgovernado e totalmente nu, o que não me impediu de recuar até encontrar a parede.

— Primeiro, eu nunca menti. Quem mentiu foi você. Segundo, eu disse que estamos no meu quarto, mas não disse que era na minha casa.

— Então, onde estamos? — Tento me manter focada.

— Em cima da boate, terceiro andar.

Devia estar ridícula, já que meu queixo foi ao chão. Isso só podia ser uma brincadeira.

— Ahh, então é verdade. Você me trouxe para o seu matadouro, acha que eu sou o quê? — acusei e dessa vez o caminhão desgovernado era eu, avancei, mas ele não recuou.

Tentei ignorar o fato de ter esbarrado... ter esbarrado... em sua animação.

— Ontem você não parecia se importar com o lugar... — Ele não ignorou o meu esbarrão, inclusive seus olhos me indicavam um convite a um novo... esbarrão. Cafajeste. — Inclusive ficou muito animada com a ideia de esse ser o meu covil do sexo.

— Eu não vou ficar aqui sendo insultada por você.

Olhei em volta em busca de algo com que eu pudesse me cobrir.

— Eu não estou te insultando, estou te repassando o que você mesma disse. — Nem me atrevi a olhar para ele, mas sabia que ele continuava com o olhar irônico.

Sorri ao olhar na poltrona o que podia ser o meu passe livre.

— Ei, esse casaco é meu! — ele protestou, porém já estava me vestindo. — Mas confesso que fica melhor em você, ainda mais com essas pernas, se colocar um salto...

— Fica aí! — Estendi os braços diante do corpo para que ele ficasse longe, no mesmo instante olhei para baixo... Me repreendi e tentei focar na minha fuga daquele lugar. — Eu prometo devolver limpinho — zombei calçando meus sapatos.

Como iria voltar? Não trouxe bolsa

— Eu posso te levar — dei meu olhar mais feroz e ele recuou — ou eu posso te dar dinheiro...

— Dinheiro? — questionei, forçando uma risada e jogando nele a merda da calça. Agora ele havia me irritado de verdade. — Você deve estar me confundindo com a sua amiguinha peituda e de pernas compridas.

— Qual o seu problema com a Kiki? — Ele ignorou a calça e a jogou no chão.

— Kiki? Até nome de vagabunda ela tem — resmunguei e fui em direção à porta, mas Noah me interrompeu segurando em meu braço e me puxando para junto dele, seria o meu fim. — Quer parar... de me importunar — pedi ofegante.

— Quando você volta? — sussurrou em meu ouvido, mas sua ereção parece ter encontrado caminho entre o casaco e estava confortavelmente repousando em meu traseiro.

— O quê?

— *Pra* devolver o casaco, quando você volta?

— Vai precisar dele hoje?

— Não, mas preciso de *você*, ainda hoje... — Senti meu corpo fraquejar e minha mente me trair dizendo para engoli-lo de uma vez. — Aquilo que você disse era verdade?

— O que eu disse?

— Não lembra? — ele questionou, girando-me de repente. Seus olhos nos meus, seus dedos cravados em minha cintura e sua ereção... Perdi o foco.

Noah insistia, então apenas neguei, mas posso imaginar ao que ele se refere, minha confissão sobre a tristeza que era minha vida sexual. Culpo o álcool pela coragem que tive de admitir aquilo, afinal, essa parece ser a única explicação aceitável para o fato de eu ter escondido um noivo dele.

— Eu bebi um pouco a mais, seja o que for, deve ser mentira. Bêbados mentem.

— Eu posso te lembrar...

Noah me arrastou para a parede mais próxima, encurralando-me. Seus olhos de lobo faminto se concentraram na minha boca e seu corpo comprimiu o meu.

— Patrícia... — Meu nome escapou dos seus lábios como um rugido, marcando sua posse e seu desespero.

Com a ponta da língua ele percorreu os meus lábios, provando-me, tentando-me, pouco a pouco despertando aquela parte que somente ele conhecia.

Sorri maliciosa na direção dele. Ele conseguiu, despertou a Patrícia selvagem. Minhas mãos mergulharam em seus cabelos com violência, eu o

puxei em minha direção. A parede de músculos que era o corpo de Noah me aprisionou enquanto eu roubava seus suspiros e ele os meus.

Noah se afastou quando uma de minhas mãos desceu para explorar o que havia além da linha de pelos do seu abdome. Apoiei meu corpo na parede, tentando parar de sorrir. Eu me sentia como se tivesse acabado de ganhar um prêmio.

— Então, quando volta? — repetiu, fazendo-me sorrir com escárnio.

Parei de sorrir e afastei-me dele indo em direção à porta, sem dar uma resposta concreta, deixando a promessa no ar. Parei no arco do batente antes de sair.

O olhar dele em minha direção era como o de alguém que lembrara de não ter desligado o gás antes de sair, cuja casa àquela altura já explodira. Tentei não rir.

— Você sabe onde eu moro. — Lancei a ele uma piscadela e, sendo bem canalha, ele devolveu com um sorriso de predador nos lábios.

Aquele dia consegui chegar em casa sem ser presa. Durante todo o caminho de volta eu tentava imaginar o que aconteceria a partir daquele momento, pois eu não tinha certeza de nada, não sabia qual deveria ser meu próximo movimento... Eu só sabia que precisava dele como quem precisa de um dos órgãos vitais, talvez o coração...

Treze

Constantemente acontecem coisas em nossas vidas que não sabemos explicar, sejam elas boas ou ruins. Sempre temos aquela sensação de não ser merecedor de tal feito. Por sermos seres racionais estamos sempre em busca de uma lógica, algo que nos faça entender, que nos tranquilize a mente e nos deixe voltar a dormir à noite.

Comigo não era diferente, quanto mais eu convivia com Noah mais eu tentava entender como aquilo era possível. Ele foi o grande acontecimento na minha vida. Questionei diversas vezes estar tendo um surto psicótico, porque ele simplesmente não parecia real.

06 de abril de 1980

Querido diário,

Mesmo que minha experiência com sentimentos fosse limitada, não que hoje seja diferente, Noah é o único homem que amo, eu sabia que meu coração era dele. Eu o amava e não precisava dizer, apenas sentir, e eu sentia. Não sei se com todos os apaixonados é da mesma forma, mas meu coração parece que vai explodir quando estamos juntos.

Como agora, enquanto escrevo, ele me observa, curioso para saber o que tanto registro. Eu disse que um dia ele poderá ler, assim tudo que eu nunca disse ele saberá. Noah, no dia em que enfim ler, saiba que esse dia tudo em mim estava tremendo por conta desse seu olhar inquisidor, sempre me deixou nervosa e mesmo hoje não é diferente.

Naquela época isso era ainda mais assustador. Sentimentos de modo geral eram uma novidade para mim, mas fomos nos adaptando e Noah me entendia, tinha paciência com todos os meus desmandos e manias.

No entanto, havia algo para o qual nenhum de nós estávamos preparados, a minha mãe. Aliás, querido, desculpe-me pela minha mãe.

Rio de Janeiro, dezembro de 1977

As coisas entre mim e Noah estavam indo muito bem desde aquela manhã não muito gloriosa no quarto dele depois do que chamamos de “acidente alcoólico”. Ele fazia questão de me lembrar todo santo dia, e já tinha mais de um mês. Um mês juntos, não que tenha havido um pedido formal, mas estávamos comprometidos e vinha sendo os melhores dias da minha vida.

Um mês parecia pouca coisa, mas estávamos basicamente morando juntos, ele passava bastante tempo no meu apartamento, mesmo quando eu estava no *PS*. Outro dia, quarta-feira passada, cheguei e ele estava no sofá com a Tai assistindo *As panteras*, sorri e me joguei ao lado deles. Quando não estávamos trabalhando estávamos assim, além de fazendo sexo, assistindo TV, já que ele como dono da *Royal*, algo que ele também fazia questão de lembrar, podia fazer seus horários, então sempre que eu conseguia estar em casa ele tirava uma folga para ficarmos juntos.

— Droga! — reclamei na portaria do peso das sacolas. Noah se ofereceu para ir comigo, mas, orgulhosa, eu disse ser perfeitamente capaz de fazer compras e carregar sacolas.

— Ei, o mundo está acabando e ninguém me disse? — Nunca pensei que ficaria tão feliz ao ouvir uma das piadas da Tai.

— Toma! — Entreguei a ela uma das sacolas.

— Vai fugir do país? Pra que tanta comida?

— Noah quer fazer a ceia de Natal — esclareci, e ela sorriu.

— Finalmente vou comer na sua casa. — Acertei uma das sacolas nela que reclamou ameaçando me largar no corredor.

— Não ouse me abandonar! — esbravejei, notando uma voz familiar vindo do meu apartamento.

A porta estava aberta e a voz aumentou.

— Não acredito! — lamentei em choque.

— Boa sorte! — Tai desejou, largando a sacola que tinha na porta do meu apartamento e entrando com desespero no dela, gostaria de fazer o mesmo.

— Rapaz, você ainda não me respondeu. Onde está a sua patroa?

Fechei os olhos com a cena, o momento não podia ser pior para ela estar aqui, Noah não podia estar em situação pior, ou melhor, dependendo do ponto de vista, já que ele exibia o peito e esse sempre foi um ótimo jeito de me receber.

— Mãe! — chamei sem muita felicidade.

— Querida! — O grito agudo dela deve ter quebrado algumas taças, melhor verificar tudo depois. — Onde você estava?

— Fazendo compras. — Exibi as sacolas pesadas, olhando em direção a Noah e admitindo minha derrota para o orgulho.

— Eu disse que você ia precisar de ajuda.

Sorri fazendo careta na direção dele quando ele pegou as sacolas, e como se elas não pesassem uma tonelada, colocou-as no balcão da cozinha sob meu olhar incrédulo.

— Querida, você não tem empregados para fazer isso? — Mamãe comentou. Puxei ar tentando me manter calma. — Falando em empregados, você precisa demitir esse.

— Quem? — Desviei meu olhar de Noah, ele continuava nessa maldita reforma.

Semana passada ele cismou que o apartamento precisava de reforma. Concordei e disse que chamaria um empreiteiro, mas ele resmungou e disse que cuidaria de tudo, e estava cuidando, só faltava a sala, mas ele me garantiu que hoje terminaria a pintura.

— Esse — mamãe apontou Noah que agora forrava o chão com jornal —, achei ele muito saidinho e respondão.

— Na verdade...

— Rapaz, suas patroas estão conversando — mamãe o interrompeu, e agora entendi a confusão dela —, quando isso acontece você deve se calar. Filha, na minha fazenda eu jamais permitiria algo assim, já teria demitido imediatamente.

— Eu queria explicar...

— Rapaz, já chega! — tornou a cortá-lo e tentei não rir, não que eu tivesse empregados, mas não era de se admirar que ela tenha confundido Noah com um. Ele estava usando sua clássica bermuda surrada, chinelos, a camisa agora presa na cabeça, segundo ele, para não sujar o cabelo de tinta, embora ele parecesse uma tela, havia tinha em seu corpo todo. — Minha filha, você precisa ter pulso com essa gente, senão eles se sentem íntimos e acontece isso, mas você sempre foi mole, puxou ao seu pai.

— Mãe...

— Precisamos conversar, dona Patrícia... — Aos gritos ela também me cortou e dessa vez foi Noah quem segurou o riso, ela deu a ele as costas e focou sua raiva em mim. — Carlos me ligou avisando do cancelamento do noivado, disse que você tem outra pessoa.

— Ele o quê? — Dessa vez fui eu quem gritei.

— Como você ousa terminar seu noivado com um advogado? — A questão dela saiu quase como um choro reprimido. — Primeiro, você já se recusou a casar com o Olegário, agora isso?

— Ele tinha uns cinquenta anos — lembrei, e Noah riu atrás da minha mãe, ganhando um olhar repreensivo de nós duas.

— Mas era um grande fazendeiro. — Revirei os olhos bufando. — Bom, já que insistiu nessa loucura de enfermagem, podia ao menos ter

conseguido um médico, mas um advogado não era ruim. Espero que você tenha terminado com o Carlos por ter conseguido alguém melhor.

— Isso sem dúvidas — acrescentei, e Noah estufou o peito atrás da minha mãe como um pavão querendo se mostrar.

— Que bom, filha. Já estava preocupada. — Mamãe finalmente sorriu. — O que ele é? Cirurgião? Arquiteto?

— É o...

— Seu Noah?

Fomos interrompidos por Sérgio, o meu porteiro.

— Desculpe interromper, dona Patrícia, mas o seu Noah pediu para avisar quando as tintas chegassem.

— Tintas? — Olhei de Sérgio para Noah sem entender, tudo que pedimos para a reforma já chegou.

— Sabe aquela rachadura da entrada? — Assenti confusa ao questionamento dele. — Arrumei, mas vai precisar de uma mãozinha de tinta.

— A gente tem zelador! — reclamei, entendendo que ia ser ele a dar essa mãozinha de tinta na portaria, ontem ele ajudou a dona Lúcia, esposa do Sérgio, com o fogão, agora isso?

— Vai ser rapidinho, Pah. — Neguei quando ele fez cara de filhotinho.

— Espera um pouco... Pah? — A voz da minha mãe chamou a nossa atenção e ela parecia estar vendo uma cena de terror ao olhar Noah e a mim, finalmente deve ter entendido as coisas.

— Como eu tentei explicar, sou Noah, namorado da Pah. — Divertido, ele estendeu a mão em direção à minha mãe que de tão mortificada não devolveu o cumprimento, então ele mesmo pegou na mão

dela e forçou um cumprimento. — Sou hippie e foi um prazer conhecer você, sogrinha.

Precisei morder os lábios com o divertimento que a cena estava me causando, achei que ele fosse se aborrecer, mas já vi que não, estava estampado em seu rosto o prazer que esse momento trouxe.

Segurei Noah pela cintura antes que ele saísse e o beijei com paixão e agradecimento. Eu no lugar dele teria dado um chute na minha mãe pelo modo como ela o tratou.

— De nada — Noah respondeu antes de sair e me deixar sozinha com a fera.



Abri os olhos ao ouvir a porta do quarto ranger. Noah entrou e abri espaço para ele na cama, minha cabeça estava doendo.

— Posso entrar, dona Pah? — provocou, e consegui rir.

— Me desculpe por ela — pedi, aninhando-me em seu peito quando ele deitou na cama.

— Tal mãe, tal filha. — Acertei um tapa nele que reclamou sorrindo. — Tudo bem, não fiquei ofendido, nem julguei a sua mãe.

— Já deu para perceber que ela é terrível. — informei, minha mãe não era a pessoa mais fácil do mundo. — Por isso eu fui embora quando meu pai morreu ou ela ia acabar me vendendo para quem pagasse mais.

— O que ela disse?

— Que eu estava velha demais para ter uma fase rebelde, que se eu queria tê-la matado de desgosto que fizesse isso quando era adolescente e

não agora. Que se meu pai soubesse ficaria envergonhado e que ela vai ser uma piada em Teodoro quando souberem que uma Queiroz de Albuquerque está namorando um hippie.

Noah envolveu meu corpo com os braços com tanta força que não pude respirar, mas eu precisava disso.

— Acho que também não facilitei.

— Não se preocupe, eu esclareci as coisas, mas isso não vai mudar o que ela pensa. Na verdade, nada que eu faça nunca vai ser bom o suficiente para ela, então não se sinta culpado.

— Ela foi embora?

— Adoraria, mas ela está em um hotel, veio passar o Natal comigo. O último, como ela fez questão de lembrar.

— Não se preocupe. — Noah rolou comigo na cama, deixando seu corpo coberto de tinta sobre o meu, em outros tempos eu o teria chutado para longe, mas agora tudo que eu queria era que ele nunca mais se afastasse. — Conquistei a filha, posso conquistar a mãe.

A segurança em suas palavras me comoveu e sabia bem o quanto ele podia ser insistente, conhecia seus dotes de persuasão, mas isso ele não poderia usar com a minha mãe.

— Exibir esse peito não vai funcionar com ela — lembrei, distribuindo beijos nos lugares em que a tinta não pegou, o que era bem limitado.

— Isso arruína meu plano A... — Não controlei a gargalhada, coloquei o rosto dele em minhas mãos sem entender o que fiz para merecer essa felicidade toda. — Adoro ver você sorrindo.



Olhei meu reflexo no espelho conferindo se todos os detalhes estavam no lugar. Eu estava insegura com relação ao figurino e talvez tenha exagerado, o que se confirmou com as expressões horrorizadas nos rostos das minhas duas melhores amigas.

— Patrícia, por que você parece uma dona de casa dos anos 50?

— Finalmente alguém comentou! — Tai soltou, jogando-se na cama após o comentário de Kelly.

Sei que exagerei na escolha do figurino, e sim, o mesmo era da década retrasada, porque a minha mãe ainda hoje era obcecada pelo que ela chama de *A era em que as mulheres realmente sabiam se vestir*. Segundo ela, a posição social era marcada pelas roupas, você sabia quando uma moça ou um rapaz era de uma boa família, e por boa família ela quer dizer ricos, pelas roupas que usavam.

— Eu preciso impressionar a minha mãe, quanto menos motivos ela tiver para falar menos desagradável será a noite — informei, tentando finalizar meu delineador que mais do que nunca devia estar perfeito.

— Isso explica a versão carioca da Grace Kelly. — Tai apontou meu vestido.

— Na verdade, uma versão paulista, mas obrigada. — Fiz uma reverência considerando a observação dela um elogio.

Outra obsessão da minha mãe, Grace Kelly, então meu vestido foi inspirado em um que ela usou em *Janela indiscreta*^[4]. O vestido, como quase todo vestido de noite dos anos 50, ia até a altura dos tornozelos, deixando os pés expostos o suficiente apenas para exhibir o belíssimo salto agulha que comprei mais cedo. A saia era branca, com anáguas leves e sofisticadas, a cintura muito bem-marcada, quase não conseguia respirar, e a

parte de cima era preta, como o de Grace Kelly no filme, mas sem as alças, o modelo que usava não as tinha, porém ele possuía um decote em forma de coração, algo muito comum para que as mulheres pudessem exibir as joias.

Falando nas joias, apontei a caixinha azul ao lado de Kelly e retirei um lindo colar de pérolas. Acho que tudo finalmente estava no lugar, inclusive meus fios de cabelo.

— E então? — Abri os braços e as duas se entreolharam antes de olharem para mim.

— Você está linda — Kelly comentou e Tai assentiu, voltei a respirar —, mas eu gostava mais quando escolhíamos roupas para você seduzir o Noah.

— Ela não precisa mais seduzir ele, já viu como eles se olham?

— Chega! — interrompi as duas, indo para a sala. Já eram quase dez horas, Noah ficou de passar aqui esse horário e juntos iríamos buscar a Fera.

Como as duas também estavam de saída, aproveitei e desci com elas, já que não iríamos jantar juntas Noah ofereceu às minhas amigas uma noite por conta dele na *Royal* e claro que as duas toparam, principalmente, porque ele reservou camarotes junto com todos os belos homens da equipe de vôlei.

— Ai, meu Deus, Patrícia, é o *James Bond* e em uma versão muito melhor que o *Roger Moore* — Kelly observou, e assenti sem ar.

Diante de mim, na entrada do prédio e com as mãos elegantemente para trás, Noah usava um belíssimo e muito bem alinhado terno escuro. Seus cabelos estavam presos, milagrosamente, todos os botões da camisa estavam fechados e ele usava, inclusive, uma gravata combinando com o terno.

— Senhoritas! — ele nos cumprimentou galante, fazendo Tai e Kelly soltarem gritos ridículos, eu nem conseguia falar.

— O que você está fazendo? — perguntei perdida e fascinada ao mesmo tempo. Juro que já estava esperando a bermuda e aquele colete horroroso.

— Pah não reclama que o bofe tá uma tentação — Tai comentou entre dentes, ganhando minha atenção e meu olhar assassino.

— Vocês não estavam de saída? Tcha-u! — pronunciei devagar e com clareza a despedida, para que elas tivessem certeza de que as estava dispensando.

— Indo! — Kelly avisou, puxando Tai pela mão.

— Meu Deus, Patrícia... — elas gritaram da calçada, mas não estava mais atenta a elas e sim a Noah que sorria enquanto seus olhos estavam em mim.

— Sentiu falta do colete, não foi? — ele brincou, e assenti sem ter certeza se devia tocá-lo, não queria amassar o terno, mas senti tanta saudade. — Você está linda, ainda mais...

O sorriso dele me desestabilizou, foi lindo e provocante, como se ele estivesse me admirando e me imaginando nua ao mesmo tempo. Sem perder tempo, minhas mãos deslizaram por seu peito e pude sentir seu coração batendo freneticamente ali. O meu também estava do mesmo jeito, mas àquela altura eu já não sabia se por Noah ou pela situação, no entanto, quando nossos lábios se tocaram e os sinos do paraíso ecoaram em meus ouvidos eu soube que era por ele.

E foi ali, diante daquele sorriso que o fazia brilhar e ouvindo os sinos do paraíso, que eu soube que estava apaixonada por ele.

Eu estava sorrindo, olhava Noah e sorria ainda mais, como se meu cérebro não conseguisse processar nada além de um sorriso genuinamente agradecido.

— Eu sei... — ele disse, e concordei quando ele colocou nossas testas.

Imaginava que todos os sentimentos que corriam desenfreados em meu peito fossem visíveis a Noah, e somente a ele.

— Vamos! — Com um tom divertido, mas autoritário, ele saiu me puxando para a saída do prédio e na calçada congelei.

— Noah?! — Agora entendia o grito das meninas ao sair. Não acredito!

O que estava diante de nós me deixou em choque, e Noah sabia, o sorriso vitorioso em seu rosto me confirmava isso. Como um cavalheiro, Noah se aproximou do carro estacionado no meio fio, um *Opala* em um vermelho vivo, como o sangue arterial, e abriu a porta do passageiro. Tal qual um príncipe, indicando a entrada da carruagem, ele se curvou me convidando a entrar.

Já havíamos concordado que jogar charme não iria funcionar com a minha mãe, a única linguagem que ela entendia era a do dinheiro e aparentemente Noah estava disposto a mostrar a ela que isso ele tinha, pois não era um simples *Opala* — embora o carro por si só já fosse considerado de luxo —, mas o modelo que estava diante de mim era quatro portas, ou o modelo família como chamavam, e, por ser uma das versões raras, era considerado o primo muito rico da família *Opala*.

Não que eu fosse uma grande entendedora do ramo automobilístico, mas Carlos era um verdadeiro fã de carros e adorava falar, e desde que isso nos mantivesse longe do sexo eu falava sobre qualquer coisa, inclusive, fazia umas pesquisas para induzi-lo a falar mais até que ele se cansasse.

Ainda não acreditava que cogitei mesmo me casar com ele...

Quatorze

Acho que um dos nossos grandes medos é seguir os nossos instintos, aquela voz no fundo da mente que diz quando uma ideia é muito boa ou péssima, que nos diz quando ficar ou fugir.

Tudo bem que os meus instintos sempre me disseram para fugir de Noah, mas eles não estavam errados, era apenas uma tentativa de me proteger. Uma reação natural do corpo mediante uma situação considerada perigosa, e o meu corpo, absorto de qualquer sentimento, quase como o homem de lata, considerou o meu amor por Noah como uma grande ameaça, a maior delas.

Sim, Noah Ávila era uma grande ameaça, eu não podia negar... Ele revirou meu juízo e roubou meu coração, me deu liberdade e, acima de tudo, me salvou. No momento em que meus instintos falharam, deixando-me paralisada, foi Noah quem me salvou.

07 de abril de 1980

Querido diário,

Aquele Natal foi uma data única, me lembro com perfeição de cada detalhe. Eu estava nervosa e sem poder respirar direito, talvez isso tenha feito eu me concentrar em tudo, afinal, se houvesse uma falha, a menor delas, a minha mãe saberia, em realidade, não precisava haver falhas, poderíamos ter ido jantar com um rei que ainda assim tudo estaria errado...

Rio de janeiro, véspera de Natal de 1977

O nosso jantar de véspera de Natal estava sendo perfeito, Noah nos levou ao *Antoine* e reservou a melhor mesa. Não sei se a pedido dele, eu apostaria que sim, mas a atenção de todos os garçons estava em nós.

Eu mal podia respirar, tanto pela situação quanto por esta maldita roupa. Eu estava sendo sufocada e reprimida diante de todos, em vários sentidos. Minha mãe não me deixava falar, interrogava Noah como se ele fosse um criminoso e o olhava como se ele fosse uma aberração. Ele por sua vez, sempre sorria, respondia com gentilezas e estava sendo tudo, menos ele mesmo. Eu sentia que ele estava com tanta ou mais necessidade do que eu de impressionar a minha mãe.

Martha Queiroz de Albuquerque, no entanto, não era uma mulher impressionável, acho que nunca na vida a vi fazer um elogio a alguém, agora não seria diferente.

Ao fim do jantar Noah nos deixou na porta do restaurante avisando que havia alguns conhecidos que ele precisava cumprimentar, não levaria mais que dois minutos, porém, ele me deixou sozinha com a Fera e eu sabia o que viria agora.

— Pode falar, o que você odiou? — ofereci a ela a palavra.

— Vai querer discutir em uma calçada?

— Vou, facilita a minha fuga. Não quero ser encurralada em seu quarto de hotel, ou eu pulo pela janela.

— Quando você ficou tão petulante? — Cruzei os braços, a resposta que ela esperava estava bem diante de mim, não tinha como ser amável quando o assunto era a minha mãe. — O que acha que está fazendo?

— No momento respirando e tentando não lhe deixar sozinha no meio de Ipanema na véspera de Natal.

— Você é a minha maior decepção, sabia? — Sorri com amargura, como se ela precisasse dizer isso. — Eu tinha um futuro perfeito planejado pra você.

— Você só esqueceu de um pequeno detalhe, a vida é minha.

— E você a está desperdiçando... Você é tão bonita, Patrícia, tão inteligente, investimos tanto em você e para quê? — Sua voz saiu contida e

notei lágrimas em seus olhos, não acredito que ela esteja a ponto chorar. — Pra você terminar em uma profissão medíocre e namorando um hippie? Eu tenho vergonha de você.

— Você nunca me entendeu — acusei, e seus olhos saltaram como se eu tivesse dito o maior dos xingamentos. — Eu não era a sua filha, eu era a sua boneca. Aquela que você controlava conforme os seus caprichos, querendo para mim o mesmo destino triste que o seu, um casamento por conveniência, com quem pagasse mais, a senhora nunca se preocupou com a minha felicidade.

— Acha mesmo que eu teria me submetido a tortura de estar na presença de um homem como esse seu namoradinho se não fosse por amor a você? Eu precisava entender o que você via nele, concordo que ele tem dinheiro, mas não é o homem que você merece, não está à sua altura.

Sorri confusa e limpando duas lágrimas incrédulas que desceram.

— Eu sabia que você ia encontrar algum problema. Primeiro, você achou que Noah não tinha dinheiro, o que para mim não é um problema, porque meu pai me deixou uma boa herança.

— O que ainda considero um erro.

— Foi para me proteger de você — rosnei, cerrando os punhos —, ele sabia do que você era capaz. Que você poderia muito bem me vender como se eu fosse uma vaca premiada, o que, aliás, você tentou.

— Quanto exagero, você que sempre foi sensível demais. Assim como o seu pai, você não tinha visão, não tinha ambição... E ainda não tem, a julgar o tipo com quem você namora.

— Ambição você tinha o suficiente por nós dois — rebati, sentindo minhas forças se esvaindo. — O que você quer? Um título de nobreza? Porque se for, século errado, mãe — zombei em meio às lágrimas.

— Pelas suas lágrimas vejo que ama esse rapaz. — Suas palavras soaram como a pior das constatações, como se eu estivesse cometendo um grande pecado.

— Então esse é o problema? Os meus sentimentos? — Foi impossível disfarçar o horror em minha voz. — Por isso você aprovava o Carlos, porque via que eu estava conformada com a infelicidade, que eu não o amava?

— Amor é uma ilusão, Patrícia, não existe. Acreditar no contrário só vai fazer você sofrer e diferente do que você me acusa, eu não quero ver isso acontecer.

Completamente atordoada comecei a rir. Meus braços caíram pesados em ambos os lados do meu corpo, era hora de entregar os pontos. Essa guerra não envolvia apenas a minha mãe e sua ambição, era algo mais profundo, algo com o qual eu não estava preparada para lutar.

— Cansei — confessei, deixando as lágrimas molharem meu rosto —, cansei de tentar me encaixar nos seus moldes. Mesmo depois de tantos anos, mesmo tendo fugido de você aqui estou eu, tentando inutilmente fazer você aceitar as minhas escolhas e isso nunca vai acontecer. Olha para mim, eu odeio essa roupa, esse cabelo... Eu não consigo respirar.

Com desespero desatei o cinto que prendia minha cintura e o atirei na calçada, sorrindo aliviada e chorando sem entender direito o porquê. Ainda tomada por uma fúria xucra, retirei os grampos que prendiam o coque perfeitamente arrumado na lateral da minha cabeça.

Meus dedos mergulharam em meus cabelos e o bagunçaram por completo e pelo ar horrorizado da minha mãe devia estar com uma aparência tosca, quase uma selvagem, no entanto, eu estava sentindo uma estranha sensação de liberdade.

— Você viveu em um casamento sem amor e não pensou duas vezes antes de querer me condenar a um também. Eu não posso ser feliz, essa é a verdade. Você não quer que eu seja feliz, porque você não foi.

Fechei os olhos, virando o rosto e me encolhendo quando ela levantou a mão para me bater. Aguardei, mas o tapa não veio. Devagar abri os olhos para ver Noah segurando minha mãe pelo pulso, notei a força que ele fazia para segurá-la na mesma proporção que ela fazia para se soltar.

— O que acha que está fazendo?

— O que *você* acha que está fazendo? — rebateu ele com a voz dura. Em seus olhos a mesma fúria que vi meses atrás na boate, quando aquele bêbado maluco tentou me agarrar, era algo que o transformava e pelo tamanho dele, intimidava, menos a minha mãe, é claro, que mais do que nunca o olhava com horror e desprezo.

— Você não tem esse direito...

— *Você* é que não tem esse direito. — Com um puxão em seu pulso Noah a arrastou em sua direção, mantendo seus olhos presos nos da minha mãe. — Ela é quem deveria ter vergonha de você, como pode uma mãe ter inveja da própria filha?

— Você não sabe o que diz, rapaz.

— Ah, não? — Noah não gritou, mas manteve a voz firme, compassada e carregada com certa ironia, eu diria. — Eu vejo nos seus olhos o ciúme pela coragem que ela teve de fazer o que você não fez ou não pôde. O desejo por liberdade, por felicidade, tudo o que provavelmente lhe foi negado e por isso você se tornou esse ser humano desprezível e oco.

— Escuta aqui, rapaz...

— Não, acho que você já falou o bastante. — De forma abrupta ele soltou a minha mãe que cambaleou e no impulso ameacei avançar e ajudá-la, mas Noah me impediu, segurando em minha mão. — E só pra você saber, eu amo a sua filha.

Na mesma hora meu corpo travou e meus olhos saltaram.

— Não era assim que eu pretendia te dizer. — Assenti, perdendo-o por essa... falha, digamos assim, quando seus olhos se concentraram em mim, mas logo voltaram à minha mãe. — Vamos embora, Pah!

— Ei, como esperam que eu volte ao meu hotel?

— Na vassoura, toda bruxa não tem uma?

Não consegui conter o riso, mas ao mesmo tempo sabia que não podia deixar a minha mãe em uma calçada no meio de Ipanema na véspera de Natal.

Mesmo resmungando, Noah concordou em devolvermos a Fera à sua jaula, o Copacabana Palace, e ao contrário do que eu imaginava o caminho de volta foi tranquilo, mamãe não disse uma só palavra, o único barulho no carro era da rádio, onde a voz de *Rita Lee* nos invadiu com *Ovelha negra*.

*Filha, você é a ovelha negra da família
Agora é hora de você assumir e sumir...*

Lembrei-me do lançamento da música em 75, já fazia quatro anos que eu tinha deixado Teodoro. No instante que a ouvi foi como voltar no tempo, mais precisamente no momento em que comuniquei que estava de partida, que todos os sonhos que minha mãe tinha para mim, o que incluía o casamento com um homem com idade para ser meu pai, seriam apenas isso, sonhos. Uma ovelha negra, foi isso que ela me acusou de ser, mas que eu voltaria arrependida para o rebanho, acho que isso nunca vai acontecer.

— *Baby, baby...*

Olhei com divertimento para Noah quando ele começou a cantar tamborilando os dedos no volante, tranquilo, como se nós não estivéssemos no passeio em família mais estranho da história da humanidade.

Quando chegamos ao hotel todos descemos, mas Noah seguiu em direção à praia, enquanto fiquei na calçada com a minha mãe, ambas o olhávamos descer pela areia de encontro ao mar.

— Eu sinto muito pelo meu pai e por você também, de certo modo, mas eu não tive culpa — decidi quebrar o silêncio e seus olhos se voltaram a mim.

— Eu nunca culpei você por nada, mas acredite em mim, é melhor entrar em um casamento sem ilusões.

— Você fala em casamento como se Noah e eu estivéssemos noivos. Quem me garante que não vamos terminar amanhã? Ou mês que vem? — perguntei, tentando ocultar meus sentimentos, mas tendo a certeza de que a dor por apenas supor a sua ausência ficou aparente.

— Pela maneira como vocês olham um para o outro? Eu tenho pena de vocês. — Revirei os olhos, eu nunca iria entendê-la e tinha certeza de que isso era recíproco.

Ela sorriu ao tentar me tocar, já que meu corpo se retesou. Cheguei até a recuar um passo, mas suas mãos se dirigiram aos meus cabelos e, não sei, acho que ela estava tentando arrumá-los.

— Você fica bem assim.

— Obrigada! — soltei, engolindo em seco.

— Eu espero estar enganada, Patrícia.

Assenti enquanto a observava sumir pelas portas do hotel. Com mamãe fora do meu campo de visão procurei por Noah. Atravessei a rua e o localizei mais à frente, encarando o mar de braços cruzados.

Resmunguei em silêncio ao tirar meus saltos, odiando sentir areia entre meus dedos, como se eu já não estivesse bagunçada o suficiente. Tudo bem que gostei da sensação de liberdade, mas o hippie aqui era Noah. Com cuidado deixei meus sapatos na areia, ao meu lado, antes de abraçá-lo por trás. Minhas mãos comprimiram seu peito, sentindo seu coração pulsando sob elas. Seus dedos se entrelaçaram nos meus enquanto beijava suas costas.

— Eu te amo! — confessei com o queixo apoiado no meio das suas costas.

Noah tentou me olhar por cima do ombro, mas não funcionou, sem os saltos digamos que eu era uma pigmeia. Então, sem desfazer meu enlace, dei a volta e fiquei de frente para ele.

— Não era assim que eu pretendia contar a você, na verdade, acho que eu nunca pretendia dizer.

— Bom saber — zombou, fazendo-me rir da sua confusão.

— Não me entenda errado, ainda estou aprendendo a linguagem humana. — Dessa vez ele quem sorriu. As costas dos seus dedos deslizaram por meu rosto. — Você é o meu primeiro amor.

— Acho que é uma grande evolução. Fui do primeiro cara com quem você quis sexo para o seu primeiro amor. — Mordi meus lábios, querendo enterrar minha cabeça na areia.

— Eu te confessei isso? — perguntei sem graça, contorcendo meu rosto pela vergonha.

— E só para você saber — seus dedos tocaram meu queixo e, com suavidade, ergueram meu rosto —, você foi a primeira mulher com quem eu quis mais que sexo.

Não tive tempo de falar nada, minhas palavras foram roubadas pela boca ávida de Noah. Sua língua encontrou a minha e ambas estavam comemorando a felicidade deste momento. Eu amava e desejava o homem em meus braços com uma intensidade absurda, que me dominava de tal forma que eu não conseguia pensar. Meu corpo inteiro se acendeu, foi instantâneo.

Noah me tocava, olhava ou sorria e meu coração acelerava. Quando não estávamos juntos me pegava suspirando e contando os minutos para vê-lo. Dormia e acordava com um sorriso no rosto causado por um sentimento que não sabia explicar, mas que me fazia querer estar todos os dias com ele.

Nós nos assustamos ao ouvir estampidos, os fogos começaram, era meia-noite, oficialmente Natal. Meus olhos se desviaram das luzes explodindo no céu para o rosto de Noah, para minha surpresa seus olhos estavam em mim, ele sorria, um sorriso lindo, que deixavam seus olhos ainda mais brilhantes que o céu naquele momento.

Devagar me aproximei dele, tinha algo que queria fazer há algumas horas. Meus dedos agarraram no elástico que ele usava para prender o cabelo

e o retirei, atirando em algum canto na areia. Em seguida, dedilhei os botões do seu paletó e assim que ele estava aberto, o retirei.

— Vai me deixar nu?

— Como se fosse algum segredo, todo o Rio de Janeiro já deve ter visto você nu — brinquei e descaradamente ele concordou.

Aproveitei e também retirei a gravata e abri os botões da camisa branca, deixando seu peito exposto. Dei a ele um sorriso satisfeito, agora sim, perfeito. Lembrei-me que há algumas semanas conversando com minhas melhores amigas confessei que gostava de homens de terno, que esses eram o meu tipo, mas agora, eu percebia que o meu tipo era Noah, não importava o que ele vestisse, era ele.

— Muito melhor...

Noah e eu estávamos usando máscaras, não éramos nós mesmos. Éramos como atores, estávamos representando um papel e minha mãe era a plateia. Ela precisava ser convencida, precisávamos ser perfeitos para nos encaixar nos moldes dela, mas estes eram inatingíveis.

Quantas vezes já não fizemos isso? Colocamos nossas máscaras e saímos pelas ruas, tentando aparentar o que não somos, ou exibir uma felicidade que não possuímos, e nos questionando, bem no fundo, se estamos obtendo sucesso. Tentando nos encaixar aos padrões, tentando parecer normais, quando a grande verdade é que estamos nos sentindo miseráveis, e, pior, estamos nos convencendo, pouco a pouco, que estamos bem com isso.

Até Noah aparecer eu estava assim, dizendo a mim mesma que eu estava feliz e realizada, e talvez estivesse. Eu tinha boas amigas, um emprego que eu gostava, no entanto, havia aquela pequena parte que Carlos representava em minha vida, arrgh. Ele era a minha máscara, era a minha tentativa de ser aceita nos padrões infelizes da minha mãe e eu estava verdadeiramente convencida que era o melhor.

Naquele dia, por algumas horas, eu arrastei Noah para essa prisão comigo, então eu fiz uma promessa silenciosa de que nunca mais ia forçá-lo a usar uma máscara outra vez, nunca mais ele precisaria se esconder...

Quinze

08 de abril de 1980

Querido diário,

Eu havia prometido que nunca mais Noah precisaria se esconder, embora ainda hoje eu implique com as roupas que ele usa. Não que eu queira mudá-lo, a mim elas já não incomodam mais, às vezes ele coloca um terno para uma ocasião profissional e embora ele fique uma tentação — além de ser maravilhoso despi-lo depois —, sei que ele detesta e reclama que os sapatos apertam.

Foi algo que demorei a entender, sempre usaremos máscaras, algumas são necessárias, pois existem indivíduos que são... sensíveis a certas atitudes, pensamentos, ou mesmo, comportamentos, então você apenas se preserva...

Rio de Janeiro, dezembro de 1977

Estávamos na calçada do restaurante rindo. Acabamos de ser expulsos do *La Fiorentina* e, por alguma razão, isso era engraçado.

— Desculpe por isso... — pedi com o tom de voz, agora, amansado e me atirando sobre o peito de Noah.

— Acho que eu é quem deveria me desculpar. — Assenti apressada, com certeza, a culpa foi dele e dessa camisa aberta.

Ainda abraçados atravessamos a *avenida Atlântica* para descer em direção à praia do Leme.

— Você poderia ao menos ter fechado os botões.

— Amor, tá calor! — reclamou, e revirei os olhos, foi a mesma desculpa que ele usou quando chegamos e eu pedi para ele fechar a camisa, porque a garçonete estava quase servindo nosso jantar no peito dele. — E você não devia ter torcido o braço daquela pobre moça.

Na mesma hora saí dos seus braços e parei no meio do calçadão cruzando os braços.

— Pobre moça? — questionei irritada e o sorriso que ele exibia era descaradamente cínico. — Os olhares tudo bem, eu consegui aguentar, até mesmo a baba escorrendo, mas querer tocar em você foi demais.

— Ela tava babando? Nem notei. — Cerrei os olhos engolindo um palavrão diante da desfaçatez dele.

— Você nunca nota! — repreendi, e ele me puxou novamente para os seus braços, envolvendo minha cintura por trás e enterrando seu rosto em meu pescoço.

— Francamente, Patrícia, acha mesmo que eu iria olhar pra outra mulher na sua frente?

— Acho! — Minha afirmativa era mais por implicância do que por certeza, sabia que ele não faria isso, em realidade, acreditava que ele gostava de me ver com ciúme, massageava a vaidade dele.

— Você acha que eu seria tão descarado assim? — Sua voz entrou rouca em meu ouvido, como uma provocação.

— Você é um descarado... — lembrei, e senti seu sorriso contra a minha nuca.

— E você adora isso — afirmou, fazendo meu corpo vibrar contra o seu.

Sua língua deslizou sobre a pele atrás da minha orelha, fazendo-me puxar uma grande quantidade de ar e reprimir um gemido. Noah, ainda envolvendo minha cintura, me comprimiu ainda mais contra o seu corpo. Eu estava presa na mais deliciosa e tentadora das armadilhas, seus braços.

— Noah! — adverti em sussurro, não queria que ele parasse, mas estávamos no meio da orla e havia pessoas passando.

— Acha que eu seria louco de trocar você por outra?

Em movimentos quase circulares sua barba roçava ao longo do meu pescoço, seu rosto entre os meus cabelos... Meu corpo ia amolecendo e se ele continuasse assim eu cederia a ele aqui mesmo, na orla da praia, com todos nos observando.

Deixei um sorriso escapar ao imaginar a cena, eu nunca seria tão descarada a esse ponto, mas, de algum modo, essa imagem me excitava.

— Está rindo, Pah? — Com divertimento, e para minha infelicidade, ele interrompeu seus movimentos, mas senti, na parte de trás do meu corpo, sua animação ainda viva.

— Estava imaginando coisas... — soltei provocando e girando meu corpo para ficar de frente para ele.

Levemente, como quem nem percebia o que estava fazendo, forcei meu quadril contra sua ereção. Noah cerrou a mandíbula e afundou os dedos em meu quadril com força suficiente para deixar possíveis marcas, o que fez com que cada músculo do meu corpo se contorcesse de prazer.

— Que tipo de coisas?

— Você me possuindo aqui, na frente dessa gente toda — sussurrei contra os seus lábios e isso dito em voz alta pareceu ainda mais descarado que em minha mente, além de muito, muito errado.

Notei que os olhos de Noah deram um leve salto e talvez eu tenha passado dos limites...

— Eu... eu...

— Na frente dessa gente toda? — A questão me desconcertou, não sabia exatamente como agir ou o que responder.

Ele gostou da ideia?

Com discrição, Noah forçou ainda mais sua ereção contra mim. Era como se a qualquer momento ela fosse me invadir, e eu estava ansiando por isso. Minhas mãos, que estavam em seu peito, desceram contornando seu abdome e deixando minhas unhas cravarem na pele da sua cintura. Tudo em meu corpo se contorceu em uma deliciosa dor, uma tentadora expectativa, um proibido desejo, implorando por essa nefasta fantasia.

— Você não respondeu! — ele cobrou, e não sabia o que dizer.

— Você seria capaz?

— Se você quiser. — Sua língua contornou os meus lábios. — Eu posso tornar todas as suas fantasias reais, todas.

— Você é a minha fantasia — confessei, e seus lábios se esticaram em um doce e cretino sorriso —, você e tudo o que você é.

— Tudo que eu sou?

— Cada parte — reforcei, depositando um beijo convidativo em seus lábios.

— E se eu disser que há partes minhas que você não conhece? Partes que talvez você não goste...

— E se eu gostar?

— Mas e se não? Eu não quero perder você.

Afastei-me dele alguns centímetros, confusa e assustada. Como fomos de uma conversa erótica para uma possível separação?

— Noah, do que você está falando?

— Nada importante, apenas um medo bobo. — Ele tentou me abraçar, mas não deixei. Agora ele me deixou preocupada.

— Não é um medo bobo quando você sugere o fim da nossa relação por algo que eu não sei o que é. — Cruzei os braços e cheia de desconfiança cobreí uma resposta.

— Fui um idiota, não?

— Um verdadeiro goiaba, estávamos falando em sexo na frente de estranhos e, de repente, era o fim do nosso namoro.

— Então vamos voltar ao sexo e...

— Noah?

Uma voz masculina nos interrompeu, Noah sorriu, colocando-me ao seu lado. Um casal sorridente estava diante de nós, eles estavam ofegantes, deviam estar correndo pelo calçadão. Com uma mão na base da minha coluna fui apresentada, como namorada dele, a Jéssica e Maurício.

— Namorada? Jura? — O tom da mulher, uma loira da minha altura, foi de surpresa total, mas não uma ruim, ela parecia feliz com a notícia.

Eram os primeiros amigos do meu, bom, namorado que eu estava oficialmente conhecendo, o que me despertava certa curiosidade, e estava sendo algo recíproco. O casal feliz também estava me olhando fixamente, de um jeito no mínimo estranho, como se eu fosse a nova espécime do zoológico.

— Amanhã tem noite de jogos lá em casa. Leve sua namorada, Ávila, tenho certeza de que ela vai adorar — sugeriu o tal Maurício, e sorri com interesse.

— Ador...

— Temos planos! — Olhei Noah confusa pelo corte tão abrupto, suas mãos pressionaram com força a minha cintura. Isso era um código, eu deveria assentir e sorrir.

— Uma pena, poderíamos nos conhecer melhor. — Concordei com o comentário de Jéssica, adoraria saber mais sobre as pessoas que cercavam Noah, ele já conhecia todos à minha vida, que não eram muitos, diga-se de passagem, inclusive a minha mãe.

— Não esqueça que esse ano a festa da virada é na Susan. Vocês vão, não vão?

Dessa vez eu não sabia o que dizer. E quem era Susan? Meus olhos estavam em Noah buscando uma resposta, ele estava sorrindo em direção ao casal.

— Não tenho certeza, mas aviso qualquer coisa.

— Por favor apareçam, tenho certeza de que todos vão adorar conhecer a Patrícia. — A mulher piscou para mim como se fôssemos amigas íntimas e apenas sorri, ainda mais curiosa para saber quem seriam *todos* que ela mencionou. — Você é uma mulher de sorte, Noah é um homem incrível.

— Disso eu não tenho a menor dúvida... — Olhei Noah cheia de orgulho e aninhando-me em seu peito.

— Foi bom conhecer você Patrícia, sei que nos veremos na Susan, Noah nunca perdeu uma festa. — Acenei e sorri enquanto os dois se afastavam de nós.

Com o casal longe, olhei Noah cheia de perguntas e tudo que recebi foi “são uns amigos”. Claro que isso não foi suficiente.

— Então, nós vamos à festa da Susan?

— Quer ir à festa da Susan?

— Quem é Susan?

Não obtive resposta, Noah desconversou, disse que não queria falar dos amigos e sim voltar ao assunto do sexo. Quem era eu para dizer que não?

Voltamos para casa tentando nos manter com as mãos comportadas, já estávamos atraindo, ainda mais, visibilidade na praia e embora a ideia de ser possuída na frente de desconhecidos ainda me excitasse eu não queria compartilhar a visão paradisíaca que era Noah fazendo amor.

E como era paradisíaca...

Noah arremetia dentro de mim com vigor, seu corpo se contorcia sob meus dedos, como uma resposta erótica ao meu toque. Nós mal cabíamos na cama normalmente e quando estávamos unidos assim, nos entregando um ao outro, era desafiar a lógica, desafiávamos as leis da física... Parávamos o tempo, o mundo, fazíamos o universo ser nosso e se mover segundo a nossa vontade.

Eu ainda não tinha certeza se sexo era tão bom assim ou se era Noah que o fazia ser, mas estar em seus braços, ceder aos seus caprichos, era extasiante. Não sabia como explicar esse furor que crescia dentro de mim, era uma dor que me causava prazer, que me fazia querer gritar sem controle, que me transportava a outro mundo. Um mundo onde Noah, seu corpo e essas sensações eram tudo o que realmente importavam.

Ofegantes caímos um de cada lado da cama, rolei para cima do peito de Noah que subia e descia com rapidez... Fiquei apenas o observando se recompor antes de fazer a grande pergunta:

— Então, vamos à festa da Susan?

Dezesseis

Fechei meu diário e o deixei na cama, eu iria precisar de um café antes de continuar a leitura. Desci e encontrei a bagunça que meu neto e Algodão deixaram, pelo menos Ruth, minha diarista, chegará em breve, sei que ela dará um jeito nisso.

Deixei a cafeteira fazer seu trabalho e me apoiei no balcão olhando tudo em volta. A casa é linda, do jeito que imaginamos, talvez por isso eu não consiga sair daqui e ir morar com algum dos meus filhos, mesmo que eles insistam, e às vezes até me sinto tentada, mas não tenho forças para ir. Os melhores anos da minha vida vivi aqui, são muitas lembranças.

Quando decidimos, ou ele decidiu, que era hora de comprar uma casa, Noah deixou todo seu lado hippie aflorar e disse que queria uma casa em um lugar tranquilo, onde pudéssemos criar nossos filhos livres, andar nus — essa parte antes dos filhos nascerem —, e estar cercados pela natureza. Como resultado nos mudamos para o bairro da Urca, na época já era um dos melhores bairros residenciais para se viver. A associação de moradores havia conseguido, uns anos antes de nos mudarmos, com que a prefeitura mantivesse as áreas paradisíacas que nos cercavam exatamente assim, paradisíacas e intocadas, era um canto especial do Rio de Janeiro que encantou meu marido e a mim no momento em que pisamos no terreno. Era como estar em nossa própria ilha e vivemos assim por anos, como se essa casa fosse o nosso pedaço particular do paraíso.

Noah queria paredes de vidro, achei uma loucura, mas um grande amigo dele era arquiteto e fez um projeto que me deixou sem fôlego.

— *É a nossa casa?*

— *É a nossa casa!* — *exclamei sem acreditar.*

As paredes de vidro estão em pontos estratégicos da casa — que possui dois amplos andares — na cozinha, na sala e um pouco nos quartos. Elas ampliaram os ambientes, tornando-os ainda mais iluminados e é como

se as árvores estivessem aqui dentro, fazendo parte da nossa decoração. No quintal havia uma piscina enorme e graças ao vidro era como se ela fosse uma continuidade da cozinha, dando a ideia de infinito... Foi o que achamos quando tudo ficou pronto, uma casa infinita para o nosso amor infinito.

E foi infinito...

Limpei minhas lágrimas saudosas. Elas escorreram, mesmo com meus olhos fechados, não consegui contê-las.

Desliguei a cafeteira e tentei me recompor quando ouvi a porta ranger.

— Dona Patrícia?

— Ruth — cumprimentei-a e ela se aproximou deixando a bolsa no balcão.

— Lembrança boa? — perguntou com um sorriso no rosto, estávamos juntas havia muito tempo, vimos os traços do tempo se formar em nossos rostos quase ao mesmo tempo.

— Muito boa! — concordei sorrindo e entrelaçando meus dedos na xícara meio quente.

— Seu Noah faz uma falta, né?

— E como. — Voltei a chorar, mas sorrindo ao mesmo tempo.

Ruth veio morar com a gente quando nos mudamos, tinha uns quatro anos a mais do que eu na época, mas com o tempo ela casou e não pôde mais se dedicar a nós em tempo integral, então virou nossa diarista. Agora ela alternava os dias com Eva, que entrou em nossa vida quando Noah... Há três anos atrás.

— A senhora deveria ouvir seus filhos e ir morar com um deles — comentou, e resmunguei sorvendo meu café.

— Você também? — repreendi, e ela sorriu indo em direção ao quartinho buscar o material de limpeza.

— Melhor que ficar nesse casarão sozinha.

— Não estou sozinha.

— Credo, dona Patrícia, não fala assim que atrai. — Sorri quando ela se benzeu.

— As lembranças Ruth — esclareci, e ela pareceu mais relaxada —, são muitas lembranças. Uns 37 anos, só aqui nessa casa. Eu tinha 24 quando nos conhecemos e, apesar de tudo, foi uma conexão instantânea.

— Ele contou que a senhora implicava com as roupas dele.

Gargalhei, deixando a xícara de café no balcão e me sentando em um dos banquinhos, Ruth fez o mesmo.

— Você viu como ele se vestia, e ainda era pior em 77. Ele andava praticamente nu. Aquele colete marrom de tiras era o pior, e ele usava só pra implicar comigo.

— Vocês se amavam muito, isso todo mundo sabia.

— E a minha mãe achou que não fosse durar — confessei, e ela assentiu sem surpresa, Ruth conheceu o *doce* de pessoa que era minha mãe —, mas até que ela tinha razão. Quase 40 anos e não foi o suficiente.

Terminei meu café e deixei Ruth começar o serviço antes que ficasse tarde, avisei que não queria nada especial para o jantar. Ela só precisava organizar tudo e me avisar quando estivesse indo.

Em meu quarto olhei meu diário em cima da cama. Acomodei-me. Liguei a televisão e coloquei no *Youtube*, deixando a voz de *Dionne Warwick* invadir o quarto com *I'll never love this way again*.

A música não podia ser mais oportuna, até porque, era uma das nossas músicas...

*Você olhou dentro de minhas fantasias e fez cada uma se tornar
realidade*

Algo que ninguém jamais descobriu como fazer.

Guardei as recordações uma por uma, desde que você me abrigou

E eu sei que nunca amarei deste modo novamente...

Ela foi lançada em meados de 79, Noah e eu estávamos no melhor da nossa relação. Cada uma das minhas fantasias estavam se tornando realidade e junto com ele, graças a ele. E como na música eu sabia que nunca mais amaria daquele modo novamente.

Peguei meu diário e folheei as páginas...

— Onde estávamos?

Dezessete

10 de abril de 1980

Querido diário,

Nossa vida gira em torno de muitas coisas, entre elas erros e acertos. Cada uma das nossas decisões possuem consequências que, às vezes, passam despercebidas, outras podem ser solucionadas com uma boa conversa, mas algumas, uau! Tem consequências catastróficas. De todas as decisões ruins que tomei em minha vida, a daquela virada de ano pode ser considerada a pior...

Rio de Janeiro, noite da virada de 1977

Estávamos na casa da Susan, uma anfitriã maravilhosa e divertida, devia ter uns trinta e poucos anos. Os cabelos loiros acabavam acima dos ombros e ela tinha um sorriso amigável que parecia esconder todas as respostas do mundo. Ela e o marido, John, me receberam muito bem e fizeram com que eu me sentisse em casa. Noah não estava muito animado em vir, mas insisti, eu queria conhecer o tal *todos* que Jéssica e Maurício haviam mencionado. Eu queria fazer parte da vida dele, de toda ela, assim como ele fazia parte da minha.

Quando ele relutou, eu lembrei o que o casal havia dito quando nos esbarramos na praia, Noah nunca havia perdido uma festa e eu não queria que ele perdesse uma por minha causa, inclusive, disse que ele poderia vir sozinho, eu ficaria com Tai e Kelly, elas iriam à praia ver os fogos e, provavelmente, ficar altas — só espero que não muito, porque trabalhamos amanhã. A ideia de vir sozinho não agradou Noah, então, estamos aqui.

Não sabia o motivo de tanto pavor, todos que estão aqui são casais — algo que realmente me deixou aliviada —, até agora conheci seis, e segundo Susan, havia mais para chegar.

— O que está achando? — Noah perguntou, envolvendo meu corpo com seus braços.

— Incrível... Adorei a casa.

Realmente era um lugar lindo, uma belíssima mansão no Leblon. Estávamos na beira da piscina, abraçados e nos mexendo lentamente conforme a música, sensual e baixinha, que ecoava no ambiente. Peguei uma taça de champanhe com um dos garçons que iam passando e fui repreendida pelo olhar acusador de Noah.

— O quê? Tenho certeza de que esse champanhe não é paraguaio — brinquei, e ele roubou meus lábios. Champanhe e Noah era uma combinação perfeita.

Imagino que em uma tentativa de me fazer beber menos ele pegou a minha taça de champanhe e virou de uma vez. Ia reclamar, mas pensamentos indecorosos tomaram minha mente quando algumas gotas desceram por seu queixo em direção ao seu esterno e se perderam no V da bata branca que ele usava.

Inspirei fundo por me deixar levar na aventura erótica que dominava meus pensamentos agora. Imaginei as gotas por trás da bata, descendo por seu abdome, desbravando os pelos do seu peito e barriga, até, bravamente, chegar ao cós da calça de algodão que ele usava. Minha língua poderia fazer o mesmo percurso, mas ela não seria detida pela calça. Eu a abaixaria, até que ela tocasse as sandálias dele, e descobria o óbvio, ele não usava cueca.

Consegui rir com o pensamento. Meus olhos estavam fixos no meio das pernas dele e não precisava da visão de raio x do Superman para ter a certeza de que essa última parte da fantasia era real, eu poderia tê-lo agora e...

— Vem comigo!

— O quê? — Olhei Noah sem entender, meus pensamentos ainda estavam bagunçados.

Com velocidade, ele entregou a um dos garçons a taça de champanhe vazia e saiu me arrastando para dentro da casa.

— Aonde vamos?

— Colocar em prática tudo o que você estava pensando.

— Como? — Congelei no meio do caminho.

— Eu preciso de você, Pah, agora! — ele rosnou, empurrando uma porta e me puxando com força. Entramos em um banheiro.

— As pessoas...

— Ninguém vai se importar, acredite... — Meu corpo bateu contra a porta, arfei sendo esmagada pelo corpo dele.

— Mas...

— Na verdade, vão até invejar você.

Meus olhos acertaram os dele que estavam carregados de excitação e desejo. Bastava isso, esse olhar e eu perdia o controle. Sorri maliciosa, espalmando minhas mãos em seu peito e contornando sua cintura desci acariciando seu quadril... Meus dedos encontraram o cóis da calça branca e adentraram-na sem dificuldade — sem cueca. Mordi meu lábio inferior ao cravar minhas unhas em seu traseiro, trazendo o corpo de Noah para encontrar o meu.

— Prove! — instiguei, lambendo seus lábios enquanto roçava em sua ereção, ela estava de prontidão, com um soldado pronto para ir à guerra.

Noah me olhou ofegante e curioso.

— Prove que eu vou ser invejada — exigi com os olhos fixos nos seus. Meu tom de voz sério carregava um desafio velado. — Prove, Noah...

Não precisei dizer mais nada. Seu beijo foi como o de um animal selvagem que estava há dias privado de alimento ou bebida. Tinha urgência,

fome e ânsia, mas não era só ele, meu corpo o estava desejando. Cada centímetro de pele gritava pelo seu toque com tanto desespero que eu me sentia padecer.

Meus mamilos intumescidos roçavam contra o meu decote, eles estavam implorando por atenção. Os olhos de Noah se fixaram nesse detalhe, sorri ofegante quando suas mãos grandes e habilidosas agarraram no decote do meu vestido, baixando-o com rapidez e expondo meus seios.

— Tome-os — arfei, contorcendo-me contra a porta —, tome-os Noah — implorei e gemi alto quando suas mãos os envolveram como duas garras possessivas.

Meus dedos mergulharam em seus cabelos, forçando seu rosto ainda mais contra mim. Sentir sua língua molhada e quente envolver meus mamilos, estava sendo divino. Primeiro um, sugando-o e adorando-o, fazendo-me ver estrelas com a pressão que estava fazendo.

Eu sentia coisas poderosas entre minhas pernas, minha carne se retorcia, o prazer reverberava, eu precisava de mais. Sem pudor, e deixando o desejo me dominar, tomei uma de suas mãos e a levei para baixo do meu vestido. Nunca fiquei tão feliz por ter escolhido um modelo curto e rodado. Eu estava aprendendo com ele a usar roupas que facilitassem o acesso.

— Aqui! — reivindiquei.

Rapidamente meu capricho foi atendido. Com familiaridade os dedos dele driblaram a minha calcinha fina e invadiram minha carne estocando com vigor.

— Assim... Assim... — Minha voz saía com sofreguidão, como se eu pudesse chorar a qualquer momento pela dimensão do prazer em mim. Quando seu polegar tocou o ponto máximo do meu prazer eu não resisti e me desmanchei em seus dedos, tremendo e dizendo seu nome.

Aquilo não era o bastante, minha boca exigiu a dele. Roubei seus suspiros e implorei por mais enquanto baixava sua calça até a altura dos joelhos. Lancei meu quadril contra a sua ereção, roçando nela e dessa vez foi Noah quem gemeu. Suas mãos contornaram meu traseiro e ele me

suspendeu. Estremeci com o frio da pia de mármore embaixo de mim. Minhas pernas abraçaram o tronco do homem que amava ansiando por mais prazer.

— Patrícia...

— Eu te amo, Noah... — gemi em sussurro contra o seu ouvido. — Eu te amo...

Saltei com os filetes do elástico batendo em minha pele, ele rasgara minha calcinha. Meu vestido estava suspenso e pude observar seu membro duro entrando em mim. Apoiei minha testa eu seu peito, ofegante puxando-o com força, até ele estar todo em mim. Ele era meu, todo meu, éramos o encaixe perfeito.

— O que mais você quer? — A questão invadiu meu ouvido com desespero. Sua língua me lambia ali, descendo por meu pescoço, ombro e requerendo meus seios. Os ofereci a ele, na verdade, eu por inteira estava me oferecendo a ele.

— Eu quero você — com uma das minhas mãos segurei em seu queixo, mantendo seus olhos fixos nos meus —, assim, pra sempre.

Noah sorriu assentindo, chupando meus lábios e invadindo-os com sua língua possessiva e ávida.

— Pra sempre... — Sua promessa veio com uma vigorosa estocada que me fez gritar contra sua boca. — Pra sempre.

— Sim! — confirmei, lambendo seu pescoço antes de voltar à sua boca.

Era alucinante o que tínhamos, não havia controle, o desejo me consumia na mesma intensidade que o amor.

Na tentativa de trazê-lo ainda mais fundo acabei pressionando a ponta dos meus saltos contra o seu traseiro. Noah gemeu e pediu de novo.

— Você é uma delícia, Patrícia...

Joguei meu corpo para trás, batendo contra o espelho e ele foi mais fundo, com mais força. Eu estava me contorcendo outra vez, minha carne o comprimia indicando que não demoraria muito... Mordi meu lábio com força ao sentir o gozo se aproximando e não consegui conter o gemido de prazer quando ele me dominou roubando minhas forças.

Alinhei meu corpo contra o peito de Noah, meu ventre ainda tremia e, querendo me destruir, uma das mãos do homem que amava encontraram um ponto especial, que ainda pulsava, e ele o estimulou. Eu não estava acreditando, tudo começara outra vez... O prazer formigando em minhas veias e se concentrando entre minhas pernas.

— Noahhh... — soltei sem forças ao me desmanchar de novo em seus braços. Dessa vez ele me seguiu, senti seus fluidos em mim enquanto Noah rugia como uma fera saciada.

Meus braços estavam ao redor do pescoço dele. Noah estava com o rosto apoiado em meu ombro e quando recuperou seu fôlego me olhou sorrindo. Tirei as mechas de cabelo que cobriam seu rosto e o beijei com calma e amor.

— Tudo bem? — perguntou, envolvendo minha nuca com uma das mãos enquanto a outra repousava em minha coxa.

— Eu realmente tenho motivos para ser invejada.

Nós dois sorrimos. O banheiro de Susan era grande e juntos olhamos em direção ao chuveiro, um banho seria bem-vindo, mas não encontramos toalhas, então apenas nos limpamos e nos recompomos da melhor forma que conseguimos.

Sáímos do banheiro extasiados, estávamos tão concentrados um no outro que não notei que havia alguém em meu caminho... Olhei sem acreditar para o meu vestido branco que agora estava ganhando uma tonalidade amarelada, o cheiro de suco de laranja e álcool estavam em mim.

— Eu...

Ia me desculpar, mesmo que o meu vestido estivesse arruinado, fui eu quem esbarrei na pessoa, mas desisti quando vi quem era a dona da bebida que agora estava escorrendo pela minha barriga, a peituda de pernas compridas que vi na boate com Noah semanas atrás.

— Noah, eu estava me perguntando se você viria.

— Não se preocupe, eu estou bem — soltei irritada e me fazendo ser notada pela mulher, esqueci o nome dela, mas sabia que era de vagabunda.

— Foi você que esbarrou em mim.

— Kiki! — Noah a repreendeu e claro, a tal Kiki.

— Eu estou errada? — Neguei forçando um sorriso. — Espera um pouco, eu conheço você? Claro, a bêbada maluca da boate.

— Escuta aqui...

— Patrícia, o nome dela é Patrícia. — Olhei Noah irritada, por que ele estava tão calmo?

— Então, ela é a tal Patrícia que todos estão falando? — Os olhos dela varreram meu corpo. — Eu sou Kiliah, mas todos me chamam de Kiki.

Confesso que não esperava a mudança dela, ela estava sorrindo e parecia verdadeiramente feliz em estar me conhecendo.

— Parece que já fui apresentada. Desculpe esbarrar em você. — Dei o braço a torcer, talvez eu a tenha julgado mal.

— Você precisa se trocar, esse vestido já era. Tenho certeza de que a Susan deve ter algo para emprestar.

Era só o que faltava, começar 78 com uma roupa emprestada. Mas eu não iria estragar a noite e pedir para ir embora, não dessa vez.

— Eu posso te emprestar a minha camisa — Noah soltou divertido e cruzei os braços. — Já tive provas do quanto você fica bem com elas.

Mesmo irritada ele conseguiu me arrancar um sorriso de canto.

— Então, vocês estão juntos?

— Ela é a minha namorada.

— Interessante. — Os olhos da tal Kiki se voltaram a mim e voltei a ligar meu modo de defesa. — Este é o Marcos, meu acompanhante.

Um homem, por volta dos quarenta, vestido de forma bem elegante exibiu seus dentes como um tubarão em minha direção.

— Vocês vão jogar?

— Não! — Noah respondeu seco, fiquei sem entender e, de certo modo, curiosa para saber desses jogos.

— Uma pena, hoje eu estava me sentindo com sorte. — Os olhos dela agora estavam no *meu* acompanhante e carregados de malícia.

— Eu preciso me trocar... — lembrei, e Noah me acompanhou em busca de Susan.



Varri a casa em busca de Noah, não o encontrei. Susan colocou vários vestidos diante de mim, todos ainda com a etiqueta e com a minha indecisão Noah resolveu não esperar por mim no quarto e desceu avisando que precisava de algo para beber.

Na área externa minha impaciência já estava virando desespero.

— Procurando o Noah? — Disfarcei o susto pela voz de repente em minhas costas. Virei-me e encontrei o tal acompanhante de Kiki, sozinho.

Por instinto meus olhos examinaram a área em que estávamos e também não a vi. Senti algo apertando em meu estômago.

— Você o viu? — Forcei um sorriso, tentando não aparentar que eu estava em desespero.

— Claro, foi ao porão com a Kiki buscar bebidas a pedido de John.

— No porão? — Meu desespero se transformou em incredulidade e certa raiva.

— Não é tão ruim quanto parece... — Ele sorriu e me lançou um olhar lascivo enquanto tomava seu copo do que, pelo cheiro, devia ser uísque.

— Como eu chego lá? Eles podem precisar de ajuda.

Por mais que eu tenha dito que não precisava, o homem insistiu em me acompanhar e tive que passar o caminho me desvencilhando do seu toque na base da minha coluna, como se quisesse me guiar. Quis arrebentar a cabeça dele com um vaso, mas precisei lembrar que não podia fazer um escândalo ali.

Estávamos em um corredor largo e ele indicou uma porta. Agradei pedindo a ele espaço para que eu pudesse abri-la sem ter que esbarrar nele.

— Fique à vontade. — Sorrindo, ele finalmente se afastou.

Congelei na entrada na porta.

— O que é isso?

— Ihh, acho que me enganei de porta — o homem comentou atrás de mim e se colocou ao meu lado enquanto eu encarava a cena diante de mim horrorizada.

Gemidos ecoavam na sala e invadiram o meu ouvido.

Estava diante de um salão não muito grande. Da porta conseguia observar tudo, ou quase tudo já que a pouca iluminação do local estava a cargo de duas pequenas luzes vermelhas e isso me permitiu ver uma enorme e redonda cama no centro, onde quatro pessoas, dois homens e duas mulheres estavam... Eu nem sabia dizer o que eles estavam fazendo.

A cama parecia uma espécie de palco, já que ao redor dela havia vários sofás, que deviam preencher o lugar de ponta a ponta, onde algumas pessoas assistiam ao que acontecia na cama como uma plateia.

Observei as pessoas ao redor também se tocando, se...

— Quer entrar e observar? — A voz do homem soou provocativa em meu ouvido e senti meu corpo tremer, meus olhos ficaram marejados.

— O que é isso?

— Esse é o quartinho do prazer, alguns dos nossos jogos favoritos acontecem aqui. — Engoli o grito, junto com meu asco.

As pessoas na cama se retorciam, se tocavam, gemiam...

— Era isso que vocês diziam quando falavam em jogos? — Apontei o quarto e notei minhas mãos tremendo.

— Somos *swingers*, princesa... — Olhei com repulsa seu dedo indicador deslizar por meu braço. — Claro que alguns de nós curtem outras coisas. Gostamos de observar, ser observados, cordas...

— Pah?

Fechei os olhos ao ouvir a voz de Noah ecoar naquele corredor. Ele surgiu de outra porta com engradado em mãos, então ali era o tal porão. Atrás dele Kiki com garrafas de vinho nas mãos.

Os olhos dele me observaram saltados, imediatamente ele largou o engradado de bebida e veio quase correndo em minha direção.

Ergui os braços e recuei fugindo do seu toque. Meu estômago novamente se revirou e engoli a bile que subiu por minha garganta, os gemidos se intensificaram e agora eram vários.

— Pah...

— Você participa disso? — Apontei o quartinho e de imediato Noah fechou a porta, quase o agradei por isso.

— Patrícia, me escuta...

— Ai meu Deus!

Eu sentia que não estava respirando e que precisava sair correndo daquele lugar.

— O que fazia com ela aqui? — ele interrogou o homem ao meu lado.

— Calma, amigo — o homem ergueu os braços, sorrindo de um jeito descarado —, ela estava procurando você e avisei que havia ido buscar bebidas, mas me enganei de porta. Ela ficou curiosa e eu...

— O que contou a ela?

— Por que você não me contou? — A atenção de Noah deixou o homem e se focou em mim, não consegui mais conter as lágrimas horrorizadas que deixavam meus olhos.

— Pah...

— Não ouse me tocar! — ordenei, afastando-me dele outra vez. — Você... Você...

Puxei o ar com força precisava sumir dali.

— Me deixe explicar.

— Não! — Eu o empurrei e olhei minhas mãos que o tocaram como se eu tivesse levado um choque. — Fique longe de mim.

Meu peito se dilacerou, como se alguém o estivesse rasgando a sangue frio.

— Nunca mais me procure... Você, você... me enoja.

Sem dizer mais nada saí praticamente correndo dali.

Alguns psicanalistas dizem que somos movidos por nossos desejos e sentimentos, e o conflito entre eles nos gera um verdadeiro tormento. E era assim que eu me encontrava depois daquela cena, atormentada...

Dezoito

11 de abril de 1980

Querido diário,

Eu não era nenhuma puritana, sabia que estávamos em meio a uma revolução sexual, não sei exatamente quando começou, mas nos anos 60 a pílula chegou ao Brasil e causou um grande alvoroço. Sexo sem fins reprodutivos era visto como uma perversão. No entanto, éramos bombardeados por pensamentos audaciosos via rádio, revistas, televisão. Novas práticas, novos conceitos, iam sendo disseminados, libertando-nos das amarras morais do Estado e da igreja.

Naquela década muitas coisas aconteciam às escondidas, fossem boas ou ruins, às vezes coisas perturbadoras. Estávamos em uma década de ditadura, sendo oprimidos e punidos constantemente, mas o sexo? O sexo era a única coisa que eles não podiam controlar, e isso era extasiante.

O que eu vi naquela noite me deixou confusa. Eu já tinha ouvido falar, o swing foi uma prática que quando chegou ao Brasil ganhou adeptos na velocidade de uma religião, se tornou comum. O matrimônio tradicional e a vida familiar iam — por aqueles que aderiam não só ao swing, mas outras práticas — sendo permutados por novas expressões de amor.

E eu? Eu havia tido uma criação tradicional, eu mal sabia o que era sexo até conhecer o Noah, ainda estava me descobrindo e de repente tudo foi atirado diante mim. Eu desejei e rejeitei aquilo, porque é isso o que fazemos com as coisas que não entendemos, repudiamos...

Rio de Janeiro, fevereiro de 1978

Tentei manter meus olhos fixos no mar, mas os rugidos ferozes e excitantes da equipe de vôlei do Posto 9 estavam tornando isso muito difícil.

Voltamos à praia, Kelly, Tai e eu, as panteras, não por escolha minha, é claro. Fui ameaçada a ser abandonada em todos os plantões se eu não as acompanhasse hoje, e, sinceramente, estava muito tentada a correr em direção ao mar e talvez sumir nas ondas. Se meu corpo não fosse levado, ao menos esse vazio e dor poderiam me deixar.

— Já posso ir? — perguntei pela milionésima vez e tudo que recebi, outra vez, foram os olhares mortais das minhas duas amigas.

— Vai insistir nisso?

— Vocês queriam que eu viesse, eu estou aqui. Já não me torturaram o bastante?

— Não! — responderam juntas e quase aos gritos. Revirei os olhos e mais uma vez me encolhi na espreguiçadeira.

— Pegar um pouco de sol não vai te matar, sabia? — Tai comentou e não dei atenção, continuei com os olhos no mar.

— Você está parecendo a Mortícia Addams.

Esse era um dado do qual não podia discordar. Marcando a minha inconformidade com o que estávamos fazendo ali comprei um maiô preto — algo que foi difícil de achar diga-se de passagem — e uma bata preta, juntando tudo com meus cabelos agora mais compridos e negros, e minha pele completamente alérgica a sol, sim, eu estava a própria Mortícia.

— Obrigada, eu gosto da Carolyn Jones^[5] — rebati sem muito ânimo e deixando meus olhos vagarem, por alguns instantes, até a equipe de vôlei. Dei sorte, ou azar, Noah não estava entre eles.

— Mas olha quem vem ali...

Fechei os olhos lamentando. Pelo tom sugestivo de Tai, acho que havia comemorado cedo demais.

— Se não é o nosso hippie favorito — Kelly confirmou minhas suspeitas.

Tentei não olhar, mas foi mais forte do que eu. Noah vinha descendo o calçadão em direção ao time e não demorou até que seus olhos nos encontrassem. As meninas não estavam fazendo questão de serem discretas, estavam, inclusive, acenando e gritando para ele.

— O Gomes identificou a Mortícia — Kelly zombou, mas não tive forças para mais nada quando os olhos dele acertaram os meus.

Era ele, como sempre. Usando bermuda, chinelos, a regata sobre o ombro e os cabelos soltos. Era o meu Noah, mas de algum jeito eu o olhava diferente.

— Ah não, Pah, não vai chorar, vai?

— Cala a boca! — repreendi Tai e virei o rosto para limpar a merda da lágrima que não pude conter.

— Patrícia, isso já está ficando ridículo. Tem mais de um mês que vocês não se falam. Não vai ouvir o cara? — Neguei ao questionamento de Kelly e as duas resmungaram baixinho.

— O que eu vi...

— Foi sexo, Patrícia, apenas isso. Tudo bem que de uma forma diferente do habitual, mas ainda assim, apenas sexo. Não pode fugir dele para sempre — ela continuou. Desde que contei a história a elas, Kelly tentava me convencer de que não foi grande coisa o que vi, mas foi e ainda é.

— Eu preciso de tempo.

— Quanto tempo?

— Ele não vai esperar a vida toda. Já pensou nessa possibilidade?

No mesmo instante senti meu peito sufocar e inspirei fundo levando meus olhos até ele, que por sinal, continuava me olhando.

— Olha como vocês se olham, parecem dois cães de rua encarando um frango de padaria pelo vidro — Tai comentou e balancei a cabeça recolhendo minhas coisas.

— Onde você vai?

— Cansei de ficar aqui. Se não repararam, isso me machuca — desabafei irritada. — Eu preciso de tempo para digerir tudo isso, não tivemos uma divergência pelas roupas dele, eu descobri que ele... Vocês nunca vão entender e eu não consigo explicar, porque eu mesma não entendo. Eu só sei que preciso ficar longe dele.

— Mais um motivo para vocês conversarem. Pah, você fugiu, não deixou sequer ele se explicar. — Assenti ao comentário de Tai pedindo as chaves do carro para Kelly.

— Talvez as respostas que você procure estejam com ele, apenas pense — Kelly tentou e pelo seu tom de voz acho que pela última vez.

— Não demorem, o plantão hoje é nosso e já vão dar seis horas.

— Entendido, capitã!

Subi a areia quase correndo. Abri a porta do passageiro e despejei minha bolsa em cima dela. Senti-me tentada a ligar o carro e fugir sem direção para o mais longe que eu conseguisse.

— Patrícia? — Reconheci a voz atrás de mim e imediatamente me virei.

— Carlos?

Como se fôssemos melhores amigos ele se aproximou para um abraço, retribuí mais pelo susto do que pela vontade. Os olhos dele me acertaram cheios de surpresa, entendi, eu estava de biquíni e na praia.

— Acho que as coisas mudaram, na minha época você detestava praia.

— Ainda detesto, vim obrigada — informei, e ele sorriu, parecia feliz.

Por educação perguntei como as coisas estavam indo na vida dele e fui informada que ele conseguiu a promoção que queria. Tentei sorrir, fiquei contente por ele, espero ter me saído bem. Sorrir não vinha fazendo parte da minha vida nas últimas semanas, acho que nem sabia mais como fazer isso. Pegando-me ainda mais de surpresa fui apresentada a Sofia, a garota com que ele estava saindo, ela parecia legal.

— Nos falamos, Patrícia.

Acenei em direção aos dois quando se foram. Pobre garota, alguém deveria alertá-la para fugir enquanto podia.

— Você deveria alertar essa garota.

Noah! — disse em pensamento, como um grito desesperado.

Fechei os olhos e respirei devagar... Um calafrio percorreu toda minha coluna e fiz força para me mexer, meu corpo parecia ter congelado.

E lá estava ele, diante de mim, sorrindo de forma despreocupada, enquanto eu estava me desfazendo por dentro.

— Sempre me questionei se você sabia ler mentes.

— Mentos não, uma só, a sua. Você sempre foi transparente.

— Que bom, então imagino que já tenha percebido o quanto essa conversa está sendo desconfortável. — Meu tom de voz saiu frio o bastante para congelar até mesmo o inferno.

— Eu sei, eu...

— Não se aproxime, por favor. — Estendi os braços marcando distanciamento e, por precaução, afastando-me um passo.

— Nós precisamos conversar, você não acha?

— Não, não ainda.

— Eu vi você aqui e achei que...

— Achou errado — cortei inquieta e me sentindo sufocada por sua presença —, fui obrigada pelas minhas amigas, que, aliás, estão nos observando e provavelmente se divertindo com essa exibição gratuita de tortura.

— Estou torturando você?

— Achei que eu fosse transparente?!

— Eu sinto muito, por tudo.

Ia me afastar, talvez voltar andando, mas uma dúvida queimou em minha garganta.

— Uma vez você questionou o porquê de eu não ter contado que tinha noivo, inclusive, me chamou de mau-caráter... E você, como se classificaria depois do que escondeu de mim?

— Achei que não quisesse conversar?!

— E não quero — informei, apoiando-me no carro de Kelly com os braços protetoramente cruzados —, é apenas uma curiosidade, quase uma observação.

— Nesse caso, respondendo à sua curiosidade — revirei os olhos ao notar que ele tentava não rir, talvez tenha sido um erro iniciar essa conversa —, não fui muito melhor do que você. No entanto, você tinha uma boa justificativa para ter esquecido um noivo, imagino que não precise lembrar qual era.

— E você, teria uma justificativa?

— Não queria te perder...

— Não funcionou! — acusei irritada.

— Eu sei e lamento por isso, você não faz ideia do quanto. Vou deixar você em paz...

— Por que não me contou? — exigi quando ele já estava de costas.

— Outra curiosidade? — rebateu e mesmo que ele não estivesse vendo, pois continuava de costas, dei de ombros.

Como não respondi, e o silêncio estabeleceu-se entre nós, ele então se virou e deu alguns passos em minha direção. Dessa vez não recuei, mas, em contrapartida, meu olhar magoado não era a imagem mais receptiva do mundo.

— Podemos falar das suas curiosidades em outro lugar? Talvez no seu apartamento?

Assenti sem muita segurança, mas quem sabe Kelly tenha razão e Noah estivesse com as respostas que procurava, não podia continuar com esse tormento em minha mente para sempre.

— Hoje tenho plantão, mas amanhã quando eu sair, esteja na porta do meu apartamento.

— Como quiser!

— Aliás, eu estou no apartamento da frente agora — informei e seus olhos se estreitaram em dúvida. — Troquei com a Tai, eu não estava sabendo lidar com as lembranças.

— Entendo... Nos falamos amanhã então.

Sem dizer mais nada ele se virou e meus olhos o seguiram enquanto ele descia a areia indo de encontro com a equipe de vôlei, mas antes que eu sumisse dentro do carro de Kelly pude ver seus olhos em mim mais uma vez e ele estava sorrindo. Desviei o olhar, encarando a o outro lado da rua. Nessa hora meus lábios se esticaram e, para minha surpresa, eu estava sorrindo.

Dezenove

12 de abril de 1980

Querido diário,

Dentro do mar de incertezas em que eu estava mergulhada, duas coisas estavam bem claras em minha mente. A primeira, eu não era mais aquela Patrícia de antes do Noah e estava agradecida por isso. A segunda, eu o amava e a possibilidade de não o ter mais em minha vida estava me matando...

Rio de Janeiro, fevereiro de 1978

Estar novamente na presença dele era, de algum modo, reconfortante e assustador. Éramos estranhos sem ser, era confuso.

— Eu preciso me trocar... — avisei sem poder mais aguentar continuar com o uniforme.

Como combinado ele estava me esperando e mesmo cansada eu queria acabar com isso de uma vez. Como arrancar um esparadrapo, um puxão forte, uma dor única e tudo se encerrava. Então, não ia trocar de roupa, mas não conseguia ficar sentada na minha casa com o uniforme sujo.

— ...passei a noite com essa roupa.

— Eu espero.

— Perfeito.

Deixei Noah na sala e fui em direção ao quarto, ainda era estranho estar neste apartamento, mas o meu estava impregnado com o cheiro dele e, antes que eu tacasse fogo em tudo, Tai sugeriu a troca.

Não quis demorar no banho, não queria que ele pensasse que eu o estava evitando, realmente precisava me limpar antes de conversar com ele. Diante do espelho, ainda enrolada na toalha, desembaracei meus cabelos observando minha imagem refletida. Estava uma pilha de nervos, meu coração estava acelerado e embora eu dissesse que não queria evitá-lo eu estava fazendo isso agora.

Outro reflexo em meu espelho me chamou atenção, Noah na porta do quarto.

— Mas o que... — Soltei a escova e, na tentativa de fugir do seu avanço, bati contra o espelho do roupeiro. — O que você acha que está fazendo? — questionei tentando me livrar dos seus braços que rodearam a minha cintura. Perdi o ar e a fala por esse movimento inesperado.

— Eu tentei, Pah...

Pah? Eu não aguentava quando ele me chamava assim, quando me olhava assim. Vi desejo em seus olhos e dor.

— Tentei ficar na sala, mas estava imaginando você aqui tirando o uniforme e entrando no banho, depois saindo do banho... Você nua a poucos metros de mim.

Seus braços me comprimiram contra o seu peito. Inutilmente meus braços forçaram uma saída, mas tudo que consegui foi que a toalha se desprendesse, deixando-me completamente nua em seus braços.

Essa não!

— Isso é demais pra qualquer um, Patrícia...

Meus pés não tocavam mais o chão, literalmente. Noah com seu enlace me levou até a cama e antes que eu pudesse me dar conta já estava retribuindo suas carícias e exigindo outras.

Sob Noah, meu corpo se debatia, mas não havia intenção de fuga e sim a busca por contato, eu precisava sentir cada pedacinho de pele meu ser tocado por ele...

— Maldito zíper! — rosnei ao tentar abrir a merda da bermuda e notar o zíper emperrado.

Eu não deixaria um maldito zíper me deter. Empurrei o corpo de Noah até que o meu estivesse por cima dele, seus olhos me acertaram surpresos, e, de certo modo, assustados, se eu quisesse fugir esse seria o momento e até faria isso se sua ereção não estivesse sendo pressionada entre minhas pernas. Seria um desperdício fugir agora e deixá-lo assim, quase uma tortura, para ambos, e tortura era algo que sempre fui contra.

Como uma fera faminta inclinei meu rosto em direção ao seu peito, arranhando, mordendo, lambendo e seguindo ansiosa rumo à felicidade.

Minhas mãos se detiveram no maldito zíper, no mesmo instante meus olhos encontraram o olhar pidão de Noah, eles imploraram que eu o libertasse ali e terminasse com aquela clausura e assim fiz, um único puxão e o feixe cedeu. Em agradecimento, um velho amigo saltou feliz em me ver.

Talvez os dias longe dele tenham levado embora meu juízo, mas juro que senti seu membro me chamar e, então, apenas atendi ao seu chamado. Os olhos de Noah saltaram e seu quadril se ergueu em minha direção no instante em que o coloquei entre os lábios, beijando, inconscientemente, medindo-o e me preparando para devorá-lo por inteiro.

— Patr...aaaa! — Suas palavras foram substituídas por um rugido feroz.

Seus dedos mergulharam em meus cabelos. Noah sempre foi uma visão tentadora, mas Noah se contorcendo de prazer era uma perdição, a verdadeira ruína, o abismo que chamava e você atendia.

— Eu preciso de você, Pah!

De súbito fui privada do barato que era continuar com minha boca ali. No entanto, algo tão bom quanto estava prestes a acontecer. Com urgência seus lábios roubaram os meus e nossas línguas se tocaram no instante em que sua ereção rija me invadiu. Meu grito abafado ecoou no quarto e parei na cama, sentindo-me no paraíso outra vez.

Nossas peles deslizavam uma contra a outra, reconhecendo-se, desejando-se. Querendo-o ainda mais fundo, minhas pernas enlaçaram sua cintura e o puxaram. Noah aumentou seu vigor, arremetendo com mais força, mais rápido... Meu desespero e exigências aumentaram quando senti que meu gozo estava perto, meus pensamentos mais do que nunca estavam turvos. A única clareza era que eu precisava mais dele e queria dar tudo de mim.

— Assim... Noah! — Perdi o ar com as contorções poderosas que o gozo provocava em meu corpo.

Contorcendo-me e respirando com dificuldade me entreguei àquele prazer incomum, sendo seguida por Noah. Seus jatos poderosos dentro de mim provocaram novas ondas de prazer. Sorri, afundando satisfeita na cama.

Com um sorriso estúpido no rosto desabei sobre o peito dele. Meu rosto subindo e descendo levemente, acompanhando seus movimentos em busca de ar. Meu nariz roçava em seu peito, entre seus pelos, reconhecendo seu cheiro, nosso cheiro na verdade. Nossas essências se misturavam ao cheiro de sexo, e isso era perfeito...

Meus olhos saltaram de repente, meus pensamentos se acalmaram e se deram conta do que havia acabado de acontecer.

— O que você fez comigo? — Pulei na cama, saindo dos braços dele e olhando em volta buscando algo para vestir.

— Como é? — Noah se sentou me fazendo perceber que a única coisa que podia usar eram os lençóis que também o cobriam.

— Você é um tarado, sabia? — Irritada, puxei os lençóis e tentei desviar da visão de Noah gloriosamente nu em minha cama. Iria ter que me mudar outra vez. — Aposto que usou esse pretexto de vir conversar para isso, me arrastar para cama.

— Claro, porque eu fiz tudo sozinho.

— Basicamente — acusei enquanto transformava um dos lençóis em vestido —, olha o seu tamanho e olha o meu, acha mesmo que eu teria alguma chance de resistir?

Meus olhos novamente varreram o quarto e encontrei a bermuda dele, peguei-a e atirei em seu rosto.

— Engraçado que eu não ouvi nenhuma reclamação, ao contrário, lembro de você pedindo mais... — Bufei diante do descaramento dele.

Engoli em seco, vendo-o se levantar e colocar a bermuda.

— Chega! Sai da minha casa, sai da minha vida. Eu nunca devia ter concordado com isso — gritei, abrindo a porta do quarto. — Isso só prova que eu tinha razão, você é um tarado, um perverso, eu... Vai embora!

— Francamente, Patrícia, você se lambuzou, aproveitou tanto ou mais que eu e ainda me acusa de tarado? — Agora ele quem gritava irritado, escancarando a porta do quarto. — Achei que você fosse mais madura.

— Vai embora! — exigi, rosnando contra o rosto dele.

— Mimada! — ele devolveu da mesma forma e assim que ele passou bati a porta do quarto e sentei na cama.

Não demorou até que eu ouvi a porta da sala bater também. Inspirei e expirei com força, espantando as lágrimas em meus olhos. Chequei meu pulso, não me sentia bem, tinha algo errado comigo, com meu coração, ele não parecia estar batendo certo.

Tirei essa roupa de lençol e coloquei uma camisola, sorri ao notar ser a de cor pêssego que Carlos fez questão de não notar.

Precisava comer e dormir, talvez queimar a cama e os lençóis antes disso... Saltei perdendo o ar ao sair do quarto, Noah continuava ali, recostado na porta e me encarando.

— Eu não quero sair da sua vida, Patrícia.

— Noah... — Dei alguns passos em sua direção, tentando organizar minhas palavras e não dizer nada que pudesse me arrepender, ainda mais. — Eu achei que estava pronta para essa conversa, mas não estou e ficar muito perto de você não me faz bem, eu perco o controle e acabo magoando nós dois. Eu te amo...

— E eu também te amo, com todo o meu coração, Pah. — Ele anulou completamente o espaço entre nós, suas mãos tocaram as minhas e tudo parecia tão familiar. — Com toda a minha alma.

Seus dedos secaram minhas lágrimas. Meu peito doía, como se uma mão estivesse comprimindo meu coração.

— Ainda sou eu, Pah... — Seus dedos se encaixaram sob meu queixo, erguendo minha cabeça e mantendo meus olhos fixos aos dele. — Sou eu.

Como uma rendição ao que eu sentia por ele, soltei o ar que estava prendendo e me lancei em seus braços. Acho que esse movimento pegou Noah de surpresa, pois ele levou alguns segundos para reagir e retribuir meu abraço, talvez duvidando que eu estivesse de fato cedendo.

Beijei seu rosto, seguindo o caminho diagonal que levava aos seus lábios. Seus braços contornaram minhas coxas, colocando-me em seu colo e nos direcionando ao meu quarto. A cama ainda estava quente pelo que tínhamos feito minutos atrás, comprovei isso quando meu corpo repousou nela.

Fiquei observando Noah se despir, não que houvesse muito a tirar, apenas a bermuda. Prendi a respiração enquanto o observava acariciar meus pés, depositando beijos suaves neles, sem perder contato visual comigo... Deixei meu corpo afundar na cama ao sentir seus lábios avançando, com beijos molhados e lambidas, ao longo da minha perna até o meu quadril.

Seu toque estava mais suave do que nunca, era como estar sendo tocada por uma nuvem, uma nuvem que estava fazendo meu corpo queimar...

Não dissemos nada, não era preciso, os olhares que estávamos trocando bastavam. Eu amava Noah e ele a mim, o resto íamos ajustando, ainda teríamos muito que conversar. Eu ainda tinha perguntas, mas, por agora, a certeza de estarmos juntos era o suficiente.

Vinte

Fechei meu diário ao ouvir batidas à porta, baixei ainda mais a música quando Ruth entrou.

— Perdida em pensamentos, dona Patrícia?

— Sempre, Ruth, sempre... — Sorrindo apontei a ela o envelope em cima da escrivaninha, continha o pagamento da semana e um bônus pelas festas de fim de ano.

— Quando as crianças chegam?

Suspirei saudosa, sabia que meus filhos não eram mais crianças, mas era como se fossem e sempre iriam ser. Principalmente, porque ainda hoje fazem o mesmo bico irritado quando são contrariados, mais especificamente, sempre que digo que não vou morar com nenhum deles. Às vezes digo isso só para provocar e ver o bico se formando, Noah dizia que eles haviam puxado isso de mim.

— Na véspera de Natal. Pode vir me ajudar a preparar tudo?

— Claro, Eva vem também?

— Sim, vou precisar de toda ajuda. Três filhos, uma nora, dois genros, cinco netos e um cachorro... Vai ser divertido — comentei, mesmo sabendo que não estaríamos completos, nunca mais.

— É sempre bom ver essa casa cheia.

— Também acho. — Melhorei minha posição no encosto da cama e voltei a aumentar um pouco a música.

— Suas amigas vêm?

— Como todo ano! — exclamei e ela faz uma cara preocupada, sabia que a bagunça seria grande.

— Então, até dia 24, dona Pah...

Pah?

Assenti quando ela saiu.

Pah? — Olhei meu diário ao ouvir uma voz familiar me chamar.

— Estou aqui...

Busquei o marcador de páginas e retomei a leitura de onde parei.

Vinte e um

14 de abril de 1980

Querido diário,

Eu lembro, com clareza, como se fosse agora, da sensação que foi acordar ao lado de Noah depois daquele mês separados. Acordei primeiro e o vi esparramado ao meu lado, um dos braços cobrindo os olhos, era uma posição típica dele, e o lençol entre as pernas.

No primeiro momento sentei na cama assustada, achando que era um sonho, ou um pesadelo, que vinha me torturar, fazendo-o desaparecer assim que eu o tocasse, mas não era. Ele estava lá, respirando lentamente, seu coração batendo sob a palma da minha mão direita.

E naquele instante eu soube, ou melhor, tive a certeza de que o amava, amava com todo meu coração, com tudo que havia em mim, para sempre...

Rio de Janeiro, fevereiro de 1987

— Por que você está me encarando? — A voz dele ecoou rouca e preguiçosa pelo quarto.

Sorri apoiando meu queixo em seu peito. Aos poucos os olhos de Noah foram se abrindo. Ainda sonolentos eles se direcionaram a mim.

— Eu tenho algumas perguntas.

— Imagino! — Uma das suas mãos afagavam meus cabelos enquanto eu tentava organizar meus pensamentos.

Meus olhos desviaram de Noah e encararam seu peito subindo e descendo, a respiração dele aos poucos ia acelerando, acho que eu não era a

única pessoa nervosa ali

— O que você viu...

— O que era aquele quarto? — perguntei e no mesmo instante me sentei na cama. Noah acomodou-se também, apoiando suas costas no encosto da cama.

— Nosso quarto de jogos. — A tranquilidade em suas palavras quase me fez rir nervosa.

— Você fala como se vocês se reunissem para jogar xadrez.

— Não é muito diferente — revirei os olhos com a ironia dele —, sério. Somos as peças, posições são importantes, você precisa estar seguro dos seus movimentos e todos buscam um xeque-mate.

— Eu deveria achar engraçado?

— Desculpe! — Noah endireitou seu tronco, desencostando do recosto e se aproximando de mim. — Aquele quarto usamos para realizar algumas fantasias. Observar e ser observado, principalmente, mas temos outras que praticamos em pares.

— Vocês trocam seus pares?

— Sim, se chama *swing*.

— Eu sei! — rebati sem muita certeza e com uma dúvida em mente. — Como isso não é traição?

— Correndo o risco de soar bem canalha e talvez levar um tapa, se eu fizesse isso enquanto estamos juntos não seria escondido. Seria com seu consentimento e com você ao meu lado. — Suas mãos tocaram as minhas que neste momento tremiam nervosas. — Eu sei que parece confuso, mas não haveria mentiras, eu não faria nada nas suas costas.

— E se eu não quiser participar dessas coisas? — questionei, apreensiva com a resposta.

— Por mim tudo bem... Eu quero você.

— Mas você gosta...

— É apenas sexo, e eu prefiro o que temos, eu prefiro você.

Respirei aliviada e me atirei em seus braços, era a resposta que eu precisava ouvir no momento. Precisava saber que eu seria o bastante para ele, mas ainda tinha algo martelando e forçando a saída pela minha garganta.

— E se eu quiser participar?

Os olhos de Noah me olharam intrigados, como se estivessem em dúvida se falava sério ou se era uma armadilha.

— Eu vou estar ao seu lado o tempo todo, e só faremos o que você quiser, o que deixar você confortável.

— Essas festas...

— Acontecem sempre — esclareceu ele, e assenti —, mas não é o bacanal que você imagina. Somos adeptos do amor livre.

Afastei-me alguns centímetros, me apoiando em seu peito e erguendo uma sobrancelha cheia de escárnio.

— Isso soa como um bacanal pra mim.

— Eu sei! — Ele sorriu, colocando os dedos em meu queixo e beijando meus lábios.

— Não tente me distrair... — pedi, mesmo que fosse uma deliciosa forma de distração.

— O conceito foi corrompido ao longo dos anos. Quando falo em amor livre eu não me refiro a uma orgia, ou ter várias amantes. Não é um show de promiscuidade, e, sim, a fazermos nossas próprias regras, sem nos prender a convenções ou leis.

— O que tem de errado com a monogamia?

— Nada, assim como não tem nada errado com a poligamia, ou o celibato. Quem dita as regras somos nós, porque é a nossa vida. Se queremos ser apenas nós dois até que a morte nos separe, tudo bem, mas se não, tudo bem também. O poder de decisão deveria ser nosso, isso é o amor livre.

— Eu quero você — afirmei, montando em seu colo.

— E eu quero você!

— É o bastante? — insisti com seus olhos em mim.

— Você é o bastante pra mim — seus lábios tocaram os meus cheios de amor —, o resto é um bônus.

— Eu te amo, Noah... — sussurrei e seus olhos sorriram para mim.

— Ainda lembro a primeira vez que você disse meu nome.

— Saiu sem querer — lembrei. Suas mãos deslizaram por minhas pernas e contornaram o meu traseiro.

— Mexeu comigo. — Inclinei meu rosto levemente para a direita, oferecendo a ele a pele do meu pescoço. — Eu soube que queria ouvir meu nome saindo da sua boca de novo, e de novo...

— Noah! — ofeguei, e ele sorriu.

— Assim...

— Eu nunca achei que fosse me apaixonar — confessei em seu ouvido.

— Sendo sincero, nem eu... Mas quando eu vi você se aproximando, os cabelos contra o vento, depois parada apenas contemplando o mar.

Minhas mãos espalmaram em seu peito, afastando-o alguns centímetros e interrompendo seus carinhos.

— Esbarrou em mim de propósito? — questionei em choque, e ele sem um pinga de inocência no olhar confirmou.

— Não achei que fosse te acertar, achei que você me veria e sairia da frente. Eu precisava conhecer você... Era a garota com as costas mais bonitas que eu já tinha visto.

Não controlei o riso e ele tão pouco.

— Poderia ter vindo falar comigo, como um cara normal. Eu te odiei por esbarrar em mim. — Enlacei meus braços em seu pescoço colando nossos rostos.

— Você não teria me dado bola... Aliás, você não me deu bola e ainda deu no pé.

— Culpada! — Ele tinha razão e isso não podia negar, fiquei impressionada, mas não teria dado, e não dei, a ele a menor atenção.

E esse teria sido o meu maior erro.

— No entanto, a julgar pelo fascínio das suas amigas nos meus amigos — revirei os olhos pelo tom prepotente que ele usou —, garanto que se não fosse na boate, teríamos nos reencontrado na praia outra vez.

— Não conte com isso, eu odeio praia — sussurrei contra os seus lábios e ele me encarou como se eu tivesse acabado de confessar um crime, talvez fosse.

— Você devia ter me dito isso antes, acho que a nossa relação não tem como dar certo assim... — Fingindo irritação, ele ameaçou se levantar, mas o impedi com o peso do meu corpo e me apoiando no encosto.

— Será que não? — provoquei com a língua descendo por seu pescoço e minhas unhas arranhando seu peito.

— Não vejo como — Noah resistiu, mas o seu corpo já se entregou a mim. A grande prova estava rija embaixo de mim.

Com ar de pecadora minhas mãos desceram invadindo o lençol e provocando-o.

— Tem certeza? — Chupei a sua orelha e ele se contorceu.

— Que se dane a praia! — rosnou, segurando-me pela cintura e me atirando abruptamente na cama. Prensando seu corpo contra o meu.

Eu estava gargalhando com ele em meus braços.

— Eu te amo... — Dei de ombros com as suas palavras, e ele também sorriu.

Noah e eu estávamos nos encarando em silêncio, nossos olhos transmitiam o amor que havia entre nós dois. Algo em que pensei bastante ao longo dos dias que ficamos afastados foi nas pequenas loucuras que realizamos juntos.

Transamos em uma viela. Transei com ele estando comprometida com outro. Nossos joguinhos quando colocava meu uniforme, quase transamos no meu local de trabalho e já o desejei em locais públicos. Imaginar o olhar das pessoas sobre nós, sobre mim, desejando ser um de nós, me deixava animada e por que não dizer excitada?

Nada disso eu teria feito, ou sentido, se não fosse por Noah. Eu descobri partes de mim que me assustavam e fascinavam. Um lado que ia além da dondoca que eu fui criada para ser, eu gostava de quem eu era quando estava com ele e por que não ir além?

— Eu quero! — soltei de repente, sem muita certeza e sentindo meu coração parar no peito.

— O quê?

— Os seus jogos...

— Pah! — Seus olhos me repreenderam, mas precisava que ele entendesse.

— Eu sei que não reagi muito bem quando descobri o quarto...

— Você fugiu e ficou um mês ignorando a minha existência.

— Eu sei, mas eu pensei em você o tempo todo. Eu mudei de apartamento. — Consegui arrancar um meio sorriso dele, mas ainda via seu receio. — Noah, eu não entendi nada disso e por mais que você explique eu ainda não entendo... Quer dizer, minha cabeça entendeu tudo, meu coração é quem não entendeu nada. Eu quero que você me mostre as coisas que você gosta.

— Tem certeza? Eu mantenho o que disse, eu só preciso de você.

— Tenho, eu quero fazer isso com você.

— Susan vai dar um baile de carnaval amanhã, quer ir?

— Amanhã? — Não achei que seria tão rápido. — Vai ficar comigo?

— A vida toda se você deixar.

Assenti sem conseguir respirar.

— Então, vamos fazer isso.

...

Limpei as lágrimas que desceram pelas lembranças que me atingiram. Algumas pingaram em meu diário e com as mãos trêmulas, limpei o que podia.

Notei que havia manchas de outros pingos na página, pingos antigos, lágrimas secas. Às vezes me pergunto o porquê de ainda me torturar com

essas lembranças, o certo seria nunca mais olhar. Como se eu precisasse deste diário para me lembrar dele, para me lembrar de nós.

O conteúdo dessas páginas só tornava tudo mais real, elas me trazem Noah. Eu o sinto, eu o vejo, eu o ouço.

— Eu te amo, Pah...

Um sussurro ecoou pelo quarto, fazendo-me sorrir. Fechei meu diário e me acomodei para tentar dormir.

— Eu te amo, Noah — devolvi, fechando os olhos e me deixando levar pelos sonhos.

Vinte e dois

Senti mãos me sacudindo e pelo tom de voz não acreditei que ela tivesse feito isso, outra vez.

— Você sabe o que é emergência? — Abri os olhos reclamando.

— Pelo amor de Deus, Pah, décadas de amizade e você ainda não entendeu que se eu toco a campainha e você não atende é uma emergência. Além do mais, você está velha, pode mesmo estar morta.

— Não estou velha — rebati bocejando. — Sou mais nova que você.

— Quatro meses.

Sorrindo, saí das cobertas curiosa para descobrir o que fez minha melhor amiga despencar de Niterói e vir bater na Urca às...

— Por favor, Tai, são sete e meia.

— Você continua preguiçosa...

— Algumas coisas nunca mudam.

— Estou vendo. — Os olhos dela se direcionaram ao meu diário em cima da cama, no lado que Noah costumava ocupar.

Com ela reclamando que os netos a estavam deixando louca, descemos as escadas. Já que ela me acordou iria fazer o café, Eva só devia chegar às nove.

— Além de fugir dos seus netos — bocejei e ela revirou os olhos —, o que trouxe você aqui tão cedo? Você deve ter madrugado para estar aqui a essa hora.

— Kelly chega em alguns dias.

— A senhora Hollywood resolveu visitar os mortais? — brinquei, e ela sorriu, entregando-me uma xícara.

— Natal! — Dando de ombros, ela serviu a nós duas.

Kelly, Tai e eu, as panteras, continuávamos amigas apesar de todos esses anos. Décadas atrás lemos uma pesquisa onde dizia que se uma amizade passar de cinco anos ela deve durar a vida inteira, gostaria de contactar quem escreveu para dizer que estavam certos.

Eu não conseguia me lembrar da época em que elas não estavam aqui, era como se fôssemos irmãs e estivéssemos juntas desde a infância. Estivemos juntas no nosso melhor e no pior, na saúde e na doença. De mãos dadas nos corações felizes e nos partidos, nos casamentos, nos divórcios e no luto.

Vimos os sinais do tempo chegando, os gritos com as primeiras rugas e desesperos com os cabelos brancos, mesmo que estivéssemos indo muito bem na missão que era escondê-los. Acho que devíamos agradecer ao senhor Tempo, ele foi generoso conosco no quesito aparência, não éramos mais adolescentes, mas estávamos muito bem.

— E como você está?

— Bem! — respondi tranquila e isso era verdade.

Outro fato comprovado: a dor da perda diminuía com o tempo. Não que eu não sentisse falta dele, isso sim era impossível, mas já não chorava todos os dias e isso era, de fato, um progresso no luto.

— Você ainda lê aquela coisa. — Revirei os olhos, sabendo que ela falava do meu diário.

— Foi para isso que eu escrevi — lembrei, deixando minha xícara vazia de lado.

— Se parasse com isso talvez conseguisse voltar a viver e conhecer outras pessoas.

— Eu vivo, saio com você para bares e já conheço muita gente.

— Você me entendeu! — Tai resmungou acusando e fingi não entender. — Por favor, Pah, você está maravilhosa e com uma bunda que insiste em desafiar a gravidade.

Não controlei o riso e peguei a xícara dela, também vazia, para lavar na pia.

— Olha, o chefe do Adam também é viúvo e...

— Chega! — cortei o assunto de costas para ela, detestava essa palavra, deixei a pia e a torneira jorrando. — Eu não preciso conhecer ninguém, eu estou bem, mas isso não significa que eu queira alguém na minha vida.

— Desculpa...

— Tai... — esqueci de vez a louça e olhei minha melhor amiga nos olhos. Tentei encontrar as palavras certas para que ela entendesse de uma vez —, três anos e eu sinto que tudo aconteceu ontem. Eu não choro mais todos os dias, mas não tem um só minuto que eu não sinta falta dele.

Parece que a missão de não chorar por Noah acabou de falhar.

— Eu sinto tanta falta dele. Um pedaço de mim também se foi aquele dia. — Limpei meu rosto e tentei sorrir. — E de todas as coisas que o Noah me ensinou, viver sem ele não foi uma delas. Essa está sendo uma das lições mais difíceis da minha vida.

— Eu sinto muito, não queria te deixar assim.

— Eu sei! — Ganhei dela um abraço.

— Então — tentei me recompor —, vamos falar sobre o Natal... O que você tem planejado?



Da porta, acenei em direção a Tai. Passamos o dia fazendo listas para o Natal e, quando cansamos, resolvemos assistir a nova versão de *As panteras* e ambas chegamos à conclusão de que as três atrizes eram incríveis, mas ainda preferíamos a série que víamos, mesmo que as três últimas temporadas tenham sido desastrosas.

Eva estava em casa e se encarregou do jantar, informei que ela não precisava me avisar quando saísse. Estava entrando em uma parte interessante na minha leitura e não queria ser incomodada.

No quarto meu ritual se repetiu. Liguei a *TV* com música tranquila de fundo, uma das músicas favoritas de Noah ecoou no quarto. *Please Don't Go* de *KC And The Sunshine Band*. Outro grande sucesso de 79.

*Querido, eu te amo tanto, eu quero que você saiba
Que eu sentirei falta do seu amor no momento que você passar por
aquela porta
Então, por favor, não vá...*

Sussurrando a letra deixei o ar numa temperatura confortável e peguei minha melhor companhia.

— Querido diário...

Vinte e três

16 de abril de 1980

Querido diário,

Toda essa história de liberdade sexual, amor livre e tudo que Noah me contou podia ser lindo em tese, mas na prática me deixava louca. Eu não entendia, ou não queria entender, como vê-lo com outra pessoa poderia ser, de algum modo, prazeroso?!

Era uma confusão compreensível na época — e acho que em qualquer momento. De um lado as mulheres eram inundadas pela emancipação sexual, a liberdade de escolher a diversão ao invés da reprodução, com quem, ou com quantos, fazer sexo... E do outro a confusão ou a não aceitação desse novo ideal resultava na estigmatização das mulheres como pudicas ou reprimidas, as famosas caretas.

Havia muita pressão.

No entanto, Noah me contou que tudo se resume a sua escolha, se você quer, se for do seu consentimento e, claro, dentro dos limites do seu conforto. Isso vale para qualquer tópico da vida, não apenas o sexual...

Rio de Janeiro, fevereiro de 1978

A festa da Susan seguia tão animada quanto um baile de carnaval deveria estar, mas eu não estava com a mente aqui, quer dizer estava aqui, só que não na festa como um todo, apenas naquele pequeno cômodo em particular.

— Já disse que você é a mulher mais linda daqui? — Sorri fazendo um meneio discreto de cabeça em agradecimento à pergunta, ou elogio, de Noah.

— E você não está nada mal também...

Seus olhos me atingiram desafiadores e disfarcei um sorriso bebendo um pouco mais de champanhe. Se iríamos mesmo fazer... Nem sabia o que iríamos fazer, mas se iríamos fazer eu precisava relaxar, e álcool sempre foi uma boa forma de fazer isso acontecer.

— Quer parar! — repreendi, pela décima vez, Noah, que bastante descarado colou seu corpo ao meu. Ele estava me despindo com os olhos desde que saímos do meu apartamento, meu antigo apartamento, passamos os últimos dois dias reorganizando meus móveis e ajudando Tai a reorganizar os dela.

— Culpa da sua fantasia...

— Foi sua escolha!

— Eu sei! — sussurrou antes de roubar meus lábios.

Meus olhos praticamente atingiram a estratosfera quando Noah me mostrou a fantasia que eu usaria, fantasia era um elogio, ele me estendeu um pedaço de pano.

— *Melindrosa? — Inerte, encarei a fantasia brilhante.*

Um vestido preto, aparentemente justo e curto, com tiras prateadas, que ficavam balançando e levemente tilintando enquanto Noah, muito animado, o colocava diante de mim, era a escolha da noite.

— *Elas desafiavam os padrões da época, Pah...*

E foi assim que ele me convenceu. Confesso que no fim, com a fantasia toda montada, o que incluía meia arrastão preta, plumas, maquiagem escura e carregada, luvas pretas, salto agulha e uma tiara com pena dourada, eu me senti incrível. O vestido acabou se mostrando mais curto do que parecia quando Noah o sacudiu diante de mim, minhas pernas estavam completamente expostas e atraindo olhares.

Talvez me sentisse incomodada se não fosse o fato de Noah estar ao meu lado como um verdadeiro cão de guarda. Suas mãos não largavam meu corpo e ganhei beijos aleatórios nos lábios ou pescoço, deixando claro para quem quisesse ver que estávamos juntos.

No entanto, não era apenas eu que estava atraindo olhares. Combinando com a minha fantasia ele veio de gângster. Noah usava, inclusive, um sobretudo preto por cima do terno, uma verdadeira tentação que combinada ao cabelo solto de forma selvagem e esse ar de perigo que seus olhos emanavam. Eles roubavam o ar de qualquer uma.

O tilintar de uma taça ecoou na área da piscina.

— Boa noite a todos... — A voz de Susan nos cortou e senti meu corpo tremer. — É um prazer tê-los aqui mais uma vez, e aos nossos novos membros gostaria de lhes desejar boas-vindas.

Com os olhos em mim ela ergueu a taça de champanhe que tinha em mãos. Retribuí erguendo a minha e forçando um sorriso.

— Acho que entrei para o grupo — comentei entre dentes com Noah e ele sorriu com os braços em volta da minha cintura.

— Ainda falta o seu batismo... — sussurrou em meu ouvido, e assenti virando a taça de champanhe até o fim.

— Vamos começar os jogos?

Todos aplaudiram animados e agora não respirava.

— Você está tremendo! — Noah declarou, comprimindo os braços ao meu redor.

— Estou nervosa.

— Eu estou aqui!

Sorrindo, Susan ergueu um pote de vidro com bolinhas pretas e o marido ergueu outro com bolinhas azuis. Ambos foram passando entre os

convidados, ela entre as mulheres e ele entre os homens.

— Aos novos vou explicar como o jogo funciona. Você retira um número e precisa procurar quem será o seu par da noite... Quem está com sorte? — ela gritou e muitas mulheres se animaram, e olharam em nossa direção.

— Imagino que elas estejam na expectativa de você tirar o número de uma delas. — Discretamente aponteí duas que estavam atrás de nós e pareciam ansiosas para que Noah pegasse um número.

— Nesse caso, lamento desapontá-las. A minha companhia será você. — Meus olhos o encararam confusos.

— O quê?

Nessa hora Susan se aproximou de nós e piscou em nossa direção. Noah ergueu a ela a taça de champanhe que tinha em mãos e ela passou direto por nós.

— Não vai jogar? — perguntei confusa.

— Vou, mas com você... — Ele largou a taça em um canto no chão para poder cravar suas garras em minha cintura. — Hoje à noite é nossa.

Não contive o sorriso enorme em meu rosto, passei as mãos ao redor do pescoço dele. Meu corpo se alinhou devagar contra o seu corpo, cada centímetro meu se moldando a ele, até que nossos lábios se tocaram e nos entregamos a um beijo ardente.

— Vem!

Sem dizer mais nada, Noah foi me guiando para dentro da casa de Susan, eu conhecia bem o caminho que estávamos seguindo, o quartinho.

Congelei na entrada, sem ter a certeza se queria entrar.

— Eu estou aqui, Pah. — Ele se colocou na minha frente, roubando a minha atenção. — Você confia em mim?

Assenti com os olhos fixos nos dele.

— Você vai usar isso...

Do bolso ele tirou um lenço vermelho.

— Está brincando?

— Não! — respondeu tranquilo.

— Vai me vender?

— Vou! — Cruzei os braços, fazendo bico, e ele sorriu. — Da última que você esteve aqui não teve uma boa reação com o que viu.

— Noah...

— Não quero que você veja, quero que você sinta. Quando somos privados de um sentido os outros se aguçam.

— Eu sei!

— Então entende meu propósito com a venda. Quero que você se concentre em mim e no que eu vou fazer com você, com o seu corpo... — Ele avançou em minha direção, pressionando-me contra a parede, seus lábios em meu ouvido.

Concordei quando a boca dele começou a descer e subir pelo meu pescoço, esse era um truque barato que sempre funcionava. Noah podia arrancar qualquer coisa de mim quando fazia isso, não duvidava que se convidasse para ser cúmplice em um assassinato eu aceitaria, desde que ele não parasse de me tocar assim.

Entrei na frente, com o corpo dele atrás de mim. Suas mãos em minha cintura foram me guiando pelo espaço. Não fomos muito longe, segundo a minha contagem demos oito passos... Gostaria de dizer que não respirava, mas o cheiro de sexo foi mais forte e invadiu minhas narinas assim que passamos pela porta.

Não era como um perfume, originado de uma combinação perfeita de essências, era diferente, embora não deixasse de ser uma combinação. Eu não sabia como explicar. Para mim o cheiro do sexo era o cheiro de Noah, seu corpo, seu perfume, tudo nele misturado com tudo em mim. Ali era diferente, eram vários cheiros, várias pessoas — algo notado pelos vários gemidos e sussurros —, é... excitante.

— Estamos no meio do quarto... — Engoli em seco, pelo pouco que me lembrava de quando olhei pela porta devíamos estar diante daquela cama redonda.

Com as costas dos dedos, Noah percorreu meus braços, indo em direção ao meu pescoço. Com carinho, e me fazendo prender a respiração, ele deslizou meus cabelos para o lado lhe dando acesso a pele por eles escondida.

— Eu estou aqui... — lembrou, e assenti, imagino que ele consiga me sentir tremer.

Um gemido mais ao centro se intensificou. Por instinto meu rosto virou na direção do som, mas não vi nada era óbvio.

— Parece que alguém acaba de chegar ao céu. — Apenas assenti, incapaz de emitir qualquer som que não fosse o da minha respiração pesada.

As mãos do homem que amava exploravam minhas costas, dando a volta em minha cintura e envolvendo meus seios que queimaram ao sentirem seu toque mesmo por cima da roupa.

— Relaxe, sou eu, são minhas mãos... — ele sussurrou em meu ouvido quando meu corpo se retesou por sentir as alças do vestido sendo abaixadas. Em segundos eles estavam expostos, meus mamilos enrijeceram-se com o vento frio que me atingiu. Não sei de onde veio, talvez fosse a minha imaginação ou a combinação de todos os corpos arfando.

— Não se preocupe — sua voz tranquilizadora surgiu em apoio a suas mãos massageando meus seios —, todos estão preocupados demais com o próprio prazer para sequer notar a nossa presença.

— Noah! — soltei com sofreguidão ao sentir a carne entre minhas pernas se contrair, desejando o seu toque ali.

— O que é uma pena, porque não consigo imaginar cena melhor do que você assim... O prazer que se desenha em seu rosto — uma das suas mãos, adivinhando onde eu a precisava, desceu por meu ventre e invadiu meu vestido —, principalmente quando eu a toco aqui...

Como um abraço, sua mão me envolveu por inteira, fazendo meu corpo dar um leve salto e colar, ainda mais, em seu peito.

— Ver você gozar é um espetáculo magnífico, sabia?

Neguei sentindo meu corpo formigar quando seus dedos buscaram caminho pela minha calcinha. O toque dele, sua respiração pesada em meu ombro, sua língua na minha pele, esqueci tudo... A única coisa que dominava minha mente era a tentativa de formar sua imagem no momento. Seus olhos ardendo pelo desejo, aquele sorriso safado, como se ele não soubesse o que fazia comigo.

Estremeci até meu último fio de cabelo ao sentir dois de seus dedos me penetrarem de uma vez. Foi como sentir frio e calor ao mesmo tempo, meu corpo inteiro tremeu e em seguida tudo queimou, um verdadeiro incêndio. A respiração falhou, minha musculatura se contraiu e senti minhas pernas querendo falhar, obriguei-me, com a pouca lucidez que me restava, a me manter firme, a não trocar de posição.

— Mais Noah... — exigi, mordendo meus lábios, não queria gritar.

— Tudo o que você desejar.

Inundada pela excitação meu corpo vibrou e me peguei sorrindo pelo prazer que um terceiro dedo me causou. Meu corpo se adaptava a Noah com facilidade, como se tivesse sido feito para ele. Seus dedos friccionaram minha carne em uma deliciosa e lenta tortura. Meus quadris exigiam mais e mais.

Dentro de mim o prazer crescia, e sentir Noah acariciar meu clitóris intensificava tudo. Meus pés se contorceram, em realidade, meu corpo inteiro se contorceu e todo o desejo concentrou-se em meu ventre.

— Você está perto, não está?

— Sim! Siiim!

— Eu posso sentir seu corpo contraindo, apertando meus dedos... Seus músculos por completo se contraem, como um agradecimento e uma exigência. É assim que eu sei quando você quer mais.

— Mais... Mais...

— Eu sei... — sussurrou diabolicamente em meu ouvido, intensificando suas investidas dentro de mim. Meus braços buscaram apoio e ergui-os até que atingissem o pescoço dele. — Sabia que essas contrações seriam dolorosas, quase insuportáveis e mortais, se não fossem todos os hormônios que correm sem freio por nossas veias quando estamos prestes a gozar?

Respirei com dificuldades e assenti ...

— Os franceses chamam o orgasmo que “*la petite mort*” — ele murmurou em francês, não sabia o que significava, mas de algum modo me fez querer gritar —, *a pequena morte*. Por alguns segundos morremos.

— Noaaaaah, eu... eu... — Não consegui articular meus pensamentos, eu senti meu corpo em um estado de euforia máxima.

Apenas gritei e me deixei levar pela morte... Sentindo a adrenalina arrebentar as paredes dos meus vasos sanguíneos. Meu ventre tremeu contra os dedos de Noah, meu corpo inteiro amoleceu, tudo desligou como em uma queda de energia, não ouvi mais nada, *blackout* total.

Morta!

Os franceses estavam certos, era como morrer e a morte nunca me pareceu tão atraente quanto naquele momento...

Vinte e quatro

Acordei percebendo que apaguei com o diário sobre meu rosto. A televisão desligou sozinha e não fazia ideia de que horas eram.

— Nossa!

Levantei-me apressada, eram nove horas e, como era sábado, Eva já devia estar aqui... No topo das escadas senti o cheiro de café. Acertei, Eva estava aqui. Eu a cumprimentei e tomei café com ela. Conversamos trivialidades antes de eu voltar ao quarto. Tomei banho e resolvia continuar minha leitura do lado de fora, tinha mais algumas horas antes de encontrar com Tai no shopping para as compras de Natal.

Escolhi um dos meus cantos favoritos da casa, o jardim. Bem de canto havia uma área reservada para mim, *O cantinho da Pah*, era assim que Noah chamava. Foi ele quem o construiu. Era um gazebo, lembro quando ele me disse o que ia fazer, fiquei sem entender.

— *Sei que o nome é feio, mas vai ficar lindo.*

Vendo que não entendi o que ele explicava, já que ele usou termos técnicos como estrutura octogonal de pavilhões e áreas abertas, Noah resolveu me mostrar um desenho.

— *Ah, um coreto. Você poderia ter dito antes.*

— *E não ver a sua cara confusa? Nunca!*

Ainda ouvia o sorriso zombador dele. Quando tudo ficou pronto plantamos azaleias, de todas as cores, e quando elas floresceram tudo ficou ainda mais lindo. Sentei-me em um dos sofás deixando meu diário na mesa de centro.

Observei em volta de braços cruzados como se estivesse esperando algo ou alguém.

— *Pah!*

Olhei em direção à piscina ao ouvir meu nome. Eu podia vê-lo, apoiei meus braços no gazebo e sorri em direção a ele.

— *Vem nadar...*

Neguei como geralmente fazia. Eu ficava lendo aqui e ele na piscina me tentando, até que eu não conseguisse me concentrar mais no livro e cedesse. Sem resistir, de calcinha e sutiã, entrava na piscina.

Fechei os olhos e inspirei fundo quando a imagem dele sumiu.

Diante de mim o diário, busquei onde parei.

É assim que o trago de volta.

— Querido diário...

Vinte e cinco

22 de abril de 1980

Querido diário,

É um fato que mudamos quando estamos apaixonados, algumas mudanças são boas e outras nem tanto. Com as mudanças ocorrem os ajustes. Nos ajustamos àquela nova relação. Nossa vida inteira, cada compartimento dela, se ajusta para encaixar mais uma pessoa. Nossos planos, nossos pensamentos, nossas ações, passam a trabalhar em função de duas — ou mais — pessoas.

Como filha única, mesmo com uma mãe louca, tudo sempre girou em torno de mim e das minhas necessidades, nunca precisei disputar ou dividir nada, tudo era meu. Ter Noah na minha vida não mudou isso, eu não estava disposta a dividi-lo com ninguém, claro que com o tempo isso se ajustou. Todavia, enquanto não nos ajustávamos, eu fiz o que qualquer um faria para defender o que ama, eu lutei...

Rio de Janeiro, fevereiro de 1978

O dia no PS estava uma loucura. O último dia de carnaval exigiu reforço, todos foram convocados, só faltava colocarmos pacientes no telhado.

— Patrícia, a chapa quebrou! — Kelly gritou no corredor.

Olhei o paciente na maca diante de mim, ele se contorcia de dor. O ombro estava claramente deslocado, e havia pelo mais cinco em situação parecida, sem contar as overdoses, as coisas estavam ficando ruins nessa cidade.

— E o Marcelo deu no pé, acho que antecipou o jantar.

— Isso só pode ser brincadeira! — reclamei, olhando meu paciente e tentando pensar em como agir. Marcelo era o único traumatologista de plantão, sem ele o certo era fechar a emergência, mas o que faríamos com os pacientes?

Com ajuda de Kelly empurrei a maca com meu paciente para dentro da sala de sutura, onde Tai atendia um paciente.

— O que houve? — confusa, ela questionou a nossa invasão.

Kelly e eu trocamos olhares cúmplices, sabíamos o que tínhamos que fazer.

— Doutora Patrícia vai entrar em ação — Kelly esclareceu.

— Hoje todas fomos promovidas a médicas. — Tai concordou voltando sua atenção à paciente de quem pontuava a testa, função que não era nossa, mais uma.

Olhei meu paciente que gritava na maca. Expliquei que precisava restabelecer o contato articular. A única preocupação dele era se a dor ia parar, e eu garanti que sim, ou ao menos, ia diminuir a um nível suportável.

Kelly me ajudou e o imobilizou enquanto me preparava posicionando minhas mãos nas áreas certas. Pedi que ele contasse até três, mas quando ele chegou ao dois fiz pressão de uma vez. Um grito agudo vindo da parte dele e um estalo dos ossos me indicaram que o ombro voltou ao lugar.

— Você vai ficar bem — avisei e o deixei com Kelly para que ela colocasse o braço lesionado em uma tipoia enquanto buscava algo para dor com o médico do outro setor.

Às oito horas da noite tudo finalmente pareceu ter se acalmado e eu não sentia mais meus pés.

— Você não terminou de contar sobre a festa, Pah... — Tai cobrou, sentando-se ao meu lado na sala de descanso.

— Nós transamos no quartinho e a tal Kiki apanhou, foi isso — resumi de olhos fechados e tentando dormir.

— Não corta nosso barato, Patrícia, até abro mão de ouvir a sacanagem — Kelly protestou da poltrona no outro lado da sala —, mas a surra no estilo *Éder Jofre*^[6] você vai ter que contar.

Neguei sorrindo, mesmo sabendo que não iria escapar dessa conversa sem deixar claro os detalhes desse momento épico na minha vida

Depois que Noah e eu tivemos a nossa pequena experiência de morte no quartinho, eu sentia que minha alma ainda vagava por algum lugar em busca do caminho de volta. Por ele não teríamos nos separado, mas eu precisava me limpar, então o deixei na cozinha ajudando Susan a organizar os petiscos enquanto fazia o melhor que podia em um banheiro não muito distante.

Quando voltei ouvi vozes alteradas na cozinha e não quis entrar imediatamente, uma das vozes claramente era de Noah. Ele não gritava, mas estava alterado o suficiente para eu saber que ele estava irritado.

— Como você pôde? — A pergunta dele me fez parar atrás do batente, ainda no corredor.

— Ela não merece você — uma voz estridente como a de um gato rasgou a cozinha —, você não consegue ver?

— Kiki...

A surpresa me dominou e me impediu de avançar. Minhas mãos que estavam apoiadas na parede a arranharam, foi a única maneira que encontrei de extravasar a raiva que estava sentindo naquele momento.

— Não! Você queria me dar uma lição saindo com essa garota, certo?

Lição? Olhei para a cozinha horrorizada, mas não me movi.

— Conseguiu, agora vamos voltar ao que tínhamos?

Voltar? Aquela foi a certeza de que eles haviam tido algo. Noah nunca disse nada e também nunca perguntei.

— Isso não é um jogo, Kiki, eu amo a Patrícia.

— Você está mentindo para me ferir, eu aceito as suas condições. Não toco mais no assunto casamento, vamos fazer do seu jeito... Eu sei que você não me esqueceu.

— Você está certa quando diz que eu não te esqueci...

Senti meu coração se partir com aquela afirmação. Tudo havia sido uma mentira, afinal?

—... porque não há nada para esquecer. O que nós tínhamos nem era uma relação e você sempre soube disso, por isso nos afastamos. Você estava esperando mais do que eu queria dar.

Voltei a respirar e, cansada dessa tortura, resolvi entrar.

— Você viu como ela reagiu quando descobriu do que você gosta, acha mesmo que ela não vai surtar outra vez? Que ela não vai te machucar?

— Ela descobriu daquele jeito porque você armou com o seu amiguinho.

— Eu tentei te ajudar... É só uma questão de tempo até que ela se canse de você e...

A vagabunda se calou ao notar que Noah olhava em direção à entrada da cozinha. Os olhos dela também estavam em mim, foi uma péssima decisão a dela. Senti a raiva se apoderar de mim, envolvendo meu corpo como um abraço apertado. Com toda a tranquilidade que consegui me aproximei dela, como um leão feroz se aproximava da sua presa. A vagabunda sorria, como se fôssemos melhores amigas.

— Que bom que voltou, nós estávamos...

A frase dela foi interrompida pela minha mão beijando seu rosto com o mesmo ardor de um amante. Deixando o local imediatamente vermelho e, tinha certeza, de que incharia depois que partíssemos.

— Sua...

Outro tapa, dessa vez no lado oposto. E ambas as mãos daquela vadia estavam em seu rosto, representando a figura de uma criatura assustada.

— Fique longe dele, ou da próxima vez eu posso não ser tão boazinha com o seu rosto — rosnei na direção dela e puxei Noah pela mão em direção à saída.

No caminho nos despedimos de Susan e do marido. Prometi voltar. Com certeza, voltaríamos, mas, naquele momento, a festa para nós havia acabado.

No carro Noah não parava de rir, e eu estava tremendo, nunca havia feito nada parecido na minha vida. A sensação era boa e assustadora, era como ter enfrentado o Bicho Papão. Antes de chegarmos a o meu apartamento ele continuou as piadas dizendo que adorou conhecer o meu lado gângster e que, inclusive, tinha uma amiga em Niterói que iria adorar me conhecer. Olhei para ele irritada, acho que não aguentaria conhecer mais nenhuma amiga dele.

— Patrícia, A *gângster*... — Kelly pronunciou devagar, como se estivesse testando o nome. — Acho que não combina com você, mas é divertido imaginar.

— Não me sinto orgulhosa disso — soltei, e as duas me olharam de braços cruzados. — Talvez um pouco orgulhosa.

Não tinha como negar que adorei acertar aquela vaca, talvez eu não tivesse feito se ela não tivesse armado para que eu encontrasse o quatinho. Noah me contou com detalhes a confissão dela, como tudo foi planejado com aquele homem asqueroso que ela apresentou como companheiro, não foi nada premeditado, afinal, ela não me conhecia, mas também não gostou de me ver com Noah e muito menos de eu ser apresentada como namorada.

Dentre as confissões da noite, Noah admitiu que eles tinham algo, nada sério, pelo menos nada sério para ele e foi o que os levou a romper. Lembrei que isso não o eximia da culpa, mas talvez não tivéssemos ficado tanto tempo separados.



Cheguei em casa exausta, eram quase duas da manhã, o lado bom era que depois da super hora extra iria tirar uns três dias de folga para me recompor.

No quarto a melhor visão de todas me recebeu, Noah entre meus lençóis. Ele dormia tão sereno quanto um filhote de panda. Tentei não fazer barulho enquanto tirava minhas roupas, precisava de um banho.

Quando saí do banheiro Noah estava acordado, acho que falhei em não fazer barulho.

— Como foi o dia?

— Horrível! — confessei e não me dei ao trabalho de vestir nada, apenas sequei meu corpo e me juntei a ele na cama. — Mas sobrevivi.

— Bom para mim.

Sorrindo, ele me cobriu com o corpo e o lençol em uma deliciosa e quentinha conchinha.

— Agora durma!

Ganhei um beijo no ombro antes de nós dois desabarmos em um sono pesado.



Fechei meu diário ao ver Eva se aproximando com uma bandeja.

— Achei que a senhora ia gostar de um chá. — Ela colocou a bandeja em cima da mesa e saiu quando agradeci.

Olhei sorrindo em direção à minha xícara.

— *Depois eu que sou o hippie, não entendo como você aguenta beber essa coisa. — Torcendo o nariz ele me entregou a xícara com chá de camomila, eu adorava o cheiro.*

— *Faz bem para o corpo e relaxa, além de ser muito elegante — defendi-me, empinando meu nariz enquanto ele me olhava confuso.*

— *Isso é mato e água quente, Patrícia...*

Sorrindo da lembrança bebi meu chá, ou mato com água quente como Noah gostava de chamar. Houve um tempo, no primeiro ano, em que eu não conseguia respirar quando tinha uma lembrança — algo que não podemos controlar, vale ressaltar — e a sensação era de um ataque pânico.

Era como estar em uma sala de cinema. Tudo começava a passar e eu não podia fazer nada além de assistir. Eu não podia interferir, não podia pausar e o mais importante, eu não podia mudar o curso da história, e, quando se sabe o final do filme, essa impotência é desesperadora.

Vinte e seis

23 de abril de 1980

Querido diário,

Noah me deu asas, me ensinou a voar e voei. Voei por lugares que a maioria das pessoas nem sonha existir, lugares que eu mesma desconhecia...

No entanto, eu estava assustada. Afinal, o desconhecido nos assusta e fascina. Eu tinha em mente que queria continuar, nossa primeira experiência no quartinho da Susan foi inominável. Eu havia ficado com vontade de mais, todavia, não era um mais no sentido do ato em si, era um mais que eu não sabia explicar, ansiava por um prazer obscuro.

Era como ter fome de algo específico, mesmo que esse específico também fosse uma incógnita e o único meio de desvendar esse querer hermético era provando tudo.

Agora, se eu conseguiria, também era um mistério para mim...

Rio de Janeiro, fevereiro de 1978

Assim que abri a porta um objeto chamou minha atenção, em cima da mesinha ao lado do sofá, um toca-discos.

— Oi, amor... — a voz musical de Noah surgiu do quarto.

— Toca-discos? — perguntei, apontando o aparelho, e ele assentiu com um sorriso travesso no rosto e um LP em mãos.

— Devo acrescentar música a lista de coisas que você detesta? — Neguei a zombaria. Ele ainda não esqueceu o fato de eu detestar praia.

— Não, mas esse seu olhar de deboche pode acrescentar.

— Anotado! — Outra vez ele zombou, mas agora me puxando pela cintura e roubando um beijo apaixonado.

— Hyldon^[7]? — questioneei, olhando o disco nas mãos dele.

— Esse é um dos meus álbuns favoritos. — Ele mostrou a capa e apesar do nome ser familiar, não me recordava de já ter ouvido algo dele.

Em silêncio eu o vi colocar o disco e posicionar a agulha.

— Está brincando? — Olhei para Noah sem acreditar quando ele me estendeu a mão direita em um convite para dançar.

— Algo contra as danças?

— No meio da sala? — resmunguei aceitando o convite. Ele me puxou pela cintura batendo nossos corpos abruptamente, como uma repreensão.

— Ou no meio da rua, no chuveiro, no telhado... Onde você quiser. — Desviei o olhar me sentindo uma boba.

A passos lentos nossos quadris se moveram de um lado para o outro, no ritmo romântico e delicioso da canção.

*O teu olhar caiu no meu
A tua boca na minha se perdeu...*

Impossível não sorrir ao ouvir a letra. Os olhos de Noah estavam fixos em mim, suas sobrancelhas se ergueram como se ele estivesse dizendo que era para nós.

*Foi tudo lindo, foi tão lindo, foi
E eu nem me lembro o que veio depois...*

Noah me fez girar, fiquei de costas para ele e assim, comigo contra o seu tronco, continuamos a dançar. Suas mãos percorrendo meu corpo e me fazendo amolecer, como se eu estivesse hipnotizada demais para resistir. Com as pontas dos dedos ele tracejou meu corpo, subindo por meu braço, brincando em meu colo, no vão que se formava entre meus seios pelo uniforme aberto... Em meu pescoço e lábios, beijo seus dedos quando estavam ali.

*De duas vidas uma se fez
E eu senti nascendo outra vez...*

— Qual o nome da música? — sussurrei curiosa.

— *As dores do mundo...* E se eu tivesse que escolher uma música que descrevesse o que você faz comigo, Pah, seria essa.

— Sacanagem você me dizer isso assim, faz eu me sentir a mulher mais sem coração do mundo.

— Essa é a ideia... — Sorrindo, fiquei de frente para olhá-lo.

— *E eu vooou esquecer de tudo, das dores do mundo, não quero saber quem fui, mas sim o que sou...*

— E você ainda canta, sacanagem dobrada — continuei meu falso descontentamento passando as mãos ao redor do pescoço dele.

— Está muito cansada?

— Por quê? — Ergui uma sobrancelha sugestiva, e ele mordeu meu lábio inferior confirmando as más intenções.

— Susan e John nos convidaram para jantar.

— Jantar? É assim que um convite para sexo se esconde? — questionei e os olhos dele saltaram.

— Ficou tão na cara assim? — Assenti, beijando a veia tensionada em seu pescoço. — Isso significa que você quer ir?

Interrompi minhas carícias, até mesmo os movimentos de dança, para olhar dentro dos olhos dele. Queria que ele soubesse que estava segura do que ia dizer.

— Eu quero tudo, desde que você esteja comigo.

— Onde você esteve todo esse tempo? — perguntou, fazendo-me sorrir, mas sem deixar de encará-lo.

— Com o cara errado... — respondi, e agora foi ele quem sorriu. Inclinando seu rosto em minha direção, seus lábios buscaram os meus e como na música, nossas bocas se perderam uma na outra.

Voltamos a nos mexer, seguindo o embalo de outra canção.



Noah estava deitado na cama, já perfeitamente arrumado, bermuda e camisa de botão aberta, consegui fazê-lo desistir do colete com tiras. Olhei, ainda enrolada na toalha, dentro do guarda-roupa, tentando descobrir o que vestir. Ao menos cabelo e maquiagem já estavam prontos.

— Usa aquele vestido longo — ele sugeriu, e olhei para ele confusa.

— O azul?

— O colorido com aquela fenda deliciosa. Realça a sua bunda e os seus peitos.

Com um olhar malicioso decidi aceitar a sugestão dele. Peguei o vestido, fui em direção ao banheiro, queria fazer uma surpresa com a minha roupa de baixo.

Voltei para o quarto e conferi o resultado final no espelho.

— É impressão minha ou você não está usando calcinha? — Do espelho encarei Noah.

— Deu para perceber? — Fingi inocência, e ele sorriu sentando-se na beirada da cama atrás de mim. — Decidi ouvir os seus conselhos e experimentar a liberdade.

Fiquei de frente para ele com as mãos na cintura, fazendo charme, enquanto seus olhos me desafiavam, como se questionassem se estavam falando a verdade ou se tudo não passava de um truque.

— Isso quer dizer que não tem nada cobrindo a sua liberdade? — Zombeteiro ele apontou para o meio das minhas pernas, e assenti de forma provocante.

Apoiei minhas mãos nos ombros de Noah e me posicionei de pé entre as pernas dele. Seus olhos varreram meu corpo por completo.

— Quer conferir? — sussurrei como se o desafiasse. Mantive minha expressão serena enquanto o observava engolir em seco e prender o ar.

A fenda do vestido era um convite, que ele aceitou de bom grado. Seus olhos não desviaram dos meus, tentaram me amedrontar, de forma inútil. Como se isso fosse um jogo e a qualquer momento eu fosse entregar a ele a vitória, mas ele estava enganado e o sorriso malicioso em nossos lábios confirmava isso. Seus dedos tocaram minha *liberdade* que, como o nome sugere, estava livre de qualquer peça dispensável de tecido.

— Satisfeito? — questionei rouca e sem ar, se ele continuasse a me tocar daquela forma nunca sairíamos de casa.

— Muito! — A resposta veio ofegante. Sorri vitoriosa e me afastei em busca da minha bolsinha.

— Acho que estamos atrasados...



Aparentemente o convite para jantar envolvia de fato um jantar, cujo assunto foi tão comum quanto deveria ser entre um grupo de amigos. Eu estava atenta e esperando que a qualquer momento começássemos a falar de posições sexuais, ou o que e como faríamos seja lá o que fosse acontecer, mas nada. Noah falou da boate, de uma briga que ele teve que apartar como se fosse o *Superman* e da possibilidade de abrirem outra disco em Copacabana.

Terminamos a sobremesa por volta das dez horas e continuamos a conversar na piscina. Como eu não estava vestida apropriadamente para uma festa na piscina, consegui com Susan um biquíni emprestado, que ela fez questão de acentuar estar novo, tinha em casa para ocasiões como essa — imaginei convites para sexo —, mas não, uma reunião inesperada na piscina que podia acabar em mergulho.

— Achei! — John voltou animado com um disco em mãos. Era o álbum *Rendez-vous* de *Tina Charles*, foi lançado em 1976 e era cheio de músicas incríveis.

Dance little lady dance começou a ecoar na área aberta. John puxou a mulher para dançar e o olhar sugestivo de Noah sugeriu que fizéssemos o mesmo.

— Dance mocinha, dance... — ele chamou, fazendo referência à música e me rendi.

Seguindo o ritmo animado da música dançamos lado a lado. Noah me fez girar e como na letra estávamos rebolando e requebrando com ele me ensinando movimentos divertidos com os quadris.

Dance little lady, dance
Dance little lady, dance...

Quando a música mudou, eu estava sem fôlego e rindo sem conseguir me controlar. Ao nosso lado John e Susan pareciam ter nos esquecido e estavam perdidos em beijos e carícias.

Nos braços de Noah senti o meu corpo estremecer por completo.

— Tudo bem? — ele sussurrou em meu ouvido, e assenti sorrindo.

— Frio — informei, não era uma mentira por completo.

— Huum, nesse caso é minha função como seu namorado esquentar o seu corpo...

Seus braços rodearam a minha cintura juntando nossos corpos. A boca dele foi direto para o meu pescoço, subindo até encontrar meus lábios. Novamente estremeci, mas dessa vez não de frio e sim o desejo que percorreu meu corpo na mesma velocidade em que um relâmpago corta o céu, arrepiando uniformemente cada pelo do meu corpo.

Com quinze minutos de música agitada eu estava com calor, tanto pela dança quanto pela troca de carícias entre mim e Noah.

Pedi licença para ir à cozinha, Susan me acompanhou, ela queria buscar champanhe.

— Você parece tensa, tudo bem? — ela perguntou, entregando-me um copo d'água.

— Claro! — Bebi a água praticamente numa golada só, chamando a atenção de Susan que sorriu, direcionando-me um olhar inquisidor. — Acho que estou nervosa — admiti, e ela foi em direção ao armário.

— Você não precisa se preocupar. — Fui arrumando no balcão as taças que ela me entregava. — Não vamos te devorar — ela zombou, deixando-me completamente sem jeito e ainda mais nervosa.

— Noah nos contou que estão indo com calma, por isso convidamos vocês hoje. — Ela me entregou o champanhe e fui enchendo as taças. — Não somos monstros.

Por alguns instantes ela saiu da cozinha e quando retornou tinha uma pequena caixa de metal nas mãos, reconheci como um porta-comprimidos e quando ela o abriu diante de mim confirmei meu pensamento.

— Pegue uma.

Olhei confusa em direção à caixinha com vários comprimidos brancos partidos ao meio.

— O que é isso?

— Drix^[8]! — Já imaginava, as meninas usavam, geralmente depois de um baseado. — Com uma ajudinha deste amiguinho aqui — com a mão livre ela pegou uma taça de champanhe e colocou diante de mim — você vai relaxar.

— Eu não...

— Não se preocupe, não é para você apagar. É só para você relaxar.

Decidi aceitar. Peguei meio comprimido e engoli com champanhe.

— Vamos apenas aproveitar a noite, tudo bem? — Susan sorriu e, mesmo sentindo que não respirava, senti meu corpo mais tranquilo.

De volta à área da piscina continuávamos ao som de *Tina Charles*. Noah colou sua testa na minha. Seus dedos subiam com toques suaves por meus braços enquanto continuávamos a nos mover no ritmo da música dançante. Senti algo bater em minhas costas e era Susan e John.

Estávamos como um grupo em uma disco, dançando todos juntos. Em um dado momento Susan e eu dançamos juntas, depois eu estava dançando com John e de volta aos braços de Noah que me recebia com um sorriso sedutor nos lábios e um beijo faminto em meu pescoço.

Mesmo com a noite fria estávamos suados pela dança, quando a primeira parte do LP terminou. A música já pouco importava, ficou em segundo plano. Diante de nós a piscina estava convidativa e nós quatro nos olhamos cheios de segundas, terceiras, milhares, de intenções.

Os rapazes sorriram um para o outro e, como dois adolescentes, nos colocaram no colo. Nossos gritos por clemência não foram ouvidos, eles apenas nos jogaram na água que pareceu, por segundos, evaporar com o calor dos nossos corpos.

Eu me sentia eufórica, cheia de adrenalina e ao mesmo tempo leve, essa última parte talvez fosse culpa da *Drix*, mas eu realmente não me importava. Susan e eu estávamos rindo, os braços envoltos em nossos respectivos pares, como amigas de infância. Ela piscou em minha direção e se afastou alguns centímetros, a malícia brincando em seus lábios enquanto ela desamarrava o biquíni. Em seguida ele estava flutuando entre nós.

John e ela deram as mãos, travessos e apaixonados. Conseguia ver a conexão que existia entre eles.

— Não sejam tímidos, estamos sozinhos — John comentou, piscando em nossa direção.

Noah se animou e vi seus movimentos embaixo d'água para tirar a sunga, que ele arremessou em minha direção.

Meus olhos mergulharam na água para apreciarem a imagem distorcida da minha área de lazer preferida.

— Não tem segredo — me aproximei chacoalhando a água e agarrando-o pela cintura —, o Rio inteiro já te viu nu — brinquei e todos ao redor sorriram.

— Precisa de ajuda? — John perguntou ao meu lado.

Noah e eu estávamos com os olhos presos um no outro. Uma das sobancelhas dele se ergueu como um questionamento e olhando por cima do ombro dei um sorriso manhoso para John assentindo.

Inspirei e expirei todo o ar ao nosso redor. Um arrepio gelado percorreu minha espinha de ponta a ponta, meu estômago se retorceu e parecia ter pássaros voando sem direção em meu peito.

Sem desviar os olhos de Noah permaneci imóvel ao sentir que as mãos de John subiram por minhas costas e encontraram o laço do biquíni. Maliciosamente notei Susan se aproximando de Noah, as mãos tracejando os músculos dos braços dele até que pousaram em seus ombros. Inspirei fundo novamente, meu primeiro instinto foi partir para cima dela, como se nunca

tivéssemos nos visto antes, com a mesma gana que uma leoa defenderia seu território, no entanto, as mãos de John em meus ombros me detiveram.

Acompanhei meu biquíni flutuar ao meu lado, indo de encontro a peça de cima de Susan. Estremeci, não de um jeito bom, como uma desaprovação do meu corpo, ao sentir os lábios de John tocando minha pele de trás do pescoço.

Noah tocou em minhas mãos, trazendo minha mente ao que estávamos fazendo. Ele me puxou e nos manteve juntos. Ao nosso redor Susan e John também juntavam as mãos, como um cordão de proteção. Ela sorria, eu sabia que não era para mim e sim para o marido. Era notável a diferença entre um sorriso amigável, um educado, um cheio de carinho e doçura, e um apaixonado. O que ela lançava ao marido era do último tipo. Eles estavam apaixonados.

— Eu estou aqui... — Noah sussurrou contra os meus lábios e sorriu.

Nesse momento eu entendi.

Não estávamos em uma competição. Não era sobre cobiçar o que não era meu. Era algo mais primitivo. Eu não tinha interesses sobre eles, não me via planejando um futuro ou mesmo querendo ouvir suas vozes durante o sexo. Era desejo, apenas isso, e eu o sentia crescer em meu peito. Era um *mais* diferente de todos os que uso com Noah.

O homem que eu amava tomou meus lábios, o mundo escureceu e estávamos a sós ali dentro, era o nosso espaço.

Todos os fantasmas que assombravam minha mente ainda estavam ali. Toda a insegurança e o medo, mas, de algum modo, eu tinha certeza de que no fim desta noite era com Noah que queria acordar de manhã e apenas com ele.

De forma preguiçosa meus lábios desceram o contorno da jugular de Noah, fazendo-me roçar em seus pelos e quase ronronar como um gato manhoso. Como se eu tivesse tocado em líquido inflamável me senti acender e queimar, um calor abrasador tomou conta de mim, correndo desenfreado e dilacerando meus vasos sanguíneos.

Era a parte selvagem de mim que somente ele conseguia despertar. Quase como uma segunda personalidade, mas eu estava consciente de tudo e, com certeza, queria lembrar de tudo que faríamos aqui.

— Aproveite, eu te amo...

— Eu te amo... — sussurrei em resposta.

Noah e eu demos as costas um para o outro quase no mesmo instante. Eu ainda o sentia atrás de mim. Apoiei-me nele quando John me beijou, um beijo firme e carregado de desejo.

Nossas peças de banho estavam ao nosso redor, flutuando desnorteadas pela oscilação feroz d'água. Nossos movimentos estavam ganhando proporções mais intensas. Com um giro John colou meu corpo contra a borda da piscina, meus pés se contorceram de prazer e escalaram sua perna. Era um caminho diferente, com menos pelos, menos descarga elétrica, mas ainda excitante.

Suspirei mordendo meu lábio inferior ao sentir seus dedos me acariciando entre as pernas.

— Assim... — arfei, contida contra o ouvido dele.

Meus seios subiam e desciam com facilidade contra o seu peito, não havia atritos, apenas a água deslizando entre nossos corpos. Meu corpo se retesou apreensivo quando senti sua ereção contra a minha entrada... Percebendo minha incerteza, suas mãos abraçaram meus seios, roçando contra os meus mamilos, beliscando-os e deixando-os rijos contra o seu toque.

Um gemido mais alto escapou, não pude controlar, meu corpo estava respondendo e era diferente. Agarrei as costas de John, deslizando minhas unhas em direção ao seu traseiro e o trazendo contra mim, eu estava pronta e ansiosa. O tesão estava queimando em meu ventre, causando uma agonia torturante, uma angústia que precisava ser sanada.

Em um arroubo minhas unhas cravaram nas costas dele no instante que seu membro duro me invadiu. Meu corpo se contorceu nos braços dele, a angústia cresceu e o desejo pela liberdade era proporcional. Não havia descontrolo, e sim uma fome carnal. Era intenso, voluptuoso, eu tinha em mente o que queria, o que o meu corpo desejava, o gozo e nada além disso.

Eu estava prestes a atingir meu objetivo, senti as contrações se intensificando junto com meu clamor para que ele não prolongasse, por mais deliciosa que aquela tortura fosse.

Meus olhos buscaram Noah, que estava ao meu lado. Susan, assim como eu, estava com as costas contra a borda enquanto o homem que amava investia vigorosamente contra ela. No rosto dela as feições que conhecia bem, prazer, e aquele que somente ele era capaz de proporcionar.

Noah e eu cruzamos o olhar, eu sorria lutando para manter os olhos abertos. Buscando nossa conexão, estendi minha mão ele também estendeu a dele, elas se entrelaçaram com força e ele sorriu. Um sorriso safado e sedutor.

O gozo me atingiu, e em um impulso joguei minha cabeça para trás e com as pernas forcei John a ir mais fundo, ele foi, não do mesmo jeito, não com a mesma intensidade, nem com a mesma paixão, mas foi o suficiente para fazer meu corpo amolecer.

Não foi um *blackout* total, mas tirou minhas forças.

Em segundos John seguiu o mesmo caminho, afundando seu rosto em meu pescoço e relaxando em seguida. Ao nosso lado Susan gritou, chamando nossa atenção e um rugido familiar ecoou, Noah chegando gloriosamente a sua libertação.

Com os picos de adrenalina baixando um turbilhão de dúvidas me invadiu, o que acontece agora?

Conversamos?

Elogiamos o desempenho um do outro?

Digo obrigada?

Mas nada, tudo foi muito simples e normal, levando em conta a situação. Noah apenas veio em minha direção e John fez o mesmo com Susan.

— Você está bem? — perguntou, e assenti beijando o peito dele.

— E você?

— Sentindo sua falta...

Olhei para ele, negando com a cabeça. Noah era um sedutor que sempre sabia o que dizer, eu sabia disso e era o que me encantava todas as vezes. Sorri dando um beijo rápido em seus lábios e descansando minha cabeça em seu peito.

Vinte e sete

24 de abril 1980

Querido diário,

Não vou dizer que não me senti estranha depois do que fizemos. Como qualquer primeira vez, os passos seguintes foram confusos e desajeitados. Eu estava dividida entre a felicidade e o constrangimento.

Algo digno de nota após uma experiência nova, principalmente quando é sexual, é a sensação de estar fazendo algo errado, algo pecaminoso, quase um delito. A adrenalina cessa, a excitação diminui e você volta ao seu normal, ou ao mais perto disso, então fica essa sensação esquisita no peito.

Levou tempo para que eu entendesse que não havia necessidade de me punir por esse sentimento. Somos frutos de anos de repressão, de anos de dedos e vozes nos apontando o certo e o errado. Como se não houvesse outras cores no mundo, é branco ou preto, ou outros sabores de sorvete, é morango ou chocolate.

É como se tentassem, de modo falho, reduzir a complexidade da existência humana à banalidade da de uma ameba. Entendendo isso não há lógica em tratar nossas dúvidas, medos, receios e afins como crime. Igualmente, não devem ser reprimidos, porque também fomos ensinados que é errado ter medo, quando o equívoco é estacionar na ignorância ao invés de buscar esclarecimento. Quando crianças sempre queríamos saber o porquê de todas as coisas. Nosso grande erro? Crescer e deixar de questionar.

O lado bom é que eu, bom, eu nunca fui muito boa em me manter de boca fechada...

Rio de Janeiro, fevereiro de 1978

Susan e eu estávamos sentadas diante da piscina tomando uísque, ela disse que ajudaria a esquentar e tinha razão. A madrugada seguia silenciosa, pelo menos externamente, em minha mente um milhão de perguntas explodiam ao mesmo tempo. As vozes estavam tão altas que tinha a sensação de que a qualquer momento Susan iria ouvi-las.

— Está menos assustada agora? — perguntou e meus olhos saltaram nervosos.

Acho que ela ouviu.

— Sinto muito ter passado essa impressão, eu não...

— Não estava assustada?

— Estava! — confessei, e ela sorriu, acabei acompanhando-a. Susan tinha se revelado uma mulher divertida e parecia ser a única, tirando Noah, que entendia a minha confusão.

— Desculpe por aquele dia na sua casa. Quando eu vi o quartinho eu...

— Surtou?

— É! — assumi, sentindo-me relaxar. — Fui pega de surpresa quando vi tudo que estava acontecendo lá dentro, achei que a minha cabeça fosse explodir.

— No fim é mais simples do que parece, não? — Susan falou tranquila, e a olhei confusa.

— Gostaria que fosse, mas são muitas partes para serem entendidas.

— Eu sei, mas de certo modo é simples, ao menos deveria ser. Relações humanas são complicadas, mas o sexo em si é simples. Duas ou mais pessoas com desejo querendo satisfazê-lo. As pessoas complicam o sexo, pensam demais, se culpam demais, opinam demais.

— Eu culparia a pressão social ao nosso redor. A maneira como fomos ensinados a tratar o sexo. Um cara pode ter quantas parceiras ele quiser, mas uma garota deve ter apenas um e esse homem deve ser ou se tornar seu marido.

— Concorde, e nosso erro é aceitar isso como verdade. Duas pessoas que nunca se viram podem uma noite se esbarrar, se sentir atraídas e transar. Acabou! Sem nomes se preferirem, foi apenas sexo. — Assenti. — Mas se levar em consideração o social, antes do sexo devemos conhecer o outro, a família, suas origens, estabelecer uma amizade, e só então, talvez, transar. Muito trabalho para algo que pode ser uma decepção.

— Eu entendo bem dessa parte... — confessei e senti meu corpo estremecer ao lembrar-me de Carlos, Susan sorriu.

— Eu sinto muito, ninguém deveria ter uma experiência sexual ruim. Considero uma punição, sexo não é para assustar e sim satisfazer.

— Estou aprendendo isso. — Sorri travessa e ela me acompanhou. — Quando você começou?

— Ihh, faz tempo. — Ela estalou os dedos, deixando-me impressionada. — Eu cresci em uma família tradicional, estudei em uma escola católica onde garotas só conviviam com garotas, tudo sempre muito certinho e, não sei, eram tantas regras que eu sentia que estava sufocando. Minha mãe controlava tudo, até como eu deveria respirar... Um dia, na faculdade, eu e uns amigos bebemos demais e nos olhamos diferente. Já estávamos pra lá de Marrakesh^[9], então transamos. Éramos três, duas garotas e um cara.

Coloquei as mãos nos lábios para reprimir minha surpresa, ou admiração, ainda não decidi. Susan riu e a incentivei a continuar.

— Foi incrível, não que eu me lembre com detalhes do que fizemos, mas eu lembro de como me senti quando acordei. Foi a primeira coisa proibida, digamos assim, que eu havia feito na minha vida e eu nunca me senti tão livre.

— Liberdade — soltei de repente, e ela assentiu —, Noah me contou algo parecido.

— Mas se trata disso. Em um mundo que te prende e repreende por cada passo em falso que você dá, qual a melhor maneira de se rebelar? — Concordei, mordendo meu lábio inferior. — No sexo, somos livres, ao menos deveríamos ser.

— E o seu marido?

— Nos conhecemos por meio de amigos em comum. Ele já conhecia as práticas, não foi um susto para nenhum dos dois.

Cobri o rosto envergonhada.

— Não fique assim, entendemos. Não esperávamos que você aplaudisse. Noah estava preocupado em contar.

— Eu fui uma monstra com ele, não fui? — Ela negou e por instantes meus olhos pousaram em Noah, mas logo voltaram a Susan. — Vocês se conhecem há muito tempo?

— Desde que estou com meu marido e isso tem dez anos, mas ele e John se conhecem há mais tempo. São como irmãos.

Discretamente olhamos para os dois, sentados atrás de nós. Estávamos tentando ser discretas, mas fomos pegas espiando e ao mesmo tempo nos encaramos e seguramos o riso.

— Como você consegue não sentir ciúme? — questionei, sussurrando, curiosa. Susan riu como se eu tivesse feito a pergunta mais estúpida do mundo.

— Somos humanos, claro que eu sinto ciúme... Mas é diferente quando estamos aqui. — Ela suspirou como se estivesse com uma lembrança, e uma das boas, em mente. — Imagino que você tenha percebido isso quando estávamos na piscina.

Meus olhos desviaram para o chão, acho que fiquei corada. Discretamente assenti e me recompus antes de encará-la outra vez.

— Sem querer desmerecer Noah nesse quesito, mas com John é...

— Mágico! — a cortei sem nem me dar conta e ela sorriu.

— Um pouco isso. Acho que não tem como explicar. Sexo é bom, sexo é ótimo, mas fazer isso com alguém que você ama de verdade é algo transcendental. — Ela ergueu os braços animada, como se quisesse dimensionar o que acabou de dizer. — Não gera só a satisfação carnal, alimenta a sua alma. Não há preocupação com o tempo, porque ele para. E o orgasmo é um bônus, não o objetivo principal.

— Eu sei... — Dessa vez fui eu quem suspirou. — Eu nem sequer notei quando isso aconteceu. Em um dia eu queria apenas sexo, agora eu não quero mais que ele saia da minha vida... da minha cama.

Susan gargalhou, e eu a acompanhei. Juntas tentamos nos controlar para não atrair atenção dos nossos parceiros, mas falhamos nisso também. Ambos nos encararam com os olhos brilhando de curiosidade.

— Isso se chama amor e é tão bom, tão viciante e extasiante quanto qualquer droga.

— Sem dúvida ele — apontei Noah discretamente — é a minha droga hippie favorita. — Susan sorriu ainda mais com a maneira como o chamei.

— Um dia vão comprovar que amor é de fato uma droga, talvez a pior delas. Aí vamos todos nos internar.

Sorri concordando, mas sem desviar os olhos de Noah que também me encarava. Em seu rosto uma expressão indecifrável.

— Que bom que ele te encontrou, Pah. — Minha atenção voltou a Susan, ela se levantou, mas continuei sentada. — Agora, se me der licença, os olhos do meu marido indicam sexo.

Ela foi em direção a John, deixando-me sozinha no banco em frente à piscina. Claro que minha solidão não durou muito, assim que nossos anfitriões sumiram aos beijos pela porta da cozinha, Noah caminhou em minha direção.

Ele não se sentou, ofereceu a mão esquerda para que eu levantasse e aceitei. Seus braços contornaram minha cintura. Meus braços repousaram em seus ombros, enquanto minhas mãos brincavam com seus cabelos. Nós nos mexemos de um lado para o outro, como em um movimento de dança. Seus olhos travessos estavam nos meus, e era tão fácil se perder neles. Eram negros, perigosos e atraentes como a noite. Porém, havia um brilho neles, como se a lua estivesse ali dentro, uma lua cheia, que te convidava a admirá-la por horas e horas.

— A conversa foi boa?

— Bastante, falei muito mal de você — provoquei, e ele sorriu jogando, graciosamente, a cabeça para trás.

— Você não faria isso, me ama demais para encontrar um defeito em mim. — Meu queixo foi ao chão com a presunção dele, não que ele estivesse errado.

— Convencido! — repreendi e seus lábios tocaram os meus.

— Realista — nossos narizes se tocaram, sua barba roçou em minha pele e pronto, ele me tinha nas mãos —, e apaixonado.

Um sorriso bobo riscou meus lábios, não disse nada, ele sabia.

— *E eu vooooou esquecer de tudo, das dores do mundo* — ele começou a cantar a música que dançamos mais cedo — *só quero saber do seu do nosso amooooor.*

E com ele cantando em meu ouvido os trechos da *nossa* canção nos deixamos levar madrugada adentro.

Vinte e oito

O táxi estacionou no endereço que dei, uma belíssima casa no Leblon. Olhei tudo da entrada antes de tocar a campainha, nada mudou.

Na porta, ainda tinha o espelhinho para que os convidados se olhassem e conferissem a beca antes de entrar, ele continuava ali, com a mesma moldura, agora um tanto amarelada. Rapidamente olhei minha aparência, o reflexo parecia ser a única coisa que mudou.

— Pah! — Susan foi quem abriu a porta. — Finalmente a montanha veio até mim — zombou quando entrei. Fui recebida com um abraço apertado, como se não nos víssemos há décadas, no entanto, nos encontramos na minha casa para um chá mês passado.

Susan continuava deslumbrante, ainda se vestia como uma verdadeira rainha, saltos e vestido longo, mesmo dentro de casa. Um hábito que eu tinha até uns anos atrás por ser paulista, me admiro que ainda hoje exista a crença de que paulista até ao banheiro vai todo arrumado. Com o passar dos anos, e da convivência com um marido hippie defensor do nudismo, adotei o estilo despojado carioca. Como prova meus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo desalinhado, coloquei meus óculos ao estilo geek, jeans, blusa clara de botões e sandálias.

— Você está ótima! — disse animada, analisando-me da cabeça aos pés.

— Adorei o corte de cabelo — comentei e ela fez pose para exhibir as madeixas agora aparadas na altura dos ombros.

Os cabelos dela continuavam divididos em vários tons de loiros que camuflavam com perfeição os brancos, deixando-a ao menos dez anos mais jovem. O que era desnecessário. Dez anos a menos, dez anos a mais, não importava, ela continuava tão linda e vivaz quando no dia em que nos conhecemos.

Tai chegou como combinado para irmos às compras, mas depois da leitura senti que precisava ir até ali, remarquei com Tai para amanhã e peguei o primeiro táxi que encontrei. Mesmo que nos víssemos com frequência, fazia três anos que eu não a visitava, depois do que houve com Noah a casa dela parecia muito mais cheia de lembranças do que a minha própria.

— E o que traz você aqui? — perguntou enquanto me guiava para o quintal. Aquele quintal, com aquela piscina, onde ela dava aquelas festas.

— Não sei... — respondi sincera e sentando no mesmo lugar em que tivemos a nossa primeira grande conversa. — Eu apenas senti que deveria vir.

— Estava lendo, não estava?

— Sabe, não sei porque chamo ele de diário secreto, todo mundo parece saber dele — brinquei, e ela sorriu fazendo sinal à empregada.

— Todo mundo sabe porque houve uma época em que você não fazia outra coisa da vida. Acho que até ao banheiro você levava aquele caderno.

— Boa tarde, dona Patrícia. — Sarah, a empregada de Susan se aproximou, ela estava ali havia uns bons anos, assim como Ruth estava comigo.

— Boa tarde, Sarah.

— Água morna e mato? — Susan ofereceu e aceitei sorrindo, sentindo os olhos marejarem por um instante.

— Por favor.

— Se você veio aqui imagino que chegou na parte em que transamos? — ela soltou sugestiva e revirei os olhos.

— Talvez! — respondi tranquila e deixando que meus olhos vagassem para o espaço atrás de nós duas, que era onde nossos maridos estavam sentados naquela noite, de onde nos observavam.

— É bom que você tenha escrito que eu sou incrível ou eu mato você.

Sorri com os olhos ainda fixos naquele espaço, eu não sabia o que estava esperando.

— Você nunca vai ler...

— Ele não está lá — ela disse, e notei que olhava para o mesmo lugar que eu.

— Eu sei! — lamentei, sacudindo a cabeça e espalhando as lembranças.

— Acha que eles sabem? — perguntou e a encarei confusa. — Noah e John, acha que eles sabem que continuamos aqui, feito duas tontas, amando-os?

Sorri limpando duas lágrimas enxeridas. Susan e eu compartilhamos muitas coisas importantes, mas a maior de todas era o luto. John nos deixou dois anos antes de Noah, ataque cardíaco. Parece ridículo, não que houvesse um jeito certo de morrer, mas, de algum modo, algo grandioso talvez fosse mais aceitável e menos doloroso.

Quando a notícia chegou foi um choque para todos, claro que para ela muito mais. Na época, eu não consegui sair do lado de Noah por um mês de tão assustada. Foi quando eu percebi que, apesar dos nossos esforços, não seria para sempre, uma hora nosso conto de fadas ia terminar e durante todo tempo que estivemos juntos algo que sempre ficou claro era minha incapacidade de lidar com a ausência de Noah e quando aconteceu eu, definitivamente, não estava preparada para ficar sem ele.

— Acho que sim, inclusive devem estar rindo de nós duas agora por estarmos chorando por eles — respondi, tentando aliviar o clima e ela sorriu, assim como eu, secando o rosto.

— Quem diria, Pah, depois de tudo que fizemos e combinamos, que estaríamos aqui sem eles.

Voltei a encarar aquele espaço vazio, mas não por muito tempo. Minha própria mente me torturava lembrando que eu podia passar a vida olhando naquela direção que ele não estaria lá, não mais.

— Você o perdoou? — questionei. Susan sorriu e assentiu.

— E você?

— Não — suas mãos tocaram as minhas em solidariedade —, não consigo perdoá-lo por me deixar. Digo isso todos os dias, ele havia prometido que não me deixaria. Como se pudesse controlar algo assim, mas eu acreditei.

— John me fez a mesma promessa, aqueles dois cretinos sabiam como nos enganar.

Sorrimos às gargalhadas concordando. Sarah voltou com nossas bebidas quentes e tomamos em silêncio, não aquele do tipo desconfortável, mas sim aquele necessário para apreciar a companhia ao nosso lado.

Depois do chá, Susan me perguntou se eu queria andar pela casa e, sem muita certeza, aceitei. Foi como na primeira vez que estive aqui, eu não conseguia respirar e em cada canto que eu olhava ficava esperando ele aparecer.

Paramos em frente ao quartinho.

— Lembra a primeira vez que estive aqui?

— Claro, considero aquela atitude um dos maiores erros da minha vida.

— Eu achei a sua reação aceitável. — Ergui as sobrancelhas diante do comentário e ela sorriu. — Se fosse eu teria chutado as bolas do John até que elas saíssem pela boca.

Nós duas tentamos segurar o riso, mas não funcionou.

— Eu nunca mais entrei aí — confessou e lhe dando suporte segurei em sua mão.

— Quer entrar agora?

Negou e entendi. Eu propus, mas sem a certeza se entraria também.

Voltamos ao quintal, deixamos um pouco a tristeza de lado para falar das festas de fim de ano. Eu a convidei para passar comigo, mas ela iria visitar o filho em Chicago. Will, uma pessoa adorável que ela e John adotaram uns anos depois que nos conhecemos. Cheguei a mencionar isso em meu diário, foi algo importante para todos.

Relembramos diversos momentos, uns divertidos e outros nem tanto. Quando nos demos conta já estava anoitecendo e eu precisava voltar. Susan ficou de me visitar logo e, mais uma vez, insistiu para ler o que escrevi sobre ela.

— Não se preocupe, falo de você como a melhor organizadora de festas de todos os tempos.

— Colocou todas as festas?

— Cada uma delas — respondi sussurrando com malícia.

— Bons tempos!

— Ótimos tempos!

— Tchau, Pah...

Susan me ofereceu um abraço quando estávamos já na porta, eu aceitei tendo minha atenção furtada para algo atrás dela. Um sorriso saudoso se desenhava em meu rosto.

Um porta-retratos com uma foto nossa e os rapazes. Os sorrisos em nossos rostos expressavam toda a felicidade que esse dia trouxe, principalmente a mim e a Noah.

— O que foi? — Susan perguntou ao notar minha atenção presa atrás dela.

Apontei o porta-retratos e ela sorriu.

— Meu casamento...

Vinte e nove

Voltei para casa de algum modo mais leve. Estar naquela casa outra vez foi como fazer as pazes com uma velha amiga, aquela com quem eu não falava há muito tempo, mas que não havia um segundo em que não pensasse nela.

Não era como se eu estivesse evitando todos os lugares em que estive com Noah, afinal, continuava na nossa casa, mas havia lugares que eram, de algum modo, sagrados, lugares nossos, em que parecia errado estar sem ele. Nosso quarto era um desses lugares, o gazebo no quintal, a nossa piscina e a casa de Susan.

Tendo visitado Susan, acho que não tinha mais com quem fazer as pazes.

Sentei-me na cama, ainda era cedo.

Embaixo do travesseiro, do lado de Noah, ele...

27 de abril de 1980

Querido diário,

Os jogos iam ficando cada vez mais interessantes e inacreditáveis, assim como os locais onde eles aconteciam.

Não era como se houvesse cartazes anunciando onde as festas aconteceriam. Tudo era muito privado e exclusivo. Camuflado como um soldado na guerra. Mesmo os clubes, não havia uma placa com “Swing club” em neon na entrada. Era como uma máfia, uma máfia sexual, gostaria de poder dizer que não havia atividades ilícitas, mas alguns lugares eram praticamente a descrição de ilícito.

Não que fazer sexo fosse um crime, mas muito do que acontecia em clubes era. Sem contar que alguns lugares faziam membros da vigilância

sanitária — aqueles que não estavam na folha de pagamento dos sócios — entrar em colapso.

E mesmo que tudo parecesse um bacanal sem fim havia regras, parece que não se pode fugir delas. Para pessoas que tentavam parecer liberais, algumas regras eram, no mínimo, ridículas e contraditórias. Por exemplo, homens solteiros não eram aceitos, mas mulheres solteiras sim. Certos locais não aceitavam homens homossexuais, todavia, lésbicas eram bem-vindas. Nada de prostituição, embora houvesse prostitutas, ou acompanhantes, pelos salões.

Eu, particularmente, detestava os clubes, mas isso não significa que eu não tenha conhecido alguns e um deles estava bem debaixo do meu nariz...

Rio de Janeiro, março de 1978

Olhei Tai, igualmente exausta, quando saímos da UTI. Apoiando-nos nas paredes andamos até o descanso médico, eu precisava sentar, não fazia isso há horas.

— Aleluia! — comemorei ao acomodar meu corpo em uma das poltronas.

Tai se jogou no sofá. Por sorte, ou azar, a sala estava vazia. Hoje era um dia premiado, como gostávamos de chamar. Aquele dia em que todo o Rio de Janeiro parecia precisar de atendimento de urgência, e o prêmio de hoje foram overdoses, três ao longo da tarde. Meus braços estavam doendo de tanta manobra de reanimação.

— O dia foi russo^[10], mais uma overdose e quem vai precisar de reanimação sou eu. — Um ruído em minha garganta indicou um sorriso, não conseguia sorrir, meus músculos não respondiam. — O que houve com essa cidade? — Tai questionou e não respondi. Cansada, fechei os olhos.

— Achei vocês! — Kelly entrou na sala em um rompante de euforia.

— Como você não está cansada? — perguntei quase irritada pela alegria dela.

— Tenho meus truques! — rebateu, jogando-se no sofá ao lado de Tai. — Mas e vocês, parece que um caminhão atropelou as duas.

— Três caminhões...

— E carregados com cocaína — acrescentei à resposta de Tai.

— Saquei! — disse ela despreocupada e soltando os cabelos ruivos do elástico. — Eu estava trancada na sutura, sabem que não acontece nada muito emocionante ali. Embora o último cara tenha sido esfaqueado pela noiva quando ela descobriu que ele ia dar o cano nela e fugir com a amante.

— Dia premiado! — lembrei e as duas assentiram.

— Pelo menos o turno está acabando, o que acham de a gente cair na gandaia? — Kelly indagou, fazendo movimentos com os braços como se estivesse dançando. — Ouvi dizer que a boate de Copa vai estar fervendo.

Tai e eu nos olhamos e em seguida olhamos para ela.

— Eu não consigo respirar — Tai acrescentou.

— E você, Pah? — Ela juntou as mãos implorando e neguei, nem para dar uma negativa em voz alta eu tinha forças. — Por que não? Pode chamar o Noah...

Torci o nariz e resmunguei mais alto do que eu gostaria.

— Ihh, problemas no paraíso? — Kelly perguntou curiosa. Até mesmo Tai assumiu outra postura no sofá, sentou e me olhou tão estupefata quanto Kelly.

— Não exatamente problemas, mas digamos que eu precise de um pouco de distância dele no momento ou eu arranco o que ele considera precioso.

— Uhhh, Patrícia no modo assassina — Kelly comemorou agitada.
— O que ele fez?

— Mentiu! — resumi e eles reviraram os olhos bufando.

— Detalhes, Pah, raciocinamos melhor com detalhes.

Tudo corria bem na nossa noite de sexta, estávamos jogados no sofá assistindo *O astro*, na verdade, Noah estava assistindo e tentando me colocar por dentro da trama. Descobri que ele adorava novelas.

— Esse turbante é ridículo — comentei e ele parou a massagem que estava fazendo em meus pés. — Ei!

— Faz parte do mistério do personagem.

Rolei os olhos, mas diante da insistência dele tentei prestar atenção na televisão. Acabei rindo quando uma tal de Amanda disse que tudo — o truque ou o que quer que fosse que o cara do turbante estava fazendo no meio de uma churrascaria — não passava de bobagem.

— O comentário dela poderia ser facilmente aplicado à novela inteira — resmunguei, mas Noah não me deu atenção.

Continuei resistindo aos diálogos sobre horóscopo e mais um bando, reiterando a tal Amanda, de bobagens, porque Noah estava fazendo maravilhas em meus pés. Todavia, o telefone tocou e precisei atender. Era John pedindo que Noah fosse a *Royal*, havia uma situação no segundo andar que ele precisava resolver.

Os olhos do homem que amo transmitiram preocupação. Na mesma hora ele desligou a TV, algo que não consegui fazer nem quando coloquei a camisola cor de pêssego, quase transamos com o cara do turbante nos observando, e agora ele simplesmente a desligou e foi se vestir? Quando disse vestir foi vestir mesmo, ele colocou terno e sapatos fechados.

— O que tem no segundo andar de tão importante que fez você colocar um terno? — Colei meu corpo na porta de braços cruzados, deixando claro que ele não iria sair sem me dar uma resposta convincente.

— Pah, agora não é um bom momento e...

— Discordo, o momento é perfeito. — Empinei o nariz. Eu não desistiria tão fácil. — Não adianta fazer cara feia, trabalho em um hospital e hoje enfrentei uma louca armada, não vai ser essa sua cara de cão raivoso que vai me intimidar.

— O que achei uma imprudência da sua parte, ela poderia ter atirado em você. — Revirei os olhos, balançando a cabeça negativamente. Já discutimos sobre isso, não foi o primeiro familiar desesperado com o qual topei e não seria o último.

— Vai me dizer o que você tem que resolver tão urgente sim ou não? — insisti e ele pareceu pensar em algo, como se bolasse a mentira perfeita. — E não me ofenda mentindo, seria muita presunção sua me achar uma idiota.

— São negócios, você não vai querer saber.

— Se fez você vestir um terno é claro que eu vou querer saber.

— Amor... — A voz dele amansou, então estendi os braços fazendo bico. Era uma clássica técnica de distração. — Tudo bem, mas não posso explicar, você vai precisar vir comigo.

Assenti, mesmo cansada do plantão da tarde. Entrei no quarto, adoraria dizer que me arrumei em poucos minutos, mas se ele estava de terno o compromisso seria importante, então coloquei uma das minhas melhores roupas. Saia preta solta e longa, com duas belas fendas e a blusa também escura, mas com mangas que caíam pelos ombros, dignas de uma rainha.

Na boate, que por sinal estava lotada, Noah me arrastou para um canto no final do bar. Era o único espaço vazio.

— Achei que íamos para o segundo andar.

— E vamos, mas antes... — Ele fez uma pausa. A tensão era visível e comecei a ficar assustada. Minha mente me levou a crer que alguém havia morrido. — Lembre-se que eu tenho um sócio, e que tudo são apenas negócios.

Minha expressão não poderia ter ficado mais confusa, mas, ao que parecia, ninguém morreria afinal. O que foi um alívio.

— Sabe o dia em que você bebeu e... — Ele colocou o dedo na garganta indicando vômito.

— Sim! — rosnei entre dentes.

— Eu falei que estávamos no terceiro andar. — Assenti, lembrei perfeitamente da forma como acordei naquele abatedouro e da minha confissão vergonhosa sobre sexo. — Tem algumas coisas que ainda não contei a você.

— Que coisas? — Senti meu coração se comprimir e me sufocar.

— Você vai ter que me prometer que não vai embora. — Meus olhos saltaram, incrédulos, na mesma hora.

— Por que eu faria isso?

— Você foi quando descobriu o quartinho da Susan.

— Tem um quartinho daqueles aqui? — Noah fechou os olhos e assentiu. — Aquele quarto em que eu acordei era...

Senti nojo, meu estômago embrulhou.

— Não! Não! Não! — ele esclareceu depressa e a bile desceu. — Aquele é o meu apartamento.

Meu corpo congelou. Todas as vezes que tocamos no assunto apartamento ele sempre dizia que não havia nada de surpreendente a ver, afinal, já estávamos morando juntos, eu conhecia os amigos dele, o trabalho

dele, seus gostos peculiares, e isso era tudo que tinha para saber. Aparentemente ele estava mentindo.

— Você mentiu! — acusei, e ele não se defendeu de imediato, ficou me olhando, como se estivesse pensando na melhor mentira para amenizar a situação.

— Não exatamente, eu tenho um apartamento em Ipanema, não uso, está alugado há meses. Você me conhece, Pah. — Não controlei o sorriso de escárnio, um sorriso que dizia: conheço mesmo? — Acha que eu preciso de muito mais que uma bermuda e um chinelo? O quartinho aqui é perfeito e a boate estava em inauguração, eu já estava basicamente morando aqui.

— Eu estava certa, aquele era o seu abatedouro.

— Era! — Finalmente a confissão que eu esperava.

— Explica de novo por que eu não devo ir embora agora? — questionei entre dentes e senti a fúria se acumulando em formato de lágrimas nos meus olhos.

— Porque eu te amo — neguei, desviando os olhos dele, golpe baixo —, e você me ama também.

Cruzei os braços e voltei a encará-lo.

— Você falou do quartinho, se não era o abatedouro, imagino que seja o segundo andar. E julgando o tamanho da boate vocês têm bem mais que um quartinho aqui.

— Sim...

Desviei de Noah e fui até o balcão do bar. Imagino que por estar com Noah meu pedido foi atendido depressa, vodca e suco de limão. Virei o copo em questão de segundos. Sentei junto ao balcão com Noah ao meu lado, eu precisava digerir tudo.

— Achei que você tivesse negócios urgentes aqui — falei, encarando meu copo vazio.

— No momento, o mais urgente é você. — Olhei para ele e sorri. Cafajeste.

Voltei a olhar o copo. Surtei ao observar um quarto, um quarto, imaginar um andar inteiro de... Nem sei o que eu deveria imaginar, mas faz a minha cabeça querer explodir.

Um dos seguranças se aproximou de Noah e comentou algo em seu ouvido, pela expressão dele voltei a acreditar na minha hipótese de pessoa morta. O segurança se foi, mas Noah continuou comigo. Eu sabia que ele não iria a lugar algum até que eu decidisse o que fazer. Mesmo que de fato alguém tivesse morrido, mesmo que houvesse reféns lá em cima, eu sabia que ele não me deixaria aqui sozinha.

Empurrei meu copo para longe e levantei. Ele disse que eram negócios e eu quis saber, não quis? Não disse nada, mas Noah entendeu o meu silêncio e, claro, o bico irritado que eu estava fazendo, como um sinal de que eu não iria embora e de que as coisas não estavam bem, que eu estava querendo muito socá-lo e que ele não devia falar comigo nas próximas horas.

Caminhamos lado a lado, sua mão na base da minha coluna ia me guiando entre as pessoas até o corredor ao lado dos banheiros. Seguimos um curto caminho de luzes cor de rosa. Paramos diante de um segurança que cumprimentou Noah e desejou a ele boa noite. Bufei em silêncio e quase congelei ao entrar. Não era exatamente como eu esperava, não fugiu muito das características da boate embaixo.

Um enorme salão nos recebeu, no entanto, as luzes eram mais fracas, não havia globos enormes e reluzentes, e a música era erótica e tocava baixinho. Não ouvimos mais que sussurros, não os de prazer como no quartinho de Susan, ali eram apenas pessoas conversando. Consegui ver alguns rostos — alguns conhecidos e importantes nomes da cidade — outros eram apenas sombras. Todos espalhados por sofás ou mesas elegantes. Mulheres, usando o que considereei uma fantasia sensual de garçone, desfilavam pelo salão servindo bebidas.

— Vamos! — Noah me guiou para fora do salão, pegamos outro corredor, nesse havia várias portas e nem quis saber aonde elas levavam.

Já quase no fim, nem tudo eram portas fechadas, à minha esquerda havia um espaço aberto cuja cortina transparente era a única coisa que me deixava de fora do que estava acontecendo ali. Havia várias camas e uns sofás espalhados pelo espaço, todos ocupados. A luz ali não era intensa, mas permitia que tudo fosse visto com clareza, clareza demais, todos estavam sem roupa. Inclinei minha cabeça para a direita acompanhando o movimento de uma loira que parecia uma contorcionista.

Meu queixo foi ao chão, não respirei. Primeiro, porque o ar era irrespirável. Segundo, porque o choque com a cena fez meus músculos pararem, mesmo os involuntários, o que a lógica me dizia ser impossível.

A música era mais alta e animada, as pessoas fumavam, dançavam e bebiam. Com naturalidade as garçonetes circulavam entre os casais, ao menos eu achei que eram casais, já que na cama do canto havia cinco pessoas. Mulheres e homens saltavam de uma cama para outra como macacos iam de galho em galho, não havia convite, ou talvez, o fato de estar ali fosse o convite.

Senti a bile em minha garganta forçando passagem, mas consegui devolvê-la ao meu estômago inquieto.

— Pah! — Noah chamou, tirando-me do transe que a sala me colocou. Seguimos mais alguns passos até a última porta.

Mal entramos e John estava à nossa espera. Minha presença parece assustá-lo, mas ainda assim, ele me cumprimentou sorrindo, notei sua agitação e a ignorei. Ele não falou nada sobre o grande atraso de Noah, imaginei que eu estar ali respondeu a todas às suas perguntas.

Afastei-me deles indo para o canto, eu não estava em condições de fazer nada que não fosse observar. O lugar era o escritório deles, de onde gerenciavam tanto a boate quanto o grande quartinho, como batizei. Diante de mim havia um sofá de couro onde um homem repousava de cabeça baixa, pelas manchas no chão ele havia vomitado.

O tal homem não estava no seu melhor momento. Os botões da camisa social estavam todos abertos, ele estava desalinhado da cabeça aos pés e se balançava, achei que ele estivesse bêbado até sua cabeça ser erguida e seus olhos me acertarem. Reconheci aquela expressão vazia.

— Como isso aconteceu? — A voz grossa de Noah ecoou na sala e por instinto me aproximei do homem ignorando os gritos de Noah.

— Esse homem precisa ir para um hospital, agora! — gritei, claramente, ele havia tido uma overdose. As narinas ainda estavam brancas como o polo norte.

Meus olhos acertaram Noah cheios de reprovação, não acreditava que ele gerenciava um lugar assim. Não que drogas fossem novidades, mas cocaína? Aqui?

Puxei o braço de Noah para olhar em seu relógio e acompanhar o pulso do homem diante de mim, estava fraco, o que não era novidade, mas ao menos me informava o tamanho do estrago.

— Ele não quis ir ao hospital — John informou e acabei rindo sem acreditar na condescendência dele.

— Ele não tinha escolha, poderia ter morrido. O que fariam se ele morresse? Jogariam o corpo em um beco? — Os dois não responderam, se entreolharam como se a resposta fosse sim.

— Pah...

— Acha que é a primeira overdose que eu tenho, boneca? — o desconhecido questionou com a voz mole, como se estivesse com sono. Meus olhos foram a ele que sorria recostando-se no sofá. Suas mãos vasculharam os bolsos, um maço de cigarros e um isqueiro surgiram. Ele acendeu um cigarro e tragou com um sorriso vitorioso no rosto. — Eu estou bem, sobrevivi.

— Você é um idiota. — Os três homens na sala me olharam como se eu tivesse ofendido a mãe deles. — Primeiro, por usar essa porcaria achando

que ele vai fazer de você o máximo. Segundo, por achar que é imortal e ainda se vangloriar por ter acabado de vomitar e se urinar como um bebê, o que torna você duas vezes mais idiota.

— Pah...

— Vocês — aponte Noah e John —, também são idiotas.

Dei as costas aos três e saí daquele lugar. Noah me seguiu, claro que ele seguiria, mas não era um bom momento. Mande-o ficar longe e arrumar um lugar para dormir, porque em casa era bom ele não aparecer nos próximos dias.

— Onde?

— No seu abatedouro! — gritei e saí da boate, mas depois voltei. Não havia levado bolsa, estávamos longe de Ipanema e era tarde da noite.

Noah me deixou em casa. Não disse nada durante o caminho de volta e nem tentou. Desci na portaria e segui prédio adentro sem olhar para trás...

— Então, a *Royal* é um clube de swing? — Tai perguntou sem acreditar quando terminei a história toda.

— Sim!

— Noah te deixou mesmo em casa? — Assenti, e Kelly tentava não rir, essa não foi a parte mais gloriosa da noite. — Vocês são únicos.

— E ele morava mesmo no abatedouro?

— Sim! — soltei ainda monossilábica e nós três levantamos, nosso turno havia acabado.

— O que vai fazer agora?

— Ir pra casa e assistir novela — respondi, pegando a minha bolsa e elas me olharam feio.

— Vai esperar um mês para conversar com ele? — Tai questionou e neguei.

— Não, ele já deve estar em casa de todo modo — tranquilizei as duas —, mas ainda não sei o que dizer. O que eu poderia dizer? Eu nem sei se estou com raiva de verdade.

— Você precisa de um psicólogo, sabia? — Kelly comentou, e assenti.

— Quer dizer, eu sei pelo que estou com raiva — esclareci. — Eu só não sei se deveria estar com raiva, eu sei que ele escondeu coisas e isso me faz querer acertar um soco nele, mas o lance da droga... Não é como se ele pudesse controlar quem usa o quê.

— Esse parece ser o seu único pensamento coerente — Tai disse. — Não podemos controlar as pessoas, elas vão fazer escolhas estúpidas, mesmo quando sabem que são estúpidas. Trabalhamos em um hospital, quantas vezes não vimos um paciente fazer exatamente o contrário de tudo que recomendamos?

— Eu sei.

A minha raiva ou incerteza, não era exatamente em torno da mentira em si e sim por Noah achar que não podia me contar, o maluco entupido de pó foi só a gota d'água. Tudo bem que fugi com a história do quatinho, por um mês, e por mais irritada que eu estivesse, ou ficasse, eu não fugiria novamente, não poderia.

Talvez eu devesse dizer isso a ele.

Trinta

28 de abril de 1980

Querido diário,

Os segredos, ah os segredos. Parecem ser os grandes vilões dos relacionamentos.

Em um momento, em minha doce ingenuidade romântica — chega a ser engraçado me ver como uma tola romântica, mas eu tinha meus momentos —, eu acreditava, convictamente, que uma relação precisava de transparência absoluta para funcionar e eu não estava totalmente errada, precisávamos ser transparentes, mas não em absoluto.

Eu aprendi que a transparência está em não esconder sentimentos, em não mascarar incertezas e em não engolir as insatisfações. Não adianta colocar um sorriso no rosto e dizer que tudo está perfeito quando, na verdade, tudo está ruindo.

Não se trata de contar sobre todos os parceiros sexuais que tive antes, não que tenham sido muitos, ou contar que detestei nosso primeiro encontro, mesmo porque imagino que minha expressão naquele dia tenha deixado claro, mas nunca foi algo que fiquei remoendo e espero nunca fazer isso, nem contar como odeio aquele colete de tiras, apesar de Noah ficar incrível nele.

Eu sei que Noah não estava feliz por colocar um terno no dia em que saímos com a minha mãe e sei que ele provavelmente a odiou, isso eu pude ver, mas ele nunca me disse nada e nas poucas vezes que nos visitou até hoje, ele sempre sorri. Seus lábios dizem “bem-vinda”, mas os olhos dizem “vou te matar se não calar a boca”.

Há verdades que são insignificantes, que só servem para magoar o outro e se você ama não quer magoar, não quer perder. Existe uma linha

tênue entre a mentira e o segredo, a mentira quase sempre é dita, aumentada, já o segredo é isso, é algo oculto, se não é dito nem existe.

A verdade é, se o segredo não vai afetar a escolha do outro de estar ao seu lado, tudo bem. O que não se aplica a uma segunda família, por exemplo, uma amante, ou um clube de swing secreto...

Rio de Janeiro, março de 1978

Em casa, ao contrário do que eu esperava, não havia ninguém. O silêncio, pela primeira vez, parecia me deixar surda. Olhei cada canto do apartamento, mas não havia indícios de que alguém esteve ali, *Noah* não esteve aqui, nem para pegar uma muda de roupa, nada.

Eu o havia mandado sumir por uns dias, parece que ele escolheu a hora errada para me obedecer. As meninas sempre diziam que ele me deixou mal-acostumada e não discordava. Noah sempre deu o primeiro passo, desde o início, mesmo que o nosso segundo encontro na praia não tenha sido exatamente uma coincidência, eu queria encontrá-lo, mas o convite para algo mais partiu dele.

Achei que ele estaria aqui, faria seu olhar de cão abandonado e me daria uma explicação perfeitamente lógica para tudo que aconteceu. Eu rosnaria, mas acabaríamos na cama comigo confessando que o amo.

Tomei banho, comi algo no apartamento de Tai e voltei para dormir.

No domingo, eu já estava cansada pela ausência de notícias. Acordei praticamente de madrugada e fiz faxina com o disco de *Hylton* repetindo e repetindo, talvez a agulha do toca-discos o tenha arranhado. Na hora do almoço eu sentia que já estava enlouquecendo.

Deixei meu almoço de lado e fui me trocar. Coloquei o primeiro vestido e sapato que encontrei.



Entrei na boate, vazia pelo horário, e não tinha como não achar estranho. Chegava a ser deprimente e sem vida, não havia cores, música ou o aglomerado de pessoas que encanta e incomoda.

Caminhei no salão, que parecia maior, com meus saltos fazendo eco pelo espaço, era bem assustador, na verdade. Ia perguntar a um dos funcionários por Noah, mas o avistei no palco, mais precisamente, no topo de uma escada de bermuda, chinelos e uma blusa branca em volta da cabeça.

Nossos olhares se cruzaram e acenei discretamente. Em seu rosto a surpresa ficou estampada, apressado ele desceu as escadas e faltando alguns degraus para o chão ele saltou, fazendo a boate inteira chacoalhar. Um verdadeiro homem das cavernas.

— Já sei — ele se aproximou sem muita certeza, tirando a blusa da cabeça e liberando os cabelos rebeldes —, deve estar pensando: o que foi que eu vi nesse neandertal?

— Tem certeza de que você não lê pensamentos? — rebati nervosa, lembrando a mim mesma que precisava respirar. Ele sorriu, não foi um grande sorriso, mas foi verdadeiro.

Não sei por quanto tempo ficamos assim, nos encarando em silêncio. Pressionei minha bolsa nas mãos com força várias e várias vezes. Tentei dizer alguma coisa, mas nada saiu. Era como se eu tivesse perdido a capacidade de falar.

Mas o que eu deveria falar?

— Eu...

— Você não voltou — cortei-o de repente. Foi o máximo que consegui dizer com o coração pulando no peito.

O rosto dele não transmitiu expressão alguma, o que só aumentava meu desespero. Como ele não percebe que minha presença é um sinal de paz, de que eu o queria em casa?

— Você me mandou ficar longe.

— Resolveu me ouvir agora? — questionei mais irritada do que deveria, e ele sorriu.

— Não quis arriscar aparecer, causar ainda mais estorço e você me mandar ficar longe para sempre. — A sinceridade e o medo em suas palavras fizeram com que eu me sentisse como a bruxa má.

— Foi por isso que não me contou da boate, o apartamento, as drogas...

— Ei! — Ele estendeu a mão direita, interrompendo-me. — Aquilo foi um incidente isolado. Há um limite para as coisas que permitimos aqui, cocaína não é uma delas, mas não é algo que possamos controlar ou ficar vigiando. Eles sabem que se forem pegos perdem o acesso ao clube.

Bati palmas fingindo estar impressionada.

— Uau, as crianças aprontam e perdem o brinquedo. Por quanto tempo? Uma semana? Duas?

— O que queria que eu fizesse? Chamasse a polícia? Sabe o que aconteceria...

Cobri meu rosto com as mãos e respirei fundo para não acertar com a bolsa no meio da cabeça oca dele. No entanto, sabia que ele estava certo, nosso maior medo nos últimos tempos era a polícia.

— E o clube? O abatedouro? — Mudei o foco da conversa, tentando manter minha mente no motivo que me trouxe aqui, reconciliação e não outra briga.

— Você fugiu por um mês quando viu um quarto, se eu mostrasse um andar inteiro o que teria feito?

— Eu não fugi — lembrei, e ele sorriu.

— Você foi embora!

— Porque eu estava irritada com você, você me escondeu coisas. Eu não fugi porque deixei de te amar — gritei e o empurrei, mas, sendo a montanha que era, ele nem se moveu. Tentei fazê-lo entender de uma vez que eu não ia a lugar nenhum. — Eu sei que eu não falo isso com frequência, mas eu amo você, idiota, e por mais que eu queira, ou que você mereça, eu não vou embora.

Em um rompante Noah enlaçou minha cintura, juntando nossos corpos. Ele não me beijou de imediato, seus olhos analisaram minha reação, querendo garantir que não estava mentindo, que não ia fugir. Meus olhos encararam seus lábios, em seguida, seus olhos, eles estavam caídos, quase sonolentos, como os de um bêbado, mas ali o motivo da embriaguez não era álcool, era o desejo, a saudade, a fome.

Seus lábios tomaram os meus, sua língua abriu caminho em minha boca buscando a minha, buscando saciar o desejo, a saudade e a fome.

Incrível a facilidade com a qual me entreguei, ou melhor, meu corpo se entregou. Não que fosse apenas isso.

Noah me beijava e tudo em mim respondia imediatamente. Meu cérebro enviava a resposta física, minha respiração acelerava como se a qualquer momento eu fosse ficar sem ar. Minha pele ficava sensível e gritava a cada toque que recebia. Meus olhos se fechavam e era como se eu não pensasse em mais nada, não comandasse mais nada, minhas mãos buscavam todo e qualquer contato, assim como meu corpo que serpenteava em seus braços como se estivesse em chamas e, ao invés de fugir, ansiasse mergulhar nelas. Meu coração cuidava do resto, da sensação de flutuar, dos sorrisos, da certeza de eu que não queria estar em outro lugar que não fosse em seus braços.

A passos largos Noah nos direcionou à parede mais próxima, minhas costas bateram contra algo macio, talvez uma cortina.

— Noah... — sussurrei, mas fui cortada por seus lábios famintos que me prenderam em um novo beijo. — Há pessoas aqui — tentei argumentar mais uma vez, mas seus lábios tomaram os meus. Meu lado racional acabou sendo derrotado pela irracionalidade. Mesmo sabendo que provavelmente estávamos sendo observados, minhas unhas cravaram na carne abundante em seu braço para impedir que ele se afastasse.

— É verdade o que você disse? — Entre sussurros, respirações ofegantes e beijos, Noah questionou.

— Que eu não vou fugir? — rebati, conseguindo alguns segundos de ar. — Sem mais mentiras?

— Sem mais mentiras — ele assegurou com os olhos fixos nos meus.

— Então, nesse caso, eu nunca vou...

— Noah, você e os fornecedores de...

As palavras se perderam em minha garganta assim que reconheci a voz estridente. Empurrei a muralha em forma de homem que Noah representava para confirmar que não estava alucinando.

— Espera um pouco... — Apontei à piranha que atendia pelo nome de Kiki congelada e de olhos saltados diante de mim. — O que essa mulher está fazendo aqui?

— Eu trabalho aqui! — ela respondeu arrogante e cruzando os braços.

Comecei a rir incrédula e encarei Noah.

— Adorei a brincadeira, principalmente, porque eu ameacei desfigurar o seu rosto se você se aproximasse dele outra vez — ameacei avançar, mas Noah me conteve.

— Patrícia! — ele rosnou, repreendendo-me como se eu fosse uma menina de cinco anos. — A Kiki cuida da parte financeira da boate.

— E você nunca pensou em me contar? — questionei entre dentes. Cruzei os braços, pressionando minhas unhas neles e engolindo toda a minha raiva.

— Você nunca perguntou.

Diante da dissimulação dele fechei os olhos e armei os punhos como um boxeador faria. Noah recuou, então respirei fundo e me contive.

— Claro, como você imaginou que seria essa conversa? — perguntei irônica. — Talvez: Amor, aquela vagabunda de pernas compridas trabalha aonde? Bateu saudade.

— Noah, quer mandar essa desequilibrada parar de me chamar assim.

— Eu devia te deixar careca, mas se eu partir pra cima de você esse brucutu se coloca na frente. — Empurrei Noah espumando como um cão raivoso.

— Pah, quer parar? — Noah se colocou diante de mim. A voz mais mansa, porém os olhos transmitiam sua repreensão.

— Demita ela! — rosnei em um sussurro.

— Não posso! — ele devolveu no mesmo tom. — Eu não sou o único sócio. Além disso, se eu for demitir toda mulher que eu...

— Não continue! — cortei-o ou a pouca paciência que me restava terminaria ali. — Já entendi, pelo visto a população feminina inteira do Rio de Janeiro não poderia trabalhar aqui.

— Pah, eu não quis dizer... Seja racional.

Parei de ouvir e esqueci a paciência, ela se foi.

— Quer saber? — comecei com a voz mansa, fingindo um sorriso e, de forma sorrateira, coleí nossos corpos. — Eu não devia bater nela.

— Exato! — Noah comemorou, e meu sorriso sumiu.

— Eu devia bater em você.

— O quê?

Segurei em seus ombros buscando apoio e acertei uma joelhada no meio das pernas dele. Afastei -me, vendo-o se contorcer e ficar vermelho.

— Golpe baixo, Pah — ele disse sem ar e com a voz mais fina que o normal. — Você me esterilizou.

— Tomara que os seus trecos caiam! — praguejei, dando a ele às costas.



Dessa vez Noah me seguiu até em casa, na verdade, vim com ele no mesmo carro. Para um homem que estava me acusando de tê-lo esterilizado ele até que foi bem ágil. Não conversamos durante o caminho, ele não se atreveu a isso.

De imediato não entrei em casa. Fui ao apartamento de Tai, contei o que havia acontecido e o que pretendia fazer, claro que ela me repreendeu, mas Kelly, assim que ligamos para ela, adorou e disse que me ajudaria.

Por volta das sete voltei para o meu apartamento. As costas nuas de Noah foram a primeira coisa que eu vi quando entrei, ele estava na cozinha, nu e com um avental cobrindo o peito. A própria descrição de um filme de sacanagem.

— Fiz o jantar... — ele anunciou, levando a colher de pau até a boca e, em seguida, reclamando pelo conteúdo da colher ter derramado em seu peito.

Noah tirou o avental e o jogou em cima da mesa. Sabia o que ele estava tentando fazer e não iria funcionar. Caminhei sem olhar para trás em

direção ao quarto.

A porta rangeu e pelo espelho vi Noah. Ele não chegou a entrar, mas parou na porta e me olhou confuso.

— O que você está fazendo?

— Me vestindo — respondi serena enquanto ajustava o decote do vestido. Notei que os olhos de Noah seguiram meus dedos e se fixaram nesse ponto em particular. Coloquei o mesmo vestido da noite em que fomos ao restaurante, o vestido que dizia que eu queria sexo.

— E onde você vai? — A pergunta saiu com certa dificuldade.

— Sair... — Limpei os cantos dos meus lábios levemente borrados pelo vermelho do batom.

— E para onde? — Noah assumiu a postura de um guarda-costas. Ocupou basicamente o espaço todo da porta quando cruzou os braços.

Querendo deixá-lo ainda mais louco, não disse nada, apenas me aproximei indicando o zíper nas costas. Ele o fechou com velocidade, preciso verificar se não quebrou.

— Pah... — Sua voz exigia que eu respondesse à pergunta de há pouco. Olhei para ele com divertimento.

Noah cerrou a mandíbula e pude ver seus músculos se contraindo pela raiva. Havia um duelo sendo travado ali, mas sem armas, apenas a nossa paciência estava sendo testada.

— Kelly quer conhecer uma boate nova. — Baguncei o cabelo e arrumei a fitinha que coloquei nele. — *Danger* ou algo assim.

Comecei a cantarolar *Perigosa* das *Frenéticas* sob o olhar atento de Noah.

— *Cuidado garoto, eu sou perigosa...*

Cantei verificando que estava perfeita. Na porta ele continuou bloqueando minha passagem. Eu não disse nada, apenas fiquei parada diante dele. Noah abriu a boca para dizer algo, mas desistiu oferecendo caminho para que eu passasse.

— E não precisa me esperar, eu não volto hoje. — Dei a cartada final e eu juro que estava vendo fumaça saindo do topo da cabeça dele.

Seus olhos cerrados em minha direção me diziam tudo, esse duelo ainda não acabou.



Na tal boate tudo que senti vontade foi de voltar para casa. Nós já estávamos ali há quase uma hora e nada do Noah aparecer.

Esse não era o plano.

Terminei minha bebida e sinalizei ao garçom que precisava de outra.

— Para tudo, Patrícia, o bofe veio mesmo — Kelly comentou e finalmente senti que minha vingança iria começar.

— Eu disse que ele vinha — comemorei olhando para Tai que não estava acreditando que fosse funcionar. — Eu falei o nome da boate.

— Tudo bem, ele veio — Tai resmungou, revirando os olhos. — Agora me explica de novo por que você está agindo como uma adolescente?

— Ele deixou claro que não vai demitir aquela vaca, até que isso eu consegui ignorar, mas a presunção com a qual ele jogou na minha cara que dormiu com meio Rio Janeiro, *ahhh*, isso não vai ficar assim.

— Ele não jogou na sua cara.

— De que lado você está? — questionei Tai.

— Do seu, mas você está exagerando. Provocar ciúme, Pah, sério?

— Noah não se abala fácil, a não ser que eu atinja a vaidade dele.

— Mas você já não acertou a vaidade dele de manhã? — Kelly soltou zombando e tentei não sorrir, apesar de eu ter me preocupado depois. Na raiva não medi minha força e eu podia mesmo tê-lo esterilizado.

— Ele só precisa ver que se eu quiser também posso dormir com meia cidade — soltei, e as duas gargalharam.

— Pode mesmo?

— Não! — assumi enquanto Tai continuou rindo e Kelly me olhou com certo desapontamento. — Só quero que ele veja que não é tão insuperável quanto pensa.

— E ele é insuperável? — perguntou Tai sugestiva e dei um sorrisinho de canto.

— É — tentei não suspirar —, mas ele não precisa saber.

Nós três sorrimos e agradecemos ao garçom pela próxima rodada. Erguemos nossas bebidas e brindamos, agradei as duas por estarem me apoiando nessa loucura.

Quase cuspi minha bebida quando *Mania de você* de Rita Lee começou a tocar. Engoli a vontade de matar o disque-jóquei, isso deveria ser uma festa.

*A gente faz amor por telepatia
No chão, no mar, na lua, na melodia...*

Com meu copo de bebida em mãos deixei Rita Lee invadir meus ouvidos.

— Você vai ao menos paquerar alguém?

— Lógico que não... — rebati à pergunta de Tai, fazendo cara de nojo. — Até outro dia eu odiava sexo.

— Odiava?

— Você me entendeu — dissimulei e elas se entreolharam desconfiadas. — É tudo uma farsa, eu estou bem. E se fosse paquerar alguém não seria nesse pé sujo.

— O que tem de errado com o lugar? — Kelly me olhou quase ofendida.

— O que não tem de errado. A impressão que eu tenho é que a qualquer hora um desses garçons vai me falar o preço do michê.

— Nisso você tem razão, é tudo boy. — Kelly suspirou parecendo decepcionada. — Mas a bebida é ótima e barata.

Erguemos nossas bebidas em comemoração a isso.

— Pah, não olhe agora — Tai chamou minha atenção quase em desespero —, mas acho que o bofe resolveu dar o troco.

— O quê? — soltei perdida e me controlando para não virar.

— Tem uma loira conversando com ele e ele está todo sorridente.

Respirei fundo, mas minhas amigas não facilitavam, já que estavam olhando a cena e suas expressões estavam me deixando ainda mais nervosa.

— Parem de fazer essas caras, parece que eles estão transando no meio da pista — exigi, pressionando meu copo vazio.

— Transando não, mas...

— Mas o quê? — O pânico me tomou.

— Ele a tirou pra dançar — Kelly respondeu.

— Coladinho! — Tai completou e meu queixo foi ao chão.

— Eu não vou olhar — reforcei a mim mesma e acenei ao garçom pedindo outra bebida.

Tina Charles começou a cantar agora, *I love to love*. Perfeito, agora o *disque-jôquei* resolveu colocar uma música dançante, mas não qualquer uma, uma das que dançamos na casa da Susan.

— Ele dança bem...

Sem poder mais resistir acabei me virando para olhar Noah com a tal loira e não era apenas a minha atenção que eles haviam ganhado, a boate inteira estava atenta, fizeram, inclusive, um círculo para que eles dançassem.

O sorriso fácil dele parecia estar deixando a loira encantada. Ela girava feliz ao redor dele enquanto os braços do meu namorado se agitavam no ar.

— Chega!

— Onde você vai? — Tai tentou me segurar, mas sem sucesso. — Pah!

Ignorei as duas chamando por mim e fui abrindo caminho entre as pessoas até Noah. Sem pensar, e talvez encorajada pelos três copos de *gim-tônica*, puxei-o pela camisa. Como ele não esperava o ataque, o choque dos nossos corpos acabou sendo mais violento do que previ, teríamos caído se ele não tivesse agido rápido me envolvendo em seus braços com tanta força que eu poderia ter me partido em duas.

Ataquei seus lábios sem dar tempo para protestos, algo que ele nem tentou fazer, apenas retribuiu com a mesma intensidade. Nossos dentes se chocaram devido à pressão que estávamos fazendo, não queria que ele me soltasse e também não queria soltá-lo, mas minha mente ainda estava funcionando, lembrando-me do local onde estávamos.

— Nossa, se eu soubesse que era fácil assim nem tinha perdido tempo com a dança — a loira comentou, e decidi não perder meu tempo com

ela.

— Sai! — rosnei, e ela ergueu as mãos nos oferecendo passagem.

Puxei Noah pela mão, novamente empurrando a multidão à nossa frente que estava frenética com a cena que havíamos protagonizado. Palmas e gritos ecoavam atrás de nós, sendo abafadas quando as portas se fecharam ao chegarmos à calçada.

Meus olhos analisaram as opções à nossa volta, não estava tão tarde, era um risco, mas não posso mais esperar. Caminhei o mais rápido que consegui com esses saltos. Os estalos apressados ecoavam na viela ao lado da boate, não havia iluminação ou indícios da existência de qualquer outro ser humano além de nós dois ali.

— Pah...

— Cala a boca! — exigi antes de jogá-lo contra a parede, assim como ele fez comigo na primeira vez que transamos.

Não podia dizer que eu o comprimia, seria fisicamente impossível levando em conta o tamanho dele, mas meu corpo tomou posse do seu. Eu o ataquei como uma fera atacaria um animal indefeso, suprimindo qualquer chance de uma fuga.

Minhas mãos subiram por seu pescoço e embrenharam-se em seus cabelos, abraçando seus cachos e fazendo daquele ponto minha âncora para mantê-lo sob o domínio dos meus beijos. Noah gemeu ao sentir nossos quadris se encaixando, ele estava animado e sua animação era a minha. Lancei meu corpo contra o volume crescente na bermuda e mais uma vez ele gemeu, era um protesto pela clausura do seu membro.

Eu podia facilmente oferecer a ele liberdade, mas não o fiz, eu queria vê-lo sofrer por mais alguns segundos. Desci minhas mãos por seu peito, beijando e lambendo sua pele, desbravando agilmente seus pelos até a bermuda. Não a invadi, o acariciei por cima do tecido, não era o bastante para ele e muito menos para mim, mas estava divertido observar seu prazer e sua agonia. A excitação corria em minhas veias e eu me sentia poderosa.

O monte em minhas mãos se tornava maior e mais rígido a cada segundo. Estremeci, mas não em todo o corpo, em uma parte sensível entre minhas pernas. Ali, eu o estava chamando. Minha carne se contraía, de novo e de novo, fazendo-me gemer contra a sua pele quente.

Os segundos que minhas mãos se afastaram dele pareceram eternos, mas eu precisava me livrar da maldita calcinha. Ela caiu em algum canto no chão, não me importei. Eu só precisava estar livre para receber Noah dentro de mim.

Com desespero o puxei contra mim outra vez. Suas mãos buscaram apoio em minhas coxas e ele me suspendeu, girando-nos até que as posições se invertessem e fosse eu a comprimida contra a parede. Minhas pernas o abraçaram e o trouxeram para mim. Foi como uma ordem, ele deveria me possuir naquele exato momento e assim ele fez. Sua ereção dura abriu caminho entre minhas pernas, invadindo-me e provocando um prazer descomunal.

Em seu ouvido sussurrei para que ele não se mexesse, eu precisava senti-lo um pouco. Minha carne estava agarrada a ele, envolvendo com força e no mesmo fervor com o qual meus braços o puxavam para mim. Meus lábios buscaram os dele, necessitava sentir seu gosto, o nosso gosto.

— Sim... sim... — arfei com o corpo serpenteando a cada nova investida.

A sensação era deliciosa e assustadora, como se nada na vida nunca fosse ser tão bom quanto fazer amor com Noah.

— Nunca mais fuja de mim... — Seu pedido desesperado ecoou entre suspiros na viela.

Meus olhos se fixaram nos dele, suas pupilas estavam dilatadas e era como estar olhando para um buraco negro, fascinante, mágico, mas que aos poucos consumia tudo em mim, fazendo-me parte dele, tornando-nos um só.

— Prometa! — exigiu com uma estocada funda que me lançou contra a parede.

— Nunca... — Agarrei-me ao seu pescoço pressionando minhas pernas em seu quadril. — Nunca vou fugir.

Meus dedos se embolaram em seus cachos, puxando-os a cada nova contração em meu ventre, eu queria gritar, mas sabia que não podia.

Exigi seus lábios, roubei seus suspiros e ele roubou os meus. Nossos gemidos ecoavam abafados em nossas gargantas e, por alguns segundos, fomos, de fato, um só.

Trinta e um

30 de abril de 1980

Querido diário,

Desde que conheci Noah minha vida tem sido uma jornada de descobertas. Como se eu fosse um ser de outro planeta, pouco a pouco, ia conhecendo novas sensações, novos sentimentos, um mais complexo e mutável quanto o outro.

Inúmeras vezes desejei algo como um manual dos apaixonados, um conjunto de anotações que descrevessem os sentimentos e como reagir ou controlá-los, e, talvez, que indicasse os próximos passos. Seria mais fácil. Amor, e todos os sentimentos que o abraçavam, era uma linguagem que eu desconhecia.

Com nosso último desentendimento vivenciei um novo momento. Algo único, intenso e que exigiu do meu corpo movimentos que eu julgava incapaz de realizar sem sentir dor ou morrer. Algo chamado: sexo de reconciliação.

Sexo, entre mim e Noah não era nenhuma novidade, mas aquele foi. Não o ato em si, mas a forma como foi. Havia amor e paixão, e algo mais, medo ou raiva, ou os dois...

Rio de Janeiro, março de 1978

Em um rompante minhas mãos espalmaram na mesa deslizando até as bordas.

— Segure-se! — Noah ordenou em meu ouvido.

O peso do seu corpo em minhas costas foi substituído por beijos que desciam tracejando minha coluna e me fazendo gemer contra a madeira

polida da mesa da cozinha. A boca de Noah descia até tocar o meu traseiro e subia novamente. Meu corpo arqueava desejando mais, porém seu peso me comprimia outra vez contra a mesa.

Seus beijos estavam mais selvagens e famintos. Suas mordidas mais intensas...

— Noah! — gritei quando seus dentes morderam a pele atrás do meu pescoço. — Assim... Assim...

Eu iria me partir de prazer. Como uma bomba o desejo explodia dentro de mim, mais especificamente no meio das minhas pernas. Meu clitóris pulsava tão frenético quanto meu coração, deixando-me inquieta e choramingando por mais.

Com auxílio das pernas de Noah as minhas foram afastadas para recebê-lo.

— Anda, rápido... — exigi, comprimindo meus dedos na mesa. — Eu preciso de você.

Noah queria me torturar, como um castigo pelo que fiz naquela noite, prolongando seu desespero e privando do que ele desejava, a mim. Agora ele fazia o mesmo, senti seu membro entrar, não o suficiente, e sair. O que me fez chamar palavrões contra a mesa.

— Droga, Noah!

Ele sorriu, conseguia sentir a perversão no som da voz dele. Ele estava adorando. Ameacei me levantar, mas suas mãos em minhas costas me mantiveram ali, parada, à mercê das suas vontades.

— Isso... — vibrei quando seus dedos me tocaram entre as pernas. Girei meu quadril contra eles, eu precisava desse contato.

— Assim? — Confirmei e seus dedos seguiram o ritmo do meu quadril. Fazendo círculos e círculos, enquanto sua ereção me torturava mais abaixo.

— Não para, não para... Eu vou... — explodi em uma gargalhada de prazer e satisfação. Eu estava gozando nos dedos do homem que amava.

Abruptamente fui puxada pelos cabelos. Meu corpo levitou sobre a mesa até se chocar contra o peito de Noah.

Meus joelhos fraquejaram no segundo que sua ereção me invadiu, até o fim, completando-me. Minhas mãos voltaram à mesa e tentei me manter firme. Seus rugidos penetravam meus ouvidos com tanta ferocidade que me fez questionar se estávamos fazendo sexo ou lutando pela vida, como animais selvagens. Cada vez mais eu me sentia perto das portas do paraíso, sendo levada por um estado de torpor que me fazia duvidar de ainda estar viva.

Abracei suas mãos em meus seios repousando minha cabeça em seu peito. Minhas unhas cravaram em seus braços e mordi os lábios. Estávamos perdidos em algo extraordinário e urgente, carnal e afetivo, assustador e revigorante.

Desde que voltamos daquela viela algo mudou. Eu ainda estava furiosa, mas sabia que amava Noah com todo o meu coração. Não foi como das outras vezes em que brigamos, onde estávamos dominados pela saudade e pelo amor.

Assim que chegamos ao apartamento as acusações recomeçaram.

— *Mimada.*

— *Mentiroso.*

— *Inconsequente.*

— *Cafajeste.*

Quando nos demos conta estávamos rasgando nossas roupas. O jantar que ele havia preparado foi parar no chão e meu corpo foi lançado sobre a mesa da cozinha.

— Noah... — Um grito agudo ecoou na cozinha. Novamente me debrucei sobre a mesa em busca de apoio, mas foi inútil. Meu corpo inteiro tremia, como se eu estivesse convulsionando, e eu não tive forças para continuar em pé.

Blackout total.

Abri os olhos e me peguei sentada sobre a mesa. Um Noah ofegante estava diante de mim, entre minhas pernas. Sua boca buscou a minha e correspon-di, não sabia como, mas correspon-di.

— Bem-vinda de volta — sussurrou, mordendo meus lábios.

— Está tentando me matar? — perguntei ofegante quando seus beijos recomeçaram em meu pescoço.

— Claro que não... O mundo não teria a menor graça sem você.

Os olhos do homem que amava estavam radiantes. Havia um lindo universo brilhando neles, na verdade, ele inteiro parecia brilhar.

— Eu amo você.

Trinta e dois

Senti meu corpo ser sacudido.

— Não acredito — apenas um dos meus olhos se abriram sonolentos —, outra vez?

Tai sentou na cama e sacudiu as mãos no ar, para que me afastasse e desse a ela espaço. Chutei as cobertas e arrastei meu corpo até o lado de Noah na cama.

— Dessa vez é uma emergência. — Cruzei os braços duvidando muito disso. — Íamos fazer compras para o Natal e para minha casa, a minha geladeira só tem água e leite.

Revirei os olhos com o exagero dela.

— Estou esperando você há horas, já não tinha mais assunto para conversar com a Eva.

— Que horas são?

— Meio-dia...

Reclamei me enterrando nos lençóis, não acredito que dormi tanto.

— Aposto que essa coisa foi a responsável por você hibernar como urso. — Ela sacudiu meu diário, mas não se atreveu a folhear, apenas me entregou e o coloquei de volta no lugar, embaixo do travesseiro do Noah. Olhando para ele lembrei o que li ontem.

— Você lembra da vez em que tentei fazer ciúmes ao Noah?

Ela sorriu estalando os dedos no ar, imagino que buscando na memória o dia em questão.

— Naquele pé sujo? — questionou rindo, e assenti.

— Onde eu estava com a cabeça?

— No ciúme daquela peituda... Como era o nome dela, Coco?

— Kiki! — corrigi, e ela sorriu.

— Bons tempos. — Não deixei de concordar. — Acredita que naquela noite um dos garçons veio mesmo oferecer michê?

Nós duas ficamos rindo, deitamos na cama por um tempo sem dizer nada. Estávamos encarando o teto, não sabia em que ela pensava, mas como sempre, meus pensamentos estavam em Noah e em como seria divertido lembrar com ele esses momentos, na verdade, era divertido, ele chegou a ler e a escrever algo em meu diário.

— Você escreveu sobre a Kelly? — Tai perguntou de repente e juntas nos sentamos na cama. — Foi pouco depois daquela noite.

— Escrevi, não foi o nosso melhor momento.

— Não foi... Foi um ano complicado aquele — lembrou, e assenti.

— Mas Noah estava lá.

— É, ele sempre estava lá.



Chegamos ao supermercado por volta das duas da tarde. Como estávamos falando na Kelly decidimos fazer uma chamada de vídeo com ela e confirmar sua vinda para as festas de fim de ano. Ela estava fantástica, os cabelos pareciam mais ruivos do que nunca e agora, ela usava uma franja curta. Uma versão brasileira e igualmente linda da *Nicole Kidman*. Ela vivia em Los Angeles com a filha, Sophie, e o marido, Adam Kent, um famoso

produtor de Hollywood, e isso rendeu a ela o apelido de senhora Hollywood que ela tanto adorava.

— O que acha dessas uvas? — Tai perguntou, tirando-me dos pensamentos com Kelly.

— Prove! — aconselhei, e os olhos dela saltaram.

— Estão na embalagem.

— Noah fazia isso — lembrei sorrindo e encarando a mesma bandeja que ela. — Eu sempre ficava morrendo de medo de alguém nos pegar

— Alguém já pegou vocês?

— Claro, mas ele sempre sorria e jogava charme. As vendedoras deixavam passar ou embalavam tudo outra vez.

Empurrei o carrinho ainda no corredor das frutas, Tai continuava olhando as uvas na dúvida de qual bandeja levar ou, talvez, pensando se usava ou não a estratégia de Noah. De repente olhei para o sistema de som do supermercado, músicas natalinas estavam tocando. Sorri quando começou *Let it snow* de *Frank Sinatra*. Noah o adorava, para um hippie ele tinha gostos bastante peculiares.

Sem poder resistir, e sorrindo como uma boba, comecei a cantarolar:

*O fogo lentamente está se apagando
E, querida, nós continuamos nos despedindo
Contanto que você continue me amando
Deixe nevar, deixe nevar, deixe nevar...*

Meu canto foi interrompido quando uma sombra surgiu diante do carrinho. Desviei os olhos da bandeja de morangos em minhas mãos para o corpo parado à minha frente.

Chinelos, bermuda, camisa branca e cabelo solto. Pressionei o carrinho conforme meu coração disparava dentro do peito. Inspirei e expirei devagar, várias e várias vezes, até eu conseguir acalmá-lo.

Noah! — disse mentalmente e um sorriso se esticou em meus lábios, não pude conter.

Ele estava parado e também encarando as bandejas de morango, era o que sempre fazia. Olhava até encontrar aquela digna de ser aberta. Seus olhos me acertaram travessos, como se estivessem me pedindo segredo.

Assenti, e ele sorriu.

Mordi meus lábios contendo um riso. Duas lágrimas escaparam quando ele começou a se movimentar no ritmo da música de *Frank Sinatra*.

Let it snow, let it snow, let it snow...

Noah sussurrou com uma bandeja de morango nas mãos.

— Pah? — Tai surgiu ao meu lado. — Está tudo bem?

Assenti limpando meu rosto.

— O que estava olhando? — Ela encarou o corredor estranhamente vazio para um supermercado uma semana antes do Natal.

— Acreditaria se eu dissesse que vejo Noah?

— Provou os morangos e eles estavam estragados, certo? — Neguei sorrindo.

— Sei que é estranho e que parece que estou louca, mas acontece às vezes.

— Pah...

— Eu sei que não é ele — acrescentei em seguida, já que seus olhos me diziam que ela poderia muito bem sugerir camisa de força. — E também sei que não é um fantasma e nem nada do tipo.

— *Aham!* — Tai cruzou os braços desconfiada.

— SÉrio, eu estou bem e com a sanidade dentro do aceitável.

— Vendo o Noah?

— Você sabe que depois daquilo — engasguei, três anos depois e eu ainda não conseguia dizer em voz alta, nunca disse em voz alta —, eu comprei vários livros sobre luto e perda.

— Impossível esquecer. Sua casa é tipo a biblioteca da autoajuda — ela zombou e ameacei atropelá-la com o carinho. — Desculpa.

— Eles ajudaram — afirmei, e ela ergueu as mãos em sinal de paz. — Em um deles, *O último adeus*^[11], eu li que essas coisas, essas visões — coloquei entre aspas — são apenas uma tentativa do meu subconsciente de preencher os espaços que Noah ocupava na minha vida. É o meu cérebro tentando se reorganizar e se adaptar à minha nova realidade, preenchendo a saudade com lembranças.

— E você acreditou nisso?

— É melhor do que acreditar que estou ficando louca ou vendo fantasmas — lembrei, e ela assentiu.

Sendo a boa amiga que Tai sempre foi ela me abraçou.

— Eu provei as uvas — sussurrou como um segredo e nós duas rimos alto no corredor quando ela colocou uma bandeja no carrinho.



Quando Tai falou que minha casa era como uma biblioteca de autoajuda ela não estava brincando, tampouco exagerando. Nunca fui uma leitora assídua, mas gostava de ler e quando tudo aconteceu eu não sabia o que fazer. Nada mais fazia sentido e eu me vi perdida.

Foi como se minha vida inteira tivesse se partido do dia para a noite. E foram tantos pedaços que eu não fazia ideia de como recolher os cacos, não que eu fosse colá-los, o vidro da minha vida se estilhaçou, não tinha conserto, mas eu precisava limpar a bagunça. Ainda hoje recolho pedaços.

Eu precisava ocupar a minha mente, forçar meu cérebro a processar informações outra vez, eu precisava me manter lúcida. Em um dia de compras com a minha filha paramos na livraria do shopping. Luíza parecia não estar com pressa, então o mínimo que fiz foi olhar em volta.

A história de uma viúva^[12]...

Era o título do livro. À primeira vista achei ridículo, mas não resisti à curiosidade. Olhei em volta, de algum modo eu me sentia fazendo algo errado. Não havia ninguém além de mim no corredor. Peguei o livro e folheei. De cara, no primeiro capítulo, a frase:

“Meu marido morreu, minha vida desabou.”

Comprei o livro.

Ele foi o primeiro de muitos outros. Peguei um dos quartos da casa sem muita utilidade e transformei em uma biblioteca. Minha vida se resumia aos livros. Os personagens pareciam ser os únicos que podiam me entender e me ajudar.

Foram muitas situações, muitas lágrimas e nenhuma conclusão sólida para mim.

Sentei-me na poltrona de canto, procurei uma posição confortável e abri meu diário. De todos os livros que li, o pequeno caderno em minhas mãos possuía, sem dúvidas, para mim, a mais bonita e emocionante de todas as histórias.

— Querido diário...

Trinta e três

01 de maio de 1980

Querido diário,

Dentre todos os marcos de 78 — e foram muitos, desde escândalos na Copa a greve nas fábricas — teve o lançamento do filme “A dama da lotação^[13]”, um reforço às nossas predileções sexuais. Não que o Pornochanchada fosse novidade, longe disso, mas a popularidade do filme foi instantânea.

O sexo não convencional alastrou-se como uma epidemia. Era como se todo mundo tivesse combinado de fugir da rotina ao mesmo tempo. O filme serviu de inspiração para muitos fetichistas.

Como outros do gênero, ele deveria representar uma distração, um modo de acalmar os ânimos. Foi um tiro no escuro que não atingiu o alvo, quer dizer, não acertou como deveria. Para alguns movimentos revolucionários o filme foi um certo presente, mesmo que uma parcela o tenha considerado como grosseiro, apelativo ou vulgar. Não estavam de todo errados.

O que realmente importava era como ele retrava o cenário em que estávamos vivendo, a emancipação sexual. Não era apenas nudez, assim como não fazemos apenas sexo. Era tomar as rédeas do próprio corpo. Era o entendimento das vontades. Era a libertação da culpa. Era libertar o orgasmo, o prazer, do amor ou da ligação matrimonial...

Rio de Janeiro, maio de 1978

De uma espreguiçadeira observava o show que meu namorado estava dando na piscina. Atraindo vários pares de olhos e não os culpava ou julgava. Noah nadando se revelou um espetáculo deliciosamente atraente e

tentador, não conseguia desviar meus olhos. Seu corpo ia e voltava na piscina, várias e várias vezes.

— Obrigada! — agradei a Susan quando ela me trouxe uma mimosa. Prendi um gemido em minha garganta. Um dia quente, uma visão quente e uma bebida gelada estavam sendo uma combinação perigosa.

Estávamos na casa de Susan, uma pequena festinha para celebrar os dias quentes. Ainda tínhamos mais alguns dias de primavera, mas o verão começou a mostrar o seu rosto. A semana foi incrivelmente quente e o convite para uma festa na piscina foi irrecusável.

— Adorei seu biquíni — Susan comentou, e olhei rapidamente para o modelo que escolhi. Nada demais, um biquíni azul simples de cintura alta e sem alças. Segundo Noah, o modelo realçava os meus seios.

Graças a fixação dele pela praia acabei aderindo ao biquíni como peça essencial em meu guarda-roupa e confesso que quando o lugar era uma piscina em uma agradável e luxuosa casa no Leblon eu não tinha nada contra.

— Obrigada — agradei sorrindo e no mesmo instante apontei para o corpo dela. — Adorei a saída de praia.

— Presente de John, ele sabe que eu adoro peças de praia.

Não consegui controlar o riso.

— Se Noah tivesse me dado algo assim eu entenderia como uma provocação, detesto praia.

Os olhos de Susan me acertaram sem acreditar, tão surpresos quanto os de Noah quando contei.

— Não diga isso alto aqui, podem afogar você na piscina — sussurrou e fiz sinal de um zíper ao fechar a minha boca. — Ele sabe da sua aversão por praia? — Ela apontou Noah, e assenti.

— Ele disse que era algo que não podia superar na nossa relação, mas o fiz mudar de ideia rapidinho.

Dessa vez foi ela quem gargalhou.

— Imagino.

— Susan! — Uma mulher mais ao longe agitou os braços gritando por Susan. Rápido ela se aproximou de nós duas e sentou na espreguiçadeira ao lado.

— Patrícia, essa é a Roberta. Ela acabou de chegar de uma temporada de descanso na Europa — Susan nos apresentou, e a mulher sorriu animada em minha direção.

— Quanta formalidade, pode me chamar de Roro. — Concordei, todavia, quando ela e Susan entraram em uma conversa sobre a Europa e suas belezas voltei minhas atenções a Noah.

Inspirei escondendo meus pensamentos obscenos atrás da minha taça. Ele estava sentado na borda da piscina conversando com John e outro cara. O sol refletindo nas gotas que escorriam por seu peito e se eu me fixasse com atenção em sua sunga podia imaginar, com uma riqueza infinita de detalhes, a maneira como seu pau descansava perfeitamente acomodado à minha direita.

Mordi meus lábios e cruzei as pernas inquieta. Incrível como não conseguia ter um único pensamento coerente quando o assunto era Noah.

Fui pega espiando...

Os olhos do homem que amava me acertaram em cheio. Ergui uma sobranceira convidativa, escondendo, outra vez, minhas intenções atrás da taça quase vazia.

— Noah continua igual. Um tipão de homem. — O flerte com meu namorado foi interrompido quando ouvi seu nome saindo da boca da mulher da Europa. Eu a notei abaixando os óculos escuros para poder olhá-lo melhor.

Quase como um instinto, meus olhos também decidiram analisá-la. Ela era bonita, devia ter uns trinta e cinco, talvez menos. Os cabelos eram escuros e bem curtos o que a deixava com um aspecto ainda mais jovial. Não conseguia dizer se fazia exercícios, mas tinha um corpo invejável e agora sem os óculos em seu rosto, notei seus olhos azuis como a piscina refletindo seu desejo pelo homem que observava.

Meu...

— Na verdade — ela fez uma pausa e retirou totalmente os óculos do rosto, com elegância os apoiou nas coxas. Acho que eu deveria oferecer um lencinho, tinha baba escorrendo —, ele está melhor. Como um delicioso bom vinho, só fica mais saboroso com o tempo.

Tornei a olhar Noah, seus olhos estavam em mim e discretamente, com um aceno de cabeça, apontei a mulher ao lado de Susan, indicando que ele tinha plateia. Seus olhos a acertaram e ele sorriu, cachorro. Mordi os lábios tendo a mente, estranhamente, fervilhando de ideias.

Susan me fez sair dos pensamentos sacanas com Noah ao tocar meu braço. Notei que ela chamou a atenção da mulher.

— Roberta, eu comentei que a Pah é a namorada do Noah?

A mulher se desconcertou, fazendo-me segurar o riso. Ela pareceu em choque, encarou-me fixamente, sem sequer piscar.

— Você é uma mulher de sorte — soltou ela de repente, e agradeceu. — Que bom que ele não está mais saindo com aquela Kiki, era uma chata de galocha, ninguém a suportava. Ela grudava tanto que achei mesmo que fosse conseguir dar o bote. É bom saber que ela dançou.

Ergui minha taça com o que sobrou da minha bebida em concordância. Susan comentou que ela sumiu das festas e contei que, talvez, eu fosse a responsável por esse desaparecimento. Esclareci que não a matei, já que o olhar das duas indicava isso, mas relatei nosso pequeno incidente na cozinha de Susan, onde banquei a gângster e a pugilista.

— Eu sabia que você seria um ótimo acréscimo ao nosso grupo — disse Susan com a voz séria antes de nos deixar, já que, como boa anfitriã, ela precisou ir distribuir ordens.

— Então — a mulher ao meu lado soltou quando perdemos Susan de vista dentro da casa. Seus olhos fixos em mim —, é uma de nós?

— Graças a Noah. — Um sorriso discreto brincou em meus lábios e ela me acompanhou.

— Interessante... Talvez nos encontremos depois?! — Ergui uma sobrancelha ainda sustentando meu olhar ao dela.

— Estaremos aqui — rebati, tomando o último gole de mimosa em minha taça.

Os dedos da mulher mergulharam nos fios curtos arrumando-os para trás. Sorrindo ela recolocou os óculos no rosto.

— Nos vemos — concordei quando ela levantou e seguiu em direção a um grupo de convidados.

Soltei minha respiração presa, tentando não rir do que acabei de fazer. Apressada varri o salão com os olhos e não vi Noah.

— Pah! — ele gritou atrás de mim. O rosto afundou em meu pescoço, fazendo-me saltar na espreguiçadeira.

— Droga, Noah! — reclamei, e ele sorriu.

Noah deu a volta na espreguiçadeira e se sentou diante de mim. Muito bem acomodado e com as pernas abertas.

— Se seu objetivo era me deixar molhada, sinto muito, não funcionou. — Balancei diante dele a minha taça vazia antes de colocá-la no chão.

— Mas isso pode ser resolvido em um minuto... — Estalei a língua negando quando notei suas péssimas intenções.

— Você precisa relaxar, parece tensa.

— Não diga? — soltei quase hostil e cruzando os braços, mas ele não desistiu. Noah arrastou sua bela bunda na espreguiçadeira para se aproximar, ainda mais, de mim.

— Conheço uma técnica de relaxamento que aprendi em uma comunidade hippie.

— Comunidade hippie? — questionei, e ele assentiu sério. Como se estivesse de fato me apresentando uma técnica válida, mas por trás da sua expressão sisuda notei uma grande malícia escondida.

— É a técnica do macaco — comecei a rir, mas ele continuou com o rosto sério —, você é enfermeira já deve ter ouvido falar.

— Técnica do macaco? — rebati incrédula.

— Você precisa abraçar a minha cintura com as pernas. — Ele gesticulou, e mordi os lábios assentindo, controlando tudo em mim para fingir que estava de fato acreditando nisso.

— Agora? — perguntei estupefata.

— Sim — Noah respondeu calmo, sem desviar os olhos dos meus e com uma expressão tão segura que estava começando a achar que ele falava a verdade —, não se preocupe. Se olhar em volta vai perceber que as pessoas estão bastante ocupadas.

Decidi confiar em suas palavras e, sem conferir se tínhamos ou não plateia, me rendi à tal técnica do macaco, afinal, ele tinha razão, eu precisava relaxar. Minha mente fervilhava abarrotada de pensamentos confusos, como peças embaralhadas de um jogo. Resolvi colocar as peças em um canto obscuro e me focar no homem diante de mim. Envolvi a cintura dele com as pernas e Noah me ajudou a deslizar mais para juntar nossos quadris.

— E agora? — soltei ansiosa.

— Feche os olhos... — Respirei fundo para não sorrir e fiz o que ele pediu. — Inspire e expire bem devagar.

Assenti e fiz o que ele pediu.

Uma vez...

Duas.

Parei de respirar quando, sem aviso, ele me beijou. Noah sugou meus lábios e sua língua me explorou, me excitou, me amou.

Meu corpo se contorceu em seus braços buscando mais contato, buscando se acomodar em seu abraço da forma mais perfeita possível. As mãos dele deslizaram por minha coluna pressionando meu corpo junto ao seu, comprimindo meu peito contra o dele.

Minhas mãos percorreram seus braços buscando apoio, encontrei seus músculos e cravei minhas unhas ali. Queria mantê-lo junto a mim. Meu corpo gritava para que fizéssemos amor agora.

— Noah! — implorei, arfando em seu ouvido.

— Está molhada agora?

— Sim... — murmurei, beijando seu pescoço, arranhando sua pele e deslizando em direção aos cachos molhados dele. — Parece que é uma técnica válida.

— Quer continuar? — ele provocou, e mordi meu lábio inferior na dúvida.

— Podemos? — Meus olhos saltaram assustados e ele me lançou um sorriso canalha.

— Claro, mas não aqui... — O sorriso canalha transformou-se em zombaria, então o acertei no ombro. — Sei que você pensa que somos um bando de devassos, mas temos certas regras.

— Ah — fingi estar em choque —, achei que não havia regras?

— Mas há, senhorita — seus dedos deslizaram por minha perna esquerda, ele acompanhou esse movimento enquanto eu observava suas expressões atentamente —, do contrário não passaríamos de um bando de selvagens dominados pelo desejo. É isso que pensa que somos?

Ergui uma sobrancelha em afirmativa quando seus olhos me atingiram, mas ele não se abalou.

— Então, quer dizer que — sussurrei cautelosa e simulei preocupação ao olhar para os lados — se eu o tocar aqui — deslizei minhas mãos por seu peito — alguém vai me impedir?

— Certamente ninguém a julgaria por isso... — A vaidade explodiu em suas palavras. Assenti como se estivesse tranquila pela informação ao invés de testando sua resistência a mim.

— E aqui... — Arranhei seus quadris e notei a respiração dele acelerar.

— Zona segura — soltou afetado e com a voz ansiosa pelo meu próximo movimento.

— E se eu tocar aqui... — Sem pudor e com os olhos fixos em Noah envolvi seu membro por cima da sunga.

Os olhos dele se fecharam por uns instantes. Não me movi, continuei segurando-o com firmeza e sem me importar com olhares alheios.

— Podemos ter um problema? — questionei, dando leves apertões em seu pau, como uma massagem. A cada nova compressão a rigidez contra meus dedos se intensificava.

— Pah! — Seu gemido saiu com prazer e advertência.

— Peça-me para parar — sussurrei, beijando seu peito e observando sua reação. Noah fechou os olhos, seu corpo enrijeceu por completo e seus dedos cravaram em minhas coxas. — Devo parar?

— Não! — A resposta veio de imediato e com desespero.

Continuei com a massagem e a trilha de beijos por seu peito, pescoço e queixo.

— Confie em mim, amor — disse, mordendo a orelha dele. A compressão em minhas coxas aumentou, fazendo-me gemer baixinho no ouvido dele. — Esqueça onde estamos, pense em mim, nos meus dedos e na minha boca.

Mordi seu ombro e ele gemeu com a cabeça enterrada em meu pescoço. Esse movimento limpou minhas vistas por uns instantes e me permitiu ver que não estávamos sendo exatamente ignorados como ele havia dito, tínhamos plateia, um par de olhos estava cravado em nós, Roberta. Ela nos observava mais ao longe, recostada no balcão da cozinha externa de Susan, com uma taça de mimosa nas mãos. Ao ser pega, ergueu a taça e sorriu, como um incentivo. Então, algo em mim queimou de repente. Retribuí aquele gesto com uma piscadela e o sorriso carregado de malícia.

Noah estava se desmanchando em minhas mãos, e, bom, já estávamos atirados à vista de todos de qualquer jeito, inclusive já havíamos atraído plateia, então não vi o porquê de não aproveitar para mergulhar de vez no abismo da devassidão. Com um movimento rápido puxei o cóis da sunga para baixo, o suficiente para facilitar a invasão da minha mão e o contato direto com seu membro.

A massagem se transformou em um vaivém. Com minha mão livre contornei o pescoço de Noah para mantê-lo com os olhos fixos nos meus. Sorrimos um para outro e quando a compressão em minhas coxas foi intensa o bastante para me fazer gemer junto com ele, eu entendi que ele havia gozado. Senti em minhas mãos a prova disso.

— Agora estamos os dois molhados — soltei divertida e beijando levemente seus lábios.

Noah respirou com dificuldades.

— Acho que flertei com uma mulher — soltei de repente, e os olhos dele saltaram curiosos.

— O quê?

Trinta e quatro

02 de maio de 1980

Querido diário,

Confesso que me senti confusa com a história do flerte. Na verdade, eu estava até na dúvida se o que houve fora mesmo um flerte. Havia ficado uma promessa no ar; algo que eu não soube identificar e quando a vi nos observando, a excitação foi tamanha que eu senti minhas veias queimarem. O que só tornou tudo ainda mais assustador...

Rio de Janeiro, maio de 1978

Irritados, meus olhos atingiram Noah. Era bom ver que meu desespero o divertia.

— Noah! — o repreendi outra vez. Agora ele parou de rir, seus olhos me acertaram cheios de ternura e paciência.

— Flertar com uma mulher não te faz gay, Patrícia. Talvez, alguém aberta a ter novas experiências.

— O quê? — Meus olhos saltaram. — Eu não quero fazer sexo com ela — disparei certa.

— Eu não insinuei isso. Mas como você se sentiu com o flerte?

— Eu não sei. Não foi como se eu tivesse planejado algo — confessei, tentando organizar meus sentimentos. — Ela estava olhando você e de repente eu estava reparando nela. Não sei exatamente o porquê. No fim, estávamos sorrindo e acho que marcando algo para depois.

— Patrícia Queiroz de Albuquerque, você está se revelando um perigo. — Ignorei o sarcasmo dele me sentindo agitada, como se não

conseguisse processar mais nada em meu cérebro.

— E então você e eu começamos a... — engasguei e gesticulei, Noah sorriu.

— Brincar?

— Isso! — Sorri nervosa e sem conseguir encará-lo. — Ela estava nos observando e eu gostei. Eu sorri e pisquei me sentindo eufórica, excitada e agora eu estou assustada — terminei e por fim respirei. Controlei-me ao máximo para não gritar, mas acho que surtei. — Sou uma pervertida, certo?

Os olhos de Noah me acertaram indecifráveis, o que me assustou ainda mais. Ele provavelmente devia estar achando que enlouqueci.

— Primeiro, somos todos pervertidas, amor. Não falo só das pessoas nessa casa, todo mundo. Existem graus e graus de perversão. Não se culpe por isso.

— Mas eu me sinto culpada — confessei e suas mãos abraçaram meu rosto.

— Tudo ainda é muito novo para você. Tomar consciência dos nossos desejos, sobretudo, os mais primitivos, não é fácil... Nossa sociedade está firmada em pilares inflexíveis de certo e errado, e todos aqueles que não seguem o compasso são considerados errantes. Como se fôssemos um produto que veio com defeito de fábrica e pior, nos fazem acreditar que é verdade.

— Você faz parecer simples — disse, organizando meus pensamentos. — Eu trabalho em um hospital, eu sei que desvios existem e...

— Amor, deixe as doenças de lado. Estamos falando de sexo, desejo e prazer. — Assenti, tentando me manter focada nele. — Nossos desejos são complexos, nos custa muito entender, e, principalmente, aceitar, mas você consegue e tudo que você sente é uma incrível liberdade. Medo e culpa emergem diante do desconhecido, precisamos conhecer todas as nossas partes e aceitá-las.

— Eu não sou gay — respondi e seus lábios se esticaram em um curto e encorajador sorriso. — Mas gostei do flerte, gostei de saber que ela desejava você e que você era meu, e que naquele momento era nas minhas mãos que você estava sentindo prazer. Fez eu me sentir poderosa, excitada e apaixonada por você.

Minha confissão o fez sorrir ainda mais e senti que pude respirar outra vez. Envolvi o pescoço dele com meus braços e o puxei para mim, ainda estávamos na posição do macaco, então foi fácil me encaixar nele e buscar seu conforto. Eu precisava dele, do seu amor. Apaixonada, roubei seus lábios e encontrei naquele beijo a calma que a minha alma necessitava.

— Patrícia Queiroz de Albuquerque — ofegante, ele se afastou alguns centímetros, mas meu corpo ainda o necessitava, ainda o queria —, você está se tornando um grande, grande perigo.

— Graças a você.



À noite, por incrível que pareça, estava quente, ou talvez fosse o clima da casa. Susan estava fazendo suspense sobre o grande jogo da noite. Todos estávamos animados e ansiosos, há alguns minutos ela pediu para que ficássemos todos na área externa.

— Ela está nos olhando — sussurrei para Noah. Meus lábios escondidos atrás da taça de champanhe.

— Roberta? — Assenti, virando minha taça. Os olhos dela estavam fixos em nós há alguns minutos.

Girei meu corpo nos braços de Noah, ficando de frente para ele. Meus dedos deslizaram entre os pelos do peito dele, gostei da estática que isso causou. Foram pequenos choques que reverberaram em minha pele e me excitaram.

— O que acha que ela quer?

— Você — soltou ele de repente, e revirei os olhos. — Você está uma delícia nesse biquíni, amor. Garanto que não são só os olhos da Roberta que estão em você.

— Em mim ou em você? — provoqueei, e ele estufou o peito vaidoso, fazendo-me rir. Inclinando seu corpo em minha direção ganhei um beijo ardente que me deixou acesa e querendo mais.

Ia aprofundar nossas carícias e talvez puxá-lo para o banheiro da piscina, mas as portas da área externa se abriram e uma Susan sorridente surgiu ao lado de John.

— Senhoras e senhores, excitados? — perguntou ela, e basicamente todos sorriram confirmando.

— Temos algo especial para vocês — John complementou, trocando um olhar sugestivo com a esposa.

Dois empregados surgiram com bandejas, onde pequenas doses de um líquido escuro estavam sendo distribuídas entre os convidados. Cada um devia pegar um.

— Mais uma vez resolvemos trazer o nosso *Quarto escuro* — Susan disse, maliciosa, pegando uma bebida para ela também.

Meus olhos saltaram e pressionei o copo de bebida em minhas mãos.

—..., mas hoje teremos uma novidade.

— Dois quartos — John soltou e a surpresa foi geral. — Um verde e um vermelho.

— No fundo dos copos vocês encontrarão um adesivo indicando qual o seu quarto. — A voz de Susan saiu com musicalidade e todos se animaram.

— Lembrando que não nos responsabilizamos por peças íntimas perdidas. — O pronunciamento de John fez meu coração disparar.

— Boa sorte. — Susan encerrou animada. Ela ergueu o próprio copo puxando um brinde coletivo, em seguida todos viraram suas bebidas de uma vez.

Olhei meu copo com desconfiança e em seguida encarei Noah, pelo que entendi, iríamos nos separar.

— Não se preocupe, eu vou com você. — Sorri sem muita animação.

Respirei fundo, encarei meu copo mais uma vez e virei a bebida.

— Droga! — reclamei e comecei a tossir. Acho que bebi pregos. Minha garganta estava em chamas. — O que era isso?

— Uísque e Coca-Cola — Noah respondeu tranquilo e virou a sua bebida sem nem fazer cara feia, enquanto ainda sentia a morte chegar. Parece que engoli o álcool do hospital com xarope para tosse.

Ainda com a língua queimando, observei o adesivo em meu copo.

— Verde. — Mostrei a Noah o adesivo e como esperado o dele era de cor diferente, então, o copo acabou indo parar em um vaso de plantas esquecido no canto.

Animados e trocando olhares, os convidados se dirigiram para dentro da casa. Noah segurou em meu braço e me levou para um canto.

— Quer participar?

— Como, exatamente, isso funciona?

— Basicamente, você não vai poder ver quem vai estar no quarto, mas não vai acontecer nada que você não queira. Se algum toque fizer você se sentir desconfortável me diga e sairemos na mesma hora. — Assenti com a respiração acelerada.

Medo e excitação estavam lutando dentro de mim. Em outro momento acharia uma combinação perfeita, mas agora, com o medo em vantagem, eu apenas sentia que não respirava.

De mãos dadas caminhamos para dentro da casa, a cada passo minha respiração ficava mais escassa. Setas verdes nos guiaram para o segundo andar. Um corredor mal iluminado se tornou nossa rota até pararmos diante de uma porta com um adesivo verde em forma de coração.

— Tão romântico — ironizei enquanto Noah girou a maçaneta. Ele abriu caminho para que eu entrasse primeiro. Não conseguia ver nada além de sombras, a luz que entrava pela porta aberta era quase nula já que o corredor estava parcialmente escuro.

Susan pensou em tudo.

— Eu estou aqui. — Um sussurro reconfortante invadiu meu ouvido e mãos fortes enlaçaram minha cintura como um cinto protetor. Agarrei seus braços e me deixei ser conduzida por Noah para um canto.

— Por que estamos aqui? — cochichei, mas não tinha certeza se ele ouviu, a sinfonia de gemidos e arfadas tomou conta do lugar.

— Você não está ouvindo? — respondeu ele no mesmo tom em meu ouvido.

— Impossível não ouvir.

— Agora imagine o que pode estar acontecendo para levar essas pessoas a expressarem prazer de forma tão... intensa.

Seu aperto em minha cintura afrouxou, mas ele não me largou... Suas mãos subiram por minha cintura nua e envolveram meus seios.

— Você foi privada de um sentido, amor, e isso aguça os demais. Os toques ficam mais intensos — seus lábios tocaram meu pescoço me fazendo estremecer como se estivesse com frio —, porque seus instintos estão em alerta, prontos para indicar perigo...

Minha cabeça pendeu para o lado, repousando em seu peito, liberando meu pescoço para sua língua. Ele a deslizou de cima para baixo, fazendo círculos... Seus lábios se uniram sugando a minha orelha.

— E você é um perigo, Noah, um grande perigo — arfei como se estivesse dando meus últimos suspiros. Seus dedos enlaçaram na peça de cima do meu biquíni abaixando-o e expondo meus seios.

— É uma pena que tudo esteja escuro — Noah se moveu, não o senti mais em minhas costas, embora percebesse seu movimento ao meu redor —, seus seios são uma visão tentadora, Pah.

Minhas costas bateram na parede, algo macio acariciou minhas costas, uma cortina. Minhas mãos se agarraram ao tecido, deixei meu pânico e excitação se concentrarem ali. Não via Noah, mas sentia sua presença diante de mim, sentia o fogo dos seus olhos atingindo-me a pele enquanto eu ansiava por seu toque. Ele tomou meus seios por inteiro em suas mãos, inclinei meu corpo em sua direção, entregando-me ainda mais. Noah juntou meus seios, sua língua percorreu meus mamilos até que ele enfiou os dois na boca.

Cada vez mais excitada perdi o controle dos sons emitidos por minha boca. Gemi, chamei seu nome, alguns palavrões e desejei mais. A sucção em meus seios aumentou e me contorci largando a cortina e puxando os cabelos de Noah.

— Mais, amor. Eu preciso de mais — ordenei arfando, colocando seu rosto entre minhas mãos e puxando seus lábios para um beijo ardente.

Meu pedido foi atendido. Uma das mãos dele desceu por minha barriga em direção à calcinha do biquíni. Por cima da peça ele me acariciou, envolveu todo o meu sexo na mão e o comprimiu.

— Minha!

— Sua... — gritei, comprimindo seus ombros.

Seus dedos invadiram a peça e me lancei contra a parede enquanto ele me penetrava com um dedo e logo outro. Soltei um gemido sentindo

meus fluidos entre minhas pernas. Os gemidos ao nosso redor intensificaram, porém um deles era mais alto, havia alguém ao nosso lado.

— Isso... — uma voz feminina ecoou em meu ouvido. Por instinto olhei para o lado e tudo que vi foram sombras.

— Se entregue, amor, deixa acontecer, aproveite. — A voz do homem que eu amava estalou em meu pescoço junto com beijos e mordidas.

— Mais rápido — exigi, contraindo minha carne contra os seus dedos e esfregando meu quadril contra eles. — Noah...

— Diga.

— Com a boca — soltei quase sem voz —, me ame com a boca.

Senti seu sorriso contra a minha pele. Deixando uma trilha de beijos em meu corpo ele desceu, imaginei que estivesse de joelhos diante de mim. Impossível não me sentir uma mulher poderosa.

Meu biquíni desceu, repousando em meus calcanhares.

As mãos de Noah se agarraram com firmeza em minhas coxas e puxaram meu quadril para si, estava por inteira em sua boca.

— Noahhh... — Suspirei sem voz e buscando apoio novamente na cortina.

Seus lábios mergulharam em mim, gritei, contorci-me e tentei não parar de respirar. A desconhecida ao meu lado também gritou e comecei a rir de prazer, eu a entendia muito bem. Usando a língua Noah brincou com meu clitóris.

— Droga, Noah. — O calor e a vibração em meu corpo aumentaram. Bati minhas mãos contra a parede quando dois dedos me invadiram. A penetração deles e a língua de Noah iriam me fazer explodir a qualquer momento.

Senti alguém tocar minha mão esquerda.

A desconhecida.

A mão envolveu a minha, como um gesto de cumplicidade. Minha mão livre agarrou em Noah, oferecendo-me apoio para que eu me contorcesse em sua boca e ditasse o ritmo. Exigi mais e sua boca me devorou. Comprimi a mão da desconhecida que assim como eu gemia.

Continuei olhando para o lado onde a desconhecida estava. Devido ao tempo que estávamos aqui minha vista se acostumou ao escuro, consegui ver um contorno de rosto, mas não o suficiente para uma identificação. Estávamos próximas e eu adoraria saber com quem estava compartilhando esse momento.

Arfei surpresa, agora foi ela quem comprimiu minha mão.

Não sabia se estava tendo uma alucinação, mas estava sentindo a respiração dela mais próxima, como se seu rosto estivesse muito, muito próximo ao meu.

E estava.

Senti seu nariz roçar no meu, seus lábios tocaram os meus e nos beijamos. No mesmo instante o prazer em meu ventre explodiu com força, gozei na boca de Noah abafando meu gemido em um beijo ardente com uma total desconhecida.

Afastei meu rosto da desconhecida e puxei Noah. Meu gosto ainda estava em seus lábios, agora era nosso gosto.

— Acabei de beijar uma mulher — sussurrei excitada.

— Huuum, interessante... — Noah gemeu contra o meu ouvido, sua ereção roçando entre minhas pernas. — Acho que vou explodir senão foder você agora, amor.

— Gostaria de saber quem foi — avisei, sentindo minhas veias queimando enquanto Noah posicionava seu membro em minha entrada.

— Quer repetir? — Sua questão saiu como um rosnado excitado.

— Siiiiim... — Não sabia com o que exatamente estava concordando, se com o prazer da invasão ou a proposta de mais com a estranha, mas excitada dessa forma, com meu ventre ainda latejando de desejo, eu diria sim a qualquer proposta.

O calor me invadiu. Noah ergueu minha perna direita, isso lhe garantiu mais espaço e profundidade. Bati contra a parede, puxando seu corpo para mim.

— Amo sentir você entregue assim, amor — Noah murmurou em meu ouvido, mordendo o lóbulo da minha orelha. Seus dedos afundaram em meu quadril fazendo-me gemer.

— Queria que as pessoas... pudessem nos ver — arfei, arranhando suas costas.

O vigor das suas investidas aumentou, como se ele quisesse me partir. Sabia que o excitava com minhas palavras. Quase podia ver seus olhos faiscando com desejo.

Meus gemidos se misturaram com os das pessoas ao nosso redor, um único som de prazer ecoava no ambiente, uma sincronia perfeita. Contorcei-me, lancei meu quadril contra Noah e deixei que seu membro me invadissem várias e várias deliciosas vezes. Gritei, jogando minha cabeça para trás gozando outra vez, sendo seguida por Noah que rugiu com a cabeça enterrada em meu pescoço.

— Acho que perdi meu biquíni — comentei sem ar e juntos sorrimos antes de nos beijarmos, e pensar em um jeito de sair dali.

Trinta e cinco

04 de maio de 1980

Querido diário,

Por mais que eu quisesse, o mundo não se resumia a Noah e a mim. Sei que é egoísmo, mas quem disse que o amor só revela o nosso lado mais bonito? Sempre ouvi dizer que o amor não deve ser egoísta. Talvez o sentimento não seja, mas os apaixonados, com certeza, são.

E eu, amando Noah, sendo egoísta, queria que fôssemos apenas nós dois, mas não. Outros seres humanos compartilhavam o mesmo território conosco e esse território estava ruindo...

Rio de Janeiro, junho de 1978

Finalmente uma pausa.

Amontoamos nossos jalecos na entrada da copa. Ainda faltavam duas horas para o fim do expediente e a julgar pelos últimos acontecimentos essas duas horas seriam eternas.

— Eu não sinto as minhas pernas — Kelly comentou, jogando-se em uma mesa de canto.

— Querem café? — propus, parecia ser tudo que restava ali.

— Eu aceito — Tai gritou e Kelly agitou uma das mãos no ar, presumi que estivesse aceitando também.

Entreguei a elas os copos descartáveis. Nós nos entreolhamos sem muita animação, realmente um momento de decadência.

— Então, você beijou uma mulher? — Kelly soltou de repente e tentei não me engasgar com a bebida.

Já faz alguns dias que Noah e eu estivemos na festinha de Susan. A semana foi corrida, então não consegui contar a elas como as coisas aconteceram, hoje, finalmente, conseguimos cair no mesmo turno e pareceu ser o momento de atualizá-las.

— Como saiu do quarto? — Tai me olhou curiosa e encarei a fumaça em meu café.

— Havia toalhas empilhadas do lado de fora. Imagino que Susan deva ter pressentido que alguém precisaria se cobrir e quanto ao beijo...

— Você beijou uma mulheeer — Kelly repetiu de forma musical, e fechei a cara.

— Foi um impulso, estávamos ali e tudo parecia tão... — Sem controlar, fechei os olhos, quase podendo sentir aquela excitação, quase podendo ouvir as vozes e, principalmente, quase podendo sentir Noah entre minhas pernas.

— Você está sorrindo? — ela questionou e imediatamente abri os olhos balançando a cabeça negativamente.

— Não nega, Pah — Tai provocou, jogando-me um pedaço de algo que estava em cima da mesa, por sorte consegui desviar.

— Eu virei uma devassa — confessei e dessa vez me permiti sorrir. — Patrícia Queiroz de Albuquerque, virou uma devassa.

— Devassa e feliz — Tai acrescentou e concordei —, sempre soubemos que havia uma fera aí dentro.

— *Eu tenho uma louca dentro de mim...* — cantei um trecho de *Perigosa* e elas sorriram.

Cobri o rosto sem acreditar que eu estava admitindo isso, enfim, e sem me sentir culpada, eu me sentia, de fato, feliz. Desde que Noah e eu saímos daquele quarto me sentia assim, algo mudou, novamente, e era incrível.

— Minha mãe infartaria.

— Não seria uma grande tragédia — Tai alfinetou e, correndo o risco de parecer uma filha horrível, não consegui discordar.

— A Patrícia dondoca era legal, mas a devassa é muito mais — Kelly sussurrou. — Como se sente?

— Diferente... — disse desistindo do café, estava horrível. — Sabe quando você compra um jogo e começa a ler as regras, mas mesmo assim não entende?

— Não, mas continua — Kelly incentivou.

— Você começa a jogar e tudo continua confuso. Porém, com o tempo você vai entendendo as regras, e vai ficando mais fácil e divertido. — Dei um sorriso de canto e elas me acompanharam. — Então, você percebe que pode tornar o jogo mais interessante se adicionar novas regras, incluir novos personagens, você pode até mesmo criar um novo jogo.

Inspirei me debruçando sobre a mesa.

— Finalmente você descobriu o que tentamos dizer todo esse tempo — Kelly comentou, e olhei as duas confusas. — Sexo é incrível.

Sem nos conter, nós três, começamos a rir. Íamos continuar nosso assunto sobre sexo ser, sem dúvidas, incrível, mas outras enfermeiras se juntaram a nós na copa e o assunto foi encerrado. Então, nos levantamos, pegamos os jalecos e cada uma seguiu para uma ala diferente.



Olhei o paciente diante de mim e mais uma vez tentei ganhar sua atenção.

— Qual o seu nome?

— Você está brilhando — ele respondeu, e assenti.

— Sente alguma dor?

— Vocês dois estão brilhando. — Ele apontou de mim para o médico sentado mais à frente.

— Desiste, ele está alto — Doutor Silas avisou.

— Percebi. — Entreguei a ela a prancheta do paciente que estava rindo para o nada. Eu diria que foi uma combinação entre *erva* e *Drix*.

— Tem uma caneta? A minha está falhando...

— Claro. — Coloquei as mãos nos bolsos do jaleco, mas não senti minhas canetas, ao invés disso o que encontrei foi um saco de plástico transparente com um pó branco.

O nome no jaleco me fez revirar os olhos. Eu não acredito.

— Jaleco errado, preciso trocar. Se importa?

Doutor Silas acenou com uma das mãos no ar e fui em direção à sala de injetáveis.

— Patrícia, você... — Kelly e eu nos encontramos no meio do caminho, aparentemente ela já estava vindo em minha direção. — Essa não.

— O que foi? — confrontei dissimulando e engolindo toda a raiva que gritava em minha cabeça.

— Você encontrou...

— O quê? — cortei, tentando não gritar. — Ah, isso aqui. — Balancei o pequeno saco no meio do corredor e os olhos dela saltaram.

— Não é o que parece.

— Então, não é pó. O que é isso? Açúcar? — ironizei.

— Patrícia.

— Cocaína, Kelly? Sério? — Notando que estávamos atraindo plateia a puxei para a primeira sala, colocando o embrulho de volta no bolso.
— Sabe quanto custa isso?

— Eu não comprei, eu ganhei de uns amigos.

— Que amigos incríveis você tem, amigos que drogam você...

— Vai fazer a careta, Patrícia? Como se você nunca tivesse ficado chapada na vida.

— Não com essa merda — gritei, enfim, a sala estava vazia mesmo.
— Sabe quantos pacientes com overdose atendemos só essa semana?

— Eu não sou burra. Tá ficando grilada à toa. Eu sou enfermeira, eu sei quanto o meu corpo aguenta.

Cerrei os punhos sentindo vontade de puxá-la pelos fios ruivos e arrastar até o necrotério.

— Aposto que o cara que morreu mais cedo também sabia, mas o coração dele parou diante de mim mesmo assim.

— Olha só, a maioria desses caras são uns bostas que não querem se sentir uns bostas. Eu só uso para me manter ligada no trabalho.

— Então, esse era o seu truque quando estávamos desabando de cansaço e você sorrindo e querendo festa?

— Como eu disse, eu estou bem. — Ela cruzou os braços, sentindo-se a rainha da razão.

— Por agora, e quando não estiver tudo bem?

— Se eu perceber que passei do ponto eu paro. Já disse que sei o quanto meu corpo aguenta.

A porta abriu de repente nos fazendo saltar, por sorte era apenas Tai.

— Ei, achei vocês. Sabem que o plantão é das panteras e... — ela fez uma pausa olhando de mim para Kelly confusa ou curiosa — ... por que vocês estão se olhando como se alguém tivesse matado a mãe de alguém?

— Aqui. — Tirei o pacotinho do bolso e entreguei a Tai que não entendeu nada.

— Valeu, mas eu não uso. — Ela tentou me devolver, mas estendi as mãos negando.

— Mas a sua amiga sim.

— Kelly? — questionou ela negando, mas confirmei. Kelly soltava fumaça pelas orelhas e me olhava como se de fato eu tivesse matado a mãe dela.

— Explica pra ela o quanto você é inteligente e tem tudo sob controle.

— Vaca! — ela rosnou entre dentes e sem medo me aproximei dela juntando nossos rostos.

— Burra! — devolvi e saí da sala sem nem mesmo destruir os jalecos.



Atirei minhas roupas na cama mais uma vez, não estava gostando de como elas estavam arrumadas.

— De novo? — Noah questionou da cama, ele estava analisando alguma coisa da boate.

— As roupas estão erradas — avisei, tentando não parecer uma louca.

— Desde quando?

— Eu não sei — gritei, separando vestidos e calças —, só reparei hoje.

— Pah...

— Como eu não notei antes? — perguntei, olhando Noah pelo espelho. — São... minhas roupas, eu deveria ter notado.

Meus olhos marejaram e deixei as roupas de lado me apoiando no roupeiro. Noah largou os papéis que estava lendo e se arrastou na cama até a borda próxima a mim. Ele me ofereceu uma das mãos e aceitei, encaixei-me entre suas pernas sentando em seu colo.

— Você sabe que não é sua culpa, certo?

— Tem algo acontecendo com ela e eu não notei? — Deixei as metáforas de lado.

— Você perguntou?

— Não — confessei, sentindo culpa. — Eu só vomitei acusações. Quer dizer, ela disse que era para não se sentir cansada no trabalho.

— Talvez seja — ele tentou me tranquilizar, mas não funcionou.

— Eu sei que não posso falar, já usamos coisas, mas pó é diferente, não é?

— Eu tenho amigos que gostam de ficar chapados, mas seguem a vida normal. A Susan adora *Drix*, e segue a vida. Por outro lado, também tenho conhecidos que se tornaram dependentes e arruinaram suas vidas.

— Onde a Kelly se encaixa? — indaguei preocupada.

— Não temos como saber.

— Então, eu sento e espero que ela não arruíne a vida? — Levantei-me do colo dele irritada.

— Não, mas também não pode obrigá-la a nada. Você pode continuar sendo amiga dela, ficar de olho e intervir quando for necessário.

Voltei a sentar-me no colo de Noah, não queria brigar com mais ninguém hoje, muito menos com ele.

— Acha que vai passar?

— O quê?

— A onda do pó, acha que vai passar? — Nossos olhos se encontraram.

— Não é como uma doença que vem e vai... As pessoas estão consumindo cada vez mais, na disco mesmo está difícil de controlar. — Notei as linhas de preocupação em seu rosto. — O que mais tem por aí é nego querendo se sentir o máximo.

— É por isso que você anda inquieto? — inquiri, e ele pareceu surpreso com minha pergunta.

Sei que ele tentou disfarçar, mas já o peguei bochichando com John no telefone. Noah estava acordando mais cedo do que de costume e ontem fomos jantar com Susan e John, o assunto disco foi evitado e eles adoravam falar dela.

— As coisas estão ficando complicadas — ele disse com o tom de voz suave. Sabia que ele fazia isso quando tentava fazer um problema parecer menor do que realmente era —, porém, eu tenho uns amigos e eles têm um plano que pode diminuir o consumo por mais um tempo, mas ainda seria algo provisório.

— Como um curativo. — Sem muita animação ele assentiu. —
Gostei dos seus amigos — brinquei, tentando suavizar o clima.

Envolvi o pescoço dele com os braços, apoiando minha testa na dele.
Noah distribuiu beijos em meu rosto sussurrando que tudo ficaria bem e, de
algum modo, sentia que ele tinha razão.

Trinta e seis

05 de maio de 1980

Querido diário,

As relações deveriam ser mais simples, mas não, quanto mais amamos uma pessoa mais estamos dispostos a protegê-la, e essa trajetória de proteção é árdua e enlouquecedora...

Rio de Janeiro, junho de 1978

Voltamos para casa exaustos, porém mais relaxados. Os últimos dias foram estressantes para nós dois.

— Três a zero... — Noah gritou para seu Sérgio na portaria que exibia uma bandeira gigantesca do Brasil.

Não imaginava que Noah fosse tão aficionado por futebol até os jogos da Copa, de fato, comecemos. Os dois últimos foram decepcionantes, mas hoje foi uma boa partida, admito. Esportes não eram a minha onda, embora ver o meu namorado e toda a equipe de vôlei fosse um dos meus passatempos favoritos. Como no vôlei, Noah exibia todo seu vigor enquanto torcia e xingava em frente à televisão. Foi divertido e muito excitante.

Hoje era quarta, eu não estava de plantão, porém me sentia esgotada da semana horrível no PS. Dias de jogos normalmente eram uma loucura, mas a Copa do Mundo, como qualquer evento especial, era horrível para quem trabalhava na área da saúde, ainda tinha o agravante de Kelly e eu não estarmos nos falando. Tai e Noah acharam melhor eu não a procurar, ainda. Então, quando Susan ligou nos convidando para ver a partida de hoje na casa dela, não precisei pensar muito.

— Vaaaamos, deixa de ser careta. — A voz de Kelly nos recebeu no corredor. Ela estava na porta de Tai.

Para quem passou os últimos dias me evitando, vê-la ali foi realmente uma surpresa. Os olhos de Tai me acertaram preocupados e discretamente assenti, dizendo em silêncio que iria continuar com nosso plano de ignorar Kelly. Nos últimos dias ela vinha agindo como uma criança birrenta e irresponsável. Imagino que agora que descobrimos o seu segredinho ela não tenha mais motivos para manter o controle.

— Putz! É só falar em gente careta que uma se manifesta. — Prepotente, Kelly zombou com as costas apoiadas na parede do corredor e os braços cruzados.

Respirei fundo e dei a ela as costas para entrar em meu apartamento.

— Ah, não, esqueci... Você não é mais careta. Não é, Pah? — Pressionei as chaves em minha mão com força.

Noah, vendo que eu não movia as chaves as tirou da minha mão e abriu a porta, mas não entrei, ele tampouco.

— O que você quer? — questionei ficando de frente para ela. A postura da minha amiga, ou ex-amiga, dependendo do final dessa conversa, mudou. As costas afastaram-se da parede e ela se aproximou de mim. — Vai querer brigar agora?

— E se eu quiser?

— Não entra na pilha, Pah, ela tá alta — Noah comentou e ganhou um olhar furioso de Kelly.

— Até você? — Ela balançou o dedo indicador na direção de Noah. — Você devia me agradecer. Se não fosse por mim...

Kelly bateu no peito e se desequilibrou. Tentei ajudar, mas ela me empurrou.

— ... Se não fosse por mim você ia estar até hoje batendo na portaria como um cachorro perdido, e essa idiota — ela apontou para mim e respirei

fundo, tentando me lembrar que não era ela quem estava falando —, ia estar casada com aquela planta de homem.

— Para, Kelly. — Tai tentou puxá-la para dentro do apartamento dela, mas Kelly se recusou a ir. Continuou a olhar de Noah para mim como um cão raivoso.

— O que você usou? — perguntei mais como uma repreensão do que dúvida. Pelo estado dela não era difícil de adivinhar que foi cocaína. Suas feições estavam inquietas, como se ela estivesse feliz e extremamente irritada ao mesmo tempo. Piscando com mais frequência, mordendo os lábios, mãos tocando o rosto inquietas, sem contar as narinas vermelhas.

— Ela te contou que o plano foi meu?

— Já chega! — Empurrei-a para dentro do apartamento de Tai.

— Foi graças a mim que vocês transaram...

Kelly não parou de gritar enquanto a empurrava apartamento adentro. Ignorei a voz repreensiva de Noah que me pedia para parar e com ajuda de Tai, que entendeu minhas intenções, arrastamos a nossa amiga para o banheiro. Acho que ela nem estava se dando conta do que estávamos fazendo, já que não parava de rir.

— Eu comprei aquele maldito vestido.

— Cala a boca! — rosnei, jogando-a dentro do boxe e abrindo o chuveiro de uma vez.

— Ficou doida? — ela gritou no instante que as gotas geladas a atingiram. Na verdade, nos atingiram, já que a estava segurando embaixo do chuveiro.

— Me espera em casa — disse chamando atenção de Noah que, assim como Tai, nos olhava sem saber se devia ou não interferir —, eu cuido disso... nós — me corrigi olhando Tai que assentiu — cuidamos disso.

Sem dizer nada, e sem muita certeza, Noah nos deixou. Kelly continuou protestando embaixo do chuveiro. Ao menos parou de se debater, apenas tremia pelo frio, assim como eu.

— Acho que já chega — Tai disse depois de quase dez minutos que estávamos ali, concordei.

Enroladas em toalhas e em silêncio, Kelly e eu saímos do banheiro. Continuei com as minhas roupas molhadas, enquanto Kelly vestiu uma camisa de Tai. Seus olhos continuavam inquietos e mortais quando me acertavam. Banho não parecia ser a cura para alguém que, provavelmente, havia cheirado um caminhão de cocaína, mas ao menos a fez parar de gritar.

Ainda muda, Kelly se sentou no sofá. Seus olhos estavam fixos no chão e suas pernas agitadas sacudiam freneticamente. Olhei Tai sem saber o que dizer, ela idem. O ar estava pesado e pensando bem, acho que não havia nada que eu quisesse dizer ou ouvir neste momento.

— Eu preciso me trocar — avisei já dando as costas e indo em direção à porta. Tai me seguiu. — Vai cuidar dela? — perguntei sussurrando, e ela assentiu. — Se precisar...

— Eu grito. — Concordei preocupada e dando uma última olhada em Kelly. Ela continuava do mesmo jeito. Olhos no chão e membros agitados. — Aqui não.

Tai aconselhou quando percebeu meus olhos marejados. Abracei minha melhor amiga e desejei sorte antes de abrir a porta e sair. Para a minha surpresa e felicidade Noah estava lá, parado no meio do corredor. Corri para ele e me enterrei em seus braços sentindo, enfim, que podia respirar.

— Como ela está? — perguntou ele, afagando meus cabelos.

— Do mesmo jeito, só que molhada.

— Você também — seus braços me comprimiram quando comecei a tremer pelo frio —, mas dessa vez eu não tive culpa.

Um riso escapou em meio a duas lágrimas que deixaram meus olhos.

— Como você consegue? — questionei quase irritada quando ele me levou para o nosso apartamento. Seus olhos me acertaram confusos. — Me fazer sorrir, como consegue? — esclareci e seus dedos acariciaram meu rosto.

— O propósito da minha existência é fazer você sorrir, Pah. — Lá estava eu, com uma bagunça de sentimentos explodindo no peito, mas sorrindo outra vez.

Sem dizer nada e tentando não me deixar levar pelo choro, me deixei ser conduzida por ele rumo ao quarto para, finalmente, me trocar.



Meu nome ecoava longe e por mais que eu quisesse não conseguia responder. O chamado aumentou e meu corpo foi sacudido.

— Huum — resmunguei de olhos fechados.

— Acorda, Pah.

— Tai? — questionei a mim mesma antes de abrir os olhos e dar de cara com ela. — O quê?

— Shiu! — ela pediu, tampando a minha boca com uma mão e indicando Noah com a outra. Sinalizei que não iria gritar e ela finalmente me permitiu respirar.

— Você invadiu meu apartamento? — sussurrei assustada. Ela não respondeu, apenas fez gestos me mandando ir para a sala.

Sem acreditar que isso estava acontecendo, calcei meus chinelos, conferi se Noah continuava dormindo e fui de camisola mesmo em direção à sala.

— Quer me explicar a invasão?

— Emergência — ela sussurrou, balançando a cópia da minha chave nas mãos. No mesmo instante meu corpo tremeu, Kelly veio aos meus pensamentos.

— A Kelly...

— Viva, mas o efeito do pó passou. — Cruzei os braços absorvendo a informação e tentando imaginar o que isso significava, além do fato de ela estar se sentindo miserável. — Ela quer conversar.

— Eu não quero conversar.

— Pah... — Os olhos da minha amiga me repreenderam e tentei organizar meus sentimentos.

— Não me entenda errado, mas não acho que conversar vai ajudar agora — confessei, e Tai assentiu com pesar.

— O que sugere?

Um pensamento ridículo surgiu em minha mente. Dei um sorriso travesso e os olhos da minha amiga me acertaram confusos.

— O que vai fazer?

— Vamos dançar.

Mesmo que meus planos ainda não estivessem totalmente claros, expliquei o que pude a Tai e, depois de rir, ela achou uma ótima ideia. Como eu não podia simplesmente sumir do apartamento, acordei Noah e contei o que estava acontecendo e o que tinha em mente. Claro que ele se ofereceu para ajudar, mas recusei, esse era um momento meu e das meninas, as panteras. No entanto, ele ajudou. Sua contribuição para a nossa noite foi o empréstimo de sua coleção de discos inestimáveis.

A primeira coisa que vi ao entrar no apartamento de Tai foi a Kelly no sofá. Ela prontamente levantou, acho que pretendia falar algo, mas

emudeceu ao notar que tínhamos discos nas mãos.

— Noite das garotas? — perguntei, erguendo os discos.

Sem dizer nada ela assentiu e retirou a mesinha de centro de Tai para que tivéssemos mais espaço no tapete. *Tina Charles* foi a nossa primeira escolha musical da noite. *You set my heart on fire* estava ecoando no apartamento enquanto procurávamos ingredientes para fazer brigadeiro de panela.

Com trinta minutos estávamos no meio da sala girando, usando colheres de pau como microfone e ouvindo *As Frenéticas*.

— *Eu vou fazer você ficar louco...* — Kelly gritou em cima do sofá.

— *Muito louco, muito louco...* — Tai seguiu jogando uma echarpe rosa vivo de plumas em cima de mim.

— *Dentro de mim...* — gritei completando as duas.

Juntas erguemos nossas colheres para o alto, fazendo um círculo no tapete e nos jogando no chão cansadas quando a música terminou.

Estávamos rindo e ofegantes, como três adolescentes. Não foi preciso conversar, não ainda, só precisávamos da certeza de que não importava o que acontecesse ou o que disséssemos, sempre estaríamos aqui uma pela outra e juntas daríamos um jeito no que quer que fosse, como sempre vinha sendo desde que nos conhecemos.

— Obrigada — disse, jogando-me nas pernas de Kelly que estava recostava no sofá.

— Pelo quê?

— O vestido — lembrei e acho que pela primeira vez vi minha amiga corar.

— Sobre isso...

— Funcionou, obrigada. — Ergui minha colher de pau sinalizando um brinde. Sem dizer nada ela ergueu a dela e, de fato, fizemos um brinde, selando a paz.

Por ora...

...

Fechei meu diário com uma saudade diferente no peito, dessa vez não era de Noah, e sim do tempo em que nossos problemas podiam ser resolvidos com música e chocolate.

Coloquei meu diário embaixo do travesseiro dele. Deitada de lado fiquei observando o espaço que Noah ocupava, esperando que o sono viesse.

Trinta e sete

Olhei a lista novamente. Acho que não esquecemos nada. Tai conferiu as receitas que queríamos preparar para o Natal contando os ingredientes.

— Cogumelos? — perguntou, e anotei, já íamos esquecendo deles.

— Kelly confirmou quando chega? — questionei, ela deveria ter chegado ontem, mas houve um imprevisto com o tempo em *Los Angeles*.

— Acho que amanhã, não tenho certeza. A ligação estava ruim.

Finalizei nossa lista de compras e entreguei a Tai para que verificasse também. As lojas estariam uma loucura nos próximos dias e não queria precisar ir mais de uma vez ao supermercado.

— Você não colocou passas?

— Noah não... — Calei-me engolindo o que ia dizer. Os olhos da minha melhor amiga entenderam, Noah não gostava de passas, então eu nunca colocava na lista. — Você pode colocar.

Deixei a caneta no balcão e fui em direção à pia procurar qualquer coisa para lavar. Mal cheguei à pia e a campainha tocou. Pedi para Tai atender, devia ser o nosso jantar.

Tai gritou na porta chamando a minha atenção.

— Olha quem está aqui.

— Não? — Esqueci a pia e fui correndo para a sala.

Fiquei paralisada encarando a figura de Kelly na minha porta. Cabelos ruivos levemente bagunçados, um vestido escuro, elegante e brilhante que em qualquer outra pessoa pareceria exagerado, mas que nela ficava perfeito, e saltos tão finos quanto uma agulha.

— Você está incrível.

— Hollywood faz essas coisas, você deveria tentar — ela soltou, fazendo-me rir. — Tenho uma surpresa.

O sorriso travesso no rosto da minha amiga me transportou para um tempo distante. A última vez que ela me olhou assim ganhei um vestido para transar com o homem da minha vida. Tai e eu vibramos quando ela exibiu duas belas e, pelo rótulo, obscenamente caras, garrafas de champanhe.

— Achei que a minha visita deveria ser comemorada em grande estilo.

Tai e eu nos entreolhamos concordando. Tai pegou as garrafas enquanto fui abraçar a minha amiga, a última vez que nos vimos foi no Natal passado.

— Aviso logo que não fiz reservas, então me auto convidei para ficar na casa da minha *hippie fake* favorita.

— Claro que você pode ficar, eu tenho uma casa de cachorro no quintal — provoquei, e ela me acertou com a bolsa. — É tão bom ter você aqui.

— Hoje à noite é nossa — Kelly comentou, piscando para mim.

— Noite das panteras — Tai observou, voltando da cozinha com três taças nas mãos.

Juntas nos acomodamos nos sofás e enchemos nossas taças até que as espumas pingassem no tapete.

— A nós! — Ergui minha taça e elas fizeram a mesma coisa.

— Eu brindaria ao sexo também, mas imagino que você deva ter esquecido como funciona — Kelly disse olhando em minha direção e arremessei nela uma almofada.

— Ela ainda lê aquela coisa, então, em pensamento, ela ainda transa.
— Tai entrou na provocação e também levou uma almofadada no rosto.

— Uhh, você deveria compartilhar esse manual secreto do sexo com o mundo, muitos homens poderiam aprender com ele.

— Não é um manual — lembrei —, mas pode ser muito instrutivo de fato. — Suspirei, tentando manter minha mente aqui. — Onde está Sophie?
— Mudei de assunto antes que chegássemos a Noah. — Achei que ela viria com você.

— Com o namorado — Kelly respondeu buscando algo na bolsa —, ela está naquela fase coelho. — Tai e eu nos olhamos sem entender. — Sexo o tempo todo...

— Ah, o vigor da juventude — Tai comentou erguendo a taça e nos fazendo rir. — Hoje me contento com 2 ou 3 vezes na semana.

— O quê? — Kelly gritou horrorizada. — Seu casamento vai bem?

Tai deu de ombros. Observei a cena rindo sozinha.

— *Voilà!* — Kelly ergueu um pen drive. — Não seria uma noite das garotas sem música.

— Não estamos velhas para uma noite das garotas? — perguntei e ganhei um olhar fulminante de Kelly.

— Primeiro, nunca estaremos velhas para nada. Segundo, temos música boa, champanhe e eu estou usando salto alto ao invés de um pijama asqueroso de adolescente. Temos classe...

Ela ergueu a própria taça e a imitamos. Kelly conectou o *pendrive* ao meu som e aumentou todo volume. *Anita Ward* invadiu a minha sala com *Ring my bell*. Nossa pantera de cabelos ruivos resolveu nos presentear com uma performance:

*I'm Glad You're home
Well, did you really miss me?*

— O que foi? Não me digam que esqueceram como mexer os quadris? — Kelly nos incentivou a dançar.

You can ring my beeeeeell, ring my bell

Juntas começamos a cantar e dançar. A classe logo foi esquecida, assim como os saltos de Kelly. Nós três estávamos descalças e pulando nos sofás.

— Vai, Pah! — Kelly apontou a taça em minha direção.

— *Abra suas asas e solte suas feras...*

Não tinha como manter a classe, saltos ou não agir como adolescentes ao escutar *Frenéticas*. Era quase como se eu pudesse ver o tempo voltar, as rugas desaparecerem, assim como os fios brancos, a dor, os términos e o luto, tudo sumia, e voltávamos a ser aquelas três amigas de vinte e poucos anos vivendo na década mais maluca que já existiu, onde tudo podia ser resolvido com música e chocolate, ou nesse caso, champanhe caro.

Como não esperávamos por Kelly, tivemos que pedir algo mais para o jantar, pizza. Depois que sacrificamos as duas garrafas de champanhe foi a vez da minha adega ser atacada.

Estávamos sentadas no tapete com Kelly nos atualizando do último ano quando os acordes de *A dois passos do paraíso* começou a tocar:

Milhas e milhas distante do meu amor

Será que ele está me esperando? Eu fico aqui sonhando...

Não preciso dizer que minha mente desligou do presente. Não fui muito longe, não dessa vez, voltei três anos atrás.

— *Por que é que eu fui dizer: bye-bye?* — sussurrei encarando minha taça de vinho.

— Não, não... Pode voltar, dona Patrícia.

Os gritos das minhas duas amigas me trouxeram de volta. Avisei que estava bem. Colocamos *Tina Charles*, algo mais dançante iria nos manter animadas e acordadas.

Duas garrafas de champanhe e duas de vinho depois minhas amigas estavam dormindo e roncando no tapete. Recolhi as taças delas e as coloquei

na pia para lavar.

Debrucei-me sobre o balcão da cozinha quando os acordes da próxima música começaram, *Poeira das estrelas* na voz de *Fafá de Belém*... Dessa vez foi impossível controlar e, automaticamente, a música levou meu coração e pensamentos para bem longe.

*Às vezes sonho com você
Numa canção que trai minha emoção...*

Em minhas mãos minha taça ainda com vinho sendo comprimida conforme meus pensamentos vagavam e as lembranças surgiam.

*Uma canção que fala de viver e conta histórias de você
Me faz recordar o bom tempo em que vivemos...*

Som de passos me fez abrir os olhos. Os olhos mais lindos do mundo me receberam. Puxei todo ar existente na cozinha.

— Quer dançar? — ele perguntou, e neguei. Um lamento cortante ecoou em meu corpo.

— Você não é real — lembrei, e ele sorriu.

— Tão real quanto essa taça de vinho. — Com o queixo ele apontou a taça em minhas mãos.

— Tão real quanto o fato de eu não estar bêbada — zombei, virando a minha taça de uma vez.

— Achei que Patrícia Queiroz de Albuquerque Ávila não ficasse bêbada. — Sorrimos um para o outro.

Noah caminhou de costas, indo para o gramado do quintal. A mão direita estendida na minha direção, mantendo o convite para dançar.

O que eu tinha a perder?

Deixei minha taça no balcão e fui correndo para os seus braços, como sempre. Fechei os olhos prendendo o choro ao sentir seu corpo contra mim. Senti seu calor, seu toque, seu cheiro. Enterrei minha cabeça em seu peito e o beijei ali, em seu coração.

A música ressonava baixinho ali fora...

— As estrelas estão bonitas, você sempre gostou delas — ele comentou, fazendo-me abrir os olhos e encarar seu rosto.

— Não gosto mais — respondi, e ele me encarou com ar reprovador e, de certo modo, curioso. — Nada mais faz sentido.

— Eu estou aqui...

Com você no meu coração eu volto a ver estrelas a brilhar...

Cantei em sussurro, desistindo de conter as lágrimas que desciam, todavia, não como uma cascata, e sim em gotas solitárias e sofridas. Uma a uma, dor, saudade e amor, foram deixando meus olhos.

— Eu te amo, Patrícia.

Fechei os olhos com seu rosto entre minhas mãos, sentindo sua barba roçando em minha pele, provocando arrepios em meu corpo e disparando meu coração.

— Repete — implorei.

— Eu te amo, Patrícia.

— De novo...

— Eu te amo, Pah.

— Achei que nunca mais fosse ouvir isso.

A canção se aproximou do fim, assim como o nosso pequeno e fantasioso momento. Cantei contra seus lábios os versos finais.

*Mas eu sonho em vão, pois o amor que eu vivi
Só vai voltar na imaginação...*

— *E nas estrelas a brilhar...* — Noah sussurrou o último verso da música e senti seu corpo se afastando do meu. — Volte a olhar as estrelas, amor.

Abri os olhos, não o vi mais. Um choro forte saiu junto com minha respiração.

Inspirei e expirei fundo, uma e outra vez.

Balancei a cabeça negativamente, tentando dissipar os efeitos do álcool. Champanhe e vinho eram, com certeza, a pior combinação para alguém tentando manter a sanidade dentro dos limites aceitáveis.

Na cozinha, decidi esquecer a louça na pia. *Ovelha Negra* ecoava no ambiente. Meus olhos pesaram, então me juntei às minhas amigas no tapete da sala esperando adormecer.

Trinta e oito

Achei que seria fácil dormir, mas não. Revirei no tapete por vários minutos, ouvindo a sequência interminável de músicas que Kelly colocou naquele pen drive. Desisti, por volta das duas, subi para o meu quarto e agora encarava meu diário.

Pensei na cena de mais cedo, eu no gramado do quintal com Noah. Em três anos foi a primeira vez que isso aconteceu, não foi novidade vê-lo, acontecia às vezes, eu até o escutava. No entanto, conversar, tocar, receber as mesmas alfinetadas foi a primeira vez. Aquilo que ele disse, sobre voltar a olhar as estrelas, eu não poderia...

Abracei meu diário, como quem abraçava um amigo querido, ou um grande amor.

— Noah — Meu sussurro ecoou no quarto vazio.

Encarei a porta, esperando. Não sabia bem o quê, mas esperando e nada. A única coisa que eu tinha eram as palavras escritas nessas páginas.

Talvez eu devesse mesmo parar de ler esse diário.

07 de maio de 1980

Querido diário,

O mundo de Noah aos poucos se tornou o meu também. Era divertido, era excitante, eu tinha pressa e fome. Às vezes eu me sentia como um prisioneiro recém-liberto, com desejo de experimentar tudo de uma só vez. Eu tinha empolgação, desejo e curiosidade.

No entanto, isso não significava que eu sempre entendia tudo...

Sempre me perguntei se realmente conseguiria lidar com o tipo de relação que Noah e eu temos. Acho que essa dúvida sempre vai existir. Não que eu desconfie dele, mas sentimentos são traiçoeiros, incontrolláveis e mutáveis...

Rio de Janeiro, junho de 1978

O mar estava ficando mais calmo, as ondas já não quebravam com tanta intensidade, até mesmo o vento diminuiu deixando o clima estranhamente gostoso para uma praia à noite.

Diante de mim o mar e as estrelas que ganhavam vida devido à pouca luz, daria um belo quadro. Reclamei internamente quando Noah sentou-se ao lado, sem nenhuma gota de sutileza, fazendo a areia voar para todo o lado.

— Ainda irritada porque eu te enganei? — disse, zombando e me entregando uma taça de vinho.

Não respondi, mas aceitei a bebida. Há algumas horas nosso telefone tocou, recebemos um convite para uma festa. Olhei meu namorado cheia de péssimas intenções e assenti. Quando perguntei o que deveria vestir a resposta dele me deixou confusa:

— *Nada!*

Percebendo a minha confusão, Noah pediu que eu colocasse um biquíni e o vestido mais leve que encontrasse. Uma festa na piscina? Certo, eu podia lidar com isso, mas não era bem para uma piscina que estávamos indo.

Estávamos em Grumari, mais especificamente na praia do Abricó, que possuía uma característica muito peculiar desde a década de quarenta, era uma praia naturalista, ou seja, todo mundo ao nosso redor estava como veio ao mundo, incluindo Noah. Claro que eu continuava de biquíni, como se não fosse torturante o bastante estar com o corpo cheio de areia, não ia submeter minhas partes íntimas ao mesmo fim, embora acreditasse que fosse impossível.

— Você poderia ter avisado — rosnei entre dentes.

— Eu disse que você não precisava usar nada.

— Odeio quando você faz isso. — Deixei a taça de vinho no chão e levantei sentindo areia por todo o corpo.

Afastei-me o máximo que pude. Os anfitriões eram Jorge e Marta, já os conhecia das festas de Susan, o casal era famoso por oferecer festas peculiares. Não controlei o riso irônico, acho que não tinha o direito de usar a palavra peculiar, todos os eventos que fui com os amigos de Noah vinham sendo peculiares, essa deveria ser apenas mais uma.

A organização não estava ruim, era um luau e estava bonito e animado. Havia vários casais, e alguns... trios que, segundo observei, pareciam tão sólidos quanto qualquer par. Havia música, uma grande fogueira, bebidas, aperitivos e claro, sexo. No entanto...

— Pah?

Não me virei, não precisava. Os braços de Noah envolveram o meu corpo, oferecendo-me calor e segurança.

— O que foi?

— Nada — respondi e, no mesmo instante, tentei me afastar dele, mas ele me prendeu entre seus braços.

— Tem algo incomodando você, não é só a praia.

— E as pessoas peladas — acrescentei, antes que ele esquecesse esse detalhe.

— Claro, e as pessoas peladas. — O tom divertido na voz dele me deixou ainda mais irritada. Dessa vez me livrei do seu enlace. — Pah, o que houve?

Dei-me por vencida, se eu não falasse agora sentia que iria sufocar com esse questionamento na garganta.

— Como, exatamente, amanhecer na cama de outra pessoa não é traição? — A intenção era usar um tom calmo, talvez curioso, mas estava mais para acusação que uma dúvida.

— Então foi isso, o Jogo da Chave?

— Você faz parecer que eu sou louca por me perguntar assim, tão... calmo.

Assim que chegamos uma mulher de cabelos ruivos nos recebeu com um pote de vidro com várias chaves dentro, e Noah deveria depositar a nossa ali, no fim da festa as mulheres retirariam uma chave e assim descobririam quem seria o seu acompanhante pós-festa.

— Amor, não é diferente de colocar um adesivo colorido no fundo de um copo de bebida e...

— Não, é completamente diferente — o interrompi, organizando minhas ideias. — Você não ia apenas fazer sexo com outra pessoa, você vai para casa com outra pessoa. Imaginar você na nossa cama com outra pessoa me faz querer arrancar o seu...

Noah estava como veio ao mundo, igual a todo mundo ali. Então, percebendo que sua área de lazer estava exposta, ele a cobriu, se afastou alguns centímetros e começou a rir.

— Não sejamos tão radicais, Patrícia.

— Odeio quando você usa esse tom e faz essa cara de chacota, faz eu me sentir uma estúpida — acusei e na mesma hora sua expressão mudou. Acho que ele enfim notou que não estava brincando ou achando divertido. Dessa vez não estava curiosa ou excitada, estava irritada e a ponto de gritar que todos eram loucos.

— Eu sinto muito — Afastei-o quando ele tentou se aproximar. Não disse nada, embora meus olhos cobrassem a resposta para minha questão

inicial. — Amor, uma vez eu te disse que nada era feito às escondidas. Os parceiros sabem onde e com quem o outro está.

Neguei ficando de frente para o mar. Eles eram loucos, definitivamente, e eu era ainda mais por ter aceitado participar.

— Eu sei o que está pensando — ainda sem dizer nada voltei a encarar Noah. Meus olhos o desafiavam a ao menos chegar perto do que estava pensando —, por isso eu não coloquei a nossa chave naquele pote. O que fazemos é incrível, é uma delícia, mas extremamente perigoso.

Noah se aproximou, não me tocou, mas a distância entre nossos corpos era inexistente.

— Não podemos controlar sentimentos. Relacionamentos exigem confiança, com o que fazemos ainda mais. Sexo é fácil, é instintivo, é a nossa parte mais selvagem, mas incluir sentimentos dentro do sexo, é o diferencial. Você pode amanhecer na cama de alguém e não significar nada além do sinal de uma boa diversão.

— Noah — tomei a fala com um tom mais calmo, com as palavras dele já processadas por meu cérebro —, eu não quero amanhecer na cama com ninguém que não seja você.

— Eu também não. — Sorrimos um para o outro. — Jogos como esse exigem que ambos estejam confortáveis com essa decisão. Adoro o que fazemos, mas no fim, você é a única mulher que eu quero do meu lado.

Com cuidado seu rosto tocou o meu, seus lábios brincaram com os meus antes dele me levar ao paraíso com um beijo.

— E só para constar, você pode dizer não no jogo da chave, e não precisa ir para casa de ninguém. Tudo é escolha, Pah.

— Eu escolho você — respondi, brincando com os cachos que tocavam os ombros dele.

— E eu você, sempre...

Alinhei meu corpo junto ao dele, mas congelei quando senti seus dedos no meu biquíni.

— Está tentando me deixar pelada? — perguntei erguendo uma sobrancelha, e ele com o ar mais descarado assentiu.

— Temos regras...

— E as escolhas? — provoqueei, e ele sorriu ainda mais.

— Eu escolho te deixar pelada.

Não controlei a gargalhada, abafei meu rosto no peito dele. Olhei em volta, não estávamos exatamente distantes dos outros convidados, mas com a praia deserta e sendo iluminada apenas pela fogueira e o luar não foi como se todos estivessem nos vendo.

Deixei que ele desfizesse o laço do meu biquíni, em segundos eu estava como ele e os demais, sem nada. Foi estranho, vergonhoso e me deixou eufórica. Corremos para o mar. Eu ia protestar, talvez gritar porque a água estava gelada, mas o corpo do homem que amava me fez esquentar. Tendo a lua e as estrelas como nossas testemunhas, fizemos amor seguindo o balanço tranquilo do mar.

Trinta e nove

07 de maio de 1980

Querido diário,

Poucas coisas na vida proporcionam tanta liberdade quanto andar sem roupas. Acho que todo mundo, ao menos uma vez na vida, deveria experimentar andar nu, não dentro de casa, isso não conta, mas fora dela. Claro que não no meio da rua, não queremos ganhar um lar em um hospital psiquiátrico, mas em uma praia naturalista talvez, ou em um sítio, fazenda, qualquer propriedade particular...

E como qualquer ato que pareça minimamente errado, andar nu, causa estranheza. Já estamos acostumados com os panos nos cobrindo, assim como estamos acostumados com as amarras que a vida nos apresentou, então foi quase impossível ignorar a voz acusadora da minha consciência me dizendo que aquilo era errado, era imoral, uma perversão.

Essa voz que me persegue mesmo antes de Noah....

Rio de Janeiro, junho de 1978

Depois do nosso momento tórrido de amor no mar, Noah me fez andar pela areia. Encontramos uma rocha, entre as tantas da praia, que era perfeita. Uma rocha grande, meio plana e com boa parte dela cercada pelo mar, como uma ilha, nossa ilha. Estávamos mais próximos dos nossos amigos pelados, podíamos ouvir melhor a música, as conversas e os risos.

A voz repreensora em minha mente não me deixava em paz, cortando qualquer barato que eu quisesse sentir. Eu encarava as estrelas, implorando para que a voz se calasse. Ao fundo acordes e o som do mar ecoavam pela praia.

Respirei fundo e me encolhi quando a brisa se intensificou, estávamos nus em cima de uma pedra, não era exatamente o lugar mais quente do mundo. Ganhei um cobertor vivo, Noah rolou na pedra e entrelaçou suas pernas nas minhas, acariciando meu rosto e falando coisas que não conseguia compreender, a voz não me deixava ouvi-lo. Ela gritava o quanto tudo o que estávamos fazendo era repulsivo, errado e que eu deveria ter vergonha. Era como ouvir minha mãe falando.

— Pah!

— O quê? — Tremi com a voz mais alta de Noah. Ele sorriu tranquilo, deve ter percebido que eu não estava aqui. — Sinto muito, o que disse?

— Alguém estava longe.

— Um pouco. — Não tinha como negar essa observação. — Mas o que você dizia?

— Eu fazia planos.

A resposta dele me pegou de surpresa.

— Como assim planos?

— O que acha de uma casa onde possamos andar nus? — Meus olhos saltaram e meu cérebro tentou processar a informação.

— O quê? Um tipo de clube nudista? — questionei sem entender, e ele riu apoiando o queixo em meu peito.

— De certo modo sim, mas algo mais particular, algo nosso. — Neguei ainda sem entender aonde ele queria chegar. — Talvez em uma ilha, ou em algum lugar esquecido do Rio de Janeiro. Onde eu possa observar você desfilando esse seu belo corpo pelos cômodos da casa, da *nossa* casa — ele enfatizou e senti o ar se esvaindo dos meus pulmões.

— O quê? — Senti-me perplexa. Noah sorriu e sentou-se me oferecendo ajuda para fazer o mesmo.

Suas mãos se entrelaçaram nas minhas. Estávamos um de frente para o outro. Ele com a expressão mais sonhadora que já vi, os olhos tão brilhantes quanto o céu estrelado, e eu, com certeza, com o ar mais confuso do universo.

— O que acha de um jardim, muitas flores e um quintal grande com árvores enormes e, quem sabe, até uma tenda?

— Uma tenda?

— Talvez eu tenha exagerado com a tenda, meu lado hippie aflorou. — Ele riu e não consegui me mover, apenas respirava. — Imagina só, amor, você, eu e as estrelas para sempre, como hoje, e como você não gosta de areia, que tal uma piscina?

— O que está fazendo?

— Planejando nosso futuro...

— Futuro?

— Quando eu digo pra sempre, Pah, eu falo sério. — A certeza em suas palavras fez com que meus olhos inundassem com lágrimas e eu nem sequer sabia o motivo.

— E nesse seu futuro, seremos sempre assim? — Gesticulei apontando nós dois, e esse “nós” englobava a praia e os amigos nus, abrangia o sexo com outras pessoas, em locais escuros, em vielas, toques furtivos em lugares públicos, beijos em desconhecidos, festas inusitadas onde eu acabava nua em algum lugar da casa. — Sempre?

— Enquanto eu viver, enquanto me amar, enquanto quiser...

A voz em minha cabeça gritava com toda a força que uma voz imaginária poderia ter. Gritava me pedindo para descer dessa pedra, nua mesmo, e sair correndo, ir para longe. Repetindo as mesmas coisas: é errado, imoral, uma perversão.

Se, apenas se, essa voz estivesse certa, eu aceito. Eu abraço esse lado errado, imoral e pervertido que Noah me oferecia, porque nunca, nunca, em toda a minha vida, eu me senti tão feliz, tão livre e nem tão apaixonada.

Minhas mãos mergulharam em seus cabelos, agora mais do que nunca alvoroçados. Água do mar, sexo e vento não eram uma boa combinação, um leãozinho como alguém cantava ao fundo.

— *Gosto muito de você leãozinho...* — sussurrei e um riso estrondoso envolveu nós dois.

Noah colou nossas testas enquanto eu sussurrava mais uns trechos da música. Meu amor sorriu preguiçoso e fechou os olhos quando rocei nossos narizes, deslizei meu rosto manhosa por sua barba, sentindo seus pelos me arranhando ...

Nosso momento romântico foi interrompido por um som familiar. Ambos estávamos nos encarando e mordendo os lábios tentando não rir. Alguém próximo a nós estava prestes a ter uma experiência de *pequena morte*. Noah e eu não desviamos nossos olhares, mas também não podíamos esconder os pensamentos libidinosos que estavam fervendo em nossas mentes. Ergui uma sobrancelha e excitada mordi meu lábio inferior. Inclinando levemente a cabeça, Noah me indicava de onde vinha o som. Em silêncio ele fazia um convite, não ao sexo, não exatamente ao sexo, e sim a uma espiadinha.

O som vinha detrás de mim, então me posicionei melhor, acomodando-me entre as pernas de Noah que me envolvia protetoramente em seus braços e pernas. Em uma rocha mais à frente a bunda de homem se iluminava com a pouca luz da lua e um grito de prazer cortou o ar. O casal procurou uma posição melhor, a mais confortável que a situação permitia, e minha surpresa não poderia ser maior ao reconhecer a dona dos gemidos ensandecidos, Roberta, a mulher com quem flertei na festa de Susan semanas atrás, não nos víamos desde aquele dia.

Senti minha garganta ficar seca, cravei minhas unhas nas coxas de Noah e puxei ar.

— Ela te excita, não é? — Noah sussurrou em meu ouvido. Não respondi. — Eu posso ver...

O rosto do meu namorado subiu por minhas costas em direção ao meu ombro. De forma preguiçosa ele buscou caminho em meu pescoço, sua língua deslizando e chupando minha pele ali. E todo meu corpo entrou em êxtase, como se flutuasse em uma nuvem quente de prazer. Não consegui controlar, não consegui pensar, apenas fiquei sorrindo e desejando mais.

— Eu posso sentir a excitação pulsando... aqui. — Ele mordeu minha jugular, fazendo-me arfar surpresa.

Ergui os olhos e no mesmo instante eles se encontraram com os de Roberta, ela pareceu tão admirada quanto eu... Não me acovardei ou desviei meu olhar. Ela me devia isso, não podia me impedir de observar e pela forma como ela sorriu, acho que nem pretendia fazer isso.

— Ela está nos olhando — avisei e senti Noah sorrir.

— Ela está te olhando. Você é uma delícia, amor. — Meu corpo se contorceu nos braços de Noah, minhas unhas deslizaram por suas coxas...

— Me beije, Noah — pedi e fui atendida em minha urgência.

As mãos dele envolveram meus seios mantendo-me no lugar enquanto sua boca sugava a minha com tanta fome que precisei encolher as pernas para controlar a euforia que pulsou entre elas. Uma das mãos de Noah abandonou meus seios, deslizando por minha barriga abrindo minhas pernas.

Noah estava me tocando, acariciando-me e me fazendo gemer em seus braços.

— Veja como ela te olha... — sussurrou em meu ouvido e no mesmo instante meus olhos acertaram os de Roberta.

Seu corpo estava montado no homem que a acompanhava, ela cavalgava nele. Elevando seus quadris e baixando-os com força, com pressa, com desejo...

— Noah... — chamei pelo homem que amava quando dois dedos me invadiram e me abriram.

— Assim?

Sussurrei que “sim”, era assim que eu queria. Instintivamente abri minhas pernas e outro dedo me invadiu. Eu estava de frente para Roberta, ela mordeu seu lábio inferior e aumentou a velocidade em cima do seu parceiro, este, por sua vez, estava tão concentrado em chupar os seios dela que nem desconfiava o que acontecia ali. Estávamos todos conectados, de um jeito diferente, mas muito excitante.

O movimento dos dedos de Noah se intensificaram, quis fechar as pernas em desespero e prazer, mas fui impedida pelo homem que amava e pela mulher que me observava, Roberta negou com a cabeça, lambeu os lábios e quando gemi sentindo vibrações internas intensas ela fechou os olhos e também gritou.

Com uma das mãos ela deitou o parceiro na rocha e seus movimentos se tornaram desesperados, enquanto seu corpo se contorcia sobre aquele homem.

Eu precisava de mais...

— Noah... Você... — implorei sem voz e ele entendeu.

— Você comanda, amor... — disse ele, deitando-se na rocha. Sua ereção rígida estava me chamando e a toquei, a acariciei e a beijei, como um agradecimento.

Como um animal feroz, Noah rugia conforme eu me acomodava nele. Fechei os olhos, apoiando-me em seu peito e sentindo a euforia do prazer em minhas veias, em minha carne. Lancei meu corpo contra Noah, eu estava excitada como nunca antes, desejando-o como nunca antes.

Não parei, continuei deslizando. Roberta explodia em um grito de prazer mais à frente e isso me estimulou a continuar. Eu sentia meu corpo queimar, cada porção dele, tudo em mim implorava por Noah e pelo que fazíamos.

Os dedos dele cravaram em meu quadril impulsionando seu membro mais fundo, atingindo novos pontos e me fazendo gritar. Uma estocada funda e o senti se derramar quente dentro de mim.

— Siiim... — gritei, em seguida, me jogando em Noah, gozando e tremendo.

Levamos alguns segundos para nos recuperarmos. Beije os lábios de Noah antes de sair de cima dele e tentar entender o que fizemos.

— Tudo bem?

— Tudo ótimo... — respondi sorrindo e jogando meus cabelos para trás.

Na rocha mais à frente Roberta continuava nos observando, dessa vez ela estava sozinha e sorria em nossa direção.

— Na próxima — ela começou, sem gritar, usando um tom calmo, sensual e divertido — deveríamos tentar isso sem uma rocha entre nós.

Minha resposta foi uma concordância discreta com a cabeça e um sorriso travesso.

— Nos vemos... — completou ela antes de descer da rocha e seguir em direção aos demais ao redor da fogueira.

Noah e eu nos entreolhamos sem dizer nada. Seu semblante mudou de tranquilo para preocupado ao me ver franzir o rosto.

— O que foi?

— Acho que machuquei os joelhos — respondi e ele começou a rir.

Era hora de ir para casa.

Quarenta

10 de maio de 1980

Querido diário,

Não sabemos o peso de um momento até que ele passe. E a vida é feita disso, momentos. Aqueles instantes que não damos valor, que não parecem especiais, mas que mudam tudo a partir dali...

Rio de Janeiro, julho de 1978

Se fugir fosse considerado um esporte eu seria medalhista de ouro, sem dúvida alguma. Não que eu estivesse fugindo de Noah, morávamos no mesmo apartamento, não seria um plano muito inteligente, mas digamos que estávamos nos vendo menos do que eu gostaria.

Eu estava com medo, tremendo, completamente apavorada e incapaz de ter um pensamento racional, então, me manter mergulhada em pacientes no PS vinha ajudando. Não era nada definitivo, apenas paliativo, até que eu conseguisse encarar Noah.

Depois daquele dia na praia eu vinha evitando os convites. No começo falei a Noah que era julho e eu conseguiria uns dias de folga, seria bom viajar e aproveitar as férias. Voltamos do Guarujá há cinco dias e continuava recusando os convites. Não tinha mais um local no corpo para fingir dor, então pedi plantões extras, vinha funcionando, só não sabia por quanto tempo mais.

— Não consigo encará-la! — desabafei, jogando-me em uma maca vazia.

— Pirou? — Tai me olhou assustada enquanto higienizava uma bandeja. — Do que está falando?

— Roberta, eu não consigo encará-la.

— Uuuuh, a mulher que você espionou — Tai zombou, passando-me a bandeja limpa e coloquei no armário.

— Não tira onda — implorei e ela riu do meu desespero. — Eu não sei o que fazer. Me apavora a ideia de encontrar com ela outra vez.

— Por quê? Acha que ela vai te trancar em algum quartinho?

— Tai!

— Desculpe, mas é engraçado ver você assim.

— Que bom que me desespero diverte alguém. — Olhei no corredor e por milagre não tínhamos nenhum paciente esperando.

— Pah, qual o problema?

— Eu não sei, mas depois daquele dia é como se eu tivesse me comprometido a algo — observei e a ajudei a descartar os materiais usados na última hora.

— Patrícia, você não assinou um contrato, foi uma provocação, um flerte. Você sabe melhor do que ninguém que quando estamos... bom, quando estamos envolvidos em um momento tórrido, digamos assim, prometemos qualquer coisa, são os hormônios. Se aquela mulher tivesse te convidado para esconder um corpo você teria topado.

— Eu sei — concordei e percebi o quanto eu estava sendo ridícula. — É só que...

Calei-me quando bateram à porta. Nós nos entreolhamos sabendo que a conversa ficaria para depois, tínhamos um paciente. Deixei que Tai cuidasse dele e saí para outra ala que precisavam mesmo da minha ajuda.



No fim do expediente Tai e eu encontramos com Kelly, ela estava chegando para o turno dela e nós duas saindo. Como ainda tínhamos uns dez minutos entre um turno e outro decidimos tomar um refrigerante em uma barraca por ali mesmo.

Voltamos ao assunto Roberta. Kelly, assim como Tai, ainda estava eufórica com o acontecido, a única em um surto negativo era eu.

— Do que você tem medo, Patrícia? — Kelly perguntou e não sabia o que dizer. Olhei meu guaraná tentando processar algo, e nada.

— Mais cedo você ia dizer algo, mas aquele paciente das escoriações nos interrompeu.

— Ia? Não lembro — dissimulei, olhando para o outro lado e bebendo guaraná.

— Deixa de frescura, Patrícia, desembucha — Kelly insistiu e olhei minhas duas amigas sem ter para onde correr.

— O que eu faço? — perguntei baixinho.

— Como assim? — Tai rebateu, debruçando-se em cima da mesa e também sussurrando.

— Com uma mulher? O que eu faço? — Senti meu coração acelerar no peito. — Ou melhor, o que ela vai fazer comigo? Ela vai ficar comigo, com Noah ou com os dois? — O ar faltou em meu peito e minha cabeça parecia que iria explodir. — Vai ser ao mesmo tempo, separado... O que eu faço com duas pessoas na cama?

Minhas duas amigas me olharam. Eu cobreí uma resposta. Elas se entreolharam e novamente cobreí uma resposta, ela veio, mas não da forma

como queria. Tai e Kelly explodiram em uma gargalhada. Tai praticamente se jogou em cima da mesa com Kelly por cima dela.

— Vocês são duas idiotas — reclamei e quando ameacei me levantar elas me seguraram e me fizeram sentar.

— Patrícia você é um barato, não tem um manual — Kelly disse e ganhou a minha atenção. — Simplesmente acontece.

— Isso foi muito esclarecedor — ironizei.

— Você e Noah, como foi a primeira vez? — Tai perguntou e não entendi, eu contei isso a elas.

— Você leu em algum lugar o que deveria fazer com ele? Onde colocar a mão ou o que dizer? — Kelly complementou.

— Não, mas foi diferente. Eu estava...

— Com desejo? — Kelly me cortou.

— Apaixonada — defendi.

— Na primeira vez? Você já o amava naquela viela? — ela provocou, e cruzei os braços. — Viu, o grande truque é você querer, você estar com desejo, o corpo faz o resto.

— Foi assim que você disse sim a proposta de sexo a três... — Tai soltou com divertimento na voz, mas ela estava certa.

— Para de fugir maluca, deixa rolar... — Kelly disse levantando e praticamente gritando enquanto abria os braços. Tai a puxou de volta para sentar e nós três começamos a rir. — Você agora é um pássaro livre, Patrícia, abriram a sua gaiola, voe.

— Vocês têm razão. — Ergui minha garrafa de guaraná saudando as duas.

— Eu sei — Kelly comentou, levantando e olhando no relógio —, e eu sou um pássaro atrasado. Preciso ir.

Observamos Kelly voltar ao hospital. Olhei meu guaraná com um sorriso travesso no rosto e ideias na cabeça.

— Vamos! — Tai me puxou de repente. — Pela sua cara acho que a passarinha finalmente decidiu que vai voar.

Não controlei o riso enquanto caminhávamos rumo ao estacionamento do hospital.

Quarenta e um

11 de maio de 1980

Querido diário,

Parei de fugir... Claro que Noah sabia o que eu estava tentando fazer. Rimos por um tempo disso. Na verdade, ele riu, eu estava me sentindo envergonhada. Se o meu esporte favorito era fugir, o de Noah era — ainda é e, provavelmente sempre vai ser —, rir quando eu agia feito louca.

O que posso fazer se uma das respostas naturais do ser humano ao medo é fugir? Culpa da biologia, do universo... Não sei.

Naquele dia, após a crise de riso dele, conversamos. Essa parece ser a base para tudo, conversar. É engraçado o quanto isso é óbvio, e, ainda assim, escolhemos a saída mais complicada, fugir, mentir, ocultar coisas, e, de repente, tudo apenas explode, nos arrependemos e só então partimos para o óbvio, expor o problema.

Depois da nossa conversa, eu prometi, a mim e a ele, nunca mais fugir... Sei que já havia feito essa promessa antes, mas da primeira vez prometi não fugir dele. Agora, a promessa era não fugir dos meus desejos...

Rio de Janeiro, agosto de 1978

Na discoteca perguntei por Noah, olhei ansiosa o convite misterioso em minhas mãos. Um dos funcionários me avisou que ele estava em seu quarto.

Abatedouro — corrigi mentalmente antes de sair correndo em direção às escadas.

Pressionei o envelope entre os dedos, algo me dizia que Noah saberia quem o enviou, e, com certeza, conhecia as intenções por trás das poucas

palavras que havia dentro do cartão.

— Amor, eu... — Congelei na entrada do quarto. Noah não estava sozinho.

Dois pares de olhos caíram sobre mim. Um deles era do meu namorado sem camisa, de braços cruzados e aparentemente assustado. O outro de uma mulher alta, com cabelos claros e muito bem-vestida para uma manhã de segunda-feira no Rio de Janeiro.

— São só negócios — Noah soltou sem que eu sequer mencionasse algo, ao menos não em voz alta.

— No seu quarto? — questionei, escondendo meu sarcasmo com um sorriso inocente.

— Meus melhores negócios foram fechados entre quatro paredes. — Em um giro a tal mulher ficou totalmente de frente para mim. Medi-a dos pés à cabeça, algo nela me era familiar. — Prazer, Stella Assunção.

Prendi a respiração e meu corpo se contraiu. Lembrei-me de onde a conhecia e sabia muito bem quem ela era.

— Essa é a sua namorada? — perguntou ela com os olhos em Noah. — Uma simpatia.

— Você é a maluca que entrou armada no *PS*... — soltei receosa. Os olhos da mulher deram um leve salto e, em seguida, ela sorriu. — A bicheira.

— Claro, você é aquela enfermeira baixinha e abusada. Não te reconheci sem o uniforme.

— Acontece!

— Sabia que eu ameacei atirar nela — ela lembrou como se fosse um fato divertido.

Noah me repreendeu e o ignorei. Não ia voltar a esse assunto, no momento o que mais me interessava era saber o que alguém como *ela* fazia aqui. Imagino que meu olhar nem um pouco acolhedor tenha feito a tal Stella perceber que era hora de ir, pois ela apenas se despediu e foi embora.

— O que ela fazia aqui?

— Lembra dos amigos que eu disse que tinham um plano pra diminuir o pó? — Assenti cautelosa. — Ela é um deles... E não precisa ser nenhum gênio para sacar que o plano não funcionou.

— Onde você entra nessa história?

— Ela precisava de ajuda.

— E você é o Superman?

— Sou um amigo.

— Noah...

— Esqueça ela — pediu ele tranquilo e, sorrateiramente, se aproximando de mim. Sabia que eu estava preocupada. — Eu prometo contar tudo em outro momento, não aqui. Não vou fazer nada perigoso.

Afundi meu rosto no peito dele envolvendo sua cintura com força.

— O que trouxe você até o meu abatedouro? — Deixei um sorriso escapar abafado no peito dele. Com isso da bicheira e planos secretos quase esqueci do nosso convite misterioso. — Se bem me lembro, você disse que nunca mais colocaria seus pés aqui.

— Recebemos um convite estranho...



Vasculhei o quarto, apressada, em busca dos meus saltos com tiras. Eu sabia que estavam ali. Comemorei batendo palmas quando os encontrei debaixo da cama.

Não que estivéssemos atrasados, mas seria uma viagem de quatro horas de carro até Barra de Corumbê em Paraty, e ainda precisávamos parar e comer algo no caminho.

— Amor, o convite dizia que não precisava se preocupar com as roupas — Noah gritou impaciente da sala.

— Eu sei, mas isso não significa que eu vá nua... — Abri a porta do quarto e fiz uma pose sensual enquanto me apoiava no batente. — Embora eu tenha ignorado minhas peças íntimas. Liberdade e essas coisas...

No instante em que seus olhos caíram sobre mim, Noah levantou do sofá, apressado e tropeçando em uma almofada que estava no chão. Tentei não rir, mas foi impossível. Como um menino desajeitado, ele parou diante de mim.

— Você está...

Não consegui controlar minha felicidade diante desse olhar bobo que ele estava fazendo. No entanto, embora a doçura do meu brutamontes me encantasse, não escolhi esse decote em V quase até o umbigo de graça. E, querendo despertar seu lado selvagem, dei a ele as costas, exibindo minha pele nua.

Dessa vez me inspirei no lado hippie de Noah, que parece ter me contagiado. A festa que iríamos era em uma casa de praia, convite que só aceitei porque veio de Susan. Era o aniversário dela, foi ela quem nos enviou o convite misterioso. Então, para a ocasião, escolhi um vestido longo, porém solto e bem leve, com uma leve transparência na saia e em um tom que a vendedora indicou ser verde água. Não era tão comum em um modelo como esse, a moda eram as cores, tons vivos e chamativos, mas gostei de como as tiras trançadas realçaram a minha cintura e, claro, o decote profundo. Sem contar que ele amarrava no pescoço, desfazendo o laço eu ficava nua, fácil acesso.

— ... está incrível.

— E você está horroroso. — Ele sorriu diante do meu comentário, um sorriso lindo e vaidoso, mostrando todos os dentes. Sabia que meu comentário era completamente falso. — Não consigo olhar sem querer vomitar.

Fingi cobrir os olhos, mas a verdade era que eu poderia admirá-lo por horas. Noah estava de tirar o fôlego e sem nenhum esforço. Calça escura de algodão e linho, bata branca, aquele colete marrom de tiras horroroso, chinelos e claro, cabelos soltos e esvoaçantes.

Lindo.

— Você mencionou algo sobre roupas de baixo ausentes... — Neguei forçando meu ar mais inocente.

— Acho que você ouviu mal, amor. Deve ser a idade — provoquei com deboche.

Isa me afastar e caminhar rumo à porta, mas Noah foi mais rápido. Seus braços envolveram minha cintura fazendo-me girar na sala, como em uma dança, que terminara com nossos corpos colados e sua boca deslizando em meu pescoço... Arfei excitada quando seus lábios chegaram à minha orelha.

— Idade é... — sussurrou ele com fúria e divertimento na voz.

— Amor — chamei gemendo contra o peito dele. Seus dedos ágeis pareceram caminhar por minhas coxas enquanto puxavam o tecido do vestido para cima —, vamos nos atrasar.

— Já disse que amo a sua liberdade? — inquiriu ao constatar que falei a verdade em relação às peças íntimas.

Suas mãos envolveram meu traseiro, pressionando-o e deslizando para as minhas coxas em busca de uma fonte de apoio. Tendo encontrado o

ponto certo, Noah me suspendeu. Minhas pernas enlaçaram em sua cintura e ele me arrastou para a mesa da cozinha.

Susan que nos desculpe, mas íamos, de fato, nos atrasar.



Conseguimos chegar em Paraty por volta das dez da noite. Dessa vez não tinha um luau à nossa espera, o que agradeci imensamente, embora o último não tivesse sido ruim. Sorri satisfeita diante de uma bela casa de veraneio com três andares em uma praia particular.

Assim que cruzamos a porta da casa fomos atacados por Susan. Ela estava eufórica e deslumbrante em um vestido dourado curto e cheio de tiras. Claro que levamos uma bronca pela demora, mas, segundo ela, a diversão estava apenas começando.

— Explore o lugar, tenho certeza de que irão adorar. — A animação de Susan me contagiou. Senti meu coração disparar no peito como se um infarto estivesse a caminho.

Susan nos deixou para receber outros convidados quando John se aproximou. No entanto, ele e Noah mergulharam em uma conversa particular que deixei de ouvir assim que um trio animado passou por mim. Eles estavam rindo, trocando carícias, e seguindo em direção às escadas.

Minha curiosidade foi aguçada, que mal faria espiar um pouco?

Onde estávamos era uma espécie de recepção, comida e bebidas à vontade, nada excepcional. No entanto, as escadas pareciam a entrada para um lugar mágico. Havia tantas luzes coloridas, tudo tão intenso que elas se fundiam com as paredes e o piso, como se ambos fossem feitos de luz.

Estiquei minha mão direita, deixando-a flutuar no ar até onde as luzes começavam e minha pele, assim como tudo ao redor, também se fundiu às luzes... As batidas de uma música agitada ecoaram de repente,

dominando meu coração que agora seguia aquele ritmo frenético. Eu me senti como uma mariposa seguindo a luz, indo, degrau por degrau, rumo a algo perigoso, porém fascinante, irresistível.

A sensação inicial era de estar na disco. Cores, luzes, músicas e corpos dançando em meio à fumaça, mas algo no ar era diferente. Algo me atingia diferente. Sorri para o aglomerado de pessoas, não que eles pudessem retribuir, estavam imersos em seus próprios mundos e, de algum modo, era como se eu pudesse ver todos, como se um filme em câmera lenta se projetasse diante dos meus olhos.

Desejo, luxúria, calor. Era a busca pelo prazer, a diversão, o sexo. Tudo estava ali, de forma nua e crua. Casais trocavam olhares, toques, beijos... Em um canto, fechado por um par de sofás, uma mulher usando apenas a parte de baixo de uma cinta-liga entretinha um grupo de homens e mulheres. Rebolando, oferecendo seus seios e recebendo toques em seu corpo. Ela ria, as outras mulheres em volta também, todos pareciam hipnotizados com a cena, assim como eu.

Outro grupo passou por mim, mas dessa vez não fiquei despercebida. Um membro do grupo, um homem maduro, atraente de certo modo, e exalando experiência, simplesmente parou diante de mim, sorriu e me estendeu a mão. Era um convite. Por alguns segundos me vi aceitando, acompanhando-os e os observando... Uma bela fantasia, mas que não parecia completa e eu sabia o porquê.

Com um sorriso amistoso neguei o convite. O homem lamentou, novamente sorriu, e lentamente se afastou em direção ao grupo por um corredor.

No mesmo instante minha mente foi embebida por questionamentos a respeito daquele caminho nada secreto. Comecei a fantasiar, formular hipóteses, criar imagens, dar formas aos sons que me atingiam... Somente uma imagem ficou clara em minha mente:

— Noah — sussurrei, de olhos fechados, como quem fazia um desejo.

Inspirei fundo, estremecendo até a alma, assim que mãos fortes comprimiram meus ombros nus. Não precisei me virar para saber que eram as mãos do homem que amava. Somente ele, somente o seu toque, era capaz de arrancar esse tipo de resposta do meu corpo. Somente ele fazia com que meu coração acelerasse de forma tão desesperada, felicidade genuína por sua presença, por seu amor.

Seu coração ouviu meu chamado, eu o queria ali. Por mais interessante, atraente, que tudo isso fosse, sem ele nada fazia sentido.

— Fugindo de mim? — perguntou com o rosto buscando passagem em meu pescoço. Seus lábios deslizando por minha pele, depositando beijos suaves.

— Estava pensando em você. — A resposta dele foi um rugido satisfeito e contido na garganta. — Pensando nesse corredor e nas coisas que estão acontecendo nele.

— Que explorar os quartos?

— Quero explorar você — afirmei e ele sorriu contra o meu ouvido.

Perdi as forças com suas carícias. Seus braços envolveram meu corpo, me protegeram, e tendo-o assim, com um escudo, agarrando-me por trás, caminhamos corredor adentro.

— As portas estão todas abertas? — observei curiosa, como um questionamento.

— Significa que qualquer um pode participar — ele sussurrou em meu ouvido. Paramos diante da porta do meio. — Não existem barreiras para o prazer.

Prendi a respiração assentindo.

Juntos olhamos para o quarto de onde vinha o som mais alto. Gemidos, arfadas, gritos, corpos batendo... Cravei minhas unhas nos braços de Noah, tentando processar o que acontecia diante de mim. Um amontoado de corpos se fundindo formando uma bela escultura erótica.

— Está vendo isso? — Noah apontou uma placa pendurada no batente com um olho desenhado. — Significa que você pode observar, apenas isso.

— Todos os quartos têm uma placa?

— Sim... Cada uma indica o que está acontecendo e o que necessitam. Alguém para um trio, um casal, pessoas para uma orgia, observadores...

Juntos nos concentramos nos movimentos do grupo. Uma das mulheres montava em um dos homens, enquanto outro a penetrava por trás. Ela sorria com devassidão, arfando satisfeita. Suas mãos deslizavam nos lençóis em busca da outra mulher do grupo que se encontrava em uma situação parecida com outros dois homens. Elas se beijaram, conectando o grupo, tornando-os um só.

É incrivelmente... bonito.

— E você tentando me convencer que não era um bacanal — comentei, inspirando e expirando devagar.

— E não é. — Rapidamente o encarei por cima do ombro. Noah sorriu descarado roubando-me um beijo estalado. — É sexo, amor. Todos aqui sabem o que querem, sabem o que vieram buscar. O desejo aflora nosso lado primitivo. Queremos sentir prazer, saciar esse monstro que nos toma, que nos torna vorazes, sedentos e capazes de tudo.

Um gemido mais alto me fez estremecer nos braços de Noah. Suas palavras me envolveram, me excitaram e me prenderam.

— Ninguém é obrigado a nada e como viu, lá embaixo o ambiente é tranquilo. Assim, aqueles que não quiserem jogar, podem apenas ter uma noite comum com conversa, bebida e comida.

— Quem nós somos, Noah? — Girei em seus braços, ficando de frente para ele e repousando meus braços em seus ombros largos. — Somos quem veio jogar ou conversar?

Seus olhos mais do que nunca estavam em mim, pareciam me analisar, como se buscassem em minha alma a resposta. Lamentei decepcioná-lo, mas não a tinha

— Somos quem quisermos ser, Pah. Essa é a beleza de tudo. — Dei um sorriso de canto, acomodando meu corpo ao dele. — Quer descer é conversar? A gente desce e conversa. Se quiser jogar, eu tenho uma surpresa.

Suas palavras cortaram o ar despertando algo dentro de mim, algo que saltou de repente, pulsando com força por cada centímetro do corpo. Ao notar minha reação, ou ausência dela, ao menos por fora, um sorriso depravado, canalha, se formou no rosto de Noah. Agora era eu quem buscava em seus olhos uma resposta, e eu vi tudo. Como se eu pudesse entrar em seus pensamentos através do seu olhar. Pude ver suas fantasias, suas promessas de um prazer que nunca senti igual... Infinitas possibilidades, tremi por completo de pavor e desejo.

Um delicioso contraste devo admitir.

— O que você tem em mente, Noah? — Forcei uma resposta em voz alta, mas ele negou estalando a língua.

— Surpresa! — Algo em seu tom de voz fez minha barriga se retorcer, pressionando mais abaixo, contraindo meu ventre. — Confia em mim?

Assenti diante de óbvio.

Quarenta e dois

12 de maio de 1980

Querido diário,

Desejos... Ahhh, os nossos desejos. São como aquele diabinho em nossos ombros sussurrando um leque de tentações. São complexos, como qualquer outro sentimento. Por vezes conscientes, ora inconscientes e quase sempre uma tendência reprimida.

Há na psicanálise dois princípios interessantes, o do prazer e o da realidade. O primeiro, ligado à busca pela satisfação dos nossos desejos. É o que nos faz agir de forma impulsiva — como inferir sexo a três, por exemplo —, agir de forma irracional, ignorar regras e desafiar a lógica. O segundo, sendo bem direta, é o nosso lado careta, ou melhor, nosso lado racional. O que é movido pelas leis, pelas regras culturais, sociais, morais... É como uma gaiola delimitando nossos desejos, mantendo-os no limite do aceitável.

Todavia, como a Kelly bem havia observado, minha gaiola foi aberta, meus desejos se expandiram e eu decidi ignorar a realidade...

Rio de Janeiro, agosto de 1978

Na varanda fechei os olhos ao sentir a brisa fria da praia tocar meu corpo nu. Ah, a liberdade, era tão deliciosa, e dessa vez sem areia, apenas o piso de madeira polida sob meus pés. Abri os braços para receber aquele toque do vento como se estivesse no convés de um navio.

— Apreciando a vista? — A voz de Noah ecoou atrás de mim. Por cima dos ombros eu o observei. Braços cruzados, músculos contraídos, seu glorioso corpo sem uma única peça de roupa... Seus olhos me acertaram através das finas cortinas da varanda.

— É uma bela vista. — Virei-me de frente para ele, recostando meu corpo no parapeito da janela.

— Realmente, uma bela vista. — Sorri com suas palavras, seus olhos não estavam no mar e sim no meu corpo.

Empinei meus seios em busca de ar quando ele se aproximou.

— Trouxe champanhe — ele anunciou, agarrando em minha cintura, juntando nossos quadris e me fazendo roçar em sua ereção crescente.

Seus lábios desceram por meu pescoço, chupando minha pele, traçando caminho para os meus seios.

— ... e trouxe mais uma coisa — soltou com um dos meus mamilos entre os dentes. Não tive forças para responder, apenas balancei a cabeça positivamente.

Quando Noah disse que tinha uma surpresa eu imaginei que nos juntaríamos a um dos grupos no corredor para jogar, mas não. No terceiro andar havia uma suíte vazia à nossa espera. Ele a reservou com Susan, iríamos fazer o nosso próprio jogo. Na placa em nossa porta o desenho de um olho, seríamos o show de quem quisesse nos assistir. Não me importei.

Enquanto ele foi buscar a champanhe, fiz o que me pediu, fiquei à vontade. Bastante à vontade.

Reclamei com um rosnado frustrado por ele interromper seus beijos em meus seios. Minha frustração só não foi maior porque Noah me conduziu para dentro do quarto, onde uma cadeira de madeira parecia me esperar. O jogo ia começar.

Eu estava ansiosa e com partes minha latejando de desejo. Suas carícias despertaram a minha fome. A fome que sentia por ele e por tudo que podia acontecer.

Noah sentou na cadeira e me observou. Não me movi, mantive meus olhos nele. Notei que ele respirava de forma irregular, o peito subia e descia em um ritmo mais rápido que o habitual. Mesmo com a pouca luz, eu

conseguia ver suas pupilas dilatadas. Acontece quando olhamos para algo que amamos ou desejamos muito. Isso me fez rir discretamente, todavia, esse movimento não passou despercebido.

— Está rindo de mim, Patrícia? — A voz forte, como uma repreensão, foi o bastante para fazer meu corpo estremecer outra vez.

— Você me ama — não perguntei, não acusei, apenas afirmei.

Noah sorriu.

— Desde o dia que te vi na praia. — Revirei os olhos, dando de ombros. Como se isso fosse possível. — Vem aqui, amor!

Atendi a seu chamado e sentei montada nele, repousando minhas mãos em seus ombros e desbravando seus cabelos da nuca com minhas mãos emaranhando seus cachos em meus dedos. Ele fez o mesmo, suas mãos deslizavam com firmeza por minha nuca, mantendo meu rosto imóvel diante dele.

— Eu te quis, Pah, eu te quis. No instante que te olhei, caminhando, os cabelos contra o vento, o bico irritado... Por uns instantes nos olhamos. — Meus olhos saltaram duvidosos. Não lembro de tê-lo visto até a colisão. — Não era exatamente a mim que você buscava, mas olhou em direção à equipe, na minha direção, e meu coração parou.

Neguei sem acreditar, e ele sorriu.

— Eu soube ali, Pah, que você ia ser minha e que eu seria seu.

Ficamos em silêncio. Processei suas palavras, imaginei que eu deveria responder algo tão romântico quanto, mas:

— Eu não sei o que dizer — respondi e a risada dele ecoou no quarto.

— Não precisa. Olhe onde estamos. — Suas mãos deixaram meu rosto e deslizaram por meus braços, pousando com firmeza em minhas coxas. — Eu disse que não era necessário, que eu só queria você e, ainda

assim você quis, quis estar aqui, quis tudo que nos levou até aqui... Não precisa dizer nada.

— Eu queria fazer parte das suas fantasias — confessei, e ele sorriu negando.

— Sabe qual a minha maior fantasia? — questionou com o rosto tenso, sério, a feição que ele sempre usava para tratar assuntos importantes. Apreensiva, neguei, tentando me manter respirando. — Você, Patrícia. O seu corpo, a sua pele, as suas reações, seus olhos em mim, a sua voz... Tudo em você me excita, tudo em você me deixa em êxtase. Quero você como nunca quis nada na vida.

Uma de suas mãos deslizou para o meu traseiro, puxando-me, encaixando-me mais próximo.

— Noah, eu... — Minhas palavras foram substituídas por suspiros quando sua outra mão escorregou pela parte interna das minhas pernas buscando meu sexo. Arqueei na cadeira jogando meus cabelos para trás.

— Não diga nada — sussurrou contra o meu queixo. Seus dedos estavam me tocando, acariciando, sem invasão, embora eu o estivesse chamando desesperadamente —, seu corpo fala tudo que eu preciso saber.

Eu me contorci, ansiando por mais.

A boca de Noah tocou o vão entre meus seios. Lancei meu corpo sobre ele, desejando que ele os tomasse em sua boca, mas ele se deteve. A língua subindo, explorando o caminho que levava ao meu pescoço, traçando onde minha veia pulsava de desejo, mordendo meu queixo e exigindo um beijo.

Não havia retorno, nunca mais.

Meus braços afundaram em seus ombros, buscando apoio quando finalmente meu chamado foi atendido lá embaixo. De modo torturante um, dois, três de seus dedos estavam em mim.

— É o suficiente? — perguntou, arremetendo mais fundo, e neguei.

Minha carne os envolvia, tentando saciar esse ardor que me queimava, tentando saciar esse desejo esganado, mas nada, eu apenas ansiava por mais.

— Não... Não... — confessei, mergulhando meu rosto em seu pescoço e buscando seu ouvido. — Eu preciso de mais.

Gritei... A mão em meu traseiro subiu para minhas costas, guiando meu quadril para um ângulo melhor. Gritei novamente com seu polegar em meu clitóris, pressionando, enquanto eu o cavalgava com mais força e ainda não era o bastante.

Ergui meu corpo, rebolando em seus dedos, buscando mais contato.

— Assim?

— NÃO! — clamei desesperada.

— O que você precisa? — Seu hálito aqueceu meu queixo.

— Você... — Sem aviso, buscando fôlego, interrompi meus movimentos.

Com as mãos emaranhadas em seus cabelos guiei a cabeça de Noah em um puxão fazendo-o me olhar. Organizei o que queria em minha mente, sem reconhecer minhas palavras, mas desejando muito, muito, dizê-las. Elas queimaram em minha garganta.

— Me foda você — soltei, ofegante e sorrindo.

Noah ficou paralisado, piscando por alguns segundos sem acreditar. Seus olhos transformando-se diante de mim, indo de surpresos a sombrios, excitados e tentadores. Um sorriso pequeno e nefasto se desenhava em seu rosto.

— Tudo o que você quiser...

Sem dizer mais nada, seus dedos abandonaram minha carne. Deixando-me solitária, vazia, mas logo essa sensação foi esquecida e me senti queimar. Noah me preencheu com rapidez e voracidade. Entrando duro e determinado até o fim.

Lancei meu corpo para trás tamanho o prazer que aquilo me causou. Em meu rosto a luta entre formar um O com os lábios ou sorrir em glória pelo momento. Não nos movemos, eu não me movi. Gostava dessa sensação, tê-lo em mim. Exigindo espaço, sendo envolvido e devorado. Um hóspede bem-vindo sempre que quisesse.

Se eu me esforçasse podia senti-lo pulsar ao meu redor. Seu desejo se misturando ao meu lá embaixo.

Com nossas testas coladas fiz meu primeiro movimento. Deslizando para frente, como uma serpente. Nossos corpos se tocando, centímetro a centímetro e, de repente, nos separando e voltando com força até que ele preenchesse toda outra vez.

De novo, de novo e de novo...

Até ficarmos sem ar, sem forças, e ainda não era o bastante. Ataquei seus lábios e roubei seus suspiros. Cada rugido dele reverberava em mim. Tudo nele era meu e tudo em mim era dele.

Ida e vinda... De novo, de novo...

Gozei, anunciando o acontecimento com um gemido preguiçoso contra os lábios de Noah... Pisquei várias vezes, uma figura atrás do meu namorado chamou minha atenção.

Ela não deveria estar aqui.

— Temos companhia?! — Foi mais um questionamento que afirmação.

Sabia que a placa em nosso quarto dizia que podíamos ser observados, mas ela? Justo ela? Até onde sabia ela estava viajando, aproveitando as férias em Miami.

— Roberta? — Assenti ao questionamento com um gemido fugindo por minha garganta. Noah sorriu. — Eu disse que tinha uma surpresa.

Meus olhos acertaram os dele confusos.

— Achei que o quarto... Ahhh! — Uma arremetida funda e me joguei sobre ele.

— Era parte da surpresa — ele soprou em meu ouvido, como um diabinho.

Sorri, sem poder evitar.

— Devo me juntar a vocês ou esperar? — A voz dela invadiu o quarto. — Confesso que ambas as possibilidades me divertem.

— O que você quer? — Noah perguntou com os olhos em mim.

Acalmei meus movimentos, não podia dizer o mesmo da minha respiração ou meus pensamentos. Noah continuava pulsando dentro de mim, meu corpo ainda tremia pelo orgasmo. A vontade de mais ainda gritava em minhas veias, em minha mente.

Por cima de Noah encarei Roberta.

— Bem-vinda — soltei o convite e ela sorriu.

Beijei Noah antes de nos levantarmos para receber o novo membro do jogo. Meu corpo protestou, minha carne ardeu sentindo falta dele, mas ansiando pelo que estava por vir. Meu namorado me conduziu até o banheiro, não dizemos nada, não foi preciso.

Roberta parecia relaxada sentada na cama com as pernas cruzadas enquanto enchia três taças de champanhe.

— Servidos? — Ela pegou duas taças e estendeu em nossa direção.

Nós nos aproximamos e aceitamos as bebidas, seria um bom começo. Não controlei o som de prazer que escapou por minha garganta ao tomar a bebida incrivelmente gelada, eu estava com sede.

— Que som adorável... — Roberta comentou e senti meu corpo se retesar.

Virei mais da metade da minha taça pela garganta. Tentando fazer meu corpo relaxar e minha mente pensar em outra coisa que não fosse sair correndo.

— Eu nunca... — A frase morreu em minha garganta. Encará-la de longe era uma coisa. Agora, tê-la assim, tão perto, era apavorante.

— Eu sei... — Congelei sem ar quando seu dedo indicador tocou uma das minhas coxas. — Noah me contou, não se preocupe.

— Apenas aproveite, amor. — A voz de Noah queimou em meu ouvido. Seus dedos deslizaram por minha cintura amaciando a minha carne.

Assenti, observando Roberta sorrir. Seu primeiro movimento foi se inclinar em minha direção, mais especificamente entre minhas pernas. Arfei, assustada e estremecendo, ao sentir suas unhas deslizando por minha pele para buscar apoio em minhas coxas. Não me movi, não podia. Noah estava atrás de mim, eu podia senti-lo, apoiei meu corpo nele, buscando refúgio, proteção.

— Eu estou aqui... — ele sussurrou.

Roberta estava a centímetros do meu ventre. Seus olhos em mim analisavam meus movimentos, procurando qualquer sinal de repreensão, mas não o dei e ela avançou, fazendo-me estremecer e arfar mais uma vez no instante que seus lábios tocaram meu ventre. Seus dedos entraram em ação, abrindo-me, pude ver sua língua sendo projetada para fora, buscando passagem em meus lábios internos e tocando, suavemente, meu clitóris.

Deixei meu corpo cair sobre o de Noah, recostando-me em seu peito. A língua dela continuou a me tocar, deslizando macia, enquanto seus lábios se fechavam contra mim, como em um beijo.

Gemi buscando apoio em Noah... Contorcendo meu corpo contra o dele. Minhas mãos buscaram a dele e as fiz repousar em meus seios. Queria que ele também me tocasse.

Seguindo meus instintos, projetei meu quadril contra Roberta, buscando mais contato, mais prazer. Mordi meu lábio inferior quando dois dedos delicados me penetraram, entrando e saindo, em um ritmo lento, mais provocador o suficiente para me fazer soltar arfadas excitadas.

— Isso, amor... — Noah sussurrou contra a pele do meu pescoço.

Os lábios de Roberta deixaram meu ventre. Uma lamúria sofrida e protestante ecoou. Como forma de compensar ela introduziu um terceiro dedo que, combinado ao toque Noah em meus seios, fizeram meus gemidos se elevarem tal como uma prece com urgência de atingir o céu.

Um beijo suave foi depositado em meu queixo.

Roberta...

Engoli em seco abrindo os olhos no mesmo instante. Com um sorriso tímido tentei não transparecer meu pânico por ela estar a centímetros de distância. Um esticar de lábios e o espaço se tornaria nulo.

E assim ela fez. Nós nos beijamos.

O pavor daquele movimento me trouxe a sensação de morte, meu coração fraquejou, como se fosse parar. No entanto, imagens se projetaram em minha mente, atingindo meus sentidos como um raio. Transportando-me para alguns meses atrás, a um quarto escuro, onde um beijo, exatamente igual, aconteceu.

Abri os olhos quando seus lábios me deixaram. Roberta estava sorrindo, uma sobranceira erguida de modo desafiador confirmava meu questionamento silencioso. Naquela noite, o beijo na desconhecida, era ela.

Era Roberta.

E tudo veio de repente. O beijo naquele quartinho, ela observando quando Noah e eu trocamos carícias na esteira, nosso momento nas rochas... Foi como se uma bomba tivesse explodido dentro de mim, deixando-me eufórica. Dessa vez fui eu quem a procurou, fui eu quem tomou seus lábios. Nossas línguas se tocaram, foi diferente. Por instinto minha língua recuou e a dela avançou, insistiu, me procurou, até que a minha a aceitasse e as duas se tocassem.

Eu tinha quatro mãos brincando com meu corpo, era bom, mas eu não sabia o que fazer. Não sabia a que necessidade atender... Lembrei-me das palavras da minha amiga, não havia um manual, apenas o desejo e o instinto.

Tentei ouvir o que minha vontade dizia, algo em mim queimava e queimava, tudo gritando por mais. Duas mãos familiares se estenderam diante de mim, as mãos de Noah. Seus dedos deslizaram sobre a pele de Roberta, seguindo a linha da clavícula... Sabia o que ele pretendia fazer, reconhecia esse movimento e decidi segui-lo. Pousei minhas mãos sobre as dele, não para detê-lo e sim segui-lo, como uma sombra. Nossas mãos invadiram o pequeno vão da tira do vestido que Roberta usava e o fizemos deslizar pelos ombros dela até que ele pousasse esquecido no chão.

Assim como eu ela havia dispensado as roupas de baixo.

Ainda de costas para Noah, subi minhas mãos em busca de apoio em seu pescoço, isso fez com que meu corpo se empinasse e que eu me encaixasse nele. Minha bunda roçando em seu membro duro. Querendo me atíçar, ele o esfregou contra mim e, sem vergonha, me contorci ainda mais sobre ele... Aproveitando meus seios à sua disposição Roberta os agarrou, juntou os dois e colocou meus mamilos na boca, mordendo e arranhando com as unhas.

— Sim... — gritei, esfregando-me em Noah por trás e em Roberta pela frente.

É divino...

É quente...

É errado...

É único...

— Noah... — gritei outra vez quando um, não, dois, dois dos gloriosos dedos de Noah me invadiram. Circulando lentamente dentro de mim, atíçando-me e me fazendo desejar mais.

— Assim? — Roberta sussurrou em meu ouvido quando agarrou minha bunda e chupou o meu pescoço.

— Sim... sim... — respondi sôfrega e a ouvi gemer em meu ouvido. Ela buscou prazer em Noah, na mão dele que estava em mim, ela esfregou seu quadril nele buscando contato e uma ideia se iluminou em minha mente. Liberei minha mão direita e descí buscando o vão entre as pernas da nossa convidada.

Ela se mostrou receptiva, se abriu e me recebeu em agonia, inclinando seu quadril contra mim. Suas mãos agarraram meus ombros em busca de apoio enquanto ela se encaixava em meus dedos. Ofereci a ela mais um. Agora três dos meus dedos a penetravam do mesmo modo que Noah fazia comigo.

Juntas arfamos... Ele aumentou a velocidade das investidas e, como um espelho, imitei o gesto. O prazer aumentando em mim e nela. Eu podia sentir nossas carnes pulsando quase no mesmo ritmo. Entrei e saí dela uma, duas, cinco... vinte vezes, e ela gemeu contra os meus lábios.

— Assim? — perguntei de forma depravada.

— Assim, assim... — Sua voz ecoou esganiçada pelo prazer. Sorri, buscando os olhos de Noah e me sentindo viva.

— Tente isso... — Noah sussurrou contra os meus lábios. Ele sabia o que estava fazendo.

A palma da mão dele envolveu meu ventre por completo, roçando em meu clitóris e me fazendo quase desfalecer. Com minha lucidez dentro do

limite imitei esse gesto em Roberta e sua resposta foi como a minha, seus olhos se fecharam e seu rosto afundou buscando apoio em meus ombros.

Inclinei meu rosto buscando Noah, precisava dos seus lábios e os recebi, os devorei e gemi quando um terceiro dedo foi inserido em mim.

Esfreguei meu quadril contra os dedos de Noah ao mesmo tempo que forcei meus dedos em Roberta, ela os cavalgava. Seus seios deslizando num ritmo frenético contra os meus... Ondas de calor possuíram meu corpo por completo, não havia um único lugar que não estivesse em festa pelo prazer que aquilo me proporcionava.

Aumentei a velocidade dos meus dedos contra ela e sua carne se comprimiu contra mim, foi estranho e poderoso ao mesmo tempo. Eu senti que controlava o prazer dela, podia escolher entre ser generosa ou uma torturadora, era incrível...

Quanto mais poder tinha, mais poder eu desejava... Minha mão livre desceu do pescoço de Noah e buscou sua ereção atrás de mim. No instante que a segurei ela pulsou contente sob meus dedos.

Uma risada prazerosa ecoou no quarto. Não me contive. Não acreditei no que eu estava fazendo. Estava masturbando uma mulher com uma mão e com a outra o meu namorado, enquanto os dois me possuíam e me exploraram com suas bocas, suas mãos... Arranhando, mordendo, chupando... Cada um de um lado do meu ouvido sussurrando o quanto aquilo era bom, o quanto estavam gostando e me pedindo mais.

Gozei, interrompendo minhas carícias em Noah, precisei me apoiar. Lancei meu corpo contra suas costas. Com o braço livre ele me segurou, contornando minha barriga para me manter em pé. Foi como se meu corpo tivesse desligado por uns segundos. Roberta lançou seu corpo contra mim, atacando meus lábios e forçando com mais vigor seu quadril em meus dedos. Eu podia sentir a compressão neles aumentando, indicando que assim como eu ela ia...

O grito dela ecoou no quarto... Seu corpo tremeu em meus braços, senti a prova do meu sucesso entre as pernas dela descendo por meus dedos

e palma da mão. Naquele momento, Noah estava apoiando a nós duas. Dois corpos enfraquecidos pelo orgasmo.

Sorrindo Roberta se afastou de nós, jogando-se na cama e nos chamando. Olhei Noah nos olhos sorrindo, e sorrindo. Minhas mãos mergulharam em seus cabelos e o puxei para um beijo antes de jogá-lo na cama.

— Aproveite, querido — sussurrei, descendo por seu peito. Beijando cada pelinho e seguindo o caminho da glória.

Beijei seu membro, os lábios de Roberta encontraram os meus ali, era uma junção de bocas, línguas e o membro de Noah sendo devorado por nós duas. Deslizei minha língua por sua extensão, abraçando suas veias, enquanto Roberta sugava a ponta. Invertemos os carinhos e nossas bocas se encontraram outra vez no topo.

Um rugido abafado ecoou no quarto. As mãos de Noah puxaram os lençóis. Deixei sua ereção aos cuidados de Roberta e subi por seu peito, buscando os lábios dele, buscando seus olhos. Enquanto Roberta fodia meu namorado com a boca, acariciei o rosto dele, fazendo-o me olhar.

— Eu te amo... — sussurrei antes de beijá-lo outra vez. Ele correspondeu urgente, por alguns segundos nossa convidada foi esquecida e éramos apenas nós dois no nosso mundo de amor particular.

Afastei-me de Noah e pedi a Roberta que montasse nele, dessa vez era eu quem queria observar. A incerteza nos olhos do homem que amava foi suavizada quando sussurrei que queria vê-lo foder com ela como se fosse comigo.

Roberta gemeu ao se encaixar nele... Eu sabia como era, sabia o quanto era bom ser preenchida por ele, ser fodida por ele e, acima de tudo, como era ser amada por ele. Infelizmente, ou felizmente, essa última parte apenas eu sabia como era. Isso era o diferencial, não importava quantos passassem em nossa cama, Noah era meu, somente a mim ele se entregava plenamente. O resto era... resto.

Noah gemeu... Nossa convidada também.

Inclinei meu corpo sobre ele e beijei seu peito, desbravando seus pelos macios e repousando em seu pescoço. Ronronei como um gato em seu ouvido, miando de excitação.

— Penetre ela com força... — incentivei em seu ouvido. — Como se estivesse possuindo a mim, Noah.

Vi-o agarrar os quadris de Roberta e investir pesado. Ela se contorceu, lançando o corpo para trás e voltando com mais violência.

Beijei o pescoço dele, gemendo o quanto aquilo era bom e que queria mais...

— Assim, amor, assim... — arfei e fiz algo que há muitos meses não fazia, me toquei.

Quando Carlos e eu ainda tínhamos algo, o único modo que eu encontrava prazer era comigo mesma. Meus dedos eram mais eficientes do que ele e nesse momento estavam sendo solicitados. No entanto, não era o cenário triste de uma mulher sozinha e frustrada, mas sim o de uma mulher tão excitada que a necessidade de se tocar e liberar todo esse desejo pulsante era tão urgente, e tão necessário quanto respirar.

Sentei-me em meus calcanhares e me toquei, girando meus dedos em meu clitóris, exigindo que o prazer ali saísse... Notei que os olhos de Noah estavam em mim, observando meus movimentos fascinado.

Gritei, chamando por Noah, enquanto meu corpo convulsionava pelo orgasmo. Em seguida, Roberta e, por fim, Noah... Uma compassada sinfonia de prazer ainda reverberava nas paredes.

Caí exausta de um lado, Roberta do outro e Noah entre nós tentando voltar da sua pequena experiência de morte.

Quarenta e três

Fechei meu diário e respirei fundo. Senti-me cansada, exausta, como se semanas da minha vida tivessem passado e, no entanto, foram algumas horas.

O relógio ao lado da TV indicava que logo devia amanhecer.

Coloquei meu diário embaixo do travesseiro de Noah e me aconcheguei na cama puxando as cobertas.

— Não deveria ficar lendo até tarde. — Ouvi uma voz resmungona. Sempre a mesma história.

— Culpa sua, quem mandou me deixar — rebati de olhos fechados, sentindo como se um caminhão tivesse me atropelado.

— Eu sempre vou estar aqui. — Ainda de olhos fechados vasculhei a cama e tudo que encontrei foi o diário. Envolvi-o em meus dedos, buscando companhia.

— Eu sei...



Perto do meio-dia consegui sair da cama. Eva estava na cozinha, perguntei por Kelly e fui informada que ela ainda estava na praia. Torci o nariz e Eva sorriu, ela sabia a aversão que tinha por sol e areia, Noah fazia questão de espalhar esse fato a qualquer carioca que conhecêssemos.

Tai e Kelly tentaram, sem sucesso, me arrastar à praia. Ameacei envenenar as duas na ceia de Natal se não me deixassem dormir e assim elas fizeram, sabiam que eu não seria a melhor companhia. Não sou nem em dias

normais, de ressaca e com a cabeça querendo explodir era capaz de afogar as duas no mar.

Pedi a Eva que levasse chá e torradas para mim no gazebo, precisava de ar fresco.

No meio do caminho desisti do chá e subi para trocar de roupa. Vasculhando meus pertences antigos encontrei um especial. Olhei-me impressionada diante do espelho. O biquíni vermelho que comprei quando tentei seduzir Noah na praia, ainda servia.

— Vai à praia, dona Patrícia? — Eva questionou completamente horrorizada, fazendo-me sorrir.

— Piscina, pode me levar algo para comer?

— Claro, só um minuto.

Deixei Eva na cozinha e segui pelo caminho de pedras que levava à piscina. Não vim sozinha, trouxe meu diário, uma caixa de som e o pen drive de Kelly. Enrolei meu diário na toalha e deixei a música rolando. Sentei-me na borda da piscina. Fazia algum tempo, semanas, meses, que eu não sentava aqui.

Sorri olhando em direção ao som... Kelly sempre foi fã de trilha sonora de filmes, como não esquecer *This never happened before* de Paul McCartney? Um clássico de *A casa do lado*. Um lindo filme e uma bela canção:

*Agora eu vejo, era para ser desse jeito
Eu conheci você e agora eu vejo
Era assim que deveria ser...*

— Será mesmo? — questionei, olhando o aparelho de som esperando que Paul McCartney me respondesse. — Será que era para ter sido desse jeito?

*Era assim que deveria ser para os amantes
Eles não deveriam seguir sozinhos...*

— Não diga, Paul? Os amantes não deveriam seguir sozinhos... —
repeti os versos da música. — Concordo.

Não é bom quando se está sozinho...

— Não é bom quando se está sozinho? — perguntei, repetindo os versos e sorrindo amarga para o aparelho de som. — Não ser bom chega a ser eufemismo, Paul.

Joguei meu corpo na água e nadei para a outra borda.

— A perda é uma praga — digo para o nada. — No dicionário o significado vem como ferida, ou algo que causa danos, não existe descrição melhor.

Tantos planos, tantas coisas ainda tínhamos para fazer e viver. Ao longo dos últimos três anos eu sempre desejei a mesma coisa, ter mais tempo. No entanto, mais uma hora, um dia, um ano ou a vida toda, nunca seria suficiente. Isso, de certo modo, me traz conforto.

Mergulhei na piscina assim que Eva se aproximou, lavei meu rosto, mas pela maneira como ela me olhou sabia que devia estar com o rosto vermelho pelo choro.

Agradei a bandeja, secando meu corpo e minhas mãos. Estendi a toalha em uma esteira na sombra, servi-me uma xícara de café e peguei meu diário.

Já que não pude estender meu tempo com Noah, ao menos podia revivê-lo.

Busquei meu marcador.

— Querido diário...

Quarenta e quatro

13 de maio de 1980

Querido diário,

Foi gloriosa e terrível a manhã seguinte. Eu lembro de acordar cedo, a ideia era preparar o café, mas me sentei no sofá e chorei, chorei como nunca havia chorado na vida. Eu não estava triste ou arrependida, era um alívio. Eu não sabia como me sentiria depois, achei que me sentiria suja, uma imoral, como a voz em minha mente me dizia, mas eu me sentia tão bem, tão leve, que eu só conseguia chorar.

Era uma sensação de liberdade tão grande que me sufocava, como um prisioneiro que enfim ganha a sua liberdade. Todos os imperativos morais que me foram atirados na face desde pequena de repente não existiam mais. Os grilhões estavam abertos e caídos no chão, esquecidos...

Rio de Janeiro, agosto de 1978

Eu estava soluçando no sofá.

Tentei parar, mas não consegui. Respirei fundo, e quando pensei que não havia mais lágrimas, tudo recomeçou outra vez.

— Pah?

Engoli meus soluços e preendi minha respiração. Levantei-me do sofá, mantendo-me com a cabeça baixa, assim Noah não perceberia o meu estado. Tentei ir para a cozinha, mas acabei esbarrando na montanha de homem que era Noah.

Imediatamente fechei os olhos, queria gritar de frustração, pois mesmo com os olhos fechados eu podia sentir lágrimas escapando e

deslizando em meu rosto. Os dedos gentis de Noah tocaram meu queixo, erguendo meu rosto, não consegui encará-lo. Não abri os olhos, mas as lágrimas continuaram.

— Pah, o que houve? — Neguei enrijecendo o corpo, tentando fazer tudo parar. — Alguém morreu?

Um riso quase escapou.

— Eu — respondi entre soluços —, eu morri.

— Amor, você experimentou alguma coisa e...

Finalmente meus olhos se abriram. Fúria, fúria intensa. No entanto, Noah me olhou cauteloso e confuso. Limpei meu rosto da melhor forma que consegui e desisti de lutar. Não sabia que era humanamente possível chorar um oceano em minutos.

— Pah, estou ficando assustado. Está ferida ou algo assim?

— Não... Eu estou bem.

— Precisamos discutir o conceito de estar bem, Patrícia. — O tom gozador dele conseguiu arrancar uma linha rápida de sorriso em meu rosto.

— Acordei pensando em ontem e...

— Estava chorando por ontem? — Assenti despreocupada, mas a reação de Noah chamou a minha atenção. Ele pareceu congelar.

— Noah! — chamei, estalando os dedos na frente dele e nada. — Noah! — Tentei outra vez. Seus olhos finalmente transmitiram vida e acertaram os meus.

— Eu passei dos limites ontem? É por isso que está chorando? Porque, amor, eu juro que...

— Não! — o interrompi percebendo seu desespero. — Eu... eu não sei como explicar, mas eu não estou chorando por raiva, ciúme ou tristeza.

Chamei Noah até o sofá e sentamos um de frente para o outro. Queria que ele soubesse como me sentia. Seus olhos estavam fixos em mim. Sua respiração era compassada, reconheci como uma tentativa de se manter calmo.

Confessei a ele o que gritava em meu coração. A noite passada foi mais que apenas sexo. Foi mais que um jogo. Foi meu grito de independência... Meu choro, foi como a alegria de um prisioneiro condenado à morte injustamente, mas que no último segundo provava a sua inocência.

Quando eu disse que morri, estava falando da Patrícia cheia de preconceitos. Da eu que vivia em uma bolha, infeliz, usando a máscara da independência para disfarçar o quão miserável eu me sentia por dentro, a ponto de aceitar me casar com um homem por quem eu não sentia absolutamente nada que fosse real, nada que fosse aproveitável, nada que fosse saudável.

Eu estava tão presa que já havia me acostumado a estar na gaiola. Quando se passa tanto tempo cercada por grades a ausência delas assusta, parece errado e você surta. Eu surtei, diversas vezes. Talvez ainda volte a surtar. É difícil tomar decisões, criar as próprias regras sem ignorar as demais.

Esse grito, meu choro, minha liberdade, não estava diretamente ligada ao sexo, embora tenha sido um meio delicioso de chegar até ela... Estava mais para olhar a minha vida e ter a certeza do que eu queria. Fazer escolhas, às vezes egoístas, às vezes altruístas, desde que fossem o que eu queria escolher, não o que alguém me disse que seria o certo, o digno, ou o moralmente aceito.

Hoje, eu silencie as vozes e não o contrário.

Noah me abraçou, e por mais que eu tentasse, ainda não conseguia parar de chorar.

Quarenta e cinco

Vozes esganiçadas me fizeram largar o diário.

— Como você pode trocar praia por uma piscina, Patrícia? — Kelly reclamou, jogando as coisas no chão e areia em mim ao passar.

— Não tem areia — expliquei, tentando me livrar dos grãos em minha perna. — Não tinha.

— Vejo que tem companhia. — Tai apontou o diário, não disse nada.

— O que vamos fazer hoje à noite?

— Bom, eu tenho um marido esperando que eu volte pra casa — Tai comentou, e Kelly rosnou direcionando seus olhos para mim.

— Eu sempre tenho medo quando você pergunta isso — disse, e ela sacudiu a saída de praia em cima de mim. Meu corpo paralisou pela areia nada bem-vinda. — Obrigada.

— O que propõe? — Tai perguntou já sabendo onde isso iria dar.

— Dançar... Eu andei fazendo uma pesquisa e não vão acreditar. — Tai e eu nos olhamos tentando não rir, vindo de Kelly não seria boa coisa. — A Royal vai abrir para uma edição comemorativa.

— Espera, o quê? — praticamente gritei, colocando-me sentada na espreguiçadeira. — Quem?

Kelly pegou o celular na bolsa e seus dedos rolaram na tela em busca de algo. Olhei Tai sem entender e ela negou, silenciosamente me dizendo que não sabia de nada.

A disco foi vendida, há muito anos, em 1987 mais especificamente. Quando o tráfico venceu foi impossível controlar o consumo, vieram guerras e tudo foi indo ladeira abaixo. Manter o lugar aberto não era mais vantajoso,

a não ser que os donos se rendessem à onda do pó. Noah e John investiram em imóveis depois disso. Casas, apartamentos, pontos comerciais, todos espalhados pela cidade e que até hoje rendiam bons lucros a mim e a Susan.

— Aqui! — Kelly me estendeu o celular. O anúncio era claro: Venha reviver os bons tempos. Fotos internas e externas da disco, toda repaginada, estampam o anúncio. — Nós vamos, certo?

— Eu preciso... Almocei sem mim.

Levantei-me apressada da espreguiçadeira com meu diário em mãos. Eu precisava ligar para Susan.

— Pah! — Ignorei os chamados de Tai e subi as escadas correndo.



Desci do carro sem acreditar que estávamos realmente ali, outra vez. O nome *Royal Palace* brilhava acima de uma porta escura de madeira. Não havia ninguém na entrada, sinal de que todos já deviam estar lá dentro. Como na primeira vez.

Olhei minhas amigas e me peguei sorrindo. Olhando nossas roupas coloridas, chamativas e brilhantes demais para uma noite carioca de 2022, foi como ter vinte e poucos outra vez. Um carro parou atrás de mim e fui atraída pelo meu próprio reflexo. Calça dourada, blusa branca e o colete horroroso marrom de tiras de Noah.

— Vamos entrar? — Kelly me chamou animada, e pedi a ela um minuto, mas avisei que podiam ir sem mim.

Há quantos anos eu não ia ali? 32 ou 33 anos? Depois que Noah vendeu o lugar, os novos donos tentaram manter a disco, mas logo fecharam pelo mesmo motivo que Noah. Depois tentaram fazer um hotel, foi o que mais durou, mas fechou nos anos 90. O lugar estava abandonado, até agora.

— Patrícia! — Ouvi uma voz amiga atrás de mim.

— Você veio. — Abri os braços para receber Susan. Ela ficou tão surpresa quanto eu.

Nós nos olhamos. Dei uma volta para exhibir a minha roupa, de imediato ela apontou o colete e automaticamente o comprimi. Susan estava incrível, calça prateada, blusa branca e blazer também branco. Estamos parecendo o *cast* de *Mamma mia 2*, Susan combinaria perfeitamente com a Cher.

— Acredita que estamos aqui? — perguntou, e neguei respirando fundo antes de entrar.

Assim que entramos Susan e eu nos olhamos em silêncio, lamentando. Tudo estava diferente. Ainda era o mesmo prédio, as mesmas disposições de mesa, bar, palco e pista de dança. No entanto, as luzes, o cheiro, a decoração... Tudo moderno demais para a intenção de reviver os bons tempos. Sem contar as ausências mais importantes, nossos maridos.

Susan e eu nos dirigimos até o bar, avistei minhas amigas. Bebidas modernas demais, coloridas demais e de certo modo, vodka cara demais.

Apontei um grupo de jovens mais ao fundo consumindo o que parecia ser cocaína. Isso parece ser a única coisa que não mudou.

— Lembra o seu primeiro porre aqui? — Tai comentou e tentei me enterrar no copo de gim-tônica.

— O lado bom foi você ter ido parar no quarto do Noah.

— Abatedouro — corriji, e todas riram, inclusive Susan. Conteí a ela como conheci os demais andares da casa.

— O que será que fizeram nos outros andares?

— Acham que ainda é uma... — A frase de Kelly morreu e nós quatro nos olhamos nervosas.

Reforçamos nossas bebidas e seguimos em direção às escadas. Para nossa surpresa não havia seguranças, então pudemos passar. Tivemos mais uma decepção, não havia nada no segundo andar.

Vazio.

Nós nos espalhamos pelo espaço, observei os corredores silenciosos e me peguei sorrindo. Se eu fechasse meus olhos, conseguia voltar anos atrás.

Os gemidos, os corpos, os risos...

Noah...

— Vamos voltar — Kelly chamou, tirando-me do transe. Busquei Susan, ela estava mais adiante, parada em frente à antiga sala deles. Trocamos olhares rápidos, outro lamento silencioso.

Frustradas descemos as escadas e levamos bronca, finalmente um segurança apareceu e avisou que o andar não estava ativo. Pegamos um dos camarotes, a vista sempre foi privilegiada dali. Para uma festa que deveria ser para recordar, o lugar estava cheio de jovens que, com certeza, ainda não estavam nem em projeto quando a disco estava no auge.

Na pista *Hot Stuff* de *Donna Summer* fazia todas as crianças dançarem e, claro, do nosso posto não deixamos de rir da falta de gingado de alguns, embora um ou dois nos surpreendessem.

— Olhem aquele garoto. — Kelly apontou um rapaz no centro da colorida pista de dança. — Acho que a ideia dele era *Embalos de sábado à noite*...

— Mas acertou em uma versão boy do Elvis.

Desisti de olhar a tentativa de coreografia do rapaz. Meus olhos varreram a disco, revivendo momentos e...

— Eu não acredito! — gritei com os olhos presos na entrada da disco.

— O que foi?

Deixei minhas três amigas no camarote e desci correndo, tentando não tropeçar com esses saltos exageradamente altos. Parei sem ar diante do meu alvo.

— Roberta?

— Pah! — Seus olhos azuis brilharam em minha direção. — Quando o tempo vai começar a afetar você, querida?

Neguei sorrindo, era muito bom vê-la, principalmente hoje, ali e depois das minhas últimas leituras.

— Eu? Olha só você... — Sem poder evitar meus olhos a mediram de cima a baixo. Ela estava incrível. Os cabelos continuavam curtos, isso ela nunca mudou, mas agora totalmente brancos, ou melhor, platinados. Em seus lábios o mesmo sorriso fácil e travesso de anos atrás.

Vozes ofegantes ecoaram atrás de mim. Tai, Kelly e Susan nos observavam tentando buscar ar. Imagino que descer as escadas como uma maratonista as tenha assustado. Assim como eu, Susan se surpreendeu ao ver Roberta ali, a última que estivemos juntas assim foi há uns dois anos e ainda não era um dos meus melhores momentos.

— O que faz aqui? — perguntei confusa. Era ótimo vê-la, mas ela se mudou para Miami com o marido anos atrás e sempre que retornava ao país me avisava.

— Há alguns dias soube dessa noite da *Royal*, imaginei que te encontraria aqui.

— Acredita nisso? — Ergui os braços apontando nosso entorno.

— O lugar já teve dias melhores — comentou e isso não tive como negar.

Desistimos de ficar na *Royal*. Não foi a experiência que eu achei que seria, embora tenha sido muito bom estar ali outra vez... Paramos em um restaurante para comer algo decente e seguimos para a minha casa.

Parece que teríamos outra noite das garotas.

— E é assim que se dança — Kelly comentou, aumentando o som. Tai se juntou a ela no meio da sala que virou uma pista de dança improvisada. Senti pelo meu tapete, ele ainda não se recuperou da noite anterior e já estava novamente à mercê delas e suas taças de vinho.

Graças às paredes de vidro do quintal, eu podia observá-las performar ao som de *Dancing Queen* usando controles e uma estatueta como microfone.

Vi Roberta deixar um controle em cima do sofá e se abanando ela se juntou a mim.

— Fazia muito tempo que eu não me divertia assim — disse sem controlar o riso.

— Elas são incríveis. — Ergui minha taça em direção a Kelly quando ela me chamou para dançar. — Como anda a vida de casada?

— Feliz e tediosa como deve ser, e a vida de viúva? — Assim que ela finalizou a pergunta, encarei minha taça de vinho buscando uma resposta. — Desculpe, eu não quis parecer insensível.

— Uns dias são melhores que outros — respondi com um sorriso quase convincente nos lábios.

— Eu queria ter vindo antes, ter passado mais tempo e ter te ajudado a passar por isso.

— Não precisava. Eu mesma não queria ninguém por perto, era algo que eu precisava fazer sozinha.

— Eu sei, mas eu queria estar aqui. — Os dedos dela tocaram uma das mechas de cabelo em meus ombros, ela os enrolou no dedo indicador

deixando um belo cacho ali.

— Está aqui agora...

Sorrimos uma para outra, era bom tê-la ali, não podia negar. Roberta e eu criamos um tipo de conexão, uma amizade, um sentimento, algo nosso. Não era como o que eu sentia por Noah, mas eu gostava de tê-la por perto, Noah também. Tanto que depois do nosso grande momento em 78 ela se juntou a nós, nos tornamos frequentes na vida um do outro. Havia casais poliamorosos, conhecíamos alguns, mas não era exatamente o nosso caso. Noah e eu éramos comprometidos um com o outro, mas adorávamos a companhia de Roberta. Ela sempre foi divertida, alto-astral e o sexo, nossa, era muito bom.

No entanto, queríamos coisas diferentes, Noah e eu gostávamos do contrato silencioso que havíamos selado com ela, mas ela queria mais e buscou. Casou em 1982 com Edgar Richert, um magnata do ramo alimentício. Não houve drama, raiva, brigas, continuamos bons amigos, inclusive, fui madrinha de casamento dela e Noah o padrinho. Nossas brincadeiras não se encerraram exatamente, o jogo sofreu alterações, ela se mudou, mas sempre que vinha ao Rio nos procurava. O marido sabia o que ela fazia, mas não participava diretamente, gostava de nos assistir, era um *voyeur*.

— Você ainda tem aquele...

— Diário? — completei e ela sorriu sem jeito. — Tenho e ainda leio.

— Em que parte da história está? Se é que eu posso saber... — Como todo mundo que foi próximo a mim, Roberta também acompanhou minhas escapulidas para escrever e, assim como os demais, sabia que ele continha memórias, mas não exatamente quais.

— Vou iniciar outubro de 78...

— Ah, os aniversários — ela lembrou, e assenti sorrindo.

— Quer ouvir a respeito? — perguntei e os olhos dela saltaram surpresos. A única pessoa para quem li foi Noah, isso porque ele já tinha lido

boa parte do diário antes.

— Adoraria...

Acendi as luzes do gazebo para que ela me esperasse lá. Minhas amigas na sala nem notaram a minha presença. Agora ligaram a televisão e pelo que notei buscam videoclipes no *YouTube*. Ao entrar no quarto fui direto para a cama, lado direito, embaixo do travesseiro. Pressionei o caderno entre os dedos e desci para o quintal.

No gazebo Roberta me esperava com uma garrafa de vinho e duas taças pela metade.

— Achei que iríamos precisar.

— Provavelmente.

Sentei-me, nervosa, de frente para ela. Suas unhas tilintaram nas taças quando ela as pegou, neguei a minha. Não queria correr o risco de manchar, ainda mais, as páginas.

— Se eu me lembro bem — ela disse, fazendo uma pausa para beber vinho — a sua mãe apareceu na festa, estou certa?

— Está — lamentei e aceitei a taça de vinho, lembrar a ocasião e do quão terrível a minha mãe foi naquele dia me fez querer entornar a garrafa.

— E ela não estava sozinha.

— Não, não estava... — Deixei a taça de lado e busquei o marcador de página. — Querido diário...

Quarenta e seis

15 de maio de 1980

Querido diário,

Às vezes tenho a impressão de que vou passar a vida me desculpando com Noah, e com o resto do mundo, pela minha mãe...

Rio de Janeiro, outubro de 1978

Puxei Noah pela bata e arrastei até o quarto completamente irritada.

— Que ideia foi essa? — perguntei gritando, finalmente soltando a raiva que estava atravessada em minha garganta.

— Ela é sua mãe. — Revirei os olhos diante do argumento dele.

— Ela é um pesadelo.

— Não pode ficar sem falar com ela pra sempre.

— Por que não? Tem funcionado tão bem há anos — rosnei, enterrando os dedos em meus cabelos, bagunçando-os completamente e me livrando da raiva.

— Pah, não haja como uma criança.

— Odeio quando você faz isso — acusei, afastando-me dele. — Odeio quando arma as coisas pelas minhas costas e ainda tenta fazer eu me sentir culpada por não gostar.

— É a sua mãe, caramba!

— Ela é um monstro. — Tentei fazê-lo entender.

Hoje deveria ser um dia especial para nós dois, era aniversário dele e sendo ainda melhor, era o dia em que nos conhecemos na praia. Ele lembrou, foi por isso que ele chegou atrasado ao jogo aquela tarde, estava organizando uma festa na *Royal*.

Tudo estava indo bem, organizamos uma festa linda e intimista para os nossos amigos. No entanto, Noah achou que não era o suficiente, ele queria partilhar nossa felicidade com mais alguém, com a minha mãe e a convidou sem me avisar, e o pior, ela veio.

— Faz um ano, Pah, um ano que as nossas vidas mudaram. Ela precisava ver que se enganou a nosso respeito, estamos felizes e eu te amo. Não vou dizer que amo como no primeiro dia, porque te amo ainda mais.

Rosnei diante das palavras bonitas dele. Sabia que ele queria me amolecer, mas ele não a conhecia. Ela não era um ser humano. Assim que ela cruzou a porta criticou o meu vestido, disse que eu estava parecendo “uma criada”, olhou as pessoas com superioridade, com nojo, se recusou a cumprimentar minhas amigas, como sempre e, como se a presença nefasta dela não fosse o bastante, ainda trouxe um “amigo”, Olegário Galvão, proprietário das terras que faziam divisa com as nossas em Teodoro e, me embrulhando o estômago, o homem com quem ela queria que eu casasse aos dezessete anos.

— Noah, aquele jantar no Natal não foi nada perto de tudo que ela já me fez ou disse. Ela não vai mudar. Ela como um gás nocivo, entra rápido e te destrói.

— Pah...

— Não te incomoda o jeito como ela te olha? — perguntei, sentindo meus olhos ardendo de raiva.

— Não — ele disse tranquilo e sorrindo. Tentou me abraçar, mas não aceitei. — Eu ignoro, porque ela ainda é a sua mãe, Pah.

— Noah...

— Meu amor, eu imagino que as diferenças entre vocês sejam enormes, mas ela é e sempre vai ser a sua mãe. Uma hora vai ter que perdô-la.

— Você só diz isso porque é órfão — soltei sem pensar, e ganhei dele um olhar repreensivo. — Desculpa, não foi isso que eu quis dizer. É só que... não é justo que você tenha que passar por isso enquanto eu não preciso me preocupar. Não tem uma sogra me olhando torto ou reclamando no meu ouvido. Eu sou a chata, você é mocinho, entende?

Ele sorriu e me puxou para sentar-me ao lado dele na cama.

— Minha mãe teria adorado você. — Eu o encarei com dúvida no olhar. — Afinal, a principal coisa em comum entre vocês sou eu.

Desviei meu olhar para poder rir do comentário. Noah e eu não comentamos muito sobre o assunto família, pelo menos não a nossa de sangue. Os pais dele morreram quando ele tinha 15 anos, acidente de carro, e desde então foi só ele e uma tia que também já partiu. A única pessoa que realmente me importava era o meu pai, sabia que ele teria adorado Noah.

— Desculpe pela minha mãe — pedi, e ele sorriu. — Não é que eu a odeie, mas não gosto do que sinto quando ela está perto, me assusta. Não consigo ser eu, é como se ela me batesse só com o olhar, então eu me recuso a fazer qualquer coisa que pareça errado... — Com vergonha, baixei meu olhar e encarei meus pés.

— Desculpe tê-la convidado, não queria que se sentisse assim. — Os braços de Noah circundaram meus ombros, puxando-me para o seu peito, fazendo eu me sentir protegida. — Achei que seria uma boa chance de nos entendermos ou o mais perto disso.

— Meu pai teria gostado de você — disse e na mesma hora os olhos de Noah me acertaram, juntos sorrimos.

— Acho que precisamos voltar à sala. — Assenti em desespero, ele tinha razão.

— Eu só preciso de um minuto e...

Minhas falas foram interrompidas por batidas à porta. Lamentei internamente, devia ser Susan, Roberta ou uma das panteras vindo me lembrar que estava sendo a pior anfitriã da história.

— Onde está a minha filha? — Fechei os olhos desejando que um buraco se abrisse diante de mim e me engolisse.

Noah abriu caminho para que a minha mãe entrasse. O rosto franzido ao passar por ele, se encolhendo como se compartilhar o mesmo ambiente que o meu namorado fosse transmitir a ela algo contagioso.

— Amor — olhei para Noah que sorriu apoiado na porta —, você está linda a propósito.

Mordi meu lábio inferior prendendo o que seria o maior riso do mundo. Pisquei livrando meus olhos das lágrimas que se acumularam ali, dessa vez foi felicidade, emoção pura pelo comentário dele. Simples, mas que fez meu coração saltar e se agarrar àquela informação como verdadeira.

— A essa altura imaginei que você já tivesse caído em si, Patrícia. Achei que essa aventura já teria acabado, mas pelo sorriso idiota no seu rosto, vejo que me enganei.

— Aventura? — repeti questionando, acho que não ouvi muito bem.

— Fase rebelde, então? Eu não sei. — Olhei para ela mortificada. — Pelo amor de Deus, Patrícia, você acha mesmo que esse... esse...

— Esse? — incentivei ameaçadora, já que ela ainda caçava a palavra para descrever o homem que eu amava.

— Homem, acha que esse homem representa algum futuro? Dei a você o tempo necessário para viver a sua fantasia romântica. Agora, podemos voltar à realidade?

— Que realidade?

— A que você esquece esse conto de fadas maluco. — Comecei a rir sem acreditar no que estava ouvindo. — Por favor, olhe você e ele. Princesas se casam com príncipes e não com ogros.

— Quer dizer que o meu príncipe é o seu Olegário? Ele deve ter quase setenta anos, mamãe.

— Não se prenda aos detalhes, pense na vida que esse homem vai poder nos oferecer.

— *Nos* oferecer?

— As coisas estão complicadas, Patrícia... Um casamento com Olegário vai ser muito vantajoso para nós duas. Vamos unir as terras. Você consegue imaginar? As duas maiores fazendas de Teodoro juntas?

— Então, foi pra isso que você veio?

— Patrícia...

— Quer me vender? Outra vez?

— Achei que você tinha criado juízo.

— E eu achei que você tinha entendido o que Noah e eu temos. Achei, de verdade, pela primeira vez que você podia ser minha mãe, que podia me apoiar, mas você só estava... Eu nem sei dizer o que você fez.

— Te dei um presente. Um ano nessa fantasia de princesa e plebeu, agora chega.

— Quer me casar com um homem que um dia me comparou à vaca premiada? — lembrei o dia infeliz em que Olegário Galvão ousou dizer que me adquirir seria como arrematar a melhor vaca de um leilão. Também foi o dia que eu entendi o que minha mãe pretendia com tantas visitas dele à nossa fazenda, e eu estúpida achando que era apenas uma cortesia pelo falecimento do meu pai.

— Foi uma expressão, filha.

— As coisas que você disse, sobre o que via nos meus olhos e do Noah, eram mentira?

— Não! Por isso eu estou aqui, estou salvando você. Não pense que eu não observei a maneira como ele se porta com essa gente, principalmente com as mulheres. Deve ter um caso com uma delas, senão com todas.

— E você notou tudo isso apenas observando os convidados? Parabéns, Bidu![\[14\]](#)

— Olhe como fala comigo, ainda sou a sua mãe.

— Eu sei disso, quem parece ter esquecido é você. — Agora ela soltou fumaça pelas orelhas, enfim alguma reação que não fosse a indiferença.

— O que você acha que vai acontecer com vocês? — questionou e não respondi. Mamãe avançou, sorrateira. Não me afastei. Imittei a pose dela, altiva como se olhasse o mundo de cima de uma torre considerando todos abaixo como vermes. — Acha que vão montar uma linda família feliz de seres primitivos, como *Os Flintstones*?

Cerrei os punhos, sentindo o sangue bombear em meus ouvidos e ferver meus pensamentos.

— Não, você vai acabar sozinha nesse apartamento — o desprezo dela ressoou como uma praga —, com um bando de neandertaizinhos correndo, gritando e chorando enquanto ele se esbalda com cada uma dessas mulheres que dizem ser suas amigas e...

Cega pela raiva, pela dor e pelo medo, cometi o maior dos crimes, provavelmente o meu maior pecado, e acertei uma bofetada em cheio no rosto da minha própria mãe.

— Você é um monstro! — gritei, acusando-a e tremendo.

— Sua... — Ela avançou.

Minha primeira reação foi colocar os braços na frente do rosto, onde ela acertou um tapa e depois outro, senti minha pele arder, então a empurrei. Ela ameaçou voltar, então cobri novamente meu rosto. O rosnar dela chamou a minha atenção e a vi ser contida por Noah que me olhou assustado, enquanto a fera se debatia em seus braços exigindo liberdade.

— O que aconteceu aqui? — Noah perguntou e não tinha como explicar nada agora.

— Me solte ou chama a polícia...

— Como quiser. — Sem muita delicadeza ele a deixou livre. No mesmo instante ela se afastou, mas não havia para onde ela correr, então ficou entre mim e Noah.

— Saia do meu apartamento — disse, tremendo e sentindo dor, não pelos tapas em meus braços, mas por constatar que por mais cruéis e exageradas que minhas palavras para a descrever fossem eram todas verdadeiras — e nunca mais volte, não importa a razão. Isso — indiquei nós duas — acabou aqui.

— Você vai se arrepender.

— Eu duvido muito — rebati, indicando a porta.

Noah saiu junto com ela. Não conseguia me mover, encarei meus braços vermelhos e minha mão que ainda ardia pela bofetada que acertei nela. Não demorou até que um batalhão de mulheres entrasse no meu quarto, todas as minhas amigas. Uma chuva de perguntas começou e neguei tentando não ouvir, tentando ignorar a presença delas. Sabia que queriam ajudar, mas não agora.

— Vocês podem sair, por favor.

Respirei aliviada ao ouvir a voz de Noah. As perguntas silenciaram e pude, enfim, ficar apenas com meus pensamentos que por si só já estavam uma bagunça.

— Eu... — comecei, mas não encontrei as palavras.

— Não precisa falar nada... Ela já foi. — Assenti enterrando meu rosto no peito dele buscando conforto.

— Acho que agora nós dois somos órfãos — constatei e os braços dele ao meu redor se comprimiram.

Achei que todas as vozes repressoras em minha cabeça haviam sido silenciadas, mas ainda faltava uma, a pior delas, a da minha mãe.

— Sinto muito tê-la convidado.

— Obrigada por esbarrar em mim na praia...

Quarenta e sete

Fechei meu diário e corri para a mesinha em busca da taça de vinho. Roberta me encarava sem dizer nada, apenas me observava e observava.

— Sua mãe realmente era uma mulher...

— Detestável? — completei antes de secar a minha taça.

— Vocês nunca se entenderam, não é?

— Não... Chegamos a um ponto em que eu apenas aceitei quem ela era, desisti de tentar mudá-la ou argumentar.

Depois daquele dia achei mesmo que nunca mais a veria, então Noah e eu nos casamos. Dessa vez eu a convidei, queria que ela visse que estava errada, que quanto mais o tempo passava mais apaixonados ficávamos. Ela não falou comigo ou com Noah, apenas marcou presença e se foi ao fim da cerimônia. Então veio Gael, voltamos a conviver, ela aparecia em nossa casa, visitava o neto e ia embora. Em seguida Christian, com dois netos as visitas se tornaram mais frequente e quando a Luíza nasceu aconteceu o improvável, ela se mudou para o Rio, queria ficar mais perto dos netos e não a impedi. Não morríamos de amores uma pela outra, mas nos tratávamos com respeito, e Noah, sempre que podia a evitava. Claro que a maneira de olhá-lo nunca mudou.

— Ela nunca o aceitou, sabia? — disse com os olhos fixos na taça em minhas mãos. — Mesmo depois do casamento, dos filhos, ela não dizia nada, mas o olhava de cima, como se ele não fosse nada. E ele nunca abaixou a cabeça, se comportava daquele jeito dele, todo largado, descabelado, e quando ela vinha nos visitar era pior. Ele amarrava uma camiseta na cabeça, usava a bermuda surrada, chinelos e ia consertar ou quebrar alguma coisa. Nossa, eu via a raiva explodindo nos olhos dela. Eu ria tanto... Com ajuda da taça seco uma das lágrimas inoportunas.

Mamãe morreu em novembro de 1999, era uma tarde de domingo. Ela estava doente e, concretizando tanto o pior pesadelo dela quanto o meu, morando conosco havia alguns meses. Insuportável, resmungona, nada estava bom o suficiente, nunca deu o braço a torcer. Gostaria de dizer que eram as caduquices da idade, mas minha experiência com ela dizia que era apenas ela sendo ela.

Acho que ela sabia que aquele domingo seria o último, pois acordou pior. Gritava que estava sendo maltratada, que não queria estar ali, que não queria ser ajudada por Noah — claro que ela não o chamava pelo nome, mas me recuso a sequer lembrar aquelas palavras —, me olhava dizendo que não ia durar. Fiz o que pude para mantê-la confortável, enquanto ela dizia que eu era o seu maior desgosto. No fim, o coração não aguentou mais e desistiu.

Bocejei, tentando espantar qualquer lembrança daquele dia da mente.

— ... Ela gostava dos netos, ao menos isso.

— Você parece cansada.

— Exausta, na verdade. — Repousei minha cabeça no recosto do sofá em que estávamos. Meus olhos pesaram.

Roberta deslizou no sofá, ficando com o corpo próximo ao meu, nossos rostos a centímetros um do outro. Os dedos dela deslizaram pelo meu rosto, tocando meus lábios e me fazendo sorrir.

Um beijo terno foi depositado em meus lábios.

— Vamos entrar? — ela sugeriu e assenti.

Chega de lembranças por hoje.

Quarenta e oito

Faltavam três dias para o Natal e finalmente tivemos uma pausa. Kelly estava determinada a transformar a minha casa em um cenário de filme natalino hollywoodiano. Não tinha mais certeza se Los Angeles fez bem a ela.

Joguei meu corpo no sofá e a deixei vasculhar as sacolas de compras. Enfeites, fitas, fantasias, bonecos, gorros, algodão e até neve artificial ela comprou. Íamos parecer a casa do Papai Noel. Meu celular vibrou na bolsa e sorri ao ver a mensagem, uma foto.

— Que sorrisinho é esse, Patrícia? — Kelly perguntou cheia de insinuações e se jogando meu lado no sofá.

— Gael mandando foto com as crianças — esclareci, ela faz bico e gemeu decepcionada. — Eles estão babando.

— E não são os únicos. — Zombando ela indicou uma baba inexistente em meu queixo, mas poderia muito bem ser verdade. Não negava o encanto que sentia toda vez que olhava cada neto, os de Gael principalmente.

— Meus netos são lindos. — Mostrei a ela a foto que meu filho mandou e de fato não havia como negar que ele e o marido formavam uma família linda.

— As crianças são a cara deles.

— Eu sei. — Olhei a foto saudosa, não via a hora de revê-los.

Sabia o que esses dois anjinhos representavam para o meu filho mais velho, o famoso grito de liberdade. Depois de anos sendo bombardeados com a terrível frase: “dois iguais não fazem filhos”, há quatro anos e dois meses nasceram Thaisa e Thiago, os gêmeos mais lindos e amados do mundo. Foi uma vitória sem tamanho. Ainda lembro a emoção do meu

menino ao me contar que a inseminação na barriga de aluguel havia dado certo e que ele e o marido logo seriam pais. Noah ficou radiante com a notícia. Era o pai e avô mais orgulhoso do mundo.

— Com todo respeito, Patrícia — Meus olhos foram para Kelly que esticou os dela para a imagem em meu celular —, mas o seu genro não lembra alguém?

Voltei a encarar a foto, mais especificamente um personagem dela, Tadeu, o marido do meu filho.

— Alguém tinha que puxar a mim, não? — comentei sorrindo.

A aparência de Tadeu sempre foi motivo de piadas entre nós. A semelhança com Noah era impressionante, ele só não era hippie, mas o tamanho, porte físico, a barba cheia e, claro, o cabelão lembravam muito o rato de praia que era o meu marido em 77. Espero que esteja fazendo meu filho tão feliz quanto Noah me fez.

— Não chora... — Kelly pediu com certa zombaria na voz. — Vou precisar de você para decorar a casa.

As lágrimas sumiram.

— Eu preciso de um banho e talvez descansar — avisei, levantando-me do sofá e a deixando em choque no meio da sala.

— Mas...

Eu a ignorei e subi as escadas até que seus resmungos fossem abafados pelas paredes do meu quarto... Fiz o que disse que faria, banho e descansar. No entanto, dormir nunca passava pela minha mente quando pensava em descansar.

Voltei ao meu ritual quase esquecido devido ao agito dos últimos dias. Deixei o ar em uma temperatura confortável e busquei minha *playlist* de leitura no *YouTube*. As batidas inconfundíveis de *It must have been love* de *Roxette* invadiram meu quarto trazendo verdades em seus versos:

*Eu acordo sozinha, tudo é quieto
No quarto e em toda parte...*

Busquei meu marcador entre as páginas amareladas do meu diário.

*Faça-me acreditar que estamos juntos
Que estou amparada em seu coração...*

— Querido diário...

Quarenta e nove

17 de maio de 1980

Querido diário,

Algumas páginas atrás, para descrever uma noite como essa, escrevi a respeito das nossas escolhas e sobre como nossas vidas transformam-se a partir delas.

Na virada do ano de 77 eu surtei, tudo bem que não é novidade, talvez eu deva especificar o surto. Foi a noite em que descobri o quartinho de Susan. Eu lembro do pavor, do nojo, da excitação e da confusão em minha mente. Hoje, eu sou capaz de sorrir e me interrogar em como pude agir daquela forma?

Escolhas, eu estava diante de uma situação inusitada e fiz uma escolha.

É interessante repensar nossas escolhas e onde estaríamos se tivéssemos feito algumas de modo diferente. Aonde chegamos com as decisões que tomamos? Um bom lugar? Um lugar razoável? Algo para se arrepender?

Não me arrependo de ter fugido aquela noite, não me arrependo dos dias separados e gosto de onde cheguei. Não por estar feliz, mas pelo tanto que cresci nesse processo. Fazer a escolha certa parece fácil, como se te guiasse por um caminho rosa sem dor, mas a escolha supostamente errada é mais importante do que imaginamos, ela nos modifica, nos molda, nos acerta o tapa que nos desperta para a realidade e, de um jeito menos cor de rosa, nos leva ao lugar em que realmente devemos estar...

Rio de Janeiro, noite da virada de 1978

Susan estava na área da piscina, cercada de convidados, dando um dos seus belos discursos sobre como a noite prometia ser incrível. Ela estava certa.

Eu estava dentro da casa com uma taça de champanhe em uma mão e uma *Drix* em outra. Não que eu estivesse nervosa e precisasse relaxar, apenas queria aproveitar a noite, aproveitar o ano, aproveitar Noah. Falando nele, estava mais a frente com John e Rebecca, pelo que fiquei sabendo, ela seria a companhia do jogo de Susan e John mais tarde. Ontem fomos nós quatro, ainda não era dia de festa, então tivemos o quartinho só para nós e isso deixou minha cabeça fervilhando com ideias indecorosas e todas envolvendo o homem que se aproximava de mim com um sorriso lindo e sexy no rosto.

— Fugindo de mim, amor?

— Pensando em você, na verdade... Tive umas ideias.

A noite de jogos estava oficialmente iniciada. Alguns casais passaram por nós buscando um cômodo da casa para se divertir, outros ficaram na área da piscina jogando uma espécie *strip charada* com Susan e John.

Virei a champanhe juntamente com a *Drix* antes de abandonar minha taça vazia em uma bancada e fazer o mesmo com a de Noah. Os olhos dele me acertaram curiosos, apenas sorri travessa e o arrastei por um caminho familiar.

O do quartinho.

— O que está pensando, Pah? — sedutor ele sussurrou, mas não deixei que se aproximasse de mim, ainda não.

Espalmei minhas mãos em seu peito e o pressionei contra a parede em frente à porta do quartinho. Dessa vez ele escolheu uma bata branca com botões na frente, um a um, abri todos, deixando o caminho livre para meus dedos serpentear entre seus pelos, puxando pequenos montes e fazendo-o rosnar a cada novo atraco.

— Sabe, Noah, você sempre fala o quanto é uma delícia me observar enquanto fazemos amor — murmurei contra o peito dele, beijando um mamilo e buscando o outro. — O quanto ama os meus seios, o meu corpo, mas nunca se perguntou como é observar você?

Ergui meu olhar para encarar seu rosto, confusão e malícia transbordavam naquele brilho negro.

— Os seus músculos — tracejei seu abdome com meus dedos, sentindo-o se retesar e respirar fundo —, a sua pele, ah o gosto da sua pele...

Deslizei minha língua por sua jugular, sentindo-a pulsar, assim como seu coração pulsava sob meus dedos. Arranhando, tracejando, desbravando cada pelo, subi por seu pescoço, invadindo seus cabelos e me apoiando em meus ombros para escalar até seu ouvido.

— Os seus olhos, os seus rugidos, a maneira como você se movimenta, como os seus dedos cravam na minha pele — gemi entre dentes, controlando meu desejo de tê-lo naquele corredor mesmo. — E claro... — Forcei meu quadril contra o dele e encontrei seu membro de prontidão, apenas aguardando o meu comando.

Afastei-me o suficiente para abrir a porta do quartinho e puxar Noah para dentro. A luz rosa me permitiu ver que havia outros casais ao nosso redor. Os sons ainda eram contidos, apenas arfadas e alguém pedindo por mais.

— Você é um espetáculo, Noah...

Paramos diante da cama redonda, hoje ela seria o nosso palco. Indiquei a Noah que ele devia sentar, e assim ele fez, sem desviar sua atenção de mim um segundo sequer.

— Qualquer um pode nos ver, certo? — perguntei mesmo já sabendo a resposta. Levemente sua cabeça subiu e desceu. — Então, que nos vejam, apreciem e invejem o nosso show.

A luz rosa se concentrou bem em cima da cama, como o feixe de luz de um palco que revelava e acentuava a atração principal, Noah e eu.

Sorrindo maliciosa, deslizei minhas mãos por seu peito e braços para expulsar aquela maldita bata do corpo dele, ela não se fazia necessária, então caiu esquecida no chão.

Dei as costas a Noah, e por cima dos ombros sinalizei meu zíper. Eu disse que daríamos um show, então nada de roupas, nada de censura, não ali, não no sexo. O vestido folgou em meu corpo, deslizando lentamente até ser também esquecido sob meus pés. Não usava calcinha ou sutiã, ambos se revelaram peças inúteis em meu vestuário.

Arqueei meu corpo quando as mãos do homem que amava colaram em minha cintura, subindo por minhas curvas até se moldarem aos meus seios.

— Lindos... — Sorri com o elogio dito contra a minha bunda. Sem a menor vergonha a empinei contra ele. Seu rosto estava ali, seus lábios distribuíam beijos, sua língua me lambia e seus dentes marcavam-me como sua.

Minhas mãos encontraram as de Noah em meus seios e embora eu amasse seu toque, sua posse, havia outro lugar onde as desejava mais. Principalmente agora que sua língua tão ávida explorava minhas costas, lembrando-me das maravilhas que ela era capaz de fazer. Guiei suas mãos até o meio das minhas pernas. Ambas me massagearam, deslizando pela parte interna das minhas coxas, em um toque íntimo, excitante, lascivo...

Estremeci surpresa quando uma de suas mãos agarrou minha cintura, mantendo-me imóvel, enquanto a outra continuava a explorar entre minhas coxas, cobrindo meu sexo por inteiro e comprimindo-me ali. Um gesto de posse e desejo que me fez gritar por ele estar massageando e roçando todos os pontos especiais de uma única vez.

Não podia ser real...

Minha respiração ecoava cansada, como se eu estivesse correndo e, no entanto, nem saí do lugar. Seus dedos grandes e habilidosos abriram caminho entre meus pelos, agora aparentes, para que seu dedo do meio desbravasse por um caminho deliciosamente perigoso, o meio de tudo,

banhando-se na umidade entre minhas pernas, acariciando meu clitóris, e deslizando com facilidade para dentro e para fora. Uma, duas, cinco, dez, vinte vezes...

Choraminguei mordendo meu lábio inferior, desejando mais, roçando meu quadril em sua mão buscando mais contato.

— Mais, Noah...

Quanto mais ele investia, mais meu corpo ficava inquieto. Sua língua lambendo minhas costas, meu traseiro, seus dentes marcando-me nos quadris e agora um segundo dedo me invadindo. Entrando e saindo, de novo, de novo e de novo. Mais rápido, mais forte, mais fundo... Um terceiro dedo foi o suficiente para me fazer perder o equilíbrio. Achei que fosse desmoronar, mas a parede de músculos que tinha como namorado estava em pé, oferecendo-me sustentação.

Apoiei minha cabeça em seu peito, esfregando-me contra a sua ereção, que para o meu azar ainda estava aprisionada pela maldita calça de linho que ele usava. Minhas mãos fecharam-se em concha em meus seios, os pressionei com força, estavam ardendo. Em realidade, meu corpo inteiro ardia, como uma alma que fora condenada ao inferno.

Queimando, queimando e queimando...

As pulsações entre minhas pernas aumentando segundo a segundo, as contrações indo no mesmo ritmo. Agarrando e sugando os dedos de Noah, engolindo-os, amando-os e rejeitando-os por não ser seu membro. Um torturante e prazeroso paradoxo.

Eu sentia que não estava mais em meu corpo, estava sendo arrebatada para outro plano. O prazer parecia se concentrar em todas as minhas extremidades, meus mamilos doíam, meus dedos dos pés se contraíam querendo deixar o chão e, merda, o que acontecia entre minhas pernas era celestial.

— Goze, Pah... — O pedido invadiu meu ouvido junto com lambidas e mordidas.

Perdi o ar e a fala quando o orgasmo me atingiu. Encarei o teto cor de rosa sorrindo extasiada.

Girei no meu próprio eixo ficando de frente para Noah.

— Eu preciso de mais, preciso de você... — Avancei tomando seus lábios, possuindo e chupando sua língua.

Não perdi tempo e o liberei da última peça inútil de roupa. Agora ele estava nu, gloriosamente nu e era todo meu. Sem nos separar nos acomodamos na cama que, de repente, pareceu encolher. Algo que eu sabia ser impossível, pois no dia anterior acomodou muito bem Susan, John, Noah e eu em nosso joguinho particular e agora parecia que só cabíamos nós dois. Talvez o mundo tivesse encolhido, coisas impossíveis pareciam acontecer quando estávamos nos amando assim.

Meu corpo foi completamente engolido pelo dele. Estávamos juntos há tanto tempo que, às vezes, esquecia o quanto parecia insignificante ao seu lado. O quanto era bom tê-lo por cima e me sentir protegida, inalcançável para o resto do mundo, pertencendo apenas a ele.

Fechei os olhos e levitei quando seu membro me consumiu, indo fundo e parando para que minha carne o recebesse. Dessa vez foi Noah quem não se moveu. Nossas testas estavam colocadas, nossa respiração era uma só... Com a manha de um gato preguiçoso rocei nossos narizes, deslizando em sua barba que estava mais cheia, já quase não se notava as costeletas e o cavanhaque, tudo agora parecia um só, como nós dois.

Noah serpenteou sobre mim, entrando e saindo. Seu quadril deslizando sob minhas mãos... Busquei seu traseiro e o apertei, impulsionando-o contra mim e ele veio. Enlacei sua cintura com minhas pernas, mantendo nossos corpos ainda mais unidos, seus braços me envolveram e ele me beijou... Rosto, pescoço, ombros, onde seus lábios conseguiam chegar.

Queria seus lábios, desejava seus beijos... Arfei contra aquela boca deliciosa e tentadora, respirando da melhor forma que conseguia. Noah mordeu meu queixo, fazendo-me gemer seu nome, diretamente em seu

ouvido, como um segredo. Ele intensificou os movimentos, indo mais fundo e com mais vigor, abrindo-me enquanto me contraía ao seu redor.

— Mais rápido... — pedi ao sentir minhas contrações aumentarem tornando seus movimentos vitais a minha existência em terra. — Isso... Assim...

Deslizei minhas unhas em suas costas expressando prazer, buscando apoio, marcando-o conforme ele ia e vinha, em movimentos urgentes. Algo em mim pareceu estar se partindo, mas não havia dor. Quer dizer, não uma dor ruim, mas algo tão bom que não havia como descrever. Era apenas um desejo de fechar os olhos e partir.

— Pah... — Sua voz me acertou sofrida, como se ele estivesse partindo. Vi a luta que seu corpo travou com o desejo, indo à beira do abismo e recuando.

— Deixe vir, amor... — pedi, contraindo-me contra ele, sugando-o e guardando-o dentro de mim.

Noah se enterrou com força. Nessa hora gritei cravando as unhas nos lençóis e levitando com tanta força que levei seu corpo comigo.

Gozamos.

Congelamos no ar, pairando por segundos, como se estivéssemos voando, partindo...

O cetim do colchão sacudiu quando caímos. O tempo pareceu ter voltado a correr. Respirei incrédula, tentando entender o que fizemos nos momentos finais.

Os olhos de Noah me atingiram, ele sorriu e eu também. Mordi meu lábio inferior negando o questionamento silencioso que ele estava fazendo.

Foi incrível...

— Eu te amo — consegui dizer com ele sobre mim.

— Cinco minutos, Pah. Me dá cinco minutos...

Não controlei o riso. Envolvi Noah em meus braços, ignorando tudo mais ao nosso redor.

Cinquenta

17 de maio de 1980

Querido diário,

O ano de 79 começou agitado, era segunda-feira, eu nunca vou esquecer. Normalmente segundas são preguiçosas, afinal, ainda estamos nos recuperando do final de semana, e nesse caso a recuperação envolvia também um feriado e um show erótico diante de amigos e alguns desconhecidos.

Era para ser apenas isso, um dia preguiçoso...

Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1979

Embora Susan tivesse insistido para que ficássemos, eu realmente queria sentir a minha cama, os meus lençóis e, claro, tomar um banho demorado.

Não conseguia para de sorrir, não sabia se por estar em casa ou pelo que fizemos. Imaginava que fosse os dois.

— Finalmente — comemorei assim que cruzamos a porta. Foi difícil chegar. A maioria das ruas que davam acesso a Ipanema estavam fechadas e o resto da cidade mergulhou em um caos completo.

Joguei meus sapatos longe. Ia sucumbir ao chamado do sofá, mas Noah enlaçou minha cintura e saiu me arrastando em direção ao quarto.

— Banho!

— O chuveiro é pequeno, mal cabe você sozinho — resmunguei, indicando meu zíper nas costas. Noah já estava nu e ligando o chuveiro.

Em outra ocasião teria adorado o banho, o pouco espaço e o tamanho avantajado do meu namorado que nos obrigava a assumir posições... íntimas, do contrário não conseguíamos sequer nos mover, mas no momento tudo em mim pedia descanso.

— Culpa sua — ele rebateu ao notar que não ia entrar no chuveiro com ele. — Quem mandou escolher namorado grande.

— Vou anotar a dica e começar a buscar alguém menor — provoqueei, dando a ele as costas e me jogando na cama.

Quando senti que ia dormir, gotas pingaram em meu corpo e me despertaram. Comecei a rir ao ver Noah todo molhado pairando sobre mim, mas ele não sorriu de volta, observava-me sério, enquanto as gotas continuavam a cair em meu corpo, uma a uma.

— Alguém menor, é? — Assenti confiante, como se, de fato, fosse me entregar à loucura de buscar outra pessoa, ou como se tê-lo assim, nu, em todo seu tamanho e glória, cobrindo-me como se fosse uma enorme tenda, não estivesse roubando todo ar dos meus pulmões e embaralhando minhas ideias. — Nesse caso, vou ter que ensiná-lo a como deixar você assim...

— Assim como? — perguntei com a garganta seca.

Mordi meu lábio inferior para prender um gemido. Seu corpo deixou de pairar e começou a descer, tocando-me entre as pernas, barriga, peitos... até o corpo dele se colar ao meu por completo.

— Molhada.

Neguei sorrindo e envolvendo o pescoço dele com os braços, porém para meu azar e desespero ele desfez meu enlace e foi se levantando da cama.

— Que cabeça minha. Você está cansada, eu não quero atrapalhar... — O deboche em seu tom de voz me fez rir nervosa.

Noah não ia me deixar assim.

— Volte aqui!

Com a agilidade de um guepardo o puxei de volta para a cama pela cintura, fazendo-o cair com tudo por cima de mim. Reclamei sorrindo do impacto.

Seus olhos preocupados analisaram-me. Garanti que estava bem, como prova abri minhas pernas para acomodar seu quadril contra o meu. Um sorriso devasso brincou nos lábios dele que me acusavam de ser maluca ao mesmo tempo que distribuía beijos por meu rosto...

— Sim, sim... — concordei com suas carícias, desejando que sua ereção parasse de me torturar e me preenchesse de uma vez. — Não! — gritei, mas não de prazer. — A campainha, Noah.

— Deixa tocar — sussurrou contra os meus lábios —, é Ano Novo.

Assenti roubando seus lábios e descendo minhas mãos até seu belo traseiro, puxei-o à força e ele se enterrou em mim fazendo nós dois arquearmos na cama.

— Merda... — reclamei, seja quem for estava insistindo. — Noah, de novo.

— Esquece, amor... — arfou em meu ouvido enquanto se enterrava outra vez.

Dessa vez a campainha soou mais demorada por ser pressionada com força.

— Deve ser uma das meninas... — reclamei sem voz por suas investidas —, lembra a chave de emergência?

Noah interrompeu seus movimentos, olhando-me triste e ofegante. Sua sobrancelha erguida me questionou em silêncio e soltando o ar derrotado assenti.

A campainha tocou outra vez.

— Sacanagem — ele rolou na cama, permitindo que eu me levantasse —, isso é muita sacanagem, Pah.

Tentei não rir enquanto pegava minha camisola cor de pêssego pendurada nos ganchos atrás da porta.

— Já vai! — gritei quando o som da campainha se prolongou outra vez. — Feliz An...

Parei de falar assim que um vulto ruivo praticamente caiu sobre mim. O peso de Kelly fez com que eu me desequilibrasse, caímos as duas de joelhos no chão.

— O que você bebeu? — perguntei irritada e com dor, acho que machuquei o pulso.

— Deu errado, Pah...

— Kelly? — chamei quando o peso do corpo dela em meus braços aumentou. Ela perdeu os sentidos.

Tentei acomodá-la da melhor forma que consegui no chão, mas travei quando algo me chamou atenção.

— Não, não, não... — Coloquei o rosto dela entre minhas mãos e cheguei mais perto. — KELLY! — gritei o nome dela, buscando pulso em seu pescoço.

Nada.

As narinas dela não mentiam, pó, muito pó.

— Não faz isso comigo, Kelly. — Toquei em seus ombros e ela não reagia. — Não, não... NOAH! — gritei, deslizando no chão para longe dela sentindo o desespero me tomar.

— Pah... o quê?

Neguei sentindo a sala girar. Não respirei. Vi minha amiga se afastar de mim, como se ela estivesse sendo levada para longe.

Não! Não! Não!

Saltei quando o corpo inteiro de Kelly trepidou, um reflexo. Meus olhos seguiram Noah, ele comprimia o peito dela.

— Vamos, garota... Não desiste.

Ele estava tentando reanimá-la.

Eu precisava ajudar.

Meu cérebro ordenava que eu me movesse, mas a informação parecia não chegar aos meus membros. Congelei aterrorizada. Eu já vi esse filme, eu sabia como terminava.

Eu não queria assistir.

— Vamos, garota!

Os músculos de Noah estavam completamente tensionados. A caixa torácica de Kelly descia com força pelas compressões.

Minha visão embaçou pelas lágrimas... Acabou, é isso.

Um ganido da parte dela ecoou na sala.

O choro que estava preso em minha garganta explodiu na sala e foi com levar um tapa que me fez voltar a realidade. Meu corpo voltou a se mover, arrastando-me em direção à minha amiga.

— Ela está respirando... — constatei aliviada ao sentir seu hálito quente contra o meu rosto. Ela gemeu de olhos fechados. — Eu vou te matar assim que você acordar.

— Precisamos ir ao hospital, agora! — Noah vociferou, e prontamente concordei.

Nós nos olhamos rapidamente, eu de camisola e ele de bermuda. Sem dizer nada peguei as chaves do carro dele na mesinha, enquanto ele acomodava Kelly em seu colo.

Sáímos em disparada para o *PS*, sem sequer calçar sapatos.

Cinquenta e um

Um rosnado fez com que eu desviasse os olhos da minha leitura. Kelly estava parada na porta me encarando de um modo muito, muito feio.

— Não sabia que essa era a porta do passado — disse irritada. — Voltamos aos anos 80?

— Quase isso — rebati, colocando o marcador na página em que parei.

— Nesse caso, por que meus peitos parecem menores? — Ela olhou dentro da própria blusa, fazendo-me rir.

— Veio zombar de mim?

— Não, mas eu não podia deixar a oportunidade passar. Achei que fosse descansar.

— Eu estava descansando. — sacudi meu diário, e ela revirou os olhos.

— Sabe que isso não é saudável, certo?

Deixei um riso morrer na minha garganta.

— O que foi? — questionou ela desconfiada ao se jogar na cama.

— Nada.

— Qual é, Patrícia?

— Você me falando sobre coisas saudáveis após o que eu li foi, de certo modo, engraçado — soltei e dessa vez não tinha vontade de rir.

— O que você leu?

— Primeiro de janeiro de 79 — lembrei.

— Você escreveu sobre aquilo? — Assenti diante do ar horrorizado dela. — Achei que esse fosse o seu livrinho de sacanagem e não uma biografia da minha vida.

— Está mais para a biografia da *minha* vida — enfatizei, e ela bufou revirando os olhos. — Caso não saiba, *você* faz parte dela.

— Ah que gentil — disse ela irônica com a mão no coração.

— Eu sei — devolvi tranquila. — Não é como se mais alguém fosse ler, seu... segredo está seguro.

Sem dizer nada ela apenas se deitou e encarou o teto com as mãos cruzadas sobre a barriga.

— Sophie não sabe nada disso e nem quero que ela saiba.

— Acha que ela vai te amar menos se souber que você usava pó, mesmo eu falando que era burrice e você me garantindo que era enfermeira e que estava tudo sob controle? — soltei algo que estava preso havia anos na minha garganta.

— Não acredito que você levou 43 anos pra me jogar isso na cara.

— Eu estava esperando o momento certo.

— Essa é uma parte que sempre quis esquecer.

— Todos temos coisas que queríamos esquecer, mas não podemos. — Respirei fundo, assumindo a mesma posição que ela na cama. — Por muito tempo eu almejei a perfeição, mas um hippie me ensinou que não existem apenas as dualidades. Não é só perfeito e imperfeito, luz e trevas, felicidade ou tristeza... Há um meio entre os extremos, um meio infinito onde podemos existir, tocar os dois lados da corda sem definir o que é um e outro.

— Tudo bem, você usou seu lado hippie, agora pode fala como uma pessoa normal?

— Você não pode mudar o seu passado, Kelly. Ele existiu e fez de você quem é hoje. Todos fizemos algo do que se envergonhar em algum momento, mas isso não te faz pior nem melhor do que ninguém. Te faz uma pessoa. Qualidades, defeitos e um longo meio termo, é isso.

— Eu disse a ele obrigada?

— Disse — consegui sorrir — meio alta pelos remédios, mas disse. Eu entrei em pânico, se não fosse Noah...

— E você ainda não queria sair com ele. O que teria sido da sua vida sem mim? — ela zombou, quebrando o clima triste e, encarando meu diário, novamente consegui sorrir.

— Obrigada por aquele vestido — disse, fazendo nós duas gargalharmos no quarto.

— Agora sério, Patrícia. — Ela girou na cama, ficando de frente para mim. — É deprimente.

Ela torceu o nariz ao som de *Adriana Calcanhoto, Vambora*.

— Eu gosto...

*“Ainda tem o seu perfume pela casa
Ainda tem você na sala...”*

Fechei os olhos para absorver as verdades dessa música em particular...

*“Porque meu coração dispara
quando tem o seu cheiro dentro de um livro...”*

Repeti os versos baixinho, e ela resmungou torcendo o nariz.

— Se você vai sofrer com trilha sonora precisa escolher músicas melhores. — Ela vasculhou minha *playlist* e comemorou ao encontrar Elvis. — Isso é música.

“But I can’t help falling in Love with you...” [\[15\]](#)

Observei-a cantar usando meu controle de microfone.

“Take my hand, take my all live too...”

— Não coloco as músicas para sofrer — avisei e um som indicando incredulidade e deboche saíram de sua garganta. — As músicas são como um ativador de lembranças. Juntando as músicas e o que eu escrevi é como voltar, é como ter ele outra vez.

— As músicas terminam, Patrícia. Até as mais belas canções terminam. Ficar repetindo o disco não faz dele novo, é apenas uma repetição.

— Eu sei — concordei com os olhos em meu diário. — Eu só...

Sentamo-nos na cama, minha garganta se fechou e meus olhos se encheram de lágrimas.

— Não parece real, sabe?

— Três anos, Patrícia, faz três anos.

— Mas eu não consigo... não consigo deixar de amá-lo — confessei deixando a dor sair, mais uma vez.

— Você não precisa deixar de amar, precisa deixar ele ir. — Neguei, vendo mais lágrimas pingarem em meu diário. — Vocês viveram uma linda vida baseada no amor livre, vai aprisioná-lo agora?

Limpei meu rosto absorvendo as palavras da minha amiga. Parecia tão simples, deixar ir. No entanto, seria como estar desistindo dele e isso eu jurei que nunca faria.

— *Rosana*, Patrícia, sério? — Consegui voltar a sorrir diante do desprezo da minha amiga pela minha *playlist*.



Depois de horas montando uma enorme árvore e pendurando enfeites — sem contar espalhar pela casa a maldita neve artificial — consegui uma pausa. Kelly disse que tomaria um longo banho e iria dormir. Amanhã ficamos de encontrar com Tai para o café em Niterói, e isso significava acordar cedo. Todavia, meus planos não eram dormir.

Senti meu coração mais leve só por repetir meu ritual. Ar em uma temperatura agradável, música baixinho e meu diário em mãos.

— Querido diário...

Cinquenta e dois

20 de maio de 1980

Querido diário,

Dizem que nada acontece por acaso. Que tudo faz parte de um plano maior. Seja de Deus, para aqueles que acreditam, ou do cosmos, enfim, tudo de alguma forma está conectado.

Não é como se não controlássemos nossas vidas, mas nossas atitudes, nossas escolhas, cada pequeno gesto cria uma onda no mar que são nossas vidas. Como no mar, as ondas não atingem uma única pessoa, tão pouco as atingem da mesma forma. Uns se afogam, outros perdem o equilíbrio, muitos nem a sentem, mas todos são atingidos, é como uma regra geral.

Noah é a grande onda da minha vida.

Como qualquer pessoa autocentrada, sempre achei que a minha onda hippie tinha abalado apenas a mim, que fora apenas a mim que ele derrubou aquele dia, mas não. Começou comigo, e a onda foi se propagando e propagando e propagando, atingindo uma a uma das pessoas ao meu redor.

Sempre me perguntei o que teria acontecido se Noah não tivesse esbarrado em mim aquele dia na praia...

Rio de Janeiro, março de 1979

Olhei em volta conferindo se tudo estava no seu devido lugar. Tai me ajudou a centralizar o bolo na mesa.

Hoje era um dia importante para nós, principalmente para Kelly, que, por sinal, devia estar chegando. O ano começou assustador, aquele dia mal

tivemos tempo de processar tudo. Quando nos demos conta estávamos no hospital com a nossa amiga que acabara de ter uma overdose. Segundo os médicos que nos atenderam, ela teve sorte.

Meu corpo ainda tremia quando lembrava daquele corredor, foi a minha primeira vez daquele lado, à espera, sempre estive no lado ativo, no que tentava salvar a vida. Tai chegou algumas horas depois que a internamos, deixei recado com o nosso porteiro e assim que soube veio ao nosso encontro, ela ainda estava suja de areia por ter passado a noite na praia.

Perguntei a ela o que tinha acontecido, afinal, elas deveriam estar juntas. Tai disse que viu Kelly se afastar com uns amigos, disse que voltava em alguns minutos e não voltou. Como sempre, ela achou que a nossa amiga tivesse encontrado algum carinha interessante e ido terminar a noite com ele, mas não, ela estava brincando com a vida.

Prometi que a mataria quando acordasse, mas eu mal conseguia falar. Ela estava claramente envergonhada e ainda meio chapada pelos remédios. Ela tentou me agradecer, mas avisei que Noah tinha sido o verdadeiro herói.

Com alguns dias ela saiu do hospital e foi direto para uma clínica de apoio. Ela estava disposta a parar, dessa vez para valer.

Doze semanas de internação e ela pareceu pronta para continuar o tratamento da própria casa, não exatamente da própria casa, iria se mudar para o apartamento de Tai. Achei uma ideia fantástica.

— Querida, cheguei! — Noah praticamente gritou da porta, erguendo os refrigerantes e me fazendo rir.

— Acha que um dia isso vai perder a graça? — Tai perguntou, e neguei.

— Ainda temos as fantasias — soltei sugestiva e fui ao encontro do meu namorado para ajudá-lo com as bebidas.

Em fevereiro tudo ainda parecia muito recente e não parecia ter clima para carnaval. Ia recusar o convite anual de Susan, mas uma noite Noah

chegou superanimado com duas sacolas em mãos. Quando abri comecei a rir, depois de semanas tensa, eu finalmente estava rindo.

Noah comprou duas fantasias que ele disse que seriam perfeitas, *Wilma* e *Fred Flintstone*. Não recusei o convite de Susan e tivemos uma noite fantástica, onde pudemos ser apenas nós dois por algumas horas.

Saí do devaneio ao ouvir a campainha. Tai e eu nos entreolhamos e corremos em direção à porta. Ao abri-la uma versão meio abatida, mas ainda linda da nossa pantera favorita sorria para nós duas.

— Eu sei que a vida de vocês estava uma merda, então voltei! — Kelly soltou, fazendo Tai e eu revirmos os olhos, mas acabamos rindo no final. Era muito bom tê-la ali novamente.

— Você deu sorte que não achamos outra ruiva pra te substituir — Tai provocou, e apenas concordei.

— Nenhuma teria o meu charme. — Ela jogou os cabelos para trás e desfilando entrou em meu apartamento. — Ei, olhem o meu hippie favorito.

Noah se aproximou e ganhou um abraço da minha amiga. Acho que foi a primeira vez que isso aconteceu desde que nos conhecemos, sorri ao ouvi-la sussurrar um “obrigada”. O que nos lembrava o motivo de estarmos aqui, era um bom dia, finalmente.



Ainda meio sonolenta atravessei a entrada da *Royal*. Era bom que alguém estivesse morrendo ali dentro, do contrário Noah teria muito que explicar.

Tivemos uma tarde agitada com a festa de boas-vindas da Kelly. Noah teve que trabalhar, mas continuei aproveitando com as meninas por mais algumas horas. Afinal tínhamos muita comida, doces, discos e,

quebrando um dos passos da reabilitação, sacrificamos uma garrafa de vinho.

Achei que estava em um pesadelo quando o telefone tocou, mas era real, algum idiota estava me ligando em plena madrugada, e esse idiota era Noah.

— Você veio! — A voz animada do meu namorado ecoou do palco. Aproximei-me e ele saltou de uma vez, senti o piso estremecer sob meus pés.

— Você deu sorte por eu ser enfermeira — lembrei, indo em direção ao meio da pista de dança e tentando não tropeçar nas fitas que estavam espalhadas pelo chão —, quando o telefone toca às quatro da manhã eu sei que é urgente.

— Muito urgente.

— Foi uma festa e tanto... — observei arremessando o mais longe possível uma bexiga enxerida que caiu do teto.

— Eu estava esperando você.

— Pra quê? — Acompanhei desconfiada seus movimentos. Noah caminhou em direção à mesa do disque-jóquei.

As doces melodias de *I know I'll never love this way again* de *Richard Kerr* começaram a ecoar. Com passos lentos e olhos fixos em mim, Noah se aproximou, oferecendo-me a mão direita. Parecia que iríamos dançar.

— Me acordou às quatro da manhã para dançar?

— Não — soltou tranquilo. Vendo que não me juntei a ele, e fazendo jus ao seu apelido de neandertal, Noah me puxou pela cintura batendo nossos corpos e guiando meus passos. — Te acordei para dizer que te amo enquanto dançamos.

I know I'll never love this way again...

— Eu sei que nunca amarei assim novamente... — Noah sussurrou em meu ouvido. Não como uma tradução da música e sim como uma confissão.

Minha alma a escuta.

Sem dizer mais nada continuamos nos movendo. Dessa vez estava mais receptiva, com os braços ao redor do pescoço dele e a cabeça repousando em seu peito. Hoje pareceu ser um dia importante na disco também, já que a vestimenta dele era um terno. Não que ele ainda o usasse por completo, a gravata se foi, o paletó também, restaram apenas a blusa branca, os sapatos e a calça, cueca nem assim ele usava.

Quando a música terminou outra começou. Sem interromper nossos movimentos ergui minha cabeça para encarar seus olhos que, para minha surpresa, já estavam em mim.

— A música dizia algo sobre você ter entrado nas minhas fantasias e ter tornado cada uma delas realidade... — Com um aceno sutil de cabeça ele assentiu. — Antes de te conhecer eu achava que esses pensamentos eram um sinal de que a minha sanidade estava abalada.

— Essa última parte ainda pode ser verdade... — zombou, beijando o bico irritado que fiz. — Adoro quando você faz esse bico, ele é muito convidativo.

— Cafajeste! — acusei falsamente ofendida. — Eu aqui me declarando e você pensando em safadeza.

— Eu sempre estou pensando safadeza, Pah, e todas elas envolvem você.

— Não diga? — Revirei os olhos.

— Aham, penso em fazer amor com você em todos os lugares possíveis, de todas as formas possíveis.

Com preguiça ele varreu meu pescoço com a barba, sussurrando seus desejos impróprios em meus ouvidos.

— Várias e várias vezes...

Suas mãos astutas desceram por minhas curvas, moldando o tecido fino do vestido ao meu corpo até a minha bunda. Garras cravaram em minha carne puxando-me contra ele, nossos quadris bateram e o senti duro contra mim.

— Então, era esse o plano... — ronronei manhosa, beijando o peito dele. — Sexo na disco?

— Não, o plano é te pedir em casamento. — Meus olhos saltaram com tanta força que senti dor. Acho que não ouvi muito bem. — E depois de você aceitar entra a parte do sexo.

— O.o.o que você disse?

— Não ouviu?

Neguei diante da tranquilidade em suas palavras. Nossos movimentos cessaram, nos afastamos alguns centímetros. Sem o apoio dele meus braços apenas caíram, moles, como se eu não estivesse ali. Não sabia como ainda conseguia ficar em pé. Talvez eu estivesse chocada demais para desmaiar.

— Eu nunca vou amar ninguém assim modo, Patrícia — ele disse com naturalidade, como se não fosse algo imenso, do tamanho do universo. — Você falou que eu realizei as suas fantasias, mas você é quem realiza as minhas, todos os dias.

Continuei encarando-o sem dizer nada, como um cão que olhava perdido para o humano tentando decifrar o que suas palavras queriam dizer.

— Quando você sorri de algo idiota que eu falei, quando anda sem roupas pela casa, quando vai à praia, mesmo odiando, só porque eu acho você a mulher mais deliciosa do mundo de biquíni e, principalmente, quando aceitou sair comigo... Então, se você...

— Eu quero! — exclamei de repente, cortando-o. Noah resmungou, fazendo-me rir.

— Você sempre cortando o romantismo das coisas.

— Você fez uma pergunta e eu respondi — devolvi, sentindo que o sangue voltou a circular e podia, enfim, raciocinar. — Ainda tinha coisas a dizer?

Fingindo irritação ele assentiu, então, usando todo autocontrole que restava, fiz sinal de zíper na boca.

— Patrícia Queiroz de Albuquerque, casa comigo? — Sabia que ele falava sério, mas o ar de deboche em seu rosto me fez querer provocá-lo.

— Agora eu preciso pensar — respondi e antes que eu tivesse tempo para tentar outra gracinha ele me puxou pela cintura, batendo nossos corpos outra vez. Seus braços circundaram meu corpo, protegendo-me como um escudo e me mantendo escondida, inalcançável para o mundo, menos para ele, adorava isso. — Tem dúvida da resposta?

— Não — soltou vaidoso —, mas eu quero ouvir. E claro, há questões legais que exigem seu consentimento em voz alta.

Comecei a gargalhar sem acreditar. Espero que com o tempo eu me convença que Noah é real, assim como a nossa história.

— Sim, Noah, eu quero me casar com você — afirmei e seus olhos brilharam e brilharam transbordando amor e felicidade — Agora, se não me engano tem a segunda parte do seu plano.

— Patrícia, como você é cafajeste — ele me repreendeu e mordeu os lábios para não rir —, eu aqui me declarando e você pensando em safadeza?

Meu riso sumiu quando notei que não era a única naquele salão a pensar safadeza. As mãos do meu neandertal mergulharam em minhas coxas, suspendendo-me para o seu colo. Comigo usando as pernas para enlaçar a sua cintura, Noah me levou até o palco.

A altura era perfeita, permitiu-me sentar para que ele se encaixasse entre minhas pernas, para que eu alcançasse seu pescoço, mordi seus lábios e tive pleno acesso às suas costas sem precisar me esticar.

— E se alguém nos ver? — perguntei, livrando-o da camisa.

— Seria tão ruim?

— Nem um pouco — sussurrei e mordi seus lábios, sugando-os em seguida. Tomei sua boca reivindicando seus beijos, seu amor e cada suspiro.

A música continuou a tocar ao fundo, dessa vez algo mais animado. Podia facilmente imaginar diversos pares de olhos nos observando, aplaudindo enquanto transávamos seguindo as batidas agitadas.

Noah ergueu meu corpo alguns centímetros do chão para retirar meu vestido, estava completamente nua. Não imaginava sexo quando saí de casa, mas a abdicação das roupas íntimas agora parecia um gesto natural.

Sua boca desceu pelo vão entre meus seios sem se interromper. Beijando minha barriga, fazendo-me arquear... Abri meus braços sobre o piso polido do palco para entregar-me ao prazer que ele estava prestes a me proporcionar. Minhas pernas se encaixaram em seus ombros e arquееi gemendo ao sentir sua língua entre minhas pernas, deslizando quente e molhada para dentro de mim.

— Noah... — Seu nome ecoou sofrido, fazendo eco nas paredes, como a voz de uma torcida animada que vibrava esperando um final feliz.

Seus dedos me abriram. O ritmo e os movimentos mudaram, antes ele me devorava por inteira, agora somente a ponta da língua me explorava, deslizava e brincava com meu clitóris. Girando, acariciando. Meu quadril levitava, obrigando-o a ir mais fundo, mais intenso...

— Assim... assim... — Minha voz sofrida implorava a liberdade. — Nooo.... — Seu nome morreu em minha garganta quando meu abdome se contraiu, rendendo-se ao orgasmo vibrante entre minhas pernas.

Meus dedos mergulharam em seus cabelos buscando apoio para me erguer. Colei meu peito ao dele e procurei seus lábios, a prova do que fizemos estava ali, brilhando. Sorrindo contornei seus lábios com a língua antes de enfiá-la em sua boca.

Impaciente desbravei seus pelos do peito, buscando a maldita calça.

— Merda! — reclamei, olhando em direção à braguilha da calça. — Qual o problema desses zíperes?

Noah sorriu, mas não me dei por vencida. Um puxão forte e ela abriu, libertando um velho amigo que saltou feliz à minha procura.

Antes que Noah me penetrasse deslizei pela madeira polida me afastando dele. Indo mais para o centro do palco, onde um feixe iluminava o chão com milhares de círculos coloridos. Tornei-me parte das luzes, parte da decoração, parte da fantasia. Os olhos do meu namorado, agora noivo, estavam fixos em mim. Ele se inclinou contra o palco, as mãos sustentando o corpo no piso de madeira, enquanto ele me observava. Estava nua sob feixes de luzes que, agora, alternavam entre círculos e linhas retas coloridas.

Lentamente me coloquei de pé quando *How deep is your love* do grupo *Bee Gees* começou.

— *And the moment which you Wander far from me* — Noah sussurrou seguindo a música —, *I wanna feel you in my arms again...*

O trecho dizia algo como: *sinto sua falta quando você se afasta de mim, quero senti-la em meus braços outra vez.*

Sorrindo, atendi seu pedido em forma de versos e chamei-o com meu dedo indicador. Noah veio, a calça aberta deslizou por suas pernas e acabou sendo esquecida no canto, enquanto ele caminhou nu em minha direção.

Um homem grande como ele, assim, com os cabelos revoltos dando a ele um ar de predador selvagem, olhos famintos e sorriso perigoso deveriam me fazer correr. De fato, corri, mas para os seus braços. Saltei sobre ele, causando impacto em nossos corpos, misturando-nos as luzes, tornando-nos um.

Em meio a risadas e uma dança lenta e sensual, com direito a carícias ousadas e mordidas na orelha, Noah sussurrou que me amava.

Fechei os olhos absorvendo suas palavras, sentindo seus toques e me entregando a ele.

Estávamos no chão da disco, o piso polido frio contra as minhas costas e Noah cobrindo meu corpo com o dele. Seus movimentos seguiam o ritmo lento da música, seguindo uma dança nossa, excitante e apaixonada.

Minhas mãos deslizavam pelas costas de Noah, mas não de forma aleatória, desenhavam um enorme coração em suas costas...

Nunca tão melosa, nem tão feliz, nem tão amada.

Consegui nos fazer girar, agora era eu quem controlava a dança, era eu quem o guiava... Sem pressa, o tempo era eterno quando estávamos assim.

Seus lábios deslizaram por meu pescoço, sussurrando que me amavam no mesmo ritmo que meu quadril descia e subia por seu membro... Um ritmo lento, aproveitando o prazer de estar ali, amando-o em todos os lugares.

Era como se eu pudesse nos ver de longe. Como se Noah e eu fôssemos um filme, um lindo filme. Ansiosa eu sorria, esperando o grande final do casal diante dos meus olhos. Eu podia nos ver sorrir, arfar entre beijos, podia até ver o suor deslizando por nossos corpos.

Uma enterrada funda e lenta, abrindo minha carne que o comprimia, e meu corpo estremeceu sendo controlado por Noah. Seus braços comprimiram meu corpo entre eles, como se quisessem manter meu prazer como algo particular, algo dele.

Um último movimento do meu quadril e foi ele quem estremeceu, rugindo saciado contra o meu pescoço.

— Eu te amo — afirmei entre tentativas de respirar —, pra toda a vida e além dela.

Noah sorriu, com os olhos fixos nos meus.

Senti-me uma boba perdidamente apaixonada pelo homem diante de mim. Dizendo coisas que desafiavam a lógica, mas aparentemente isso era amor, o abandono voluntário da racionalidade e da lógica, agora eu sabia.

Cinquenta e três

Encarei as próximas páginas ansiosa. Peguei o controle da *TV* e voltei algumas músicas. *Vambora* de *Adriana Calcanhoto* começou.

Não que eu fosse grande fã dela, em realidade, ela não estava nem na minha lista de favoritos, mas essa música em especial parecia falar diretamente com meu coração.

— *Ainda tem o seu perfume pela casa, ainda tem você sala...* — repeti olhando em volta, buscando uma lembrança, buscando vê-lo, ouvi-lo, senti-lo.

O perfume.

Vez ou outra eu sentia o perfume.

Havia dias em que eu apenas esquecia que tudo aconteceu, não sabia como. Às vezes, era como se fosse um dia normal e Noah estivesse me esperando na sala, ou na cozinha, ou construindo algo no quintal que iria me irritar e impressionar.

Gostava desses dias.

— *Porque meu coração dispara quando tem o seu cheiro dentro de um livro.*

Olhei meu diário, era um lindo pedaço nosso em cada linha. E, nas próximas páginas, algo particularmente dele. Afinal, foi Noah quem escreveu.

Cinquenta e quatro

22 de Maio de 1980

~~Querido diário~~

Desculpa bagunçar o seu diário, amor, mas não dava para começar assim. Comecei a rir. Vamos tentar outra vez.

~~Querida Patrícia~~

Esse ficou ainda pior, parece que vou te pedir para trazer algo do mercado.

~~Diário da Patrícia~~

Amor, acho que não fui feito para esse tipo de coisa.

~~Meu amor~~

Nossa, parece título de bolero. E bolero ruim. Afinal, com quem eu estou falando? Com o caderno? Com você? Com qualquer um que se atreva a ler?

Posso escolher? Acho que agora vai...

Pah.

Você finalmente largou esse caderno misterioso em um lugar que eu pudesse ter acesso e nossa. Vivemos mesmo essas coisas? Me ama tanto assim?

Eu estava de bobeira no quarto vasculhando o guarda-roupa, você saiu com a Roberta e a Susan, compras eu acho. Esbarrei no caderninho, sempre senti curiosidade para saber o que você escrevia com tanto empenho. Tinha dias que você estava tão concentrada que parecia descrever a cura de uma grave doença, mas não foi por isso que eu quis roubar esse espaço aqui.

Já que o assunto sou eu, acho que devo opinar também, não? Senão, já foi. Não vou ter tanto tempo quanto você para escrever aqui, mas vou falar do principal, você.

Nosso primeiro encontro, jura que foi tão horrível assim? Se a resposta for positiva, então eu fui bem-sucedido. Não é segredo que eu me encantei por você ainda naquela praia. Você poderia facilmente ser considerada uma sereia, estava na beira do mar

e me baratinou com suas costas bonitas, em seguida, com o bico zangado para o meu lado. O melhor de tudo foi você não ter me dado bola, feriu meu ego, admito. Nunca tinha acontecido.

Quando você aceitou sair comigo eu quis dar o troco, escolhi um lugar que adoro, mas que você, com certeza, odiaria. A maneira como você me olhou quando fui te buscar, nunca vou esquecer, parecia que você vomitaria a qualquer momento. Quando chegamos ao bar, então, eu precisei entrar sem você ou iria rir da sua expressão, mas você foi forte e entrou. Achei que quando eu pedisse a cerveja você fosse desistir e me matar, pelos seus olhos naquele momento eu sei que foi um quase, mas você ficou e até sorriu em alguns momentos, e foi quando desarmeí e me rendi.

Na despedida eu precisei ser forte. Você estava lá, pronta e gritando com os olhos para eu chegar. Era como se eu fosse uma árvore grande e você o melhor lenhador (não negue, eu leio a sua mente, lembra? Meu dom especial). Um beijo no rosto para você e banho de água fria a noite toda para mim.

No segundo encontro eu estava disposto a compensar. Amor, como você estava linda aquela noite. Uma verdadeira boneca de Ipanema e eu, pela primeira vez, me senti um desengonçado, não merecia tudo aquilo. Naquela noite eu quis te oferecer as estrelas, o universo todo e muito além. O sorriso que você deu quando chegamos ao Antoine não teve preço. Os seus olhos podiam até iluminar uma cidade inteira em dia de apagão. Não tinha mais volta para mim. Eu precisava de você.

Aquela noite. Paf, não foi como planejei, mas acabou sendo tudo tão perfeito que eu não mudaria um só detalhe. Na verdade, no tempo que estamos juntos, eu não mudaria nada. Nem mesmo ter escondido de você as coisas que eu fazia. Aquele mês longe me fez perceber o quanto eu te amava e o quanto eu te queria na minha vida.

Não vou mais resumir a nossa história, porque acho que isso você já está fazendo. Então, tudo que posso deixar são os meus pensamentos sobre você e como você mudou a minha vida...

Paf, você escreveu o quanto mudou depois que nos

conhecemos, mas você não percebeu o quanto eu mudei. Talvez, porque quando te conheci eu fui o que muitos desejam ser, uma versão melhor. Como diz a nossa música: "não quero saber quem fui e sim o que sou..."

Eu tinha tudo, ou ao menos achava que tinha tudo. Um apartamento e umas mudas de roupas, um emprego que me divertia e me fazia ganhar muito bem, especialmente, para um hippie. Sexo a hora que eu quisesse, da forma como quisesse, bons amigos com quem repartir a vida, enfim, parecia completo... Então, te deixei molhada na praia (eu adoro esse trocadilho) e todas as ocasiões que se seguiram, e foi quando eu percebi que faltava uma coisa, você.

Minha vida era vazia e triste, amor. Eu só percebi isso naquele restaurante chique, depois que você disse o meu nome. Ele ecoou no vazio que tinha em mim e preencheu tudo com um sentimento novo. Fiquei viciado em você, não quis mais te soltar, por isso basicamente me convidei para morar com você e esqueci o resto. Eu não tinha nada, você era tudo que eu precisava e onde você estivesse era onde eu deveria estar.

Acho que falei como um psicopata agora... Não fuja de mim.

Meu tempo acabou, estou ouvindo sua risada no corredor, não me mate depois de ler isso.

Eu te amo, Patrícia. Nunca duvide ou esqueça disso.

PS: Ainda não gosto da sua mãe.

Eternamente seu,

Noah...

Cinquenta e cinco

Olhei as páginas como se o estivesse vendo. Tracejei a letra masculina, absorvi suas palavras. Confesso que foi um choque quando abri meu diário e me deparei com as páginas extras, mas não tive tempo de brigar, comecei a ler e rir, e chorar, e rir outra vez.

Meu único pensamento naquele dia era que eu deveria saber que era um plano. Quem leva alguém a um boteco pé de chinelo no primeiro encontro se não for vingança?

Lembro-me de saltar sobre Noah na cama com meu diário em mãos.

— *Então, era um truque?*

— *Você caiu, amor.*

— *Eu era um lenhador?*

— *E eu a grande árvore.*

— *Desgraçado...*

Sorrindo, rolamos na cama em uma espécie de falsa luta, queríamos apenas saber quem ficaria por cima. Ele me jogando na cara que eu o desejava e claro que fiz o mesmo, afirmando que ele ainda tinha o mesmo olhar pidão de quando nos esbarramos na praia.

Depois daquele dia algo mudou, outra vez. Em minha mente eu tinha a plena certeza de que Noah sabia o que sentia, e ele tinha, não era algo ruim, mas, ainda em minha total falta de compreensão da linguagem humana, achei que não precisava mais dizer. Não que eu nunca mais tivesse confessado que o amava, mas não com a frequência que eu gostaria de ter feito.

Ve­z ou ou­tra re­lí­a­mos meu diá­rio jun­tos, e re­viví­a­mos cer­tas ex­pe­ri­ên­cias. Co­mo o nos­so mo­men­to em Grumari com nos­sos a­mi­gos na­tu­ra­lis­tas e Ro­ber­ta, mas ela já não fi­ca­va a uma ro­cha de dis­tân­cia.

Sus­pirei ol­han­do meu diá­rio bus­can­do as pró­xi­mas pá­gi­nas.

— Querido diário...

Cinquenta e seis

25 de maio de 1980

Querido diário,

Casamentos são todos iguais.

Foi algo que sempre ouvi. Como uma receita básica de bolo que, se for seguida corretamente, funciona. Esperar o marido para o jantar, estar sempre bem-vestida, disposta, sorrir, não contrariar, não demonstrar inteligência, ser dócil...

A receita era simples, podia ser desenvolvida de modo automático e todas conhecíamos o passo a passo na cabeça. Se aprendia na escola, em casa e até mesmo na igreja, era quase uma lição bíblica. Uma programação automática para obedecer e servir, e em caso de aventuras extraconjugais a falha estava na programação. Algo na receita havia sido esquecido. Era natural, era biológico.

Pobres de nós, sempre engolindo tais afirmações como verdade. Abafando nossas vozes e sufocando lentamente, perdendo o brilho, como uma roupa que desbota até ser considerada dispensável e ser esquecida em um canto.

O desejo deveria ser reprimido, não podia surgir nem em pensamento, era vergonhoso. Não falo apenas do desejo sexual, qualquer anseio mais libertador. Escrever, dançar, advogar. Nada, que não fosse cuidar de uma casa, era apropriado.

Tudo isso passou de repente em minha mente enquanto discutíamos sobre o nosso casamento. Lembro-me de estar sentada no sofá, com Noah diante de mim, eu olhava a porta ou era a parede, não tenho certeza, mas pensava em tudo, todo esse manual da boa esposa, do bom casamento, e concluí que tudo não passava de lixo...

Rio de Janeiro, maio de 1979

Arqueei nos braços de Mauro, enterrando minha cabeça em seu pescoço e sugando-o ainda mais para dentro. Suspiros exauridos ecoavam pelo quarto a cada novo movimento de entrada e saída.

— Sim... sim...

Estávamos contra uma parede. Minhas costas batiam com força e na tentativa de buscar sustento derrubei uma moldura, o que fez nós dois rirmos. Mais adiante Noah e Sandra, ela estava sentada na penteadeira com as pernas em volta da cintura do meu noivo, puxando-o para si até que suas costas bateram contra o espelho na parede.

— Assim... assim... — gritei, empurrando meus seios contra a boca de Mauro. — Isso.

Ele juntou meus seios e chupou meus mamilos de uma vez, sua língua os contornou, arrepiando cada pelo do meu corpo.

— Continua... — exigi buscando seu belo traseiro, uma verdadeira perfeição, assim como o de Noah. Com vontade envolvi sua carne o puxei contra mim. Uma das minhas pernas estava em sua cintura, enquanto a outra ajudava a nos manter em pé, apertei o enlace e ele veio com mais força.

— Você é uma... delícia.

— Mais, mais... — gemi contra seu ouvido e ele se empenhou em me dar mais.

Suas mãos aprisionaram meus seios, usando-os como apoio para suas investidas vigorosas. Busquei seus lábios, não para beijá-los e sim mordê-los, devorá-los como uma besta faminta. Mordi seu queixo, arranhando seu rosto e pescoço.

As arfadas intensas de Sandra ganharam minha atenção e reparei que Noah me olhava. Mordi meu lábio inferior diante da excitação que vi refletida em seus olhos.

— Mais... — pedi, mas não ao meu parceiro e sim a Noah. As arfadas de Sandra se tornaram gritos ensandecidos. As mãos dela bateram contra a madeira da penteadeira, arranharam a parede e ainda impacientes buscaram as costas de Noah para descarregar seu prazer.

Cheguei a ficar na ponta do pé pelo prazer que senti correr. Como se quisesse voar, deixar meu corpo, a terra, transcender.

Meus olhos pesaram, marcando o desfalecimento do meu corpo. A última imagem que vi antes de fechar os olhos foi Noah sorrindo, depravado, enquanto seus quadris dançavam empurrando seu membro para dentro e para fora de Sandra.

Gozei, sorrindo, sentindo o corpo amolecer aos poucos. Mauro grunhiu em meu pescoço quando jatos quentes atingiram a minha barriga.

— Tudo bem? — perguntei ainda de olhos fechados. Imaginei que ele devia estar assentindo, sua testa ainda estava apoiada em meu ombro e sua respiração aos poucos ganhava um ritmo mais tranquilo.

Finalmente abri os olhos. Atrás dele, Noah e Sandra estavam em uma situação parecida. Meu noivo respirava com dificuldades enquanto ela parecia tentar se situar no espaço.

Dei um selinho, de despedida, em Mauro antes de me afastar e buscar meu noivo. Sandra também veio em busca do marido, paramos no meio do caminho, ela puxou meu queixo e me beijou, retribuí, como se nos felicitássemos pelo belo trabalho.

— O que acha de um banho? — perguntei, beijando suas costas.

— Ótima ideia.

Cheio de insinuações e promessas entramos no box do chuveiro. Ao contrário do nosso apartamento, ali cabíamos com folga. No entanto, tanto espaço parecia um desperdício, ficar colada nele, encaixar nossos corpos para que a água nos atingisse igualmente, era muito melhor.

— Ainda com medo? — ele sussurrou, esfregando sabão por toda a minha barriga, lavando-me.

— Não... não mais.

Algumas horas atrás, enquanto discutíamos os detalhes finais da cerimônia de casamento, posso ter surtado, não com o casamento, mas com o que aconteceria depois. Como um casal de namorados, fazer nossas próprias regras parecia simples, porém casados, o jogo mudava, não?

As palavras da minha mãe vieram me assombrar.

Noah me fez lembrar a promessa que fez naquela noite em Grumari. Ele fazia planos para o nosso futuro e o questionei se continuaríamos os mesmos, eu, eles e os outros.

— Enquanto eu viver, enquanto me amar, enquanto quiser...

Iria ser o nosso casamento, nossas regras, nossas vidas. Sem culpa, medo ou vergonha. Afinal, não era vergonhoso fazer o que desejávamos, desde que nos sentíssemos confortáveis e felizes.

— Para a vida toda e além — sussurrei como minha promessa particular.

Cinquenta e sete

26 de maio de 1980

Querido diário,

O dia do casamento, para muitos, é como se a relação iniciasse ali, um “agora é valendo”. Eu via como uma etapa, mais um passo de tantos que demos até aqui.

Um ato de coragem.

Uma certeza.

Uma promessa.

O para sempre.

Escolher com quem acordar, com quem partilhar a vida. Cada tristeza, cada alegria, derrotas, conquistas, saúde, doença, riqueza e pobreza, e o meio das dualidades.

A partilha não começa com o casamento, ela vem bem antes. Quando esbarram em você na praia, quando sorriem, quando te chamam para dançar, quando choram, quando amam, quando brigam... Casamento é o querer continuar a partilhar. Seguindo mais passos e mais passos dentro de cada infinito, dentro cada para sempre.

Sendo únicos, peculiares, no meio do comum...

Rio de Janeiro, junho de 1979

Estávamos no quarto do *Solar Rainbow* em Angra dos Reis, havia muitas vozes. Todas me ajudavam com algum detalhe.

Olhei meu visual completo no espelho, acho que terminamos.

— Sempre imaginei você no estilo *Grace Kelly* — Kelly comentou, olhando-me pelo espelho.

— Ficou ruim? — perguntei nervosa, eu não estava certa quanto ao modelo.

— Está perfeito... Nunca te vi tão linda.

Assenti, tentando não vomitar. Nunca achei que ficaria tão nervosa com algo na vida. Esfreguei meu estômago pretendendo acalmá-lo sem bagunçar o vestido.

Um lindo vestido bege de tricô foi o escolhido. Longo, nem muito justo, nem muito solto, elegante, leve e sensual, perfeito para um casamento ao ar livre, no meio da tarde, em uma praia e com um hippie. As mangas eram soltas, em um formato delicado de sino. O final da saia do vestido imitava as mangas, mais volumoso que o resto, mais solto, permitindo a leveza, sem ser algo bufante. Na frente, decote em *V*, botões até os joelhos e um lindo laço marcando minha cintura.

O complemento perfeito veio nos cabelos, soltos e em ondas, um adereço com flores, pequenas plumas brancas e 3 tiras finas em cristais formavam uma linda *headbang* dos anos 30.

Susan e Roberta foram na frente preparando a todos. Tai e Kelly me ajudaram a descer as escadas, meu corpo inteiro tremia. Paramos atrás de uma cortina branca e transparente.

O caminho da noiva começava aqui... Uma construção rústica sobre areia em madeira polida. O que me fez abandonar o salto agulha e escolher uma sandália plataforma, parecia mais seguro e com menos riscos de escorregões.

Tai e Kelly abriram a cortina.

Fechei os olhos e respirei fundo, silenciosamente rezando para continuar sem tropeçar. Ao abrir os olhos e erguer minha cabeça encontrei o par de olhos mais lindos do mundo, aqueles que pretendia passar a

eternidade admirando, Noah. Lindo, todo de branco, bata solta e calça de linho, cabelos soltos e, hoje, menos rebeldes. Seu sorriso me chamava. E como se uma corda invisível nos unisse e puxasse-me em sua direção eu apenas fui.

Hyldon com “*As dores do mundo*” tocava ao fundo, nossa música.

A brisa do mar me atingiu. Discretamente o vestido dançou, em um ritmo lento, como na música. Decidimos que não haveria igreja, um celebrante concordou em nos casar na praia. Claro que quando a ideia surgiu eu detestei.

Patrícia Queiroz de Albuquerque não se casaria coberta de areia e sob o sol. No entanto, no dia que fomos visitar o espaço que Susan recomendou, vendo todo o cenário montado para um casamento, eu pude nos visualizar naquele lugar. Quando nos conhecemos eu estava à beira-mar, onde ficava o altar, e Noah veio até mim, dessa vez eu iria até ele.

Era, de fato, o local perfeito.

Vasos artesanais com flores acompanhavam o caminho da noiva. Bancos de madeira acomodavam nossos convidados que sorriam enquanto passava por eles, não que eu os estivesse notando, mas eu sentia uma energia estranha, que me fazia sorrir, imaginava que a eles também.

Entreguei meu buquê a Tai para pegar nas mãos de Noah. Ele tremeu, comprimindo minhas mãos e me olhando travesso.

Nada mais parecia importar.

— Eu, tu e eles... para sempre — Noah sussurrou contra os meus dedos encerrando seus votos e beijando a aliança dourada em meu dedo.

Assenti, entrelaçando nossos dedos, repetindo a mesma frase e beijando a aliança em seu dedo.

Marido e mulher, oficialmente.

Palavras estranhas, que pareciam definir outras pessoas quando, na verdade, ainda éramos apenas nós, Noah e Patrícia, para sempre.

Irradiávamos felicidade, isso ninguém podia negar, quer dizer, quase ninguém. Ao fundo, entre os convidados, um par de olhos indecifráveis nos acertou, mamãe. Sabia que eu a havia expulsado da minha vida, mas queria que ela estivesse aqui, queria que testemunhasse a nossa felicidade e, quem sabe, cogitasse estar errada. Todavia, eu não era estúpida, sabia que no fundo ela esperava estar certa, que as palavras “eu avisei” estavam prontas para serem cuspidas em mim.

Não tinha como garantir que isso não aconteceria, mas hoje, neste momento especificamente, não éramos uma aventura, Noah não representava uma fase rebelde, ele era o amor da minha vida.

Enquanto nossos convidados se aproximavam desejando felicidades, mamãe apenas levantou e se afastou. Perdi sua figura de vista quando ela sumiu na entrada do Solar. Mentiria se dissesse que não me sentia aliviada por ela não estar mais aqui.

Agora, podíamos começar a festa.



Olhei meu reflexo no espelho, o penteado foi perdido. Ao menos já tiramos todas as fotos possíveis.

— Pronto! — Noah comemorou ao fechar o último botão do meu vestido.

Meio tonta cerrei os olhos para conferir o trabalho dele. Tudo parecia em ordem, com o vestido ao menos.

— Você não podia esperar, não é? Um verdadeiro tarado — acusei preguiçosa e envolvendo o pescoço dele com meus braços.

— Eu? Quem me puxou foi você — ele rebateu, fazendo-me rir.

— Quem mandou me deixar beber... — Enterrei meu rosto no pequeno *V* da bata que ele usava, aspirando seu perfume, beijando sua pele e buscando seu pescoço. — Sabe como eu fico.

— Bêbada? — Neguei fazendo cara feia ao deboche dele.

— Patrícia Queiroz de Albuquerque *Ávila* — acrescentei com orgulho — não fica bêbada.

Uma risada máscula e estrondosa reverberou no banheiro pequeno do Solar. Meu coração acelerou de repente, ocasionando uma corrente elétrica em meu corpo que me fez dar um leve salto, como em um susto, mas de um modo bom.

Tantos meses, tanta coisa aconteceu e Noah ainda me causava esse mesmo efeito. Um encantamento, bruxaria, talvez hipnose... amor.

— Hora do plano de fuga? — ele sugeriu travesso, e assenti cheia de péssimas intenções em mente.

A barra estava limpa, todos os convidados estavam entretidos na área coberta, então, dar no pé foi fácil.

Um barco nos esperava a poucos minutos do Solar. Fui impedida de sair do carro por trinta minutos, havia uma surpresa. Os minutos se arrastaram e quando pude finalmente sair, Noah não estava à vista, mas eu sabia para onde ir. Um dia antes ele me trouxe e apresentou todo o embarcadouro. Achei desnecessário na hora, mas, agora entendia.

Segui a trilha do cais até onde sabia que o Iate que ele alugou estaria. Para minha surpresa, Noah, meu marido, estava à minha espera com um quepe de capitão na cabeça, uma bermuda branca e uma camisa de botões totalmente aberta.

— Bem-vinda, senhorita — ele saudou assim que me aproximei.

— O quê? — questionei, encarando-o confusa.

— Suas coisas já foram colocadas na cabine principal — completou, estendendo-me as mãos para me ajudar a embarcar. — Estou aqui para servir a senhorita no que desejar.

Algo estalou em minha mente. Um joguinho, como no dia que vesti meu uniforme de enfermeira, e no dia que ele usou terno e brincamos de patrão e secretária, ou no dia que ele era o empregado abusado e eu a patroa *reclama*na.

— Senhora — corriji, entrando no jogo.

Atravessei a proa indo para o local que ele indicou ser a cabine para me trocar, mesmo que o sol estivesse quase se pondo eu estava cozinhando dentro do vestido.

Ao sair da cabine perdi o fôlego. Questionei-me se passei a vida inteira naquele pequeno espaço, tempo suficiente para ser levada a um novo mundo, uma nova dimensão, talvez.

Era lindo...

À minha frente nada além da linha do horizonte, a divisão perfeita entre céu e mar. E o céu, uau, nunca o tinha visto tão único, tão puro. Uma enorme tela nas cores amarela, laranja e vermelha derramadas em *dégradé* sobre as nuvens que absorviam cada cor como suas.

Caminhei até a proa, Noah estava lá debruçado mexendo em uns cabos. Ele tirou a camisa, o quepe agora descansava no chão ao seu lado, enquanto seus músculos se tensionavam pela força que ele exercia em seja lá o que estivesse fazendo agachado ali.

Limpei a garganta para chamar sua atenção e a ganhei, e da forma como planejei. Seus olhos subiram lentamente por minhas pernas, namorando cada detalhe do meu corpo antes de, enfim, encontrarem os meus.

Com meu modo boneca de Ipanema ativado resolvi me cobrir, ou o mais perto disso levando em conta que a ideia era ficarmos nus durante os

três dias de lua de mel, todavia, como boa enfermeira, sabia que devíamos estar preparados para incidentes. Então, acrescentei algumas coisinhas à minha mala. Como o biquíni vermelho vivo de alças finas e cintura alta que usava agora, uma linda e transparente saída de praia, longa como um roupão, totalmente aberta e que agora dançava em meu corpo seguindo o embalo da brisa do mar, e ainda mantive as sandálias plataforma com tiras do casamento.

— A senhorita... — ergui uma sobrancelha e olhei torto pelo “senhorita”. Notei que ele segurou o riso, mas rapidamente voltou ao personagem — a senhora, deseja alguma coisa?

— Algo para beber, estou com sede. — Cruzei os braços empinando meus seios, os olhos de Noah se fixaram neles. — Vai demorar?

— Só um instante...

Ele levantou lançando a camisa sobre o ombro e recolhendo o quepe.

— E coloque a camisa — disse, dando a ele às costas. — Não é de bom tom andar praticamente nu diante de uma mulher casada.

— Sim, senhora.

Dessa vez fui eu quem ameaçou rir, mas me controlei.

Estávamos parados, imaginei que o que Noah mexia com tanto empenho fosse a âncora. Aproximei-me do arco da proa, fechei os olhos e absorvi os sons do mar... Apenas a água, pequenas ondas que se desmancharam umas contra as outras.

— Senhora. — A voz grave de Noah ecoou atrás de mim.

Olhei por cima do ombro, ele me estendeu o que parecia ser suco de laranja. Aceitei e voltei a admirar o horizonte cada vez mais escuro diante de mim.

— De onde eu venho as pessoas costumam agradecer — ele resmungou.

Não o encarei, fingi ignorar enquanto bebia meu suco para não rir.

— Dona? — chamou com a voz mais mansa.

— Sim... — respondi ainda encarando o horizonte. Um arrepio percorreu minha coluna quando senti seu corpo próximo ao meu.

Inspirei e expirei devagar, pressionando o copo em minhas mãos.

— Com todo respeito — seu hálito quente soprou em meu pescoço —, mas a senhora tem belas costas.

Como quem não queria nada, e fingindo não estar com o coração disparado, toquei meus cabelos puxando-os para a lateral do meu corpo. Deixando meus ombros e costas nus.

Seu hálito se tornou mais denso pela proximidade. Quase pude sentir seus pelos em minha pele, dando descarga elétrica e arrepiando-me por inteira. De repente sua barba raspou em minha nuca, descendo por meu ombro e cruzando minhas costas. O tremor e o susto fizeram-me largar o copo de suco, ele bateu no arco da proa se espatifando, espalhando suco por minha barriga, pernas e boa parte da saída de praia.

— Olha o que você fez! — Forcei uma irritação, mas ela apenas mascarou a excitação que senti pulsar em minhas veias.

— O que eu fiz? — Ia segurar a pose de dondoca com nariz em pé, no entanto, ao virar-me de frente, minha boca secou.

Noah estava nu. Sem quepe, sem camisa, sem bermuda e... animado. Muito animado.

— Me deixou toda... molhada — soltei desistente enquanto contemplava sua animação. Chega de brincar.

— Pah! — Noah reclamou quando minhas mãos impacientes tocaram seu peito e meu corpo se aninhou ao dele.

Comecei a rir contra o peito dele.

— Você aparece assim o quer que eu faça?

— Resista! Lute! Me acerte um chute, pelo menos. — Meu riso aumentou, tornando-se gargalhadas.

Notei que ele se controlava para não se entregar ao riso também. Seus braços envolveram meu corpo, mantendo-me pequena e segura entre eles.

— Impossível resistir a você — sussurrei uma verdade que alimentava sua vaidade. Seus olhos brilharam, o complemento que faltava ao cenário perfeito que nos rodeava.

Agora eu tinha certeza de que estava no paraíso ou as portas dele.

— E olha que eu tentei — salientei minhas escapulidas falhas.

— Ainda bem que você é péssima em fugas, amor. — Suas mãos habilidosas mergulharam em minha saída de praia e a fizeram deslizar para fora do meu corpo.

— E você não desiste — disse como um agradecimento.

Vaidosos, seus olhos transmitiram orgulho, quase um desdém, como se não tivesse sido um grande esforço.

Cafajeste!

As estrelas começaram a dar as caras, tímidas, uma a uma pareciam vir apreciar o pequeno show que estávamos dando naquele barco.

Cinquenta e oito

Deixei a leitura de lado...

Se eu fechasse os olhos ainda podia sentir a brisa do mar e os sons dos nossos corpos naquele barco. Um sorriso riscou meu rosto e lágrimas se acumularam em meus olhos, mas dessa vez as lágrimas foram bem-vindas.

Lembranças são armas poderosas, podem te levar ao céu ou ser a mão que te arrasta ao inferno. Somos construídos a partir delas, então não havia como fugir, nos restava tentar administrá-las.

Uma vez, tentando manter minha mente o mais longe possível de Noah, encontrei um artigo sobre o poder das boas lembranças durante o luto. No entanto, todas as minhas boas lembranças pareciam ruins, pois eram o lembrete do fim, de que ele não estava mais aqui.

Como expurgar uma lembrança?

Eu não conseguia respirar. Não conseguia andar pela casa. Eu não podia fechar os olhos ou dormir. Não parecia real.

Durante várias noites encarei a porta, esperando pacientemente que ele voltasse e me dissesse que era uma brincadeira. Um teste para saber como eu lidaria com as coisas sem ele.

Não aconteceu.

Alguns meses depois eu lembrei do meu diário.

Na primeira leitura eu não consegui finalizar uma página. Fui avançando. Duas páginas, cinco, vinte, cinquenta, enfim, toda a história, ou boa parte dela.

O vazio veio com o fim da leitura.

Mais uma leitura. Páginas e páginas, e o fim.

Vazio.

Outra vez, e o fim...

De novo e de novo, até que não fosse mais tão vazio.

Eu já podia sorrir, revirar as coisas dele, reclamar e sentir falta, tanta falta.

Deixei meu diário em seu lugar de sempre, embaixo do travesseiro dele.

— Boa noite... — desejei antes de fechar os olhos.



Nosso dia começou cedo, passamos em Niterói para tomar café com Tai que estava no modo avó barra babá dos netos, por sorte eram pré-adolescentes e estavam na fase de se manterem o mais longe possível de qualquer adulto, principalmente se fossem suas tias postiças.

Marcamos de nos encontrar a noite e finalizar a preparação de tudo para amanhã, véspera de Natal. Todas as crianças devem chegar amanhã, será um dia de caos.

Em casa, Kelly lembrou que tínhamos presentes a embrulhar. Tentei protestar, deveríamos esperar Tai, seria mais rápido, mas não teve jeito.

Taças de vinhos nos ajudaram a relaxar em meio a tantos embrulhos e fitas. Inclusive, voltamos ao passado entre um presente e outro. Em uma de nossas viagens fomos bem longe, antes dos casamentos, das crianças e até mesmo antes de Noah. Quando éramos apenas nós três e Carlos, claro, mas ele não se importava com nossos planos desde que não o incluíssem.

Um dos nossos passatempos favoritos era vagar pela cidade no carro de Kelly. Sem um destino certo, parávamos onde estivesse aberto, nos divertíamos, dançávamos, bebíamos e íamos encerrar nosso dia em uma praia. Depois de certa quantidade de álcool a areia já não me incomodava tanto.

— Lembra quando você descobriu que estava grávida? — Kelly questionou. Fechei os olhos negando e tentando não me engasgar com o vinho.

— E que maneira foi aquela de revelar ao Noah? — rebati, e ela sorriu recostando-se na parede.

— Acho que foi a sua pior ideia.

— A ideia foi sua — lembrei.

— E você deveria ter rejeitado, como fez com aquele vestido do decote.

— Adorava as suas roupas de prostituta — confessei, erguendo minha taça como se fosse um brinde. — Acho que nunca tinha dito isso.

— Eu odiava a sua mãe.

— Todo mundo. — Virei minha taça.

— Tivemos ideias bem idiotas ao longo da vida — ela disse, encarando a taça de vinho.

— Como o casamento da Tai com aquele advogado idiota — lembrei, e ela assentiu enchendo a própria taça.

O primeiro casamento da nossa amiga foi há uns vinte anos. O cara era uma cópia loira do Carlos, meu primeiro namorado. Tentamos avisar que era uma encrenca, fomos ignoradas. O divórcio veio em menos de um ano de casamento. Ele a traía com uma colega de trabalho, foi horrível.

— Ou você não parar de ler aquela coisa, ou não ir morar com um dos seus filhos... ou... — Kelly alfinetou.

— Ou você não contar a Sophie que ela é adotada — devolvi, e os olhos dela saltaram.

— Isso é diferente! — ela tentou argumentar, e neguei deixando minha taça de lado.

— Ela tem 17 anos, acha mesmo que ela não sabe que não há possibilidade de você ter dado à luz a ela?

Nossa vida e as escolhas que fazemos... Quando Kelly me viu surtar por conta da terceira gravidez, decidiu que não queria filhos. Na verdade, ela já tinha decidido isso quando engravidei a primeira vez, meu surto com uma terceira criança só deu a ela a certeza. Isso nunca a incomodou e ela vivia bem, o marido também não se importava, ambos tinham uma vida movimentada onde, segundo ela, não caberia uma criança. No entanto, a vida sempre nos presenteia com surpresas, minha amiga ruiva não seria uma exceção. Uma das empregadas dela acabou falecendo no parto e não havia ninguém para tomar conta da criança, ela acabaria em um abrigo qualquer. Assim, em 20 de outubro de 2005, Kelly e o marido se tornaram oficialmente pais de Sophie, uma linda criança de cabelos escuros e olhos espertos, e nunca os ouvi reclamar disso.

— Eu sei, no fundo eu acho que ela também sabe, mas ela é minha filha e isso ninguém nunca vai poder negar.

— Não estou dizendo o contrário — tratei de esclarecer —, mas ser transparente em um assunto como esse é fundamental.

— Um dia... — ela me interrompeu — ... um dia, quando eu estiver pronta, e ela também, eu conto.

— Um dia... — decidi fazer uso das palavras dela — ... um dia, quando eu estiver pronta, paro de ler o meu diário e talvez, aceite deixar a minha casa.

Juntas erguemos nossas taças agora vazias, um ato simbólico, selando a paz.



Acendi as luzes da área externa, o jardim inteiro se iluminou.

Mais cedo arrumamos mesas e cadeiras aqui fora, tudo para amanhã. Tai e Kelly decidiram assistir a um filme e estavam jogadas na sala. Tentei acompanhar o filme, mas minha mente estava presa em outra história, então me levantei. Ambas tentaram me impedir, mas sussurrei: “últimas páginas” antes de subir as escadas, então os protestos cessaram, algo que agradei.

Com maestria equilibrei em uma bandeja, uma xícara com chá, uma fatia de bolo, meu celular e meu diário. Depositei tudo na mesa grande, no centro do jardim, embaixo das luzes que Kelly insistiu em pendurar. Ficou lindo, a propósito.

Sentei-me encarando meu diário e em seguida o céu.

— *Volte a olhar as estrelas, amor.*

Foi o que ele, ou sua manifestação em meu inconsciente, me disse alguns dias atrás. Busquei em meu celular a música que ouvia naquela noite. *Poeira das estrelas*, na voz de *Fafá de Belém*.

*Às vezes sonho com você
Numa canção que trai minha emoção...*

Olhei em volta, sem muita certeza do que estava buscando.

Nada.

Sussurrei a letra enquanto mergulhei o saquinho de chá na água quente.

*Me faz recordar o bom tempo em que vivemos
As noites de paixão...*

— Mato e água quente? Depois eu que sou o hippie...

Ouvi de repente. Sua voz ecoou repreensiva, incrédula e com uma pitada de humor pelo jardim. Meu coração disparou, roubando-me o ar e congelando o tempo ao meu redor.

— É chique, amor — respondi sorrindo e sem buscar de onde vinha a voz. No entanto, senti sua presença ao meu lado, observando-me curioso, como sempre fazia ao me ver lendo meu diário.

Revirei as páginas e retirei o marcador procurando a linha onde parei.

— Querido diário...

Cinquenta e nove

28 de maio de 1980

Querido diário,

O que mais comentei aqui foi sobre mudanças. Por mais que tentemos nos manter iguais, intocados, tudo vai mudar, sempre.

Às vezes mudanças sutis acontecem. Outras são enormes e nos mostram que o tempo passou, que estamos avançando. Não adianta negar, o tempo vai nos empurrar para frente. E, por mais desesperador que as coisas pareçam, sempre damos um jeito de lidar, de nos adaptar e seguir.

Temos sempre que seguir...

Rio de Janeiro, virada do ano de 1979

Atravessei os corredores do PS às pressas, havia um paciente baleado na maca. Tudo que precisávamos para encerrar o ano com chave de ouro era isso, guerra entre os bicheiros.

— Cadê o Rogério? — perguntei a Kelly pelo médico plantonista e ela negou. — Corta a camisa.

O atendimento teria que começar ali mesmo, na sala de triagem.

— Soro! — Kelly gritou. O paciente emitia sons, talvez fosse um bom sinal, ele não estava inconsciente, ainda.

— Esquece isso... — avisei a um auxiliar que tentava verificar o pulso. — Ele já deve estar parando. Cadê o Rogério?

— A pressão tá caindo rápido — Kelly declarou, trocamos olhamos apreensivos.

— Sala de cirurgia, agora!

A corrida com o paciente continuou, por sorte, esbarramos com Rogério no caminho. Ele estava no banheiro.

Seria um longo plantão.



Quase três da manhã e as coisas finalmente se acalmaram, ou o mais perto disso. Cinco pacientes baleados, dois em estado grave, sem contar os óbitos e a noite ainda não acabou, nem a guerra.

— Era assim que você imaginava o seu Ano Novo? — Kelly soltou sarcástica e, assim como eu, se jogando em uma das poltronas da sala de descanso. Acho que tínhamos uns dez minutos, com sorte.

— Não — admiti bocejando —, na minha mente envolvia Noah, sexo e champanhe.

— Patrícia! — minha amiga gritou surpresa.

— O quê? — dissimulei e ela negou sorrindo.

— É bom ver você assim. Eu disse uma vez e repito, você careta era legal, mas você devassa é muito melhor.

— Eu gosto do termo livre... É bom ser livre.

— À liberdade! — ela disse erguendo a mão direita em um brinde imaginário.

— À liberdade! — devolvi do mesmo modo.

Ficamos rindo jogadas na poltrona.

— Uma pena que a Tai não esteja aqui.

— Ela deu sorte.

Tai foi uma das poucas premiadas a conseguir não estar de plantão na noite da virada. E bom, era Ano Novo, dificilmente alguém aceitava trocar, Kelly e eu dançamos.



Conseguimos sobreviver a noite mais movimentada do ano. Mais vinte minutos e estaríamos oficialmente liberadas, no entanto, precisávamos estar alertas. Muita coisa podia mudar em vinte minutos.

— Achei você! — Saltei assustada com a voz atrás de mim.

— O que faz aqui? — perguntei surpresa ao ver Tai.

— Cadê a Kelly?

— Aqui! — Minha amiga surgiu, estava escondida atrás do armário de medicamentos, pois o estava arrumando. — O que faz aqui?

— Aconteceu algo? — Para o meu desespero ela assentiu. — Mas o que...

— Eu tô grávida!



Deixamos o *PS* e fomos para a praia, sentamos na areia em silêncio. Ainda era cedo e uma manhã de Ano Novo, então a praia estava mais lotada do que o normal.

— O que eu vou fazer?

— Ser mãe? — respondi o óbvio, e ela me olhou feio.

— Como isso aconteceu? — Tai se questionou. Kelly e eu nos entreolhamos, tentando não rir, o momento não era apropriado.

— Jura que você não sabe? — Kelly não resistiu e acabei deixando um riso escapar, mas logo me silencieei.

— Eu sou uma idiota! — Tai lamentou, chutando areia para todo lado, como uma criança birrenta.

— Quem é o pai? — perguntei, e ela negou deitando na areia.

— Tanto faz, quem vai criar sou eu... Como eu dei esse mole?

— Vai ter o bebê? — Kelly perguntou e também deitou na areia, as imitaria, mas já estava em contato suficiente com areia por uma vida inteira.

— Acho que sim.

— Então já podemos dar os parabéns e levantar? — soltei com cautela e as duas sorriram me puxando pelo braço, me fazendo deitar.

Acima de nós o céu azul, algumas nuvens e o som do mar ao fundo. Não era tão ruim.

— Feliz Ano Novo — Tai disse resignada.

— Feliz Ano Novo — respondi, dando a ela as mãos.

— Isso significa que eu vou ter que me mudar? — Kelly perguntou, e começamos a rir.

— Fecha o bico! — Tai pediu, mas continuamos as três ali deitadas, admirando o céu e sorrindo.

Sessenta

30 de maio de 1980

Querido diário,

As coisas iam muito bem, muito bem mesmo. Era como estar lendo um livro ou assistindo uma das novelas idiotas que o meu marido tanto gosta. Depois de um certo tempo, depois de todas as intempéries sofridas por cada personagem da história, as coisas parecem ir se encaixando, tudo vai se resolvendo, as pessoas vão se casando, começando uma família, pensando em novos projetos... É o sinal de que o “felizes para sempre” está chegando.

No entanto, depois desse momento tão aguardado, a palavra “fim” surge. Normalmente ficamos bobos e sorrindo, às vezes aplaudimos, porque tudo ficou bem. Porém, na vida real, o que acontece depois do “felizes para sempre”?

Questiono-me se há uma resposta certa...

Rio de Janeiro, fevereiro de 1980

Um verdadeiro homem das cavernas.

Pensei sorrindo.

As mãos famintas do meu marido mergulharam em meus cabelos e o puxaram com força, não a ponto de machucar, mas forte o suficiente para me fazer gemer e inclinar a cabeça para o lado, deixando meu pescoço livre para sua boca voraz.

Noah colou seu corpo ao meu, prensando-me contra a parede em um baque oco. Algo caiu no chão, não reparei e tão pouco me importei.

Girei em seus braços, dando a ele minhas costas... Suas mãos apressadas afastaram meus cabelos do caminho para que uma trilha de beijos marcasse minha pele. Mordi meu lábio inferior e fechei os olhos. Seus lábios desceram a linha da minha coluna, deixando-me inquieta, fazendo-me serpentear. Com as mãos no meu quadril ele me pressionou e manteve parada ali, limitando meus movimentos e me torturando.

Sua língua desceu úmida no vão da minha bunda...

— Noah! — sussurrei contra a parede, tentando arranhá-la, tentando desesperadamente extravasar o prazer que senti correr em meu corpo.

Noah amava cada parte do meu corpo, assim como amava cada centímetro dele.

A boca dele retornou por minha coluna, refazendo o caminho com mordidas que me fizeram sorrir e saltar impaciente. Noah girou meu corpo, fazendo nossos olhos se encontrarem. O mundo simplesmente parou. Não havia nada lá fora, apenas nós dois e esse momento.

Aos poucos sua ereção me invadiu, continuamos nos olhando. Ele sorriu e eu lutei para não fechar os olhos e absorver aquele prazer.

Soltei o ar contra o rosto dele ao senti-lo todo dentro de mim. Nossos lábios se encontram em uma dança lenta e sensual, que aos poucos ganhou fúria e nos fez arder. Montei em seu colo para facilitar seus movimentos, para que ele fosse ainda mais fundo e com mais vigor.

Contraí minha carne contra ele, e Noah rugiu em meus lábios. Minha carne o puxou outra vez, exigindo sua presença constante, exigindo não ser abandonada...

Todo pensamento coerente se foi de repente, cada músculo se retraiu e o calor aumentou entre minhas pernas... Mais um pouco, só mais pouco.

Gritei cravando minhas unhas em seus ombros, jogando minha cabeça para trás e sentindo meu corpo amolecer, como se desligasse por alguns segundos.

Noah grunhiu contra a minha garganta indicando que, por alguns segundos, ele também desligou, ou, como dizem os franceses, morreu.

— Acha que vão nos cobrar pelo abajur? — Noah soltou com ar cafajeste enquanto apontava a peça jogada no chão.

— Achei que a casa fosse nossa — comentei confusa enquanto procurava meu vestido.

1980 parecia estar sendo um ano de surpresas.

Primeiro Tai e a gravidez, ela foi de resignada à mãe superanimada. Inclusive já escolhemos nomes, Miranda para menina e Rafael para menino.

Segundo grande momento, Susan e John também encomendaram um bebê. Não que Susan estivesse grávida, mas ela e John estavam adotando uma criança. O processo já estava rolando havia alguns anos, eles mantiveram segredo até que tudo estivesse certo. Parece que eles enfim receberam a ligação que tanto aguardavam, e Will, um lindo menino de 2 anos, deve chegar à família em breve.

Por último, Noah e sua grande surpresa. Último dia de carnaval, a cidade estava um caos e eu iria trabalhar a tarde toda, talvez a noite também dependendo de como corresse o dia, então ele me fez acordar cedo e despencar de Ipanema à Urca porque queria me mostrar algo.

No começo achei que ele havia surtado e estava me sequestrando, já que estávamos diante de um terreno aparentemente baldio e ele resolveu vender meus olhos. Acontece que o terreno não era baldio, estava meio maltratado, mas definitivamente havia algo ali.

Com os olhos ainda cobertos caminhei mais alguns passos. Quando finalmente pude enxergar, estávamos diante de um casarão antigo com, aparentemente, dois andares. Noah me puxou para dentro do lugar, o cheiro de mofo foi a primeira coisa que senti. Ainda havia móveis e o que parecia ser uma pequena recepção. Imaginei que o lugar tivesse sido uma pousada em seus dias de glória.

— Andei pensando no que você disse sobre arrumar alguém menor.
— Foram as palavras do meu marido, elas ecoaram enquanto eu olhava o lugar sem entender o que fazíamos ali. — E se arrumássemos um lugar maior?

— O quê?

— Bem-vinda ao lar, amor!

Noah abriu os braços no meio do salão. Meus olhos se focaram nele e em seu sorriso. Levei alguns segundos para processar o que estava acontecendo.

Acho que compramos uma casa.

Não uma casa qualquer, um antigo hotel fazenda que Noah já estava de olho havia alguns anos. A ideia inicial era abrir um clube privado, mas, segundo ele, não via lugar melhor para morarmos. Ele apenas falava e falava, mostrava o queria fazer e modificar.

— Paredes de vidro?

Eu estava em choque e ele animado. Sorrindo e falando com entusiasmo sobre tudo que havia pensado em fazer. Noah me puxou pelas escadas, passamos por todos os quartos sem dar muita atenção, ele queria que eu conhecesse um em especial, o que seria o nosso.

Parecia ser o quarto que ficava no centro da casa, como o coração, ele comparou. Caminhamos até a varanda, tínhamos uma visão privilegiada de todo o terreno. Ele apontava lugares aleatórios dizendo o que imaginava construir, o que mudaria... Uma piscina, assim eu não precisaria ir à praia, um lindo jardim e um espaço para as crianças brincarem.

Meus olhos saltaram com a sua descrição precisa de como seria divertido observar as crianças brincando, organizar festas e, como estávamos isolados do mundo, andar nus.

Suas palavras foram sendo absorvidas por minha mente, achei que fosse surtar, fugir, mas quanto mais ele falava mais eu me imaginava em

tudo aquilo, eu podia ver tudo e eu me via feliz.

— É perfeito! — consegui dizer enfim. Nós nos beijamos e estreamos o nosso futuro quarto.

Antes de sair do lugar demos uma última olhada em tudo, imagino que iria levar alguns meses até que tudo ficasse pronto, mas pela vida que ele descreveu aqui, valia a pena esperar. Acho que esperei minha vida toda por ela, o que eram mais alguns meses?

Sessenta e um

Fechei meu diário lembrando do meu questionamento a respeito do “*felizes para sempre*”. Havia um motivo para que essa célebre frase fosse precedida da palavra “fim”, o além do “fim” existia, mas não é algo que se queira saber.

“E viveram felizes para sempre...”

Era um mito, lindo, mas um mito.

O depois do *fim* era o tempo, e a sua absurda insistência em passar. O tempo que fez a mocinha envelhecer... Como seria o surto dela com o primeiro fio branco? Ou a chegada dos netos? Não escrevem como foram na doença, nem quantos amigos perderam. O tempo, o maldito tempo, ele levou o príncipe.

Além do “*felizes para sempre*” era a realidade. O momento em que se encerrava o conto de fadas e a vida real começava.

Noah e eu tentamos fazer o “felizes” durar dentro do nosso “para sempre”.

Toda vez que eu disse “para sempre” a ele eu não me preocupava com o final. No momento em que essas palavras eram proferidas eu estava mesmo acreditando em um número infinito de dias ao lado dele. Eu acreditava que, de algum modo, seríamos uma exceção do universo. Teríamos a eternidade. Não contei com o fim. Não contei com acordar sozinha, e com ele sendo apenas uma lembrança bonita.

Espantei minhas lágrimas inoportunas e voltei a abrir meu diário.

— Querido diário...

Sessenta e dois

01 de junho de 1980

Querido diário,

Chegamos ao ponto de partida, ao meu hoje. Escrevi tudo que pude, tudo que lembrei, tudo que me trouxe até aqui.

Eu poderia ter escrito mais, ter falado como gosto de acordar com o rosto dele entre os meus cabelos, ou como agradeço por ele me cobrir quando minhas pernas chutam os lençóis, ou o fato dele sempre acordar quando chego de um plantão, seja no meio da madrugada ou muito cedo, ele está lá para me receber e agradecer por eu sobreviver.

A casa, vamos falar da casa. Ainda está em obras, mas vamos visitar dia sim e dia não, ainda não tem forma, são muitas coisas quebradas e materiais jogados pelo chão. No entanto, diante da minha impaciência, Noah lembra pelo que estamos esperando e consigo sorrir.

Eu comecei a escrever para entender, para clarear minhas ideias. Tive que ir fundo em minhas lembranças, em nossas conversas. Mergulhei nas minhas mágoas, medos, incertezas, nas alegrias e nas tristezas. Eu precisava tentar prever, analisar prós e contras para saber o que esperar e como solucionar os danos, se houvessem.

Certas ideias nos soam perfeitas, mas a perfeição está justamente nisso, são ideias, algo inexistente, um sonho. Quando esse sonho se torna real, deixa de ser uma possibilidade e se transforma em certeza, é assustador, porque todos os planos que fizemos parecem não se encaixar, não vai dar certo, vai mudar tudo.

No entanto, tudo muda, tudo precisa mudar.

Em minhas palavras busquei uma resposta, busquei uma verdade e ela veio. Era simples e óbvia, mas como escrevi uma vez, o óbvio nos parece

tão simples, tão fácil, que o ignoramos e escolhemos o caminho mais longo e difícil...

Eu só precisava contar.

Rio de Janeiro, junho de 1980

A mulher diante de mim me olhava e olhava. Ameaçava falar, mas se calava. Ainda não entendi porque Susan insistiu que precisávamos conversar, na verdade, ela disse que eu era a única com que ela podia conversar.

— Como você não fica com ciúme? — ela soltou de repente e meus olhos saltaram de surpresa. Então era isso? Já estava achando que ia ter que bancar a médica. — É uma pergunta ridícula, eu sei.

— Não — respondi, assumindo uma postura mais séria e tentando tranquilizá-la —, eu não achei graça por isso e sim porque... há algum tempo era eu a fazer essa mesma pergunta a uma amiga.

— E o que ela disse?

Minha conversa com Susan passou toda diante dos meus olhos. Cada palavra, cada riso, cada dúvida e claro o meu total embaraço pelo que tínhamos feito.

— Bom, ela disse que sentia ciúme, ela era humana e uma mulher apaixonada, como qualquer outra. — A mulher sorriu, mas não parece que ajudei muito. — Lembro a primeira vez que ficamos com outras pessoas, eu quis matar a outra mulher, sabe? Avançar nela como um leão defendendo seu território.

— Você fez isso?

— Não, ou não estaríamos aqui. Ela é a dona da casa — sussurrei como se fosse um segredo, e ela sorriu. — Naquele dia eu vi amor nos olhos da Susan, mas os sentimentos dela não eram pelo meu marido e sim pelo

dela. Eu percebi que era apenas sexo. Estávamos excitados, com desejo e queríamos saciá-lo da forma mais primitiva que conhecemos.

— Você faz parecer simples.

— Depois de um tempo se torna — disse com segurança, mas sabia exatamente o que a mulher diante de mim sentia. — No começo é a coisa mais complicada e perigosa que você vai fazer na vida. É tanta adrenalina que você fica excitada e apavorada no mesmo nível.

— Eu não sei se consigo.

— Eu também não sabia. Olhava todos como se fossem loucos, incluindo eu mesma por aceitar estar aqui. — Espantei minhas próprias lembranças que, hoje, me faziam rir. — O segredo é compreender que não existe uma regra universal para os relacionamentos. É a vida de vocês como um casal, então, quem cria as regras são vocês. Quer que sejam apenas vocês? Tudo bem. Quer incluir outros? Tudo bem, também, desde que *you* se sinta à vontade.

— Mas o Paulo, ele...

— Ele deve respeitar os seus limites. Respeito mútuo, ou não vai dar certo. Não adianta entrar em um jogo que você não gosta, vai perder.

— Eu sei...

Ao longe notei Noah sinalizando e indicando o pulso como se lembrasse as horas, já estava ficando tarde.

— Dê uma chance ao jogo, mude as regras se for preciso, ou crie as suas. Se não gostar, tente outro, e outro, e outro... Você vai encontrar o seu favorito.

— Obrigada — ela agradeceu, parecendo mais aliviada.

— Imagina... Se precisar conversar mais, estou sempre por aqui. Me chamo Patrícia.

— Ellen! — Ela estendeu a mão e nos apresentamos oficialmente. — Você e o seu marido vão jogar hoje?

— Não — respondi sorrindo e vi Noah vindo em nossa direção. — Estamos mudando de jogo.

— Por quê? — Os olhos dela saltaram em desespero, e rapidamente dei um sorriso tranquilizador.

Minhas mãos se uniram em minha barriga e a acariciei.

— Estou grávida... — soltei orgulhosa e, de certo modo, assustada. Ainda era estranho dizer em voz alta. — Um jogo diferente vai começar para nós dois, estamos ansiosos e nervosos.

— Então, vocês estão desistindo?

— Não, é só... uma pausa.

Sessenta e três

Fechei meu diário, as páginas acabaram.

Sessenta e quatro

A véspera de Natal começou tranquila. Consegui acordar tarde e sem netos pulando na cama dessa vez. Ao meu lado meu diário fechado, a história havia terminado, outra vez.

Não foi como se eu não quisesse ter continuado a escrever, eu dizia que voltaria, mas tudo foi acontecendo tão rápido que ele ficou esquecido em uma gaveta.

Eu o comprei no mês seguinte que Noah me mostrou a casa, parece que ao estreitar a casa também fizemos um bebê. O primeiro sinal veio em um turno no *PS* quando quase desmaiei, culpei o fato de não ter comido nada, então passou despercebido. Alguns dias depois vomitei ao sentir o cheiro de sangue, isso nunca tinha acontecido, nem nos meus dias como iniciante.

Tai, como a grávida oficial do grupo, foi a primeira a desconfiar. Achei ridículo, eu estava tomando pílulas, não era possível.

Foi possível. O exame de sangue gritou: *Positivo*.

Lembro-me de correr para casa, pegar as cartelas da pílula e sair conferindo os dias. Eu havia pulado dois dias na semana em que Noah me apresentou a casa. A falha não foi da pílula, foi minha. De acordo com as minhas contas, foi no dia que fomos à casa nova.

Eu estava grávida, confusa e desesperada.

Foi quando comprei o diário. Meu primeiro pensamento foi que tudo ia mudar. Íamos mesmo ter um bebê e como um bebê se encaixaria nos nossos planos? Ainda não tínhamos uma casa e quando tivéssemos ele queria andar nu. Como andaríamos nus com um bebê? Sem contar a nossa vida sexual. Tudo que eu lia nas revistas era como a chegada dos filhos afetavam a vida sexual dos casais, isso em casais com uma vida sexual dentro dos padrões, o que não era o nosso caso. Tudo estaria acabado.

Era o fim.

Comecei a escrever, tentando procurar uma brecha. Algo nas lembranças, nas palavras de Noah em que eu pudesse me agarrar ou usar para obrigá-lo a ficar. No entanto, quanto mais eu escrevia mais eu gostava, me fazia bem, eu ria. Relia sem acreditar na história, sem acreditar em mim, em nós.

Não consegui parar. Escrevi e escrevi, até me lembrar do propósito inicial da escrita, eu estava grávida e Noah precisava saber.

Relendo o que escrevi, notei que não havia o que temer. Eu não precisava obrigá-lo a nada. Lembrei-me da nossa casa e do que ele havia dito sobre filhos, ele os queria. E sobre nós, continuaríamos sendo Noah e Patrícia, como prometemos naquele altar, e os outros? Eram parte do nosso jogo, nosso jogo, nossas regras e podíamos mudá-las.

— *Eu estou grávida!*

Estávamos no meio de um joguinho. Algo nosso e particular. Comprei uma roupa mais sensual e disse que dançaria para ele. Noah estava animado, aplaudia e gritava como se eu fosse a melhor das *strippers*.

Noah estava sentado em uma cadeira no meio da sala. Tirei toda a minha fantasia e montei nua em seu colo. Seus lábios estavam em meu pescoço quando cuspi a novidade.

— *O quê?*

— *Vamos ter um bebê.*

Tivemos um bebê, Gael de Albuquerque Ávila, nasceu no final de novembro de 1980. Era a criança mais linda que eu já tinha visto.

— Olha quem chegoooou!

Desviei minha atenção do diário ao meu lado na cama quando ele entrou de repente.

— Meu amor... — Gael entrou e se jogou na cama.

Sem que ele percebesse empurrei o diário para baixo do travesseiro. Achei que ele só fosse chegar à noite. Em seguida entrou Tadeu, o marido dele, carregando os dois lindos anjinhos que tinha como netos.

A loucura da véspera de Natal pareceu finalmente ter começado.



A casa estava lotada. Meu filho do meio, Christian, foi o último a chegar com a esposa e a filha, o voo deles atrasou. Ainda me lembrava quando soubemos que seríamos pais outra vez. Na segunda gravidez estávamos mesmo tentando, então não foi surpresa quando aconteceu. Em março de 1985 veio ao mundo Christian de Albuquerque Ávila.

— Aqui, mãe. — Luiza praticamente jogou em meu colo uma tigela com torta de morango. Imaginei que eu devesse pôr na geladeira, embora ela não tenha me dado nenhuma instrução. Apenas entregou a tigela e foi ver o filho que estava chorando perto da árvore de Natal com um presente nas mãos.

Luiza foi uma grande surpresa.

— *Amor, você tá grávida?*

— *Eu o quê?*

— *É que...*

— *Noah, se isso é o seu jeito de dizer que estou gorda, não tem graça.*

— *Bom... — ele me olhou sem jeito e notei que segurava o riso. — Amor é que... os seus seios estão maiores e você está mais...*

— *Mais o quê?*

— *Na cama, você...*

Bufei e ele sorriu.

— *Pah, você me bateu.*

— *Não tem bebê nenhum.*

Tinha um bebê, Luiza, descobrimos cinco dias depois dessa conversa. Christian ainda estava mamando. Ele passou a rejeitar o leite e tive um pequeno sangramento no banheiro. Achei que era a minha menstruação, contei a Noah que ficou visivelmente desapontado. No entanto, logo senti dores, não eram cólicas normais, fomos ao médico e Noah só faltou soltar rojão dentro do consultório quando o médico confirmou a gravidez.

Algo se quebrou na sala. Uma taça, Kelly derrubou uma taça. Meu tapete!

Devido às paredes de vidro pude observar a confusão ser resolvida sem que eu precisasse me preocupar. Gael se encarregou de limpar e Miranda, filha de Tai, o ajudou, enquanto os outros tentavam afastar as crianças.

Tai e eu tivemos filhos com meses de diferença. Quando eram crianças lembro dos nossos sonhos ao imaginá-los casados. Obviamente não aconteceu, mas são grandes amigos, Miranda, inclusive, é madrinha dos gêmeos.

Risos vindo do quintal chegaram até mim. Olhei e vi Sophie, filha de Kelly, indo para o gazebo com o namorado. É um bom lugar para namorar admito.

— Você teria adorado, quanto mais eles crescem mais a bagunça aumenta — sussurrei apoiada no balcão da cozinha, como se assistisse a um filme.

Parece que afinal foi uma boa ideia o vidro, e houve uma época em que cheguei a discordar.

— *Noah! — repreendi, apontando as crianças na sala de jantar. — As paredes são de vidro.*

— *Quem foi o idiota que pensou nisso?*

— *Você, amor...*

— *Pah, se você não vai me avisar quando eu tiver ideias estúpidas pra que somos casados? — Não controlei o riso e deixei de lado a jarra de suco e, resolvendo esquecer nossos convidados na sala ao lado, enlacei o pescoço dele me entregando àquela troca de carícias e aprofundando nosso beijo...*

— Mãe?

De modo automático meus olhos foram guiados ao chamado. Gael, meio embaçado pelas lágrimas caminhou em minha direção. Limpei meu rosto sem pressa, pela maneira como ele me olhava, tentar fingir que as lágrimas não estavam ali seria ridículo.

— Lembrança boa?

— Todas são, até as brigas...

— Tem algum arrependimento? — Assenti, sorrindo triste.

— Acho que queria ter dito mais vezes que eu o amo, e demonstrado mais também. Seu pai sempre me surpreendia. Eu apenas sorria — mordi meu lábio inferior para conter a emoção —, e ficava toda boba. Eu tinha certeza de que ele sabia o que eu sentia, então eu não dizia.

— Eu nunca disse a ele obrigado pela maneira como ele agiu quando contei que... bom, que eu sou gay.

— Nós sabíamos — confessei, e os olhos do meu filho mais velho saltaram, eram iguais aos de Noah.

— O quê?

— Somos seus pais, sempre sabemos. Você é uma parte nossa, a mais bonita, e viveu em mim, literalmente, por nove meses. É o tipo de ligação que nunca quebra.

— Por que nunca disseram nada?

— Não cabia a nós dizer, conversamos e decidimos esperar até que você estivesse pronto. Não colocamos pressão, não perguntamos sobre seus relacionamentos.

— Algo que eu sempre apreciei, diga-se de passagem.

— E um dia você veio até nós... — Arrumei o cabelo dele como se ele ainda fosse um menino de dez anos. — Agora, você é casado com um cara legal e me deu os netos mais lindos do mundo. Obrigada!

— Ah, mãe — ele me abraçou como um urso —, não diga isso aos dois bocós ou eles sentirão inveja por eu ter os filhos mais lindos do mundo.

Não controlei o riso.



Passava da meia-noite, as crianças já foram dormir e restaram os adultos, ou quase. Sophie e o namorado ainda estavam no gazebo.

Todos estavam no quintal. Havia música, bebidas e amigos para conversar.

— Você deveria estar aqui — comentei, enchendo minha taça de vinho.

Era uma manhã de sábado quando tudo aconteceu. Parecia um dia comum e ao mesmo tempo tudo estava diferente. Eu devia ter notado quando

acordei. Noah costumava me despertar e naquele dia eu acordei primeiro.

Noah estava ali, dormindo. Eu o deixei dormir.

Na cozinha Ruth finalizava o café. Animada comecei a montar uma bandeja, seria meu dia de acordá-lo. Então, Ruth comentou sobre a chuva e em como era raro para um dia de verão amanhecer chovendo.

Eu não havia notado a chuva, olhei para o quintal e as gotas caíam pesadas na grama. Como eu não havia notado? Meu peito apertou. Larguei tudo na cozinha e subi correndo as escadas. Não sei explicar, mas quando abri a porta eu sabia. Algo em mim sabia.

Chamei por ele.

Nada.

Chamei outra vez.

Nada.

A última coisa que lembro daquele dia foi de congelar ao lado da cama e gritar.

— Olha você, se escondendo dos seus convidados. — A voz de Kelly ecoou na cozinha.

— Noah morreu — disse em voz alta, pela primeira vez em três anos. Foi como se o meu peito se rasgasse outra vez e alguém puxasse meu coração. — Ele morreu — repeti, sentindo as lágrimas molhando meu rosto —, morreu.

— Você disse. — Ela assentiu em uma comemoração fúnebre. Kelly se aproximou para me abraçar.

— Era só uma dor de cabeça — lembrei nossos últimos dias. Noah reclamando da cabeça e eu o mandando ir ao médico.

Um aneurisma. Um maldito aneurisma. Se rompeu enquanto ele dormia.

— Ele morreu — repeti sem conseguir respirar.

— Última fase, Patrícia, aceitação.

— Ele prometeu, prometeu que não ia me deixar.

— E eu tenho certeza de que ele cumpriria essa promessa se dependesse dele. — Concordei, limpando meu rosto.

O ar voltou a entrar em meus pulmões, dessa vez não doeu, apesar de ainda ter esse vazio.

— Precisamos de mais... bebidas. — Tai entrou e seus olhos foram de Kelly a mim cheios de perguntas.

— Ela disse, ela conseguiu dizer.

— Pah! — Tai sorriu, mas sem alegria.

— Lembram quando a gente escolhia roupas para eu seduzir o Noah?
— Minhas duas amigas assentiram sorrindo. — Como chegamos aqui?

— Se bem me lembro, você tem um diário que explica isso — Kelly soltou, e revirei os olhos.

— Acho que não consigo mais ler o diário — confessei, e os olhos das duas saltaram. — Eu sinto que enquanto eu ler sempre vou estar de luto. Não que um dia eu espere acordar e simplesmente esquecer que ele não está aqui, mas eu sempre revivo a dor. Quando as páginas terminam, Noah e eu terminamos, não tem continuação, sou apenas eu.

— A história de vocês não terminou, Pah. Quer ver a continuação dela? — Meus olhos curiosos encararam Tai que sorriu. — Olhe lá fora, aqueles três ali são a sua continuação. A história não acabou, Pah, só tomou um rumo diferente.

Sessenta e cinco

Era 26 de setembro de 2019. Todos estavam ali para o velório, pelo menos eu acho que estavam. Não consegui sair do quarto, não consegui descer.

Fiquei na minha cama sentada, eu era apenas uma casca vazia. Imagino que pessoas tenham ido me dar os pêsames, mas não lembro. Tudo que eu pensava era que Noah não estaria mais aqui. Tentei organizar a minha mente para aquela situação, tentei me preparar para o que viria, mas como?

Não fui ao enterro, na verdade, nunca tinha vindo ao cemitério. Meus filhos sabem disso e hoje estavam me acompanhando.

Era um lugar estranhamente bonito para o que havia aqui. Seguimos um caminho de terra batida, fizemos algumas curvas e o encontramos. Olhei os três e pedi para ficar sozinha.

Não acho que havia muitas coisas para se fazer em um cemitério, mas eles saíram. Estávamos apenas Noah e eu.

O único som naquele lugar era o que saía da minha garganta pelo choro. Não tive como conter. Noah estava tão perto e tão longe, que cheguei a considerar um crime a existência de túmulos. Era uma tortura. Um segredo que ninguém conta quando se visita o túmulo de um ser amado, é o desejo de tocá-lo, porque tecnicamente ele estava ali. Cravei minhas unhas na grama, controlei-me para não escavar a terra e de alguma forma resgatá-lo.

— Desculpe não ter vindo antes. Eu não queria vir — confessei, tentando colocar os tufo de grama no lugar. — Mas eu não sou boa em fugas... Eu trouxe uma coisa.

Acomodei meu corpo na grama, sentando-me de pernas cruzadas e revirando a minha bolsa em busca do meu diário.

— Voltei a escrever nele, na verdade, escrevi só uma coisa... — busquei nas páginas finais meu último desabafo, as reflexões finais, o adeus que não pude dar. — Querido Noah...

25 de dezembro de 2022

Querido Noah,

Quando lembro do nosso amor e de tudo que a gente viveu é como... como se eu olhasse um cenário bonito da janela de um carro. No entanto, por mais lindo que o cenário seja, ele fica para trás. Ler esse diário, a nossa história, foi a maneira que encontrei de estacionar e admirar a paisagem para sempre, ou quase.

Só que por mais bonita que a paisagem seja, eu preciso seguir o meu caminho, eu preciso ir em frente. Todavia, por mais que a paisagem fique para trás, ela nunca vai ser esquecida, não tem como. Eu sempre terei o diário, talvez não o leia mais com a mesma frequência, mas ele vai estar comigo, assim eu posso revisitar a paisagem sempre que eu quiser.

Eu te perdoo, Noah. Perdoo por me fazer te amar de forma tão intensa e desesperada. Perdoo por me deixar. Eu nunca imaginei que seria tão difícil fazer isso.

O nosso amor foi lindo, funcionamos, do nosso jeito peculiar, mas funcionamos. Temos filhos lindos e netos incríveis que confirmam isso. Obrigada por eles, obrigada por me amar.

Você sempre vai ser o amor da minha vida, a minha melhor lembrança. Eu te amo, sempre...

— Eu te amo, Pah... — Ouvi, mas não busquei de onde vinha o som, não precisava.

— Eu te perdoo, meu amor e... e eu te deixo partir.

Fechei meu diário, não havia mais nada a ler.

Fim...

[1] Teatro localizado no Centro da cidade do Rio de Janeiro que abrigou o show das *Frenéticas* após o fechamento da boate “*Frenetic Dancing Days Discotheque*”— *lugar de origem do grupo* — no início de 1977.

[2] A *manobra de Heimlich* é uma técnica de primeiros socorros utilizada em casos de emergência por asfixia, provocada por um pedaço de comida ou qualquer tipo de corpo estranho que fique entalado nas vias respiratórias (engasgo), impedindo a pessoa de respirar.

[3] Pegue minha mão, pegue minha vida inteira também / Porque eu não consigo evitar me apaixonar por você.

[4] Nome original *Rear Window* é um filme estado-unidense de 1954, dos gêneros thriller e mistério, dirigido por Alfred Hitchcock e escrito por John Michael Hayes com base no conto “*It Had To Be Murder*” de 1942 escrito por Cornell Woolrich.

[5] **Carolyn Jones**: Atriz estadunidense que interpretou Mortícia Addams, na série [*Família Addams*](#), de 1964 a 1977.

[6] Lenda do boxe brasileiro. Se aposentou em 1976 tendo conquistado 78 vitórias e apenas 2 derrotas.

[7] Hyldon de Souza Silva, é um produtor, guitarrista, baixista, compositor e cantor brasileiro do gênero soul. O álbum em questão se chama “*Na rua, na chuva, na fazenda*” lançado em 1975.

[8] A metaqualona, conhecida é também como Mandrix (ou apenas Drix), mandrax, quaaludes, entre outros é uma droga sedativa e hipnótica, muito usada em comprimidos para dormir (e para deixar as pessoas “relaxadas”) nos anos 1970.

[9] Expressão usada para indicar quando a pessoa está alta, chapada.

[10] Gíria para dizer que algo foi difícil ou complicado.

[11] Livro do gênero ficção escrito por Cynthia Hand e tendo sua primeira lançada em 2015.

[12] Livro do gênero autobiografia escrito por Joyce Carol Oates, publicado em 2013.

[13] A Dama do Lotação é um filme brasileiro de 1978 do gênero drama erótico, dirigido por Neville d'Almeida em 1978. Baseado no conto homônimo de Nelson Rodrigues.

[14] Gíria para designar uma pessoa esperta, adivinhona.

[\[15\]](#) Mas eu não posso evitar me apaixonar por você. / Pegue minha mão, pegue minha inteira também.